



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

CHABLIK DE OLIVEIRA MORGADO

**O VOO DO PÁSSARO E SEU CANTO:
TRAJETÓRIA DE UM ESPÍRITA E DO ESPIRITISMO EM FEIRA DE
SANTANA (1940-1960)**

Feira de Santana - BA
2016

CHABLIK DE OLIVEIRA MORGADO

**O VOO DO PÁSSARO E SEU CANTO:
TRAJETÓRIA DE UM ESPÍRITA E DO ESPIRITISMO EM FEIRA DE
SANTANA (1940-1960)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elizete da Silva

Feira de Santana - BA
2016

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

M845v Morgado, Chablik de Oliveira
O vôo do pássaro e seu canto: trajetória de um espírita e do
Espiritismo em Feira de Santana (1940-1960) / Chablik de Oliveira
Morgado . – Feira de Santana, 2015.
229 f.

Orientadora: Elizete da Silva

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de
Santana, Programa de Pós-Graduação em História, 2015.

1. Espiritismo - história. 2. Osvaldo Requião – Feira de Santana. I.
Silva, Elizete da, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana.
III. Título.

CDU: 981:291(814.22)

Defesa da dissertação de mestrado de **Chablik de Oliveira Morgado**, intitulada **O voo do pássaro e seu canto: Trajetória de um espírita e do Espiritismo em Feira de Santana (1940-1960)**, orientado pela Prof^a Dr^a Elizete da Silva, apresentado à banca examinadora designada pelo Programa de Pós-Graduação em História da UEFS, em 26 de agosto de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Elizete da Silva (orientadora)
Universidade Estadual de Feira de Santana

Prof^o Dr. Artur Cesar Isaia
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Dr^a Edilece Souza Couto
Universidade Federal da Bahia

Dissertação aprovada em 26 de agosto de 2015

AGRADECIMENTOS

Com escreveu Umberto Eco, “(...) uma pesquisa sem agradecimentos é suspeita, e de algum modo alguém deve receber sempre manifestações de gratidão”¹. Sendo assim, gostaria de registrar o reconhecimento àqueles que marcaram, de algum modo, este trabalho, auxiliando com discussões, sugestões e risadas. Enfim, eis os agradecimentos:

À Noêmia Requião, pelo apoio à pesquisa e esclarecimento, na medida do possível, de dados sobre a vida de seu pai, Osvaldo Requião.

À Cida Vasconcellos, dirigente do Centro Espírita Jesus de Nazaré, por possibilitar como nenhuma outra instituição o acesso aos arquivos da instituição que dirigia.

À Luiza Mascarenhas, Edílio Lopes, Elaine e Virgínia, do Centro Espírita Jesus de Nazaré, que, mesmo dentro das possibilidades da inexistência de um arquivo, procuraram me auxiliar na pesquisa da maneira que puderam.

À Sra. Mariinha Pina e à Sra. Neide Cruz, pelo apoio à pesquisa e auxílio sobre dúvidas em relação ao Espiritismo em Feira de Santana.

À prof.^a Suzi Barboni, por ter disponibilizado para mim as primeiras fontes sobre a atuação de Osvaldo Requião e auxiliado no contato com a dirigente do Centro Espírita Jesus de Nazaré.

À prof.^a Cristiana Barbosa e às funcionárias Elane e Jaqueline, que me auxiliaram durante os longos e quentes meses de coleta de fontes na Biblioteca do Museu Casa do Sertão.

Ao prof.^o Eurelino Coelho, pelo título que nomeia este trabalho, sugestões e por sua habilidade de fazer perguntas simples, mas perturbadoras. Te devo um vinho, professor.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, cujo apoio com a bolsa de estudos oferecida foi importante durante o período de dedicação à elaboração deste trabalho.

Ao professores José Augusto Luz e Ana Maria Carvalho, pelas contribuições durante as aulas.

À banca de Exame de Qualificação, formada pelos professores Aldo José Morais Silva e Edilece Souza Couto, meu muito obrigado pelos questionamentos levantados e observações que contribuíram para que o objetivo central do trabalho fosse perseguido.

Ao secretário do Mestrado, grande Julival, pelo profissionalismo e prestatividade – qualidades que também podem ser aplicados a Andrei Valente, secretário do LABELU/UEFS.

¹ ECO, Umberto. **O segundo diário mínimo**. Tradução de Sergio Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1994, p.141.

À minha orientadora, professora Elizete da Silva, pela disciplina, paciência, orientações e levantamento de questionamentos instigantes. Obrigado pelo diálogo produtivo, confiança, tempo e profissionalismo. E por ouvir desabaços que nada se relacionavam com a pesquisa, mas deram a tranquilidade quando me sentava diante do computador para escrever.

Aos colegas de mestrado, Eneida Santos, Djalma Melo Júnior, Felipe Augusto Rangel, Hernandes Souza, Iracélli Alves, João Pedro Lázaro, Michelle Souza, Tadeu Souza Junior, Bruno Góes, Liliane Pedreira, Tiago Oliveira, Thiago Machado de Lima e, em especial, Dulcinea Cerqueira Coutinho Barros e Izac Santos Evangelista.

Aos amigos, que tornaram a vida acadêmica menos árida, as irmãs Costa (Keu, Márcia e Lene), Elaine, Keilane, Alex, Guto, Polyana, Ronaldo, Ícaro, Solange, Rui, Ana Paula, Francemberg, Mônica, Fernanda e a galera do bairro Feira VI, Geane, Heyde, Leilton e Pedro.

Por fim, agradeço à minha mãe, Maria Lúcia, e à minha irmã, Sharlene, pelo incentivo e auxílio, grandes parceiras da minha vida.

Há quem fale que a vida da gente é um nada no mundo,
É uma gota, é um tempo
Que nem dá um segundo,
Há quem fale que é um divino mistério profundo,
É o sopro do criador numa atitude repleta de amor.
Você diz que é luta e prazer,
Ele diz que a vida é viver,
Ela diz que melhor é morrer
Pois amada não é, e o verbo é sofrer.
Eu só sei que confio na moça
E na moça eu ponho a força da fé,
Somos nós que fazemos a vida
Como der, ou puder, ou quiser²

História de um homem é sempre mal contada. Porque a pessoa é, em todo o tempo, ainda nascente. Ninguém segue uma única vida, todos se multiplicam em diversos e transmutáveis homens³

² GONZAGUINHA. **O que é, o que é?**

Disponível em <http://www.lettras.com.br/#!/gonzaguinha/o-que-e-o-que-e->. Acessado em 03/02/15.

³ COUTO, Mia, **Cada homem é uma raça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.29.

RESUMO

A presente dissertação tem como finalidade compreender a trajetória do alagoanhense Osvaldo Pinheiro Requião, no estabelecimento do Espiritismo no campo religioso da cidade de Feira de Santana – BA, durante as décadas de 1940 a 1960, tendo como eixo central da análise o seu engajamento no movimento espírita feirense. Ao chegar em Feira de Santana para trabalhar como promotor público, o Espiritismo já havia dado os seus primeiros passos na cidade. Nela, Osvaldo Requião atuou também como professor de Língua Portuguesa no período citado, tendo construído uma rede de sociabilidade que possibilitou a sua inserção em diferentes espaços locais de prestígio, como o jornal Folha do Norte, o Rotary Club de Feira de Santana, o Colégio Santanópolis e a Escola Normal. Sua atuação se deu, principalmente, através da coluna *À vol d'oiseau*, entre as décadas de 1950 a início da de 1960, dedicada quase de forma integral à difusão do Espiritismo. Dentre as polêmicas que Requião se envolveu cabe destacar a do Ensino Religioso, em que criticou o modelo catequético empregado nas escolas públicas feirenses. Não se pode afirmar que o percurso da conversão à atuação de Osvaldo Requião ao Espiritismo seguiu em uma trajetória linear. Filho de um protestante e de uma espírita, Osvaldo Requião não se tornaria adepto do Espiritismo. Seria ateu, período de sua trajetória marcado pela leitura de livros dedicados a negar a existência de Jesus. Com sua conversão, a partir da leitura de *O Livro dos Espíritos*, passou a atuar em prol da divulgação do Espiritismo nas cidades por onde passou como promotor público, a exemplo de Castro Alves, localidade do interior da Bahia. O pensamento de Requião estava imbuído não somente das ideias de Allan Kardec e seus revisores – Jean-Baptiste Roustaing, Pietro Ubaldi e Osvaldo Polidoro –, bem como das de Chico Xavier, das de autores que discutiram o suposto aspecto científico da doutrina, a exemplo de Ernesto Bozzano e Charles Richet, e das de autores ligados ao esoterismo, como Annie Besant.

Palavras-chave: Feira de Santana. Espiritismo. Osvaldo Requião.

ABSTRACT

This work aims to understand the trajectory of alagoinhense Osvaldo Pinheiro Requião, the establishment of Spiritualism in Feirense religious field during the decades 1940-1960, and as the central axis of analysis their engagement in Feirense spiritual movement. Arriving in Feira de Santana to work as a prosecutor, Spiritualism had already given its first steps in the city. In it, Osvaldo Requião has also worked as a teacher of Portuguese Language in that period, having built up a network sociability that allowed its insertion in different spaces from city prestige, such as the Folha do Norte newspaper; Rotary Club of Feira de Santana; the Colégio Santanópolis and Escola Normal. His performance was mainly through the column *À vol d'oiseau* at between the 1950s to early 1960s, dedicated almost in full to the spread of Spiritualism. Among the controversies that Requião was involved it is worth mentioning the Religious Education, which criticized the catechetical model employed in the public schools of Feira de Santana. One cannot say that the conversion route the performance of Osvaldo Requião to Spiritualism followed a linear trajectory. The son of a Protestant and a spiritualist, Osvaldo Requião not become adept Spiritualism would be atheist, period of its history marked by the reading of books devoted to denying the existence of Jesus. With his conversion, from reading *The Book of Spirits*, it has acted in favor of disclosure of Spiritualism in the cities where he went as a prosecutor, like Castro Alves, inside the Town Bahia. O thought Requião was imbued not only of Allan Kardec ideas, their reviewers, Jean-Baptiste Roustaing, Pietro Ubaldi and Osvaldo Polidoro and Chico Xavier, authors discussed the supposed scientific aspect of the doctrine the example of Ernesto Bozzano and Charles Richet, and authors linked to esotericism as Annie Besant.

Keywords: Feira de Santana. Spiritualism. Osvaldo Requião.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - José Pataro dos Santos	63
Figura 2 - José Pereira Mascarenhas	65
Figura 3 - Anúncio da Padaria da Fé	65
Figura 4 - Casal Adalgiza (D. Ziza) e Deraldo Alcântara	68
Figura 5 - Manoel da Costa Ferreira (Maneca Ferreira)	69
Figura 6 - Manoel Timóteo Azevedo dos Santos	72
Figura 7 - Selo do primeiro centenário do Livro dos Espíritos	76
Figura 8 - Coluna <i>À vol d'oiseau</i> (detalhe A)	109
Figura 9 - Coluna <i>À vol d'oiseau</i> (detalhe B)	110
Figura 10 - Coluna <i>Espiritismo</i>	134
Figura 11 - Coluna <i>Religiões e Cultos</i>	141
Figura 12 - Página 1 do manuscrito <i>A lição de Ariene</i>	164
Figura 13 - Última página do manuscrito <i>A lição de Ariene</i>	165
Figura 14 - Osvaldo Pinheiro Requião	185
Figura 15 - Visão da entrada do Centro Espírita Jesus de Nazaré	190
Figura 16 - Vitrine de livros da Livraria Osvaldo Requião	190
Figura 17 - Interior do Centro Espírita Paz dos Sofredores. Feira de Santana (BA)	192

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Textos sobre o delegado de polícia Osvaldo Melo_____	112
Quadro 2 - Textos sobre o jogo do bicho na coluna <i>À vol d'oiseau</i> _____	113
Quadro 3 - Séries de textos sobre o Espiritismo na coluna <i>À vol d'oiseau</i> _____	117
Quadro 4 - Síntese dos textos da série <i>Sobrevoando o Abismo</i> _____	119
Quadro 5 - Textos de Pietro Ubaldi citado por Requião na coluna <i>À vol d'oiseau</i> _____	126
Quadro 6 - Textos de Osvaldo Polidoro citado por Requião na coluna <i>À vol d'oiseau</i> _____	127
Quadro 7 - Textos de Chico Xavier na coluna <i>À vol d'oiseau</i> _____	128
Quadro 8 - Livros de esotéricos citados por Requião _____	130
Quadro 9 - Autores metapsíquicos citados por Osvaldo Requião _____	131
Quadro 10 - Textos atribuídos a Emmanuel na coluna <i>Religiões e Cultos</i> _____	144
Quadro 11 - Marcação lateral do texto <i>A lição de Ariene</i> _____	166

LISTA DE SIGLAS

BCJC – Biblioteca Central Julieta Carteado
CE – Centro Espírita
CEB – Confraternização Espírita Bahiana
CEDOC – Centro de Documentação
CEF – Confraternização Espírita Feirense
CEJN – Centro Espírita Jesus de Nazaré
CEPS – Centro Espírita Paz dos Sofredores
CEU – Centro Espírita Uberabense
FEEB – Federação Espírita do Estado da Bahia
FN – Folha do Norte
GEF – Grupo Espírita Fraternidade
GFAS – Grupo Fraternidade Auta de Souza
GIS – Grupo de Iniciação Espírita
GP – Gazeta do Povo
IKB – Instituto Kardecista da Bahia
LBV – Legião da Boa Vontade
LIV – Lar do Irmão Velho
MCS – Museu Casa do Sertão
PSD – Partido Social Democrático
SDCEB – Sociedade de Difusão Cultural Espírita da Bahia
SEEF-UF – Sociedade de Estudos Espíritas Feirense – União Feirense
UDN – União Democrática Nacional
UEB – União Espírita Bahiana
UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana
UMEU – União de Mocidade Espírita Uberabense
USEB – União Social Espírita Bahiana

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
As vozes do além: Kardec e a doutrina espírita	15
Metodologia	17
Roteiro	27
1 PERCURSOS E TRAJETÓRIAS: MATIZES DO ESPIRITISMO NO BRASIL	29
1.1 Das primeiras notícias às primeiras polêmicas	29
1.2 Arranjos e rearranjos: a institucionalização do Espiritismo	31
1.3 O pêndulo do Espiritismo na Bahia	36
1.4 Luís Olímpio Teles de Menezes: embates em prol do Espiritismo	38
1.5 Bezerra de Menezes: Kardec brasileiro e “médico dos pobres”	42
1.6 Francisco Cândido Xavier, o médium do Brasil	45
1.6.1 Entre páginas e mais páginas de psicografias	47
1.7 Espiritismo, arte e autoajuda: a atuação de Luiz Antonio Gasparetto	52
1.8 Divaldo Pereira Franco, médium e orador espírita	53
2 “EM NOME DO EVANGELHO”: FORMAÇÃO DO ESPIRITISMO EM FEIRA DE SANTANA	56
2.1 O campo religioso feirense	56
2.2 A inserção do Espiritismo no campo religioso feirense	58
2.3 Os primeiros passos, uma história cheia de perguntas	60
2.4 Dos grupos familiares aos centros espíritas	62
2.5 Os irmãos menores: grupos e fraternidades espíritas	81
2.6 “Por conciliá-los a uma colaboração mais efetiva”: o papel da Confraternização Espírita Feirense	83
2.7 Discretos, mas nem tão sigilosos: espíritas e maçons em Feira de Santana	87
2.8 Em socorro da “humanidade sofredora”: filantropia e Espiritismo em Feira de Santana	89

3	SOB OS AUSPÍCIOS DA IMPRENSA: O ESPIRITISMO QUE CABIA NOS (E AOS) JORNAIS EM FEIRA DE SANTANA - BA	96
3.1	Considerações sobre a <i>Folha do Norte</i> e a <i>Gazeta do Povo</i>	97
3.2	A presença espírita na imprensa	104
3.3	À <i>vol d’oiseau</i> e suas linhas de embate político	106
3.3.1	“Ide a todo mundo e pregai o Evangelho...” segundo o Espiritismo	116
3.3.2	Um leitor protestante de uma coluna espírita	120
3.3.3	A biblioteca de Osvaldo Requião: a seção de livros religiosos	124
3.4	Apenas <i>Espiritismo</i>	133
3.5	A propósito de <i>Religiões e Cultos</i>	140
4	OLHARES SOBRE A VIDA E A MORTE: TRAJETÓRIA DE OSVALDO REQUIÃO NO MEIO ESPÍRITA FEIRENSE	148
4.1	Família, “o coração delator”	149
4.1.1	Na leitura, o élan: conversão à doutrina espírita	155
4.1.2	Em defesa da família	159
4.1.3	Cônjuges entre o Espiritismo	164
4.1.4	Pais, filhos e o ensino religioso	167
4.2	Delimitando as fronteiras para conquistar espaços	178
4.3	O réquiem e as lembranças	183
4.3.1	Lugares de memórias: uma porta entreaberta	189
4.3.2	Pelos caminhos da cidade princesa	193
4.3.3	Sob o prisma da religião	200
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	203
	FONTE	208
	REFERÊNCIAS	210

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como finalidade compreender a trajetória do intelectual e espírita Osvaldo Pinheiro Requião no campo religioso da cidade de Feira de Santana - BA durante as décadas de 1940 a 1960. A análise se debruçou sobre o engajamento de Requião no movimento espírita feirense, no momento em que se formaram as primeiras instituições desse grupo religioso na cidade.

Para tanto, tem-se o objetivo de discutir a trajetória de agentes espíritas representativos no Espiritismo brasileiro, como Luiz Olímpio Teles de Menezes, Bezerra de Menezes, Chico Xavier, Luiz Gasparetto e Divaldo Franco, com a finalidade de reconhecer diferentes apropriações do Espiritismo e seu estabelecimento no Brasil, abordando a biografia e a atuação dessas lideranças nacionais espíritas.

Em âmbito local, pretende-se analisar a formação dos primeiros centros e instituições espíritas em Feira de Santana entre as décadas de 1940 e 1960, as estratégias utilizadas por este grupo religioso para se inserir no campo religioso feirense, a exemplo da atuação em atividades filantrópicas – sem perder de vista os conflitos e diálogos entre espíritas, católicos e protestantes e a participação de Osvaldo Requião em período da análise.

A utilização da imprensa também será um dos pontos analisados, uma vez que as disputas no campo religioso podem ser auferidas nos principais jornais da cidade daquele período, através do uso do espaço nos periódicos leigos com finalidade proselitista. Sendo assim, a abordagem da doutrina espírita nas colunas *À vol d'oiseau* e *Espiritismo*, no jornal *Folha do Norte*, e na *Religiões e Cultos*, no jornal *Gazeta do Povo*, entre as décadas de 1940 a 1960, também será objetivo de análise da presente dissertação.

Com o propósito de discutir especificamente a trajetória de Osvaldo Requião, este trabalho irá se debruçar sobre as principais referências literárias que Requião publicizou nos textos na coluna *À vol d'oiseau*. No tocante à sua biografia, as relações entre família e religião em sua trajetória, tendo como marcos da análise sua família de origem e a família que constituiu, sua conversão, a orientação religiosa de seus filhos e as representações biográficas sobre Requião na ocasião de sua morte são recortes temáticos que serão discutidos nesse trabalho.

O recorte temporal, situado entre as décadas de 1940 e 1960, deve-se, primeiro, ao fato de que, neste período, formaram-se os primeiros centros e instituições espíritas na cidade e a tentativa de fortalecê-los por meio da *Confraternização Espírita Feirense*, organização que tentou unificar o movimento espírita local. E, segundo, ao fato de a atuação de Osvaldo

Requião, enquanto militante espírita na cidade, ter se dado nesse período, principalmente por meio da coluna *À vol d’oiseau*, no jornal *Folha do Norte* – jornal fundado em 1909, em Feira de Santana, e que ainda encontra-se em circulação. Ao discutir a cultura letrada em Feira de Santana neste periódico, a historiadora Grazyelle Santos afirmou que

Uma das seções mais duradouras na *Folha do Norte* foi “À vol d’oiseau”, escrita por Alonso de Miraval. Esta seção teve a sua primeira publicação em 03 de janeiro de 1953 e a última em 31 de dezembro de 1962, totalizando 159 textos, entre crônicas, artigos, ensaios, contos, cartas e poemas. Com esse título de gosto parnasiano, a seção localizou-se na primeira página do jornal na grande maioria das vezes (...) ⁴

A coluna *À vol d’oiseau* foi predominantemente voltada à divulgação das doutrinas espíritas no principal periódico da cidade de Feira de Santana. Nessa coluna do jornal *Folha do Norte*, Requião escreveu utilizando o pseudônimo de Alonso de Miraval, prática comum nos meios literários e jornalísticos feirenses e nacionais do período. Não foram encontradas fontes que possam trazer dados sobre o significado e o motivo do uso desse pseudônimo, nem que o vincule ao Espiritismo. No entanto, a referência ao pseudônimo foi utilizado em um poema enviado a Ariene Lustosa (então noiva de Requião), na cidade de Xique-Xique - BA, em outubro de 1936⁵. Pode-se conjecturar que, possivelmente, seja uma alusão ao um trovador francês chamado Raimon de Miraval, que, na Idade Média, compôs canções dedicadas ao chamado “amor profano” pela Igreja Católica.

Deve-se chamar a atenção para o fato de que o jornal *Folha do Norte*, entre a década de 1960 e 1970, teve uma coluna denominada *Espiritismo*, ou seja, dedicada explicitamente à religião que lhe dava título. Tendo surgido no contexto dessa análise, o jornal *Gazeta do Povo* foi também um impresso leigo que iria conter uma coluna dedicada à temática religiosa denominada *Religiões e Cultos*, onde apresentaria textos de diferentes grupos religiosos. Neste contexto, pode-se discutir o espaço que os grupos religiosos tiveram na imprensa leiga, sem perder de vista os conflitos do campo religioso feirense e os interesses dos próprios periódicos.

Com a intenção de contribuir para um novo olhar sobre o campo religioso feirense, o presente estudo procura discutir a relevância de outros grupos religiosos para a configuração

⁴ SANTOS, Grazyelle Reis dos. **Literatura e cultura em Feira de Santana**: práticas, usos e tendências em impressos da Folha do Norte (1951-1969). Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural). Feira de Santana, UEFS, 2008, p.54.

⁵ A uma noiva VII. Xique-Xique, outubro de 1936. Arquivo Particular de Noêmia Requião. (documento datilografado)

sociocultural de Feira de Santana, analisando a presença espírita na cidade. O Espiritismo ainda é uma das religiões pouco estudadas na área de História quando se observa as produções acerca das religiões na Bahia; mais especificamente em Feira de Santana. No balanço sobre a produção de História das Religiões na Bahia, realizado por Edilece Couto, dos trabalhos do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia produzidos entre a década de 1970 até a primeira década dos anos 2000, pode-se perceber a lacuna existente no que diz respeito aos estudos sobre o Espiritismo⁶. Desse modo, à medida que novos estudos são realizados, novas perspectivas são lançadas para a compreensão da realidade social.

As vozes do além: Kardec e a doutrina espírita

O Espiritismo tem sua origem associada aos acontecimentos da primeira metade do século XIX, nos Estados Unidos, ocorridos em 1847, na cidade de Hydesville (Nova York), quando as filhas da família Fox, família metodista de origem alemã, afirmavam se comunicar por meios de pancadas⁷ com o espírito que assombrava a casa: o caixeiro-viajante chamado Georges Ryan, assassinado e enterrado no porão da casa. Esse acontecimento atraiu a atenção de diversas pessoas no interior dos Estados Unidos que passaram a organizar missões para propagar a “novidade” na Europa⁸.

Na França, o fenômeno das “mesas falantes” ou “mesas girantes”, que também comunicava mensagens dos espíritos por meio de pancadas, chamou a atenção de Hyppolite-Léon Denizard Rivail, pedagogo do Instituto Pestalozzi. Ainda com certo ceticismo sobre o fenômeno, Rivail aceitou o convite de um pequeno grupo de amigos que realizava sessões particulares interrogando as “mesas falantes”. Em uma dessas reuniões, afirma-se que um espírito manifestou-se e revelou que Rivail havia sido um druida, na Gália, chamado Allan Kardec. Sendo que, antes da revelação sobre sua encarnação passada, Rivail havia recebido o pedido para que estudasse cadernos de mensagens imputadas aos espíritos.

As mensagens das sessões “das mesas girantes”, anotadas por Kardec e pelo grupo que as frequentava, davam uma visão fragmentada do mundo espiritual. Acredita-se que, a partir

⁶ COUTO, Edilece Souza. *Considerações sobre a produção historiográfica das religiões e religiosidades na Bahia*. In: DIAS, André Luis Mattedi, COELHO NETO, Erelino Teixeira, LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros (orgs.). **História, cultura e poder**. Feira de Santana: UEFS Editora; Salvador: EDUFBA, 2010, p.152-153.

⁷ O número de pancadas era correspondente a uma letra do alfabeto.

⁸ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.27-30.

da comunicação com um espírito chamado Espírito da Verdade, durante uma das sessões, Kardec tenha sido orientado na sistematização dos dados colhidos em um texto coerente, fazendo nascer, assim, o Espiritismo, doutrina que se afirmava como ciência, filosofia e religião⁹.

No entanto, deve-se salientar que “(...) nem inteiramente filosofia, nem inteiramente ciência, nem inteiramente religião, o Espiritismo não só foi interpretado pelos seus seguidores de diversas formas, como também conseguiu receber ataques de todos os lados (...)”¹⁰. Observa-se que a apropriação do Espiritismo seguiu por diferentes caminhos, algumas vezes se afastando em diferentes matizes das concepções do Allan Kardec, operando com ressignificações pelos sujeitos que o praticavam e os contextos que estava inserido.

Sistematizado no século XIX, o Espiritismo fez parte do contexto científico deste período, juntamente com o positivismo e o evolucionismo cultural. Tais concepções acabaram influenciando o pensamento de Kardec em relação à ideia de evolução e progresso das chamadas “civilizações” em etapas, isto é, do estágio primitivo ao civilizado. Outra ideia difundida na época foi o mesmerismo, que afirmava a existência de um fluido universal situado entre a matéria e o espírito¹¹. Essas concepções pavimentaram o terreno para que o Espiritismo se expandisse para além das fronteiras da França, como alternativa religiosa que dialoga com o cientificismo da época, além de fazer uma releitura de conceitos religiosos de outros grupos religiosos, a exemplo do karma e da reencarnação, oriundos do Hinduísmo.

De modo geral, o Espiritismo tem os seguintes postulados: a reencarnação; a pluralidade de existência nos mundos; a crença no progresso humano aliado ao esclarecimento; a crença no mundo dos espíritos e na salvação pela prática da caridade (seja no plano carnal ou no plano espiritual)¹². No que tange ao último aspecto, a doutrina espírita ressalta que “fora da caridade não há salvação”, contrapondo-se ao dogma católico “fora da Igreja não há salvação”¹³, posicionamento que rendeu aos espíritas vários conflitos com os católicos – principalmente quando se observa a apropriação de elementos do Cristianismo e sua ressignificação na doutrina espírita.

⁹ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.37-43.

¹⁰ ARRIBAS, Célia das Graças. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, p.36.

¹¹ Ver DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o Espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis**. Niterói: Publicações Lachântre, 1996.

¹² PIRES, Pedro Stoeckli. **Nascer, morrer e renascer: o Espiritismo à luz das Ciências Sociais**. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008, p.11.

¹³ KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. (Edição Histórica) Brasília: FEB, 2013, p.211.

No ano de 1857, Allan Kardec publicou *O Livro dos Espíritos*, obra que inauguraria o Espiritismo, um neologismo kardequiano, na época, para designar seu empreendimento enquanto intelectual, fruto da seleção do material colhido durante as sessões das “mesas falantes”. *O Livro dos Espíritos* continha os principais pontos da doutrina espírita a serem desenvolvidos em obras posteriores, a saber: *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868)¹⁴. Para Kardec, suas obras contribuíram para complementar o texto bíblico – intenção que também foi aspirada por outros intelectuais religiosos do século XIX, como Joseph Smith, com *O Livro de Mórmon* (1828), Helena P. Blavatsky, com *Isis desvelada* (1875), dentre outros¹⁵.

Além das obras citadas anteriormente, Kardec fundou, em 1858, a *Revista Espírita*, que “(...) coletava e publicava comunicações vinda de todos os continentes e Paris se torna o centro internacional do Espiritismo (...)”¹⁶. Porém, a França não ocuparia de modo definitivo o seu posto de “pátria dos espíritos”, uma vez que o movimento espírita francês iria arrefecer devido aos seguintes fatores: acusações de médiuns espíritas, as descobertas científicas da época, disputas dentro do movimento espírita francês e concorrência com outros grupos religiosos¹⁷.

Ainda mantendo o vínculo com a cultura letrada, o Espiritismo iria se estabelecer no território brasileiro no contexto em que pululavam crenças católicas, africanas e indígenas, bem como protestantes (que organizavam as principais denominações no País)¹⁸. De acordo com Marion Aubrée e François Laplantine, “(...) a cultura espírita até prolonga, amplia e sistematiza o que se poderia qualificar como *cultura brasileira dos espíritos*: intimidade com os santos (...) os orixás e os eguns (...)”¹⁹. Desse modo, o Espiritismo brasileiro foi apreendido como uma alternativa religiosa, que certamente continha implicações filosóficas.

Metodologia

¹⁴ ARAIA, Eduardo. **Espiritismo**: doutrina de fé e ciência. São Paulo: Editora Ática, 1996.

¹⁵ DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.10. AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.67.

¹⁶ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p. 46.

¹⁷ Idem, p.126-128.

¹⁸ MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o Espiritismo**. Niterói: Publicações Lachântre, 1996, p.24. AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.197.

¹⁹ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.225. Ver também BRAGA, Célia M. Leal. **O Kardecismo em Salvador**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1975, p.48.

No presente estudo, foram utilizadas como fontes históricas os seguintes periódicos leigos: jornal *Folha do Norte* e o jornal *Gazeta do Povo*, que circulou entre 1959 e 1964. Também foram utilizados os seguintes impressos confessionais espíritas: *Jornal Interação*, publicado no final dos anos de 1990 e que circulou até meados da década dos anos 2000, e *O Reformador*, periódico fundado no século XIX e que ainda se encontra em circulação. No grupo dos periódicos leigos, pode-se perceber como a imprensa feirense e os grupos espíritas se relacionaram e a utilização do espaço nos jornais como afirmação de sua presença no campo religioso feirense, sem perder de vista a dimensão dos conflitos e polêmicas que se desenrolaram em suas páginas.

O *Folha do Norte* e o *Gazeta do Povo*, apesar de surgirem em momentos diferentes, como foi informado anteriormente, agruparam os principais grupos políticos e econômicos e a elite letrada de Feira de Santana. A presença de determinadas confissões religiosas, a relação entre elas e o modo como foram representadas nestes periódicos são aspectos relevantes na discussão da inserção e do estabelecimento do Espiritismo no campo religioso feirense.

Além das colunas dedicadas ao Espiritismo, havia diferentes comunicações de espíritas e a presença do aspecto religioso nas páginas dos periódicos leigos. Leia-se aspecto religioso como temas que dizem respeito ao âmbito das religiões, a exemplo da doutrina, festividades, atividades de grupos religiosos, disputas e a atividade de intelectuais de diferentes religiões.

De acordo com a historiadora Tania Regina de Luca, no que diz respeito à concepção de jornais e revistas, “[...] [eles são] empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita [...]”²⁰. Sendo assim, buscou-se compreender como a imprensa foi utilizada nas disputas entre grupos religiosos existentes na cidade de Feira de Santana no período de 1950 a 1960.

No que diz respeito aos periódicos confessionais espíritas, utilizou-se o *Jornal Interação*, onde se teve acesso às seguintes edições: 18 de outubro de 1998 (edição incompleta); abril/maio de 1999 (ano 1, n.4 – edição completa); junho/julho de 1999 (ano 1, n.5 – edição completa); março/abril de 2000 (edição incompleta); novembro/dezembro de 2000 (ano 3, n.12 – edição completa); outubro de 2002 (ano 5, n.17 – edição completa).

²⁰ LUCA, Tania Regina de. *Fontes impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas** (org.). São Paulo: Contexto, 2005, p.140. LUCA, Tania Regina de. **Leituras, projetos e (re)vistas do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p.2-3.

Apesar de não ter circulado no período de análise desse estudo, o *Jornal Interação* constitui um acervo de dados sobre a formação do Espiritismo em Feira de Santana, através do qual se pode colher dados biográficos e da atuação de sujeitos representativos do movimento espírita local. Esses dados foram cruzados com os boletins informativos da *União Social Espírita da Bahia* (posteriormente boletim informativo da *Federação Espírita do Estado da Bahia* - FEEB), que foram publicados entre 1968 e 1973, possibilitando discutir a relação entre as dimensões locais e estaduais das organizações espíritas baianas.

Nesses periódicos foram coletados dados não somente que se referem ao Espiritismo na Bahia e em Feira de Santana, mas também informações biográficas sobre Osvaldo Requião e sua atuação enquanto intelectual espírita – uma vez que sua atuação foi publicizada por ele mesmo na coluna que assinava no *Folha do Norte* e por meio desta procurou-se discutir sua própria trajetória, destacando temas como: família, conversão, engajamento e referências espíritas.

Com a finalidade de relacionar as dimensões citadas anteriormente, foi utilizado o periódico espírita *O Reformador*, tido como órgão oficial da imprensa espírita da *Federação Espírita Brasileira* - FEB, fundado no século XIX e ainda em circulação sob a forma de revista mensal. Procurou-se perceber como a discussão presente na imprensa feirense, em particular na coluna assinada por Osvaldo Requião, dialogava com textos e opiniões do movimento espírita brasileiro em geral.

Outro conjunto de fontes históricas presentes nesta pesquisa foi as memórias escritas, uma vez que, conforme argumentou a historiadora Maria Teresa Cunha, “[...] como ferramenta social, a escrita pode salvar do esquecimento ao fixar ao tempo vestígios de passados e, assim, escrever se constitui em uma forma de produção de memória e, por conseguinte, em instrumento de construção do passado [...]”²¹. Desta maneira, foram analisadas as seguintes memórias escritas: *Memórias históricas do Espiritismo na Bahia*, de Lúcia Loureiro; *Pelo quadragésimo terceiro aniversário de fundação*, escrita por Alípio de Lima Oliveira; e *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*, de Eurico Alves Boaventura. Essas produções possibilitaram discutir o contexto em que o Espiritismo foi inserido na Bahia, os conflitos religiosos entre espíritas e católicos, a formação do Espiritismo em Feira de Santana, bem como a trajetória de espíritas baianos e compará-la com a de Osvaldo Requião.

²¹ CUNHA, Maria Teresa. *Diários Pessoais. Territórios abertos para a História*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 251.

Em *Memórias históricas do Espiritismo na Bahia*, Lúcia Loureiro fez um mapeamento da doutrina espírita no Estado, do século XIX ao XX, com a fundação dos primeiros centros, organização de instituições espíritas de cunho unificador estadual, periódicos espíritas e sujeitos representativos do movimento espírita baiano, bem como a relação do Espiritismo com a Medicina, o Direito e a Maçonaria. Esta memória escrita serviu de base para discutir a formação do Espiritismo em Feira de Santana e o lugar social de Osvaldo Requião no movimento espírita baiano. Lúcia Maria Farias Loureiro de Souza, ou simplesmente Lúcia Loureiro, foi intelectual espírita que, além da citada obra, publicou os seguintes títulos: *Histórias fantásticas deste e do outro mundo*; *Cartilha do Espiritismo*; *Tio Juca, um exemplo de amor* e *Colônias espirituais*. Cabe salientar que Lúcia Loureiro foi uma das fundadoras do Teatro Espírita Leopoldo Machado (TELMA), em 1984, juntamente com Carlos Bernardo Loureiro (seu ex-companheiro), Milton Gaúcho e Marcelo Loureiro, tendo escrito também algumas peças de teatro dedicadas à temática espírita.

Outra memória escrita utilizada foi a escrita por Alípio de Lima Oliveira, *Pelo quadragésimo terceiro aniversário de fundação* (1985), na qual fez um histórico da fundação do Centro Espírita Jesus de Nazaré, em comemoração ao aniversário desta instituição, da qual era membro. Por meio dessa memória, foi possível discutir a formação do Centro Espírita Jesus de Nazaré e o papel que desempenhou no Espiritismo feirense.

Completando o conjunto de fontes de memorialistas, cabe citar o livro *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*, escrita por Eurico Alves Boaventura entre 1930 e 1960. A partir das crônicas dessa obra memorialística foi possível discutir a relação entre intelectuais e a cidade de Feira de Santana, com destaque para o embate das produções de Requião e Boaventura, bem como o silenciamento do Espiritismo na obra do memorialista católico.

De acordo com o historiador Nicolau Sevcenko, “(...) os textos literários nos ajudam a iluminar a realidade que lhes era subjacente, e o conhecimento desta contribui para deslindar os interstícios da produção artística”²². Partindo desse pressuposto, foi utilizado o romance *Setembro na Feira*, de Benedito Juarez Bahia (1930-1998), nascido em Cachoeira – BA e que morou em Feira de Santana e trabalhou como jornalista no jornal *Folha do Norte*. Esse romance foi de fundamental importância para discutir a presença do Espiritismo em Feira de Santana, os grupos sociais dos adeptos dessa confissão religiosa e pensar a trajetória de

²² SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999, p.22.

Oswaldo Requião, principalmente no que diz respeito à presença de várias confissões religiosas numa mesma família – situação que apresenta de modo análogo no romance.

Também foram utilizadas, nesta pesquisa, textos confessionais espíritas, como as obras básicas do Espiritismo; a obra *Africanismo e Espiritismo*, do intelectual espírita baiano Deolindo Amorim; *A Caravana da Fraternidade*, do também baiano Leopoldo Machado; e o livro *Mulheres médiuns*, de Carlos Bernardo Loureiro, obras de intelectuais espíritas que possibilitam analisar diálogos e rupturas dentro do próprio Espiritismo brasileiro. Além destas, foi utilizada a obra mediúnica *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*, atribuída ao espírito de Humberto de Campos, psicografada por Chico Xavier – uma leitura que possibilitou observar a identidade espírita brasileira em contraposição à francesa.

Cabe destacar que também foram analisados os seguintes manuscritos: perfil biográfico do médium espírita Manoel Timóteo Azevedo dos Santos; perfil acadêmico de Oswaldo Requião, escrito por ele mesmo; o pronunciamento *Vai um homem – fica um nome*, escrito por J. Magno e lido nos microfones na Rádio Sociedade de Feira de Santana na ocasião da morte de Requião; e *Os nomes próprios personativos e a ortografia em vigor* (1959), tese de concurso de Requião para ingresso no quadro docente da Escola Normal. Nestes documentos, foram discutidos dados biográficos referentes a Requião e às representações sobre sua figura na ocasião do seu falecimento, bem com informações sobre a biografia de Manoel Timóteo Azevedo dos Santos.

Imagens como retratos de líderes espíritas que atuaram em Feira de Santana, entre as décadas de 1940 e 1960, anúncios, fotografia de colunas de jornais dedicadas ao Espiritismo e dos centros espíritas feirenses também fazem parte dos documentos presentes nesta pesquisa. Partindo do pressuposto que tanto imagens como fotografias são evidências ou testemunhos como qualquer documento histórico, sendo construções sociais e não uma representação monolítica do real, pretende-se discutir os usos sociais da fotografia pelos espíritas feirenses como suporte de memória²³.

Como ferramentas de análise, foram utilizados os conceitos de campo religioso, trajetória e capital simbólico, de Pierre Bourdieu; representação e leitura de Roger Chartier; intelectual orgânico, de Antonio Gramsci; intelectual, de Jean-François Sirinelli e, por fim, os conceitos de memória, do historiador inglês Peter Burke e de lugares de memória de Pierre Nora. Ainda que haja diferentes perspectivas de análise entre esses autores, principalmente no

²³ LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Fotografia. Usos sociais e historiográficos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2012, p.29-60.

que tange à concepção de História, os mesmos privilegiaram em seus textos o âmbito cultural das relações sociais e auxiliam na compreensão da variedade de subtemas presentes na análise da trajetória de Osvaldo Requião.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu afirmou, sobre o conceito de campo, que “[...] a primeira elaboração rigorosa da noção saiu de uma leitura do capítulo de *Wirtschaft und Gesellschaft* consagrado à sociologia religiosa [...]”²⁴. Bourdieu reconhece a influência de Max Weber na elaboração desse conceito que serviu de base para o de campo religioso. Todavia, deve-se chamar a atenção para o fato de que o sociólogo francês fez a releitura dos autores clássicos das Ciências Humanas – Weber, Durkheim e Marx – e propôs um novo olhar sobre a cultura e sobre as relações materiais com base no capital simbólico.

O campo religioso se estabelece como um microcosmo para responder a uma demanda específica: o interesse religioso, sendo constituído na relação entre os seus agentes²⁵. Ao trazer a questão da “constituição de um campo religioso relativamente autônomo”²⁶, Bourdieu segue uma perspectiva total da realidade social, uma vez que se, por um lado, determina um elemento característico de um campo especificamente, por outro, não perde de vista que esse microcosmo está contido em um macrocosmo.

O principal objeto de disputa no campo religioso é a gestão dos bens de salvação, a utilização do capital religioso pelos agentes religiosos como uma forma de exercer o poder sobre os leigos por meio da “inculcação do *habitus* religioso”. O que está em jogo nesse contexto é a manutenção e legitimação da autoridade religiosa em um esquema de demanda e ofertas religiosas no intuito de “atender às necessidades” dos leigos como uma forma de sustentar a posição social e simbólica dos agentes e instituições religiosos.

Outro conceito de Bourdieu que foi utilizado foi o de *trajetória*, em face do presente trabalho não ter o objetivo de ser uma narrativa biográfica tradicional, bem como pelo fato da concepção de indivíduo discutida por esse autor não ser determinista. Bourdieu define

[...] [a] noção de trajetória como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes. Tentar compreender uma vida uma série única e, por si só, suficiente de acontecimento sucessivos, sem outra ligação que a vinculação a um ‘sujeito’ cuja única constância é a do nome próprio, é quase tão absurdo quanto explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede [...]. Os

²⁴ BOURDIEU, Pierre. *A gênese dos conceitos de habitus e de campo*. In: **O poder simbólico**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p.66.

²⁵ Idem, p.82-84.

²⁶ Ibidem, p.34.

acontecimentos biográficos definem-se antes com alocações e como deslocamentos no espaço social [...] não podemos compreender uma trajetória (isto é, o *envelhecimento social* que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) a menos que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou; logo, o conjunto de relações objetivas que uniram o agente [...] ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e que se defrontaram no mesmo espaço de possíveis [...]”²⁷

De acordo com o pensamento bourdieuano, a vida de um indivíduo foi compreendida com base nas escolhas e incertezas pessoais e do grupo social que pertenceu sem perder de vista que, apesar de se conhecer determinadas ações e fatos na trajetória de uma pessoa, esta não tinha necessariamente conhecimento das consequências que sua atuação como agente social resultaria; apenas expectativas.

As atitudes e os posicionamentos que o promotor e professor Osvaldo Requião tomou na juventude dizem respeito a uma consciência que foi sendo construída na medida em que se processou o duplo movimento, assinalado por Pierre Bourdieu como o “envelhecimento social” e o “envelhecimento biológico”. Conforme o sociólogo francês, pensar a vida de uma pessoa como um todo coerente cujas ações seguem para um determinado fim leva à enganosa ideia de “ilusão biográfica”.

Outro conceito bourdieuano utilizado foi o de capital simbólico, que, para Bourdieu, exerce tanta coerção social quanto o capital econômico, uma vez que é “(...) uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada das outras formas de poder (...)”²⁸. A posição social, o sobrenome da família, o grau de escolaridade e instituição escolar que frequentou são exemplos de “capital simbólico” que fazem parte da chamada “economia dos bens simbólicos” por Pierre Bourdieu. Desse modo, pretende-se discutir como Requião acumulou capital simbólico em Feira de Santana, com base nos espaços sociais que se inseriu, como o jornal *Folha do Norte*, o Rotary Club de Feira de Santana e a Escola Normal de Feira de Santana, bem como as polêmicas em que se envolveu.

A contribuição teórica do historiador francês Roger Chartier, ao discutir o objetivo da História Cultural, foi também relevante na elaboração desta pesquisa, uma vez que, de acordo com Chartier:

A história cultural, tal qual a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma

²⁷ BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Correa. Campinas, SP: Papirus, 1996, p.79.

²⁸ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p.15.

determinada realidade é construída, dada a ler [...] [sendo que o primeiro caminho] diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo [...]. As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelo interesse de grupo que as forjam [...]²⁹.

O conceito de representação foi utilizado por Roger Chartier especialmente para analisar a sociedade do Antigo Regime, que, em seus trabalhos historiográficos, debruçou-se sobre a História da Leitura. O conceito de representação foi proposto em contraposição ao de mentalidade – alvo de muitas críticas, quando pensa na homogeneidade da apropriação de uma dada realidade social. Desse modo, Chartier procurou chamar a atenção para o fato de que a realidade social é apreendida de diferentes formas pelos grupos sociais, que não estabelecem suas representações ingenuamente – elas tentam competir umas com as outras, estabelecendo a luta de representações. O citado conceito de Chartier foi utilizado na análise sobre os discursos de católicos a respeito do Espiritismo em Feira de Santana, vinculados nos jornais *Folha do Norte* e *Gazeta do Povo*, bem como sobre as representações tecidas pelos próprios espíritas sobre seu grupo religioso e a de Osvaldo Requião – por espírita ou não.

Para entender as leituras que Osvaldo Requião realizou, utilizou-se o conceito de “leitura”, entendida como uma prática cultural que permite a apropriação do texto de múltiplas maneiras, que escapam, muitas vezes, da intenção do autor. Chartier afirmou que para que se compreenda a leitura de um determinado texto que o autor quis colocar, um dos elementos que devem ser observados são os protocolos de leituras, como título, subtítulos e organização de parágrafos³⁰. O conceito de leitura é de fundamental importância no que diz respeito à análise das comunicações espíritas nos periódicos analisados, em especial os textos da coluna que Osvaldo Requião publicou com a intenção de doutrinar ou debater com os opositores da doutrina espírita em Feira de Santana.

Os conceitos de “intelectual orgânico”, de Antonio Gramsci, e “intelectual”, de Jean-François Sirinelli, também foram relevantes nesta pesquisa para se discutir o engajamento de Osvaldo Requião enquanto intelectual espírita. O pensador italiano Antonio Gramsci, ao discutir o conceito de “intelectual orgânico”, afirmou que “(...) todo grupo social (...) cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais categorias de intelectuais que lhe dão

²⁹ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990, p.17.

³⁰ BOURDIEU, Pierre, CHARTIER, Roger. *A leitura, uma prática cultural*. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. 4ª ed. Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político (...)”³¹. Em vista disso, para Gramsci, a categoria de intelectual não se restringe aos ofícios ligados ao mundo da cultura letrada e uma determinada classe social, mas existe em todos os grupos da sociedade. Cabe ressaltar que a religião fez parte da discussão de alguns trabalhos do pensador italiano, especificamente no que tange à Igreja Católica como intelectual orgânico e intelectual tradicional³².

De acordo com Jean-François Sirinelli, o conceito de “intelectual” possui uma definição “[...] ampla e sociocultural, englobando os criadores e os ‘mediadores’ culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento [...]”³³. Sirinelli ainda chama a atenção para os seguintes elementos presentes na análise sobre intelectuais: origem social, idade, escolaridade, sociabilidade, relações entre os próprios intelectuais, o ambiente em que atuam e meios que utilizam para divulgar suas ideias – elementos estes que auxiliam a compreender a formação e a atuação dos intelectuais numa dada realidade social.

Por meio das formulações de Sirinelli e de Gramsci, pode-se declarar que o conceito de “intelectual” se torna fundamental para compreender a atuação de Osvaldo Requião na cidade de Feira de Santana, no que diz respeito a sua trajetória religiosa e nos mais variados papéis sociais que desempenhou na realidade política, social e cultural da cidade e da região.

A discussão sobre os conceitos de “memória”, do historiador inglês Peter Burke, e o de “lugares da memória”, do historiador francês Pierre Nora, também foram utilizadas nessa pesquisa. Para Burke, a memória pode ser estudada como fonte histórica, a exemplo de discussão dos meios de transmissão da memória social: relato oral, relato escrito, imagens, celebrações e espaço, mas na memória estão também implicados os usos de lembrança e o esquecimento³⁴. No bojo dessa discussão, inserem-se os “lugares de memória”, definidos por Nora como objetivos materiais ou abstratos, ou agentes históricos, que possui a função social e simbólica de lembrar³⁵ – sem esquecer que a memória “(...) se estrutura em torno de eixos temáticos e certos marcos temporais (...)”³⁶.

³¹ GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 2. Tradução Carlos Nelson Coutinho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p.15.

³² Ver PORTELLI, Hugues. **Gramsci e a questão religiosa**. Tradução Luiz João Galo. São Paulo: Paulinas, 1984.

³³ SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Tradução Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.242.

³⁴ BURKE, Peter. *História como memória social*. In: **Variedade de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 74-76.

³⁵ NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. **Projeto História**. Tradução Yara Aun Khoury. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História, PUC-SP, nº 10, dez.,1993, p.13.

³⁶ GANDON, Tania Risério d’Almeida. *Entre memória e história: tempos múltiplos de um discurso a muitas vozes*. **Projeto História**. São Paulo, 22, jun. 2001, p.140.

Ao discutir as fontes orais e sua relação com a memória, a historiadora Tânia Penido Monteiro chamou a atenção para o conceito de etnotexto, que poderia ser aplicado a documentos escritos. Conforme Tânia Monteiro, “(...) o essencial na pesquisa com etnotextos é a percepção de como os indivíduos falam de si, de sua cultura e de sua história”³⁷, uma vez que os etnotextos refletem uma informação cultural global de uma comunidade ou de um grupo. A principal contribuição em torno desses conceitos para esta pesquisa se deve aos usos da memória e do esquecimento, bem como um modo de conferir homogeneidade às lembranças do grupo.

Levando-se em consideração a diversidade das fontes e os conceitos utilizados, optou-se pela exposição da discussão em recortes temáticos, uma vez que “embora uma vida possa, em algumas analogias, ser comparada a um alfabeto, começando em *a* e terminando em *z*, ela nunca poderia ser vivenciada em tal camisa-de-força [...]”³⁸. A discussão segundo recortes temáticos possibilitou que a análise fosse mais elucidativa, sem que os objetivos propostos neste trabalho fossem esquecidos. Não em raros momentos os recortes temáticos se mesclam e não se pode determinar onde inicia um e termina outro, sendo utilizados apenas como estratégia de exposição.

Considerando-se o conjunto das fontes³⁹ e os objetivos, buscou-se privilegiar nesses documentos a abordagem de fatos da biografia de Osvaldo Requião que se relacionam ao Espiritismo, sem perder de vista que “[...] é significativo não só [analisar] o que se encontrou documentado, mas as incertezas intuídas, as possibilidades [...] a fim de aproveitar ausências e vazios [...] para também interpretá-los”⁴⁰. Esses silêncios que presente nos documentos serão fundamentais para se compreender que “[...] as fontes de que dispomos não nos informam acerca dos processos de tomada de decisões, mas somente acerca dos resultados destas [...]”⁴¹. Portanto, foram fundamentais na tentativa de se fugir de explicações monocausais e lineares e de uma perspectiva teleológica.

Cabe ressaltar que o presente trabalho não pretende esgotar o tema nem as questões que pretende discutir, mas apontar um dos caminhos para se compreender a trajetória de um

³⁷ MONTEIRO, Tânia Penido. *Comunicação escrita sobre uma pesquisa oral*. **Revista FAEBA**, Salvador, no 3, jan./dez. 1994, p.112.

³⁸ DE BOTTON, Allain. **Nos mínimos detalhes**. Tradução de Marta Schmidt. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p.28.

³⁹ A ortografia, acentuação e pontuação das fontes foram mantidas, sobretudo, no que tange aos textos publicados no *Jornal Folha do Norte*, *Gazeta do Povo* e *Jornal Interação*, bem como recursos como o uso de negrito, itálico, sublinhados, texto em caixa alta, palavras em letras maiúsculas e minúsculas.

⁴⁰ BORGES, Vavy Pacheco. *Fontes biográficas. Grandezas e misérias da biografia*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto: 2005, p.221.

⁴¹ LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.173.

agente religioso espírita no contexto em que viveu, isto é, na sociedade feirense e brasileira em geral, e as estratégias de um grupo religioso minoritário como o Espiritismo, no contexto do majoritário Catolicismo feirense e brasileiro no período.

Roteiro

A presente dissertação foi dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo, *Percursos e trajetórias: matizes do Espiritismo no Brasil*, procura fazer um panorama do movimento espírita brasileiro, destacando as diferentes apropriações da doutrina por suas principais lideranças espíritas nacionais, as disputas no campo religioso brasileiro, principalmente entre espíritas e católicos, a produção literária espírita e mediúmica e as tentativas de unificação das instituições espíritas brasileiras em torno de uma federação.

O segundo capítulo, intitulado “*Em nome do evangelho*”: *formação do Espiritismo em Feira de Santana - BA*, tem o objetivo de discutir a inserção e o estabelecimento do Espiritismo em Feira de Santana entre as décadas de 1930 a 1960, tendo em vista a hegemonia do Catolicismo no campo religioso feirense. Será analisada a formação dos primeiros centros espíritas na cidade e os agentes religiosos engajados no desenvolvimento do movimento espírita feirense, bem como as relações que construíram com outros grupos religiosos, especificamente com os católicos.

No terceiro capítulo, *Sob os auspícios da imprensa: o Espiritismo que cabia nos (e aos) jornais em Feira de Santana - BA*, pretende-se discutir como o Espiritismo foi abordado nos jornais da cidade de Feira de Santana entre as décadas de 1940 e 1970, analisando especificamente os textos das colunas *À vol d’oiseau e Espiritismo*, do *Jornal Folha do Norte*, bem como da coluna *Religiões e Cultos*, do *Jornal Gazeta do Povo*.

No quarto capítulo, *Olhares sobre a vida e a morte: trajetória de Osvaldo Requião no meio espírita feirense*, pretende-se analisar a trajetória de Osvaldo Pinheiro Requião enquanto intelectual espírita em Feira de Santana, entre as décadas de 1940 e 1960 – período em que residiu em sua cidade. Procura-se refletir sobre a família no contexto da religião, a conversão ao Espiritismo, os embates com católicos e protestantes, as referências espíritas e o arcabouço literário de seu pensamento. Também procura-se discutir as memórias escritas sobre Osvaldo Pinheiro Requião na ocasião da sua morte, com base no pronunciamento de Joel Magno, na Rádio Sociedade de Feira de Santana – anunciando a morte de Requião –, bem como os artigos escritos por Helder Alencar e Eusínio Lavigne, no *Jornal Folha do Norte*, que traçaram o perfil biográfico de Requião. Não poderia deixar de ser analisado ainda no quarto

capítulo as memórias sobre Requião que dizem respeito aos “lugares de memória”, uma vez que oportuna discutir não somente o indivíduo, mas também o lugar social que esse possuía na memória do Espiritismo em Feira de Santana, bem como sua relação com a própria cidade.

Nas *Considerações finais*, pretende-se retomar as principais temáticas de cada capítulo, com o intuito de compreender os objetivos alcançados por esta pesquisa.

1 PERCURSOS E TRAJETÓRIAS: MATIZES DO ESPIRITISMO NO BRASIL

O presente capítulo tem como objetivo traçar um panorama do Espiritismo no Brasil, analisando a ação de agentes religiosos espíritas de projeção nacional, como Teles de Menezes, Bezerra de Menezes, Chico Xavier, Luiz Antônio Gasparetto e Divaldo Franco. Pretende-se discutir a abordagem doutrinária espírita no Brasil e os diálogos que esta fez com o Catolicismo e o Candomblé. Mediante essa análise, pretende-se discutir a formação das principais instituições espíritas que tiveram projeção nacional, bem como o papel que desempenharam na tentativa de unificar os grupos espíritas institucionalmente.

As disputas no campo religioso brasileiro, com ênfase ao conflito entre católicos e espíritas, não escaparam da discussão, uma vez que o Catolicismo era grupo hegemônico no campo religioso brasileiro e possuía influência social que se espalhava para além desse campo. Desse modo, por meio da análise dos conflitos envolvendo católicos e espíritas, pode-se discutir as estratégias mobilizadas pelas lideranças espíritas para se estabelecer no País.

1.1 Das primeiras notícias às primeiras polêmicas

Antes de se inserir de forma institucionalizada, o Espiritismo se tornou conhecido no Brasil através de notícias envolvendo o fenômeno das “mesas falantes”, publicadas no *Jornal do Commercio* e no *Diário de Pernambuco*, no ano de 1853⁴². Nestes periódicos, notícias e artigos oscilavam entre a curiosidade sobre o fenômeno e a tentativa de explicá-lo, recorrendo ao pensamento do médico austríaco Franz Mesmer. Havia um grande interesse por parte das elites brasileiras sobre as novidades da Europa e especificamente na França, país considerado como de alta cultura, principalmente devido à filosofia, à literatura, às artes plásticas e à dramaturgia⁴³.

De acordo com a historiadora Sylvia Damazio, Mesmer afirmava que havia um “fluido invisível” em todo o universo operando em todos os corpos existentes. A partir desta ideia, Mesmer afirmou que um organismo saudável era aquele no qual o fluido seguia normalmente, sendo o estado de doença o organismo no qual esse processo estava comprometido. Essa definição resultou em um novo método de cura do organismo na época, que, no Brasil, foi apropriado pelos grupos espíritas na aplicação de passes, prática de cura ou troca de energias

⁴² MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o Espiritismo**. Niterói: Publicações Lachântre, 1996, p.47-49.

⁴³ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.309.

por meio da imposição de mãos, bem como na prescrição de receitas mediúnicas homeopáticas⁴⁴.

Criada pelo médico alemão Samuel Hahnemann, a homeopatia foi uma reação aos postulados e terapias da medicina do século XIX. Conforme Sylvia Damazio, Hahnemann afirmava que a cura do paciente se daria por intermédio de medicamentos contendo “doses infinitesimais, que provocaria sintomas semelhantes aos apresentados pelos doentes” fazendo com que houvesse equilíbrio do organismo e a sua “força vital” – elemento este intermediário entre corpo físico e o espírito, cujo papel era animar o organismo.

As teorias de Mesmer e de Hahnemann aportariam no Brasil, principalmente na região do Rio de Janeiro, durante o século XIX, com a chegada de imigrantes franceses no país, contribuindo para a recepção do Espiritismo, que adentrou o contexto religioso brasileiro do período⁴⁵. A prescrição de receitas homeopáticas à população pobre por médiuns espíritas tornou-se algo comum no Brasil, tanto que houve um crescimento significativo de médiuns receitistas. Todavia, tal prática não foi bem recebida pela classe médica e pelo clero brasileiro, bem como pelos positivistas, uma vez que nem a homeopatia nem os médiuns espíritas possuíam legitimidade social para os citados grupos sociais⁴⁶.

Acredita-se que a homeopatia foi difundida no Brasil por meio da atuação de Benoît Mure, médico em Lyon (França), que chegou ao Rio de Janeiro em 1849, depois de já ter passado pela Sicília, Nápoles, Londres e Paris. No Rio de Janeiro, teve contato com João Vicente Martins, cirurgião português, e fundou com outros médicos brasileiros a primeira instituição homeopática dedicada ao atendimento da população pobre do Brasil⁴⁷.

Com a fundação do Instituto Homeopático do Brasil em 1842, por Mure e Martins, e da Sociedade Homeopática Baiana em 1847, por Vicente Martins, o saber homeopático expandiu e se legitimou na comunidade médica, ainda que com muitas polêmicas entre médicos alopatas e homeopatas. Entre os fatores que garantiram a expansão e legitimação das ideias de Hahnemann no Brasil está a adesão à homeopatia pelos médicos de renome na comunidade médica, como Alexandre José de Melo Morais (1816-1882), e pela elite da Corte⁴⁸.

De acordo com Sylvia Damazio, se a inclusão da homeopatia no currículo das faculdades de Medicina favoreceu a sua legitimação perante a comunidade médica brasileira,

⁴⁴ DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.82.

⁴⁵ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.260.

⁴⁶ DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.94.

⁴⁷ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. Op. Cit., p.136.

⁴⁸ DAMAZIO, Sylvia F. Op. Cit., p.87.

“(…) por outro lado, a prática por leigos (…) levou à frequente repressão por parte das autoridades policiais (…)”⁴⁹. A prática de prescrever receita homeopática, bastante difundida entre os médiuns espíritas, foi enquadrada, pelo Código Penal de 1890, como crime contra a saúde pública e charlatanismo, exercício ilegal da Medicina⁵⁰.

Nesse período, a doutrina de Kardec era condenada pelo discurso médico em face não de possuírem “(…) vitalidades terapêuticas, mas que, sem poder curar, pretendam ‘inculcar essa possibilidade’”⁵¹. Essa condenação não se dava apenas com o chamado Espiritismo kardecista, mas também com o Candomblé e a Umbanda, grupos religiosos que se dedicavam a práticas terapêuticas e que foram agrupados, na época, genericamente como Espiritismo⁵².

O público atendido pelos médiuns receitistas que prescreviam receitas homeopáticas não era de indivíduos pertencentes apenas às camadas populares brasileira, mas também pessoas de projeção nacional, como o senador Quintino Bocaiúva e o então presidente Prudente de Morais⁵³, o que exemplifica a difusão das práticas terapêuticas em diversas camadas da sociedade brasileira.

1.2 Arranjos e rearranjos: a institucionalização do Espiritismo

A presença do Espiritismo se deu, inicialmente, entre os franceses que residiam no Rio de Janeiro, leitores das obras de Saint-Simon, Fourier e Leroux, que apreendiam as doutrinas espíritas como uma das correntes filosóficas⁵⁴. O Espiritismo se inseriu no Brasil a partir do ano de 1856, com a observação dos chamados “fenômenos espíritas” por grupos que faziam reuniões domésticas, membros letrados e iletrados da sociedade baiana, dentre eles Luis Olímpio Teles de Menezes⁵⁵. As reuniões se davam em ambiente doméstico, devido à legislação do Brasil que proibia manifestações que fossem de encontro à religião oficial do Império, isto é, a Igreja Católica.

Na cidade de Salvador, as obras de Allan Kardec, lidas em francês, eram estudadas pelos grupos que começavam a se formar, grupos estes formados, predominantemente, por pessoas pertencentes às camadas letradas. A socióloga Célia Braga chama a atenção para o fato de que o contingente populacional negro foi um dos elementos que possibilitaram o

⁴⁹ DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.90.

⁵⁰ Idem, p.94.

⁵¹ GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p.82.

⁵² Idem, p.82.

⁵³ DAMAZIO, Sylvia F. Op. Cit., p.90.

⁵⁴ Idem, 1994, p.65.

⁵⁵ LOUREIRO, Lúcia. **Memórias históricas do Espiritismo na Bahia**. Repercussão no Movimento espírita brasileiro. Salvador: s p c, p.57.

estabelecimento do Espiritismo em diferentes matizes no Brasil, para além da difusão do Positivismo e do Evolucionismo Cultural⁵⁶.

De acordo com o jornalista Ubiratan Machado, o Espiritismo se institucionaliza oficialmente no Brasil no ano 1865, com a fundação, em Salvador – BA, do primeiro centro espírita do país: Grupo Familiar do Espiritismo, fundado por Teles de Menezes, em 17 de setembro de 1865. Nesse primeiro momento, de acordo com Machado, o grupo espírita baiano torna-se exemplo para outros espíritas no território brasileiro⁵⁷. Apesar disso, devido às discordâncias internas, acabou dividido em dois grupos espíritas: a Associação Espírita Brasileira e o Grupo Espírita Santa Tereza de Jesus⁵⁸.

Para se defender de perseguições religiosas, principalmente por parte do clero católico baiano, as primeiras associações espíritas, a exemplo da Sociedade Espírita Brasileira, colocavam-se diante das autoridades baianas como instituições de caráter literário e beneficente. Essa tática não alcançou êxito imediato, encontrando forte oposição de alguns segmentos da sociedade que se opunham ao Espiritismo. O estatuto da Sociedade Espírita Brasileira foi indeferido na primeira tentativa, sendo aprovado somente em novembro de 1873, data de sua oficialização⁵⁹.

No cenário brasileiro, o papel de divulgação do Espiritismo coube ao jornal espírita *Echo d'Além-Túmulo - Monitor d'o Spiritismo n'ó Brazil*, fundado por Teles de Menezes e que circulava nacionalmente de forma bimestral, entre os anos de 1869 a 1871, reproduzindo trechos de diversas comunicações de publicações de espíritas franceses, bem como das obras de Allan Kardec que tinham sido publicadas⁶⁰. Anteriormente, as publicações espíritas estavam presentes no *Diário da Bahia*, dentre elas os próprios textos escritos por Teles de Menezes e seus companheiros sobre o Espiritismo⁶¹.

No Rio de Janeiro, o clero católico não apresentou o mesmo grau de intolerância religiosa como ocorreu na Bahia, provavelmente pelo prestígio da comunidade de imigrantes franceses, pela presença de adeptos de renome social e pelo fato de as reuniões serem realizadas de modo discreto, bem como pelos protestantes supostamente representarem

⁵⁶ BRAGA, Célia M. Leal. **O Kardecismo em Salvador**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1975, p.48.

⁵⁷ MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o Espiritismo**: de Castro Alves a Machado de Assis. Niterói: Publicações Lachântre, 1996, p.73-74.

⁵⁸ BRAGA, Célia M. Leal. **O Kardecismo em Salvador**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1975, p.42.

⁵⁹ Idem, p.41.

⁶⁰ FERNANDES, Magali Oliveira. **Vozes do céu**: os primeiros momentos do impresso kardecista no Brasil. São Paulo: Annablume, 2010.

⁶¹ LOUREIRO, Lúcia. **Memórias históricas do Espiritismo na Bahia**. Repercussão no Movimento espírita brasileiro. Salvador: s p c, p.82-83.

“maior perigo” do que os espíritas no período⁶². Em relação aos adeptos do Espiritismo, deve-se salientar que se, inicialmente, eram pessoas pertencentes às elites sociais e políticas brasileiras, a partir da difusão da doutrina espírita para o interior do Brasil, pessoas pertencentes às classes sociais populares começaram a aderir a esse credo religioso⁶³.

Criado em 1873, no Rio de Janeiro, o Grupo Confúcio teve como membros da primeira diretoria o engenheiro Siqueira Dias; o engenheiro e jornalista Antonio da Silva Neto; o médico Joaquim Carlos Travassos; o poeta e político Bittencourt Sampaio; o professor francês, que vivia no Brasil, Casimir Lieutaud, diretor do Colégio Francês (instituição escolar de prestígio na Corte) e que publicou o livro escrito em francês *Les temps son arrivés* (1860), o primeiro livro espírita no Brasil; e as médiuns Madame Perret Collard e Rosa Molteno⁶⁴.

Dentre as atividades desenvolvidas pelo Grupo Confúcio cabe citar a tradução das obras de Kardec, pelo médico Joaquim Carlos Travassos, pela Livraria Garnier, tornando a doutrina acessível àqueles que não dominavam a língua francesa⁶⁵; a prática de prescrição mediúnica de remédios homeopáticos, pelos doutores Cesário e Alexandre José de Melo Moraes (formado na Faculdade de Medicina da Bahia no ano de 1840, se converteria ao Espiritismo entre 1873 e 1876); e a publicação da *Revista Espírita*, impresso dedicado ao suposto aspecto científico da doutrina, dirigida por Antônio da Silva Neto⁶⁶.

As divisões entre os ditos científicos e os religiosos, ou seja, os membros que apreendiam o Espiritismo como ciência e aqueles que a encaravam como religião – chamados, pejorativamente, de místicos – fez com que o Grupo Confúcio se dissolvesse, dando origem a diversos outros grupos: a Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade, em 1876; a Congregação Espírita Anjo Ismael, um ano depois; o Grupo Espírita Caridade, em 1878; o Grupo Espírita Fraternidade e Grupo dos Humildes, ambos em 1880⁶⁷.

Esses grupos eram formados a partir dos antigos membros das instituições originárias com a adesão de novos, fazendo com que os grupos espíritas se multiplicassem, assim como a abordagem da doutrina espírita em cada um deles. Membro da Sociedade Deus, Cristo e

⁶² MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o Espiritismo**: de Castro Alves a Machado de Assis. Niterói: Publicações Lachântre, 1996, p.75.

⁶³ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.159-160.

⁶⁴ Idem, 142-444.

⁶⁵ BRAGA, Célia M. Leal. **O Kardecismo em Salvador**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1975, p.42.

⁶⁶ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. Op. Cit., p.259-260.

⁶⁷ BRAGA, Célia M. Leal. Op. Cit., p.43.

Caridade, o fotógrafo português Augusto Elias da Silva fundou o Grupo Espírita Menezes e *O Reformador*⁶⁸.

Lançado em 21 de janeiro de 1883, o periódico espírita *O Reformador*, ainda em circulação, além de discutir aspectos da doutrina espírita, defenderia em suas páginas o abolicionismo, ainda que isso não se desse de modo explícito. De acordo com o historiador Artur Cesar Isaia, a defesa da libertação dos escravos foi abordada de modo bastante cauteloso nas páginas de *O Reformador* com o uso de “(...) uma linguagem codificada, alegórica, tentando, subliminarmente, criar um imaginário onde se opunham os pares: monarquia-Catolicismo-atraso *versus* república-Espiritismo-progresso (...)”⁶⁹. De acordo com a historiadora Elizete da Silva, os protestantes fizeram a mesma relação que os espíritas ao afirmar uma “(...) visão de superioridade dos países protestantes, sempre identificado com o progresso, em detrimento aos países católicos, identificados com o atraso (...)”⁷⁰. A confluência do discurso de espíritas e protestantes sobre o Catolicismo pode ser entendida no contexto das disputas existentes no campo religioso feirense e na afirmação de cada um desses grupos religiosos.

Além do abolicionismo, deve-se ressaltar que, nas páginas de *O Reformador*, também se empreendia a defesa do registro civil, do casamento civil, da abertura para imigração e da laicização do ensino⁷¹, questões que se vinculavam à situação de crise da ordem social estabelecida naquele momento no Brasil, pautada em práticas escravocratas e na hegemonia do Catolicismo no campo religioso brasileiro e que colocava em confronto as visões de cada um dos grupos religiosos.

Fundada em 1884, a *Federação Espírita Brasileira* costuma ser apresentada, por muitos autores que discutem o Espiritismo no Brasil, como uma tentativa de organização dos grupos espíritas do Rio de Janeiro. No entanto, de acordo com o antropólogo Emerson Giumbelli, essa instituição foi apresentada no periódico *O Reformador* como “(...) empreendimento visando à propaganda ativa do Espiritismo pela imprensa e por conferências públicas (...)”⁷². Além disso, Giumbelli chama a atenção para o fato de que foi criada no ano

⁶⁸ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. Op. Cit., p.146.

⁶⁹ ISAIA, Artur Cesar. *A República e a teologia histórica do Espiritismo*. In: ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido (orgs). **Espiritismo e religiões afro-brasileiras**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012, p.110.

⁷⁰ SILVA, Elizete da. *Protestantismo: visões do progresso e do trabalho no Brasil*. **Humanas**. Ano 1, jan./jun. 2002, p.39.

⁷¹ GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p.73-74.

⁷² Idem, p.63.

de 1881 a União Espírita do Brasil, com o objetivo de congregar instituições espíritas de diferentes províncias brasileiras, sendo desativada entre os anos de 1884 e 1887⁷³.

Em seus primeiros anos de funcionamento, a FEB era formada por apenas três sócios, que não eram pertencentes à província do Rio de Janeiro e previa apenas a filiação de indivíduos, e não grupos ou representantes desses grupos⁷⁴. Para o antropólogo Bernardo Lewgoy, o reconhecimento da FEB como instituição federativa nacional do Espiritismo veio, em 1949, a partir do Pacto Áureo⁷⁵. No bojo desse processo, sobressaiu no movimento espírita brasileiro a figura do médium mineiro Chico Xavier e sua produção mediúnica. Como assinalou a antropóloga Sandra Jacqueline Stoll, o termo “mediúnico” se refere à produção de romances e livros doutrinários, de maneira geral, que os médiuns acreditam realizar por intermédio de um espírito, que não precisa ser necessariamente de um escritor, que lhe dite o texto ou escreva uma mensagem. Esta prática pode ser chamada de *literatura mediúnica*; enquanto que *literatura espírita* se refere a livros publicados por intelectuais ou espíritas de modo geral⁷⁶.

O Pacto Áureo, assinado no Rio de Janeiro, foi uma tentativa de unificar os grupos espíritas na década de 1940, visando não somente um direcionamento geral da doutrina espírita, mas também fazer frente ao fechamento da FEB durante os anos de 1937 a 1941. Além disso, a publicação de um decreto sobre o exercício ilegal da medicina afetou as atividades beneficentes desenvolvidas pela instituição⁷⁷.

Nesse contexto, grupos umbandistas organizaram o Primeiro Congresso da Umbanda (1941), se afirmando como uma religião autenticamente brasileira. Este grupo religioso foi formado no Rio de Janeiro nos anos de 1920, tendo se organizado como federação em 1939. Conforme o sociólogo e antropólogo Renato Ortiz, “a Umbanda aparece, pois como uma solução original; ela vem tecer um liame de continuidade entre as práticas mágicas populares à dominação negra e a ideologia espírita (...) segundo o novo código fornecido pela sociedade urbana e industrial”⁷⁸. Os umbandistas representavam uma concorrência no campo religioso brasileiro para os espíritas, principalmente pelo fato de que

⁷³ GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p.64.

⁷⁴ Idem, p.64.

⁷⁵ LEWGOY, Bernardo. *A transnacionalização do Espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 28(1), 2008, p.87.

⁷⁶ STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora Orion, 2003.

⁷⁷ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.198-199.

⁷⁸ ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**. São Paulo: Brasiliense, 1991, p.48.

recrutava adeptos nos segmentos sociais que se convertiam ao Espiritismo, comerciantes, militares, profissionais liberais e nas camadas pobres da população, representando um perigo aos adeptos de Kardec no Brasil⁷⁹.

No entanto, o Pacto Áureo congregou apenas a região Sudeste do Brasil, sendo necessário outro movimento que pudesse filiar os grupos espíritas das regiões Norte e Nordeste do país. Esse movimento, ocorrido entre outubro e dezembro de 1950, recebeu o nome de Caravana da Fraternidade, tendo entre seus organizadores o baiano Leopoldo Machado – que se destacou no movimento espírita nacional por sua produção de literatura espírita e atividades filantrópicas.

1.3 O pêndulo do Espiritismo na Bahia

Com o crescimento do número de membros do Grupo Familiar do Espiritismo, essa instituição espírita deixou o ambiente doméstico e se organizou de modo a atender cada vez mais um público maior. Assim, foi fundado o Grêmio dos Estudos Espíritos, na Bahia, no dia 8 de março de 1869⁸⁰.

Entre 24 de agosto de 1871 e fins de 1872, os componentes do antigo Grupo Familiar do Espiritismo encaminharam o requerimento e o registro para a criação do Estatuto da Sociedade Espírita Brasileira, instituição espírita que foi a primeira tentativa de homogeneizar a doutrina espírita em solo brasileiro, procurando evitar interpretações heterodoxas. Em 1873, a Associação foi criada sob o nome de Associação Espírita Brasileira, na Bahia, funcionando pelo menos até o ano de 1874.

De acordo com Lúcia Loureiro, “(...) o Espiritismo não teve projeção como a Maçonaria e o Positivismo, correntes que tiveram penetração anterior às obras espíritas (...)”⁸¹. Loureiro chama a atenção, principalmente, para o papel da Maçonaria e do Positivismo, no que tange às suas implicações na política brasileira desde o século XVIII às primeiras décadas da República, em face da questão cronológica de cada uma, ainda que seja possível pensar na filiação entre espíritas e maçons, por exemplo.

A relação dos primeiros espíritas baianos e o Catolicismo, conforme Lúcia Loureiro, foram mais de apropriação do que de repulsa aos elementos do Catolicismo. Imagens

⁷⁹ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.197-198.

⁸⁰ LOUREIRO, Lúcia. **Memórias históricas do Espiritismo na Bahia**. Repercussão no Movimento espírita brasileiro. Salvador: s p c, p.81.

⁸¹ Idem, p.107.

católicas e velas eram utilizadas nas sessões espíritas, sendo que muitos centros espíritas se denominaram com nomes de santos ou figuras vinculadas ao Catolicismo, a exemplo de Santa Teresa de Jesus, São João Batista, dentre outros. Tal aspecto foi objeto de discussão dentro do movimento espírita, destacando-se, na década de 1940, Alfredo Miguel e Pedro Serra como dois representantes espíritas que procuravam depurar o Espiritismo brasileiro de elementos católicos⁸².

Fundado em 15 de agosto de 1897, o Centro Espírita Religião e Ciência é tido, por Lúcia Loureiro, como a primeira tentativa de unificação do movimento espírita baiano. A instituição procurava fazer com que os diversos grupos espíritas convergissem e se colocava como orientadora dos centros dispersos para organizar a difusão do Espiritismo⁸³. A autora também destacou a fundação da União Espírita Bahiana em 25 de dezembro de 1912, por José Florentino de Sena, o Petintiga, com o objetivo de unificar o movimento espírita na cidade de Salvador, que estava perdendo fôlego devido às divergências internas⁸⁴.

Conforme Célia Braga, outra instituição que dividiria as atenções dos espíritas baianos, no quesito de unificação do Espiritismo na Bahia, foi a Sociedade Espírita da Caridade (1922), que teve seu nome mudado para Instituto Espiritualista e, por fim, Instituto Kardecista da Bahia (1923)⁸⁵. Esta instituição, que funcionava no Centro Histórico da cidade de Salvador, destacou-se nos setores da filantropia, com a construção do Albergue Noturno (para abrigar moradores de rua) e na divulgação do Espiritismo em terras baianas. O Instituto Kardecista da Bahia acabaria fechando devido a divergências internas e à falta de renovação do quadro de dirigentes, fatos estes que denotam não somente as múltiplas abordagens da doutrina espírita, mas também o centralismo por parte de alguns dirigentes.

A década de 1920 foi marcada no movimento espírita baiano pelas polêmicas habituais com a Igreja Católica e aquelas que se referiam à adesão à obra do advogado francês Jean-Baptiste Roustaing no Espiritismo em geral. Contemporâneo a Kardec, Roustaing codificou as mensagens recebidas pela médium belga Émilie Collignon na obra *Os Quatro Evangelhos*, composto por quatro volumes, tornando-se o seu principal concorrente. No que tange às polêmicas internas, de um lado havia os kardecistas (que prezavam pelo propalado aspecto filosófico e científico da doutrina espírita), que se referiam aos *Quatro Evangelhos* pejorativamente como “mistificação da mistificação”; e os roustainguistas, por sua vez, que se

⁸² LOUREIRO, Lúcia. **Memórias históricas do Espiritismo na Bahia**. Repercussão no Movimento espírita brasileiro. Salvador: s p c, p.180.

⁸³ Idem, p.181-182.

⁸⁴ BRAGA, Célia M. Leal. **O Kardecismo em Salvador**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1975, p.53.

⁸⁵ Idem, p. p.220.

referiam à obra como “revelação da revelação”⁸⁶. A polêmica que cercou a obra de Roustaing diz respeito à negação de que Jesus Cristo encarnou em um corpo físico, uma vez que a matéria na ótica desse pensador espírita era tida como inferior e Cristo não poderia encarnar nela, pois era considerado um espírito evoluído – tal ideia causou inúmeras controvérsias e cisões no Espiritismo francês e no Espiritismo brasileiro.

Com objetivos federativos na Bahia, a União Social Espírita da Bahia nasceu a partir da contribuição da Caravana da Fraternidade e absorveu as seguintes entidades: Contraternização Espírita Bahiana (CEB), Instituto Kardecista da Bahia (IKB) e Sociedade de Difusão Cultural da Bahia (SDCEB)⁸⁷. A União Social Espírita da Bahia se destacou, sobretudo, pelos eventos que aglomeravam grande quantidade de espíritas e instituições que estavam submetidas à influência da Federação Espírita Brasileira. Dentre estes eventos, podem ser citados a II Concentração Espírita da Bahia, ocorrida entre os dias 30 de outubro e 2 de dezembro de 1952, e a I Concentração de Mocidades e Juventudes Espíritas da Bahia, realizada entre 4 e 7 de setembro de 1955, ambos em Salvador - BA – a segunda edição deste evento foi realizada de 2 a 5 de março de 1957, em Feira de Santana - BA⁸⁸.

Por meio de um acordo entre União Social Espírita da Bahia e União Espírita Bahiana, estas instituições se uniram e deram lugar à Federação Espírita do Estado da Bahia - FEEB, na década de 1970, que se dedicou a conseguir o maior número possível de adesões no Estado⁸⁹. Nesse período, o médium baiano Divaldo Franco, nascido em Feira de Santana - BA, despontava como uma liderança no movimento espírita baiano e brasileiro, com a produção mediúnica voltada para autoajuda, afirmando que sua mentora espiritual era Joanna de Ângelis.

1.4 Luís Olímpio Teles de Menezes: embates em prol do Espiritismo

Luís Olímpio Teles de Menezes (1825-1893) foi professor primário e de latim, publicou uma obra denominada *Ortoépia da Língua Portuguesa* e trabalhou também como bibliotecário na Biblioteca Pública da Bahia. No início de sua carreira de jornalista, Teles de Menezes escreveu no *Diário da Bahia* e no *Jornal da Bahia*, no ano de 1872, bem como na

⁸⁶ BRAGA, Célia M. Leal. **O Kardecismo em Salvador**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1975, p.224.

⁸⁷ Idem, p.244-254.

⁸⁸ LOUREIRO, Lúcia. **Memórias históricas do Espiritismo na Bahia**. Repercussão no Movimento espírita brasileiro. Salvador: s p c, p.246-247.

⁸⁹ Ibidem, p.250-252.

redação da revista *A Época Literária*, como principal redator⁹⁰. Sua projeção na Província da Bahia, e no Brasil, deu-se em face das polêmicas que suscitou por suas atividades na divulgação do Espiritismo com a fundação do primeiro grupo espírita brasileiro, o Grupo Familiar do Espiritismo, e o primeiro periódico espírita, *Eco d'Além-Túmulo* (1869)⁹¹.

Teles de Menezes se destacou no Espiritismo brasileiro por ter publicado, em língua portuguesa, a tradução de passagens de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, reunidas na obra intitulada *O Espiritismo – Introdução à Doutrina Espírita* (1866)⁹². Esta obra foi recebida de modo negativo pelo arcebispo metropolitano da Bahia e Primaz do Brasil, D. Romualdo Antônio Seixas⁹³, um dos primeiros bispos católicos ultramontanos que defenderam a liderança de Roma no Catolicismo e a necessidade de uma boa formação dos sacerdotes devido às dificuldades políticas enfrentadas pela Igreja Católica no século XIX⁹⁴.

Em 17 de setembro de 1865, Teles de Menezes fundou o Grupo Familiar do Espiritismo, primeiro grupo espírita brasileiro, com o intuito de propagar a doutrina espírita e estimular a organização e fundação de instituições semelhantes no país para além dos grupos que se reuniam em torno de núcleos familiares, sendo constituído por jornalistas, médicos, professores e advogados de projeção na Bahia, como Alexandre de Melo Moraes, Sílio Bocaneira, Júlio Cesar Lea, Aristides Cesar Spínola Zama, dentre outros⁹⁵.

A receptividade da fundação dessa instituição espírita, no entanto, não foi bem vista por setores médicos, uma vez que, por meio de artigos publicados no *Diário da Bahia*, o Espiritismo foi depreciado publicamente – no mesmo mês em que foi instituído o Grupo Familiar do Espiritismo. Coube a Teles de Menezes, José Álvares do Amaral e Joaquim Carneiro de Campos rebaterem publicamente as críticas do médico Amédée Déchambre, utilizando as mesmas páginas do *Diário da Bahia* – periódico no qual a presença de comunicações de espíritas e sobre a doutrina espírita foram marcantes⁹⁶.

⁹⁰ LOUREIRO, Lúcia. **Memórias históricas do Espiritismo na Bahia**. Repercussão no Movimento espírita brasileiro. Salvador: s p c, p.37-38.

⁹¹ Idem, p.89.

⁹² DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.102. LOUREIRO, Lúcia. Op. Cit., p.60. MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o Espiritismo**: de Castro Alves a Machado de Assis. Niterói: Publicações Lachântre, 1996, p.87.

⁹³ LOUREIRO, Lúcia. Op. Cit., p. 43.

⁹⁴ JESUS, Leonardo Ferreira de. **“Ventos venenosos”**: o Catolicismo diante da inserção do Protestantismo e do Espiritismo na Bahia durante o arcebispado de Dom Manoel Joaquim da Silveira (1862-1874). Texto de Exame de Qualificação. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia 2014, p.14.

⁹⁵ BRAGA, Célia M. Leal. **O Kardecismo em Salvador**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1975, p.39. LOUREIRO, Lúcia. **Memórias históricas do Espiritismo na Bahia**. Repercussão no Movimento espírita brasileiro. Salvador: s p c, p.57-58.

⁹⁶ LOUREIRO, Lúcia. **Memórias históricas do Espiritismo na Bahia**. Repercussão no Movimento espírita brasileiro. Salvador: s p c , p.59-60.

Teles de Menezes também se envolveu em uma polêmica com o bispo do Maranhão, Dom Manoel Joaquim da Silveira, sucessor de D. Romualdo Seixas, quando foi lançado o jornal espírita *Echo d'Além-Túmulo* em 8 de março de 1869. Como ocorreu com a fundação do Grupo Familiar do Espiritismo, a publicação da obra de Teles de Menezes não foi bem recebida pelo clero católico baiano. O então Arcebispo da Bahia, Metropolitano e Primaz do Brasil, D. Manuel Joaquim da Silveira, redigiu uma Pastoral, datada de 16 de junho (divulgada em 25 de julho de 1867, no *Diário da Bahia*), condenando os “erros perniciosos do Espiritismo”⁹⁷ – nome que dava título à carta pastoral. Cabe ressaltar ainda que Dom Manoel da Silveira se destacou também pela condenação das chamadas “Bíblías falsas”, ou seja, as Bíblías utilizadas pelos protestantes⁹⁸.

A polêmica entre Teles de Menezes e D. Manuel Silveira repercutiu na imprensa baiana, com destaque ao jornal *Bahia Ilustrada* – jornal que circulou de 20 de janeiro de 1867 a maio de 1890, em Salvador - BA. O jornal fundado pelos irmãos sergipanos Brício e Severino Cardoso era bem relacionado com o clero baiano e demonstraram seu apoio a D. Manuel Silveira ao retratar Teles de Menezes, numa charge, com asas de morcegos em suas páginas, bem como publicando artigos em que desqualificava a doutrina espírita⁹⁹. Esta representação diz respeito ao imaginário social da época que associava o morcego às trevas e ao diabo, representações estas que recaiam sobre Teles de Menezes e o próprio Espiritismo.

Em resposta ao líder católico, Teles de Menezes publicou uma carta aberta intitulada *O Espiritismo – Carta ao Exmo. e Revmo. Senhor Arcebispo da Bahia, D. Manuel Joaquim da Silveira, Metropolitano e Primaz do Brasil*, um mês depois da publicação da Pastoral¹⁰⁰. Nessa carta aberta, Teles de Menezes argumentava que o Espiritismo e o Catolicismo, longe de serem doutrinas religiosas divergentes, completavam-se, utilizando o texto bíblico e a opinião de padres e teólogos católicos, “(...) citando o artigo publicado no jornal jesuítico – ‘La civiltá catolica’, em 1857, que procurava justificar as posições espíritas”¹⁰¹. De acordo com o historiador Leonardo Ferreira de Jesus, “(...) enquanto grupos protestantes enfatizavam suas diferenças em relação ao Catolicismo, o Espiritismo se apresentou em tom conciliador

⁹⁷ LOUREIRO, Lúcia. **Memórias históricas do Espiritismo na Bahia**. Repercussão no Movimento espírita brasileiro. Salvador: s p c, p.61. MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o Espiritismo**: de Castro Alves a Machado de Assis. Niterói: Publicações Lachântre, 1996, p.90.

⁹⁸ JESUS, Leonardo Ferreira de. **“Ventos venenosos”**: o Catolicismo diante da inserção do Protestantismo e do Espiritismo na Bahia durante o arcebispado de Dom Manoel Joaquim da Silveira (1862-1874). Texto de Exame de Qualificação. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia 2014.

⁹⁹ LOUREIRO, Lúcia. Op. Cit., p.64.

¹⁰⁰ LOUREIRO, Lúcia. Op. Cit., p. 63.

¹⁰¹ BRAGA, Célia M. Leal. **O Kardecismo em Salvador**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1975, p.40.

(...)”¹⁰² – tática esta que não evitou perseguições à doutrina espírita por parte de segmentos da Igreja Católica.

De acordo com Lúcia Loureiro, “(...) Teles de Menezes procurou, de todas as maneiras, defender o Espiritismo, sem se indispor com o clero (...)”¹⁰³. A autora afirma que isso se deu em face da “(...) influência do ambiente, a transição religiosa e as dúvidas muito naturais de neófitos”¹⁰⁴. A doutrina espírita, segundo Loureiro, difundiu-se no Brasil privilegiando a dimensão religiosa e imiscuída com crenças do Catolicismo e do Candomblé.

Em resposta à carta aberta publicada por Teles de Menezes surgiram dois textos em apoio a D. Manuel da Silveira: o do major do Corpo de Bombeiros, Manuel da Silva Pereira, e o do jovem sacerdote católico, padre Juliano José de Miranda. O major intitulou seu opúsculo de *O Espiritismo: carta dirigida ao Dr. Luís Olímpio Teles de Menezes, em resposta à que o dito senhor dirigiu ao Exmo. Revm. Arcebispo da Bahia, Manuel Joaquim da Silveira (Bahia, 1867)*. Neste impresso, o autor ridicularizava a doutrina espírita e Teles de Menezes, conclamando as penas do inferno contra este¹⁰⁵. Já o padre Juliano José de Miranda (1842-1890) denominou seu escrito de *Breve Apreciação da Carta do Sr. Luís Olímpio Teles de Menezes sobre o Espiritismo ao Exmo. Rev. Arcebispo*, na qual rotulava o Espiritismo de uma “doutrina enganadora”¹⁰⁶.

A polêmica desencadeada tanto pela fundação da primeira instituição espírita no Brasil quanto da publicação de trechos traduzidos para a língua portuguesa, ambos, por iniciativa de Teles de Menezes, evidenciam a curiosidade em torno do Espiritismo, bem como as disputas existentes no campo religioso brasileiro entre católicos e espíritas. Como assinalou Lúcia Loureiro, “o movimento espírita na Bahia, em seus primórdios (...) chamou a atenção do restante do país e concorreu para propagar o Espiritismo, especialmente na Corte (...). Por essa época, a doutrina já era do conhecimento da intelectualidade brasileira e já havia conquistado admiradores e praticantes (...)”¹⁰⁷. A curiosidade sobre os fenômenos espíritas, pela filosofia espírita, e o desenvolvimento de atividades filantrópicas foram fatores que

¹⁰² JESUS, Leonardo Ferreira de. **Écho d’Além-Túmulo: imprensa e difusão do Espiritismo no Brasil (1869-1870)**. Anais do XIII Simpósio da ABHR, São Luís (MA), 29/05 – 01/06 de 2011, p.4.

¹⁰³ BRAGA, Célia M. Leal. **O Kardecismo em Salvador**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1975, p.63.

¹⁰⁴ Idem, p.64.

¹⁰⁵ BRAGA, Clélia M. Leal. Op. Cit., p.64-65. MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o Espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis**. Niterói: Publicações Lachântre, 1996, p.92

¹⁰⁶ LOUREIRO, Lúcia. Op. Cit., p.65-66.

¹⁰⁷ DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.67.

podem ser elencados como motores da divulgação do Espiritismo em solo brasileiro, sobretudo pelas polêmicas que suscitou.

Apesar da militância espírita e dos embates que travou no campo religioso brasileiro, Teles de Menezes acabaria mudando-se para o Rio de Janeiro em 1878, mantendo uma discreta atuação no movimento espírita, principalmente por divergências internas, sendo lembrado como um dos pioneiros do Espiritismo no Brasil e pela divulgação da doutrina em língua portuguesa.

1.5 Bezerra de Menezes: Kardec brasileiro e “médico dos pobres”

Natural da cidade de Riacho de Sangue, no Ceará, Adolfo Bezerra de Menezes (1831 - 1900) era filho de um militar e foi criado num ambiente familiar católico. Em face do envolvimento de sua família com a política, foi forçado, no ano de 1842, a se exilar com seus familiares no Rio Grande do Norte, retornando ao Ceará somente quinze anos depois. No ano de 1851, Bezerra de Menezes foi para o Rio de Janeiro, com a finalidade de estudar Medicina, tendo obtido o diploma em 1856, tornando-se, posteriormente, membro da Academia Imperial de Medicina. No ano de 1858, foi nomeado tenente-cirurgião do Exército, tendo se casado nesse mesmo ano¹⁰⁸.

Na passagem pelo Rio de Janeiro, Bezerra de Menezes realizou atendimento gratuito a pessoas carentes nos bairros pobres da cidade. No ano de 1860, foi eleito para o Conselho Municipal do Rio de Janeiro, pelo Partido Liberal; entretanto, seu mandato foi cassado em face de ser médico-militar. Nesse período, os militares não tinham direito a voto e, conseqüentemente, não poderiam ser eleitos. Bezerra de Menezes optou pela carreira política, devido a então instabilidade de sua atividade na carreira militar. No ano de 1867, tornou-se deputado pelo Rio de Janeiro¹⁰⁹.

De acordo com os antropólogos franceses Marion Aubrée e François Laplantine, um dos acontecimentos que marcaram a biografia de Bezerra de Menezes foi a morte de sua primeira esposa, Maria Cândida de Lacerda, fato este que acentua o seu afastamento institucional do Catolicismo. Através do seu colega Joaquim Carlos Travassos, também um médico, Bezerra de Menezes conheceu *O Livro dos Espíritos* – traduzido pelo próprio Travassos e publicado pela Livraria Garnier do Rio de Janeiro.

¹⁰⁸ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.149-150.

¹⁰⁹ Idem, p.150.

Bezerra de Menezes começou a frequentar as sessões espíritas em decorrência do agravamento de um problema de saúde. Durante as sessões, foi submetido ao tratamento com o médium curador João Gonçalves do Nascimento. Além dos passes, incluiu tratamento com remédios homeopáticos. Esse mesmo médium iria tratar e curar a segunda esposa de Bezerra de Menezes, Cândida Augusta de Lacerda Machado, que sofria de tuberculose¹¹⁰. Para Célia Arribas, “(...) o próprio descontentamento com a medicina alopata (...) [fez] com que Bezerra voltasse os olhos ao Espiritismo e à medicina homeopata (...)”¹¹¹. Observando a trajetória de Bezerra de Menezes, pode-se perceber como a dimensão terapêutica da doutrina espírita atraiu pessoas não somente pertencentes às camadas pobres da população brasileira.

Convertido ao Espiritismo, o médico, político e abolicionista cearense proclamaria de forma pública a adesão a essa religião numa conferência, fato este que causou escândalo na época¹¹². De acordo com Marion Aubrée e François Laplantine, para Bezerra de Menezes, assim como foi para Teles de Menezes, havia continuidade entre o Catolicismo e o Espiritismo, uma vez que a doutrina espírita se coloca em uma linguagem mais objetiva e, supostamente, científica, do que o Cristianismo, permeado de linguagem alegórica¹¹³. Tanto a postura do espírita baiano quanto a do cearense resultaram embates com o clero católico dos quais procuravam se desvencilhar. No tocante à trajetória de Osvaldo Requião, também poderá ser discutido o conflito em face da defesa do caráter cristão do Espiritismo.

Foi a partir dos anos de 1880, que o Espiritismo brasileiro ressaltou seus matizes religiosos, tendo a liderança de Bezerra de Menezes. O espírita cearense foi presidente da FEB no ano de 1889, quando implementou o estudo da doutrina espírita tendo como base *O Livro dos Espíritos*. Retornou à presidência no ano de 1895. Entre as duas presidências da FEB, Bezerra de Menezes passou a manter suas atividades no *Grupo Ismael*, onde, além de se dedicar aos estudos das obras de Allan Kardec, aprofundou seus estudos na obra *Os Quatro Evangelhos* (1866), de Jean Baptiste Roustaing.

A obra de Roustaing teria Bezerra de Menezes como um de seus divulgadores, o qual a teve como sua fonte de pensamento, principalmente durante a sua segunda presidência na FEB. De acordo com Célia Arribas, Bezerra de Menezes destacava não somente os aspectos

¹¹⁰ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.151.

¹¹¹ ARRIBAS, Célia das Graças. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, p.102

¹¹² MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o Espiritismo:** de Castro Alves a Machado de Assis. Niterói: Publicações Lachântre, 1996, p. 175-176.

¹¹³ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. Op. Cit., p.152-153.

religiosos do Espiritismo, sem perder de vista os demais aspectos das obras de Kardec, mas adicionava componentes de influência roustainguista¹¹⁴.

Em meio às fortes divergências entre os grupos espíritas ditos científicos e místicos, o médico cearense ocupou a vice-presidência entre 1890 a 1891, tendo traduzido o livro *Obras Póstumas*, de Allan Kardec, nesse período. Cabe ressaltar que os embates no meio espírita não se davam entre os dois grupos assinalados, mas também entre os próprios grupos que foram denominados como místicos, uma vez que “(...) havia os *kardecistas* (que davam proeminência ao *O Evangelho segundo o Espiritismo*) e os *roustainguistas* (que adotavam as teses de Roustaing) (...)”¹¹⁵.

Por fim, Bezerra de Menezes foi eleito novamente como presidente da FEB em 1895 e permaneceu no cargo até o seu falecimento, em 1900. De acordo com Sylvia Damazio, a escolha de Bezerra de Menezes para a presidência da instituição se deu em razão das perseguições sofridas pelos espíritas a partir do Código Penal de 1890. A eleição do espírita cearense se deu pelo fato de ele ser um médico formado numa faculdade de renome no país, além de político de destaque – papéis sociais que lhe davam um respaldo dentro e fora do movimento espírita para fazer frente aos ataques sofridos pelos setores médicos, jurídicos e católicos brasileiros¹¹⁶.

A presença de Bezerra de Menezes na FEB foi marcada por sua produção intelectual e liderança no movimento espírita brasileiro, sendo denominado posteriormente, como “Kardec brasileiro” e também de “médico dos pobres” – devido às suas atividades como médium receitista, tendo também publicado em *O Reformador*, sob o pseudônimo de Max¹¹⁷. Dentre as obras de Bezerra de Menezes, cabe destacar *A escravidão no Brasil e as medidas a que convém tomar para extingui-la sem dano para a Nação* (1869); *A Loucura sob Novo Prisma* (1920), livro editado postumamente; além de romances de cunho doutrinal como *Pérola negra* ou *Lázaro, o leproso*¹¹⁸. Em tais obras, defendia a abolição gradual da escravidão, tecia novas concepções sobre as causas da loucura, sob a ótica da doutrina espírita.

De acordo com Marion Aubrée e François Laplantine, a principal contribuição de Bezerra de Menezes para o Espiritismo brasileiro foi “(...) seu caráter de ‘religião das classes médias’, distinguindo-o do ‘baixo espiritismo’ que florescia, então, em todos os bairros do

¹¹⁴ ARRIBAS, Célia das Graças. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, p.152.

¹¹⁵ Idem, p.130.

¹¹⁶ DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.95.

¹¹⁷ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.154.

¹¹⁸ Idem, p.152-154.

Rio (...)”¹¹⁹. Nos últimos anos do século XIX, o Espiritismo se apresentava como uma religião que se relacionava intimamente com a cultura letrada, algo que lhe conferia uma identidade em relação a outras religiões mediúnicas, bem como de respeitabilidade social em determinados contextos.

A expressão “baixo espiritismo” foi um termo polissêmico que foi utilizado para desqualificar diferentes tipos de manifestações religiosas, que abrangiam Umbanda, Candomblé e Espiritismo, sendo também utilizada pelo último grupo para se referir aos dois primeiros. Cabe chamar a atenção para o fato de que a designação “baixo espiritismo” serviu de base para perseguição dos grupos espíritas a partir da construção dos discursos da imprensa, da medicina, do Direito e dos cientistas sociais, principalmente durante a década de 1920¹²⁰.

1. 6 Francisco Cândido Xavier, o médium do Brasil

Na virada do século XIX para o XX, o movimento espírita na Bahia e no Nordeste do Brasil começou a arrefecer. Outros estados, por sua vez, começaram a despontar como polos de organização do Espiritismo no País, a exemplo de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul¹²¹. Na primeira metade do século XX, a região de Minas Gerais se tornou conhecida como a região que chamava as atenções no que tange ao Espiritismo brasileiro, uma vez que era o Estado de origem de médiuns nacional e internacionalmente conhecidos: Eurípedes Barsanulfo, Chico Xavier e José Pedro de Freitas (Zé Arigó)¹²².

Francisco Cândido Chico Xavier (1910-2002) se tornaria, da década de 1930 em diante, o médium mais conhecido e citado no Brasil. Nascido em Pedro Leopoldo - MG, Chico Xavier ficou conhecido por sua biografia envolta em agruras, como a morte de sua mãe, Maria João de Deus, quando ele ainda tinha 5 anos de idade, a dispersão dos irmãos em face da situação de pobreza em que a família vivia e as constantes surras e jejuns forçados aplicados por sua madrinha, Rita de Cássia – que ficou encarregada de criá-lo. Nesse período da vida de Chico Xavier, afirma-se que se deram as primeiras manifestações mediúnicas com o aparecimento do espírito de sua mãe para ele.

¹¹⁹ Ibidem, p.156.

¹²⁰ GIUMBELLI, Emerson. *O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos*. **Horizontes antropológicos**. Vol.9 n°.19 Porto Alegre, julho 2003.

¹²¹ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.157-158.

¹²² Idem, p.181.

O médium mineiro teria a família reunida quando o pai, João Cândido Xavier, casou-se pela segunda vez. Começou a frequentar a escola com 9 anos de idade, uma vez que a família era pobre e teve de trabalhar durante de um ano vendendo frutas da horta cultivadas por sua madrasta, Cidália, para comprar material e uniforme escolar.

Sua mediunidade ainda continuava a manifestar-se durante essa fase de sua vida. No entanto, vivendo em um meio rigorosamente católico, essas manifestações eram tidas como algo demoníaco pelo padre Sebastião Scardell, que recomendou que o rezasse, afastasse-o de leituras que supostamente exerceriam má influência e, para ocupar o tempo, que trabalhasse. Nesse período, começou a trabalhar em uma fábrica de tecidos.

Afirma-se que os contatos com os espíritos persistiram durante o período que frequentou a escola. Na ocasião em que se comemorava o primeiro centenário da Independência foi promovido um concurso de redação pelo governo de Minas Gerais, no qual Chico Xavier ganhou o prêmio de menção honrosa. Entretanto, no ano de 1922 deixaria de frequentar a escola.

Em decorrência dos problemas de saúde, Chico Xavier passou a trabalhar em um bar no ano de 1925 e passou a ter uma participação regular na vida religiosa católica. Ao ter contato com o Espiritismo, aos 17 anos, e ter uma irmã curada através do casal José Hermínio Perácio e Carmem, sua família se converteu à doutrina espírita. Durante as sessões mediúnicas do Centro Espírita Luiz Gonzaga, em 1931, afirma-se que lhe foi revelada sua missão por seu mentor espiritual, Emmanuel¹²³.

De acordo coma antropóloga Sandra Jacqueline Stoll, Chico Xavier, por meio da égide do martírio e da ideia de sofrimento em sua biografia, bem como tendo sua vida associada ao ideário de renúncia e missão, auxiliou a integração de sua figura para além das fronteiras do movimento espírita brasileiro. O ideário criado em torno de Chico Xavier possibilitou a sua inserção no imaginário católico e em setores leigos da sociedade brasileira, tais fatos se devem devido à sua história de vida e à prática de atividades filantrópicas que desenvolveu¹²⁴.

Do ponto de vista do movimento espírita, a presença de Chico Xavier possibilitou a elaboração de uma literatura mediúnica com matizes brasileiros, ou seja, se Teles de Menezes e Bezerra de Menezes representaram a divulgação da doutrina espírita no Brasil, a partir de Chico Xavier teve-se a apropriação do Espiritismo ao contexto nacional e desenvolvimento de ideias pouco contempladas nas obras de Allan Kardec.

¹²³ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.140-188.

¹²⁴ STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora Orion, p.194.

1.6.1 Entre páginas e mais páginas de psicografias

Tendo em vista a produção literária mediúnica conduzida por Chico Xavier, o livro de poemas *Parnaso de Além-Túmulo* (1932) foi a primeira obra do médium e que causou polêmica nos meios literários e intelectuais brasileiros, por conter autores brasileiros e portugueses de renome já falecidos no período, como Augusto dos Anjos, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Antero de Quental, Júlio Dinis e Olavo Bilac. Este fato acabou por conjecturar a hipótese de fraude ou imitação do estilo dos diversos autores presentes na obra do médium mineiro na imprensa brasileira.

As atenções de jornais, como *O Globo*, do Rio de Janeiro, voltaram-se para o Centro Espírita Luiz Gonzaga e as atividades mediúnicas de Chico Xavier, com uma série de reportagens que deram visibilidade tanto ao médium quanto ao Espiritismo¹²⁵. Desse modo, a biografia de Chico Xavier, sua produção literária mediúnica, a dinâmica das sessões em que o médium psicografa seus livros ou mensagens de ordem pessoal para pessoas presentes no centro espírito tornaram-se um fato jornalístico no período.

Outro marco na bibliografia mediúnica de Chico Xavier foi o livro *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho* (1938), atribuído ao espírito do jornalista e escritor maranhense Humberto de Campos. O livro se propõe a uma interpretação espírita da História do Brasil e o seu destino de ser o herdeiro da tarefa de difundir o Espiritismo para o mundo. Essa e outras obras atribuídas à autoria espiritual de Humberto de Campos acabariam por render um processo por direitos autorais, em 1944, contra Chico Xavier e a FEB, movido pela família do maranhense¹²⁶.

Segundo Sandra Jacqueline Stoll, o ineditismo do caso se deu porque “[...] o Poder Judiciário (...) [foi] interpelado para que se pronuncie quanto à autenticidade de uma prática ritual – a psicografia [...]”¹²⁷, bem como por não envolver denúncia pautada nos artigos 156 a 158 do Código Penal, que dizia respeito ao exercício ilegal da medicina - acusação que recaía, principalmente, sobre os médiuns receiptistas¹²⁸.

¹²⁵ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.188-189.

¹²⁶ Idem, p.190.

¹²⁷ STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora Orion, 2003, p.65.

¹²⁸ GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: uma história de condenação e legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p.80-81.

A imprensa brasileira pautou o médium mineiro e a obra atribuída ao espírito de Humberto de Campos, uma vez que o processo movido pela família deste deu a Chico Xavier um espaço social que poucos líderes espíritas possuíam na época. Ao final do processo, Chico Xavier era uma figura conhecida para além das fronteiras do movimento espírita mineiro e possuía uma carreira de médium consolidada como sujeito representativo no movimento espírita brasileiro por sua trajetória biográfica e religiosa de meados dos anos 30 aos anos 40¹²⁹.

A prática da psicografia não constituía uma novidade, uma vez que as próprias obras de Allan Kardec eram pautadas nelas e era uma prática já disseminada no Brasil. No período da codificação, as mensagens eram atribuídas a espíritos de escritores falecidos, em sua maioria, há muito tempo e nem todas as mensagens possuíam a indicação do médium que a recebeu. No caso de Humberto de Campos, a família ainda estava viva e ciente dos textos atribuídos ao espírito do autor maranhense e da vendagem desses textos.

No bojo desses acontecimentos, o fato que se destacou foi a utilização da psicografia como instrumento de produção literária, principalmente a produção de romances espíritas. A produção psicográfica voltada para a literatura mediúnica não era uma prática nova no Espiritismo brasileiro. Na própria região de Minas Gerais, a médium Zilda Gama, em 1917, já publicara um romance mediúnico ainda que sem a mesma repercussão do médium mineiro¹³⁰. A principal contribuição de Chico Xavier para o Espiritismo brasileiro se deve à expansão de romances mediúnicos e produção poética a partir da década de 1950. Esse tipo de produção literária teria ainda como escritoras prolíferas, posteriormente, Ivone Pereira, Zíbia Gasparetto e Marilusa Vasconcellos¹³¹.

Na obra de Chico Xavier, a experiência de vida pós-morte foi uma temática que permeou toda a sua obra. O diferencial trazido pela doutrina espírita foi o fato de que se acredita na comunicação entre mortos e vivos, ou melhor, desencarnados e encarnados, através de sons, ruídos, deslocamento de objetos, manifestação oral, manifestações escritas e artísticas. Nas obras do médium mineiro, é possível perceber que a experiência e o significado da morte são apresentados, aparentemente, na perspectiva do autor desencarnado¹³².

¹²⁹ STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora Orion, p.65-69.

¹³⁰ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.188.

¹³¹ Idem, p.191.

¹³² STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora Orion, p.80-83.

Além de Humberto de Campos, cabe destacar como os autores espirituais mais prolíficos na produção bibliográfica mediúnica de Chico Xavier: Emmanuel, mentor do médium, e o espírito do médico André Luiz. Ao apresentarem relatos biográficos de seus autores espirituais, os livros não perderam de vista a perspectiva doutrinária – expediente já conhecido na literatura religiosa católica. Pode-se observar mais explicitamente a intenção de narrativa exemplar nos romances históricos espíritas, que, apesar se assemelhar a narrativas hagiográficas católicas, do ponto de vista da produção apresentam diferenças: as narrativas espíritas se referem a um escrito supostamente originário do mundo espiritual; as narrativas católicas, a exemplo da *Legenda Áurea*, escrito por Jacopo de Varazze, são produções de intelectuais da Igreja Católica.

Afirma-se que a série de livros atribuídos a Emmanuel, psicografados por Chico Xavier, foi a seguinte: *Há 2000 anos* (1939), *50 anos depois* (1940), *Paulo e Estevão* (1942), *Renúncia* (1943) e *Ave Cristo* (1953) – romances históricos cuja narrativa conta sua encarnação durante a época do Império Romano e início da difusão do Cristianismo. De acordo com Sandra Jacqueline Stoll, “(...) nos romances atribuídos a ‘Emmanuel’ (...) os temas doutrinários básicos do Espiritismo por meio de novos recursos literários (...) sugerem ao leitor modelos de conduta exemplar, tema pouco desenvolvido nas obras de Kardec (...)”¹³³.

A série de livros *Nosso Lar*, imputada ao espírito André Luiz, foi formada por nove livros publicados entre as décadas de 1940 e 1960, cujo objetivo foi descrever a vida no chamado “plano espiritual” – tema inovador no período, cuja abordagem nas obras de Allan Kardec foi pequena. A série de livros *Nosso Lar* foi composta pelas seguintes obras: *Nosso Lar* (1943), *Os mensageiros* (1944), *Missionários da luz* (1945), *Obreiros da vida eterna* (1946), *Libertação* (1949), *Entre a terra e o céu* (1954), *Nos domínios da mediunidade* (1955), *Ação e reação* (1957) e, por fim, *E a vida continua* (1968).

A série de livros atribuída ao espírito André Luiz se contrapôs aos atribuídos a Emmanuel, uma vez que, enquanto um autor se dedica a fazer um relato autobiográfico sobre sua vida na colônia *Nosso Lar*, o outro procura discutir suas encarnações na Terra. Um dos pontos que diferencia as obras dos dois autores diz respeito à presença da História do Brasil em *Nosso Lar* – “antiga fundação de portugueses (...) desencarnados no Brasil, no século XVI”¹³⁴, enquanto o relato de Emmanuel se passava na Europa. Ainda que a presença de

¹³³ STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora Orion, p.104.

¹³⁴ Idem, p.106-110.

européus seja um aspecto ressaltado nos dois autores, nota-se a tentativa de aproximação da literatura mediúnica de Chico Xavier do nacionalismo da década de 1940 – aproximação que pode ser compreendida com estratégia para se legitimar a doutrina espírita no Brasil.

A partir do final da década de 1950, uma abordagem pretensamente científica começa a se apresentar nos textos psicografados por Chico Xavier, que, nesse período, já era uma figura com projeção nacional. Esse momento foi marcado pela parceria do médium com Waldo Vieira, que o convidou para residir na cidade de Uberaba - MG. Engajado no movimento espírita uberabense, Waldo Vieira era espírita desde criança e veio a ser tornar presidente da União de Mocidade Espírita Uberabense - UMEU, departamento do Centro Espírita Uberabense - CEU¹³⁵.

A parceria entre os dois médiuns procurou legitimar o pretense componente científico da doutrina espírita através da produção de livros mediúnicos que se distanciavam cada vez mais do tom confessional presente nas obras psicografadas por Chico Xavier. Os textos se aproximariam do formato de textos convencionais espíritas, com a presença de perguntas e respostas, além de citações bíblicas, como os catecismos cristãos. Dentre os livros dessa produção conjunta dos médiuns, cabe destacar os livros *Evolução da mediunidade* (1959) e *Mecanismos da mediunidade* (1960). Esta produção sofreu muitas críticas no meio espírita brasileiro, como o fato de que tais obras não apresentam novidades em relação aos escritos de Allan Kardec, apesar da linguagem rebuscada e pretensamente científica utilizada pelos médiuns mineiros – possivelmente em decorrência dessas observações, a produção das obras, nessa fase, não alcançou o mesmo sucesso editorial que as anteriores.

O retorno à chamada “literatura espírita de consolação” despontou diante da pouca popularidade das obras de Chico Xavier e Waldo Vieira que tentaram dar vazão ao aparente cientificismo do Espiritismo. Nessa fase, foi predominante textos pedagógicos, de leitura leve (estilo e linguagem) utilizados principalmente para a prática de leitura coletiva no ambiente doméstico, denominada “evangelho no lar” – que ocorre também no Protestantismo por meio do estudo bíblico em residências. Dentre as obras que marcaram essa fase da produção em conjunto dos médiuns, cabe destacar: *O consolador* (1941); *Caminho, verdade e vida* (1949); *Pão nosso* (1950); *Vinha de luz* (1952); *Roteiro* (1952); e *Palavras da vida eterna* (1964)¹³⁶.

¹³⁵ SILVA, Raquel Marta da. **Chico Xavier**: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais - Uberaba, 1959/2001. Dissertação (Mestrando em História). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2002, p.114-120.

¹³⁶ STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora Orion, p.119-120.

Além dos livros já citados, também fez parte da parceria dos dois médiuns mineiros as viagens para o exterior com o objetivo de intercâmbio de conhecimento sobre a doutrina espírita em países estrangeiros. A primeira ocorreu no ano de 1965, quando os dois médiuns visitaram os Estados Unidos, a França, a Inglaterra, a Itália, Portugal e Espanha; a outra ocorreu em 1966, quando tornaram a visitar os Estados Unidos – viagens que marcam o proselitismo espírita brasileiro utilizando a projeção alcançada por Chico Xavier no Espiritismo¹³⁷.

No entanto, na segunda viagem, Chico Xavier voltaria ao Brasil sem a companhia de Waldo Vieira, pois este seguiu para o Japão, onde faria estágio como médico. Esse momento foi tido por alguns espíritas como o momento em que Waldo Vieira abandonou Chico Xavier em um país estrangeiro. Posteriormente, haveria um duplo rompimento da parceria entre ambos: nas atividades espíritas e nas relações de amizade. Waldo Vieira deixou o estado de Minas Gerais e passou a residir no Rio de Janeiro e se desligou do Espiritismo – esses acontecimentos são mencionados aqui de modo breve, mas futuramente podem ser abordados com mais detalhes; porém, pode-se afirmar que tais discordâncias dizem respeito ao confronto de visões de mundo e concepções do trabalho espírita empreendidos no movimento espírita brasileiro¹³⁸.

A produção mediúnica de Chico Xavier, a partir dos anos de 1970, sofreu alteração na forma novamente, quando foram publicadas coletâneas de mensagens em linguagem coloquial atribuídas ao espírito de pessoas comuns que desejavam consolar os seus familiares. Eram as chamadas “notícias do além”. Essa inovação na literatura mediúnica de Chico Xavier quanto à forma, possibilitou a divulgação da doutrina espírita, principalmente para aqueles que não eram adeptos do Espiritismo¹³⁹.

A presença de uma profusão de livros espíritas em um país de maioria analfabeta possivelmente foi um dos obstáculos enfrentados pelo Espiritismo para se difundir entre as camadas populares – setor da sociedade brasileira, muitas vezes, excluído do processo de instrução escolar. No entanto, tal fato não significa essas barreiras não foram vencidas pelos sujeitos, afinal, como ressalta o historiador francês Roger Chartier, há um degradê de apropriação da leitura e da escrita por parte dos indivíduos, cujos extremos são a alfabetização plena e o analfabetismo. Experiências como participar de grupos de estudos, por meio da

¹³⁷ SILVA, Raquel Marta da. **Chico Xavier**: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais - Uberaba, 1959/2001. Dissertação (Mestrando em História). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2002, p.150.

¹³⁸ SILVA, Raquel Marta da. Op. Cit., p.149-151.

¹³⁹ STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora Orion, p.121-123.

leitura em voz alta realizada pelo dirigente do grupo ou membro, possibilitou a apropriação da doutrina espírita, bem como ao ouvir comentários sobre os livros.

Outro fator que se deve levar em conta é a multiplicidade de texto espíritas, do mais simples, como os livros de mensagens, até os mais complexos, como aqueles pretensamente científicos, que possibilitou uma segmentação do público interessado na literatura espírita e mediúnica, mesmo entre aqueles que não são adeptos do Espiritismo e não possuem uma alfabetização plena.

1.7 Espiritismo, arte e autoajuda: a atuação de Luiz Antonio Gasparetto

A família Gasparetto se tornaria proeminente no movimento espírita brasileiro devido à sua produção literária mediúnica, palestras, cursos e workshops voltados a temas do esoterismo e da autoajuda. Essas atividades teriam como local privilegiado a instituição espírita com fins lucrativos Espaço Vida e Consciência, fundado na década de 1980¹⁴⁰. Dentre os membros da família que se destacaram inicialmente cabe citar Luiz Antonio Gasparetto.

Filho do casal Zibia e Aldo Gasparetto, descendente de imigrantes italianos que residiram no estado de São Paulo nos anos de 1950, Luiz Gasparetto nasceu em um lar de classe média e de origem católica. A conversão da família ao Espiritismo ocorreu na ocasião na qual se afirmou que Zibia Gasparetto apresentou o fenômeno de falar uma língua estrangeira que não tinham conhecimento, a glossolalia. Nessa ocasião, a família foi aconselhada por uma vizinha a procurar ajuda de um centro espírita. A partir do auxílio da instituição e do progressivo estudo de obras espíritas, os Gasparetto iniciariam sua trajetória dentro no Espiritismo¹⁴¹.

As primeiras manifestações da mediunidade de Luiz Gasparetto ocorreram quando ele tinha 13 anos de idade, demonstrando diversos tipos de aparente mediunidade, como a habilidade de pintar quadros no estilo de artistas plásticos já falecidos, como Toulouse-Lautrec, Picasso, Leonardo da Vinci, Renoir, Manet, Goya, Van Gogh, Di Cavalcanti, Lasar Segall, Portinari, Tarsila do Amaral, Matisse, dentre outros¹⁴². Dedicando-se à chamada *pintura mediúnica*, Luiz Gasparetto passou pela chamada fase de adaptação dessa prática espírita. Essa fase se encerrou quando, aos 18 anos de idade, o médium Chico Xavier atribuiu a autoria de um de seus quadros ao pintor holandês Rembrandt.

¹⁴⁰ STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora Orion, p.221-222.

¹⁴¹ Idem, p.217-218.

¹⁴² Ibidem p.276-281.

Apesar da legitimação de Luiz Antônio Gasparetto dada por Chico Xavier, a família Gasparetto iria romper com o movimento espírita brasileiro em um momento posterior. A relação que constituíam entre a prática espírita e o aspecto financeiro, a exemplo dos dividendos da produção de livros, cursos e workshops, não seria vista com bons olhos pela maioria dos espíritas, uma vez que, para estes, ao cobrar, os Gasparettos se contrapunham ao ideário da caridade – aspecto presente nas obras de Kardec e preponderante no Espiritismo brasileiro.

Formado em Psicologia, Luiz Antonio Gasparetto procurou aliar alguns aspectos da doutrina espírita com sua formação. Desse modo, destacou-se o uso de terapias alternativas, como a gestalt-terapia. A produção de Luiz Gasparetto se concentra na área artística, principalmente, por meio da pintura mediúnica. Aliada à sua formação acadêmica, reformula a doutrina espírita na linguagem e na forma em sua prática mediúnica¹⁴³.

1.8 Divaldo Pereira Franco, médium e orador espírita

Divaldo Franco ficou conhecido no movimento espírita brasileiro devido às várias palestras que realizou em instituições espíritas e eventos dedicados à divulgação da doutrina, como congressos, encontros e semanas espíritas. Nascido em 1927, na cidade de Feira de Santana – BA, formou-se como professor primário pela Escola Normal Rural de Feira de Santana, em 1943. O contato de Divaldo Franco com o Espiritismo se deu durante sua adolescência em decorrência de problemas de saúde devido ao trauma psicológico advindo da morte de seus dois irmãos mais velhos. A partir do tratamento baseado na doutrina espírita, que lhe restabeleceu a saúde física e psicológica, Divaldo Franco aderiu ao Espiritismo.

Convertido ao Espiritismo e após o período de lapidação de sua mediunidade psicográfica, Divaldo Franco iniciou suas atividades como orador espírita em 1947, quando passou a residir em Salvador - BA, onde fundou o Centro Espírita Caminho da Redenção, com Nilson de Souza Pereira¹⁴⁴, e a Mansão do Caminho. Esta instituição filantrópica espírita já naquele período atendia órfãos e a população pobre da capital baiana, cuja sede definitiva foi conseguida em 1955, a partir da doação de um terreno no bairro de Pau da Lima, na capital da Bahia. A Mansão do Caminho, ainda em funcionamento, conta com dispensário, serviço odontológico, biblioteca, salão de festas, berçário/creche, cozinha, lavanderia, marcenaria,

¹⁴³ STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora Orion, p.215.

¹⁴⁴ LOPES, Webber. *Divaldo Franco. História Viva*. Duetto. Especial grandes temas, n.º53, p72-73.

padaria, gráfica, fábrica de calçados, duas escolas e asilo para trabalhadores, bem como a residência do próprio médium baiano¹⁴⁵.

Após o desencarne¹⁴⁶ de Chico Xavier, Divaldo Franco torna-se forte candidato a ocupar o vazio deixado por esse no movimento espírita brasileiro, principalmente em face de atividades espíritas: produção de obras mediúnicas e palestras no Brasil e em países como Portugal, Espanha, França e Inglaterra – tendo fundado muitos núcleos espíritas fora do Brasil¹⁴⁷.

Tendo produzido mais de duzentos livros psicografados de autores desencarnados, como Victor Hugo, Bezerra de Menezes e Joanna de Ângelis (mentora espiritual), Divaldo Franco apresenta um ponto polêmico em sua trajetória biográfica e religiosa: a acusação de plágio por Chico Xavier, em 1959, época na qual o médium baiano tem seu primeiro livro psicografado recusado pela FEB devido às semelhanças com o *Parnaso de além-túmulo*¹⁴⁸. O rompimento das relações de amizade entre Chico Xavier e Divaldo Franco, provavelmente entre 1961 e 1963, foi restabelecido apenas na década de 1970, época em que o médium baiano participou da campanha em prol da candidatura do médium mineiro para o Prêmio Nobel¹⁴⁹. O conflito entre os dois médiuns pode se relacionar à luta pelo monopólio da gestão dos bens de salvação entre a Igreja e o profeta referida por Pierre Bourdieu. Segundo o sociólogo francês,

[...] os sacerdotes ficam dispensados de conquistar ou confirmar todo momento sua autoridade [a da Igreja], e protegidos das consequências do fracasso de sua ação religiosa. Por sua vez *o profeta* (o heresiarca) e *sua seita*, pela ambição que têm de satisfazer eles mesmos suas próprias necessidades religiosas sem a mediação ou a intercessão da Igreja, estão em condições de constatar a própria existência da Igreja colocando em questão o monopólio dos instrumentos de salvação [...]¹⁵⁰

¹⁴⁵ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p. 248-249.

¹⁴⁶ Desencarne é o termo utilizado pelos espíritas para se referir à separação entre corpo e espíritos, e o retorno deste ao mundo espiritual. Segundo o Espiritismo, o corpo pode ser entendido como uma vestimenta do espírito, sendo perecível, diferentemente do espírito, que por meio de sucessivas encarnações passa pelo processo de aperfeiçoamento moral até que não seja mais necessário reencarnar.

¹⁴⁷ LEWGOY, Bernardo. *A transnacionalização do Espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 28(1), 2008, p.89.

¹⁴⁸ LOPES, Webber. *Divaldo Franco. História Viva*. Duetto. Especial grandes temas, n.º53, p74-75.

¹⁴⁹ SILVA, Raquel Marta da. Chico Xavier: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais - Uberaba, 1959/2001. Dissertação (Mestrando em História). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2002, p.145-179.

¹⁵⁰ BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p.58-59.

As cismas e dissidência entre sujeitos representativos no Espiritismo não se limitam a questões pessoais, mas aos espaços de disputas dentro do grupo religioso em torno da legitimidade de seu discurso no campo religioso. Nesse contexto, insere-se a disputa entre Chico Xavier e Divaldo Franco no Espiritismo brasileiro, igreja e profeta pela ótica bourdieuana.

Poucos trabalhos se debruçaram sobre as atividades espíritas de Divaldo Franco, sendo essa abordagem sintética. No entanto, Bernardo Lewgoy, ao comparar as trajetórias de Chico Xavier e Divaldo Franco, afirma que o médium mineiro “(...) realiza um abasileiramento do espiritismo francês, fincando raízes numa proposta verde-amarelista típica dos anos 1930, Divaldo Franco expressa uma vontade de expansão internacional da proposta espírita (...)”¹⁵¹. Desse modo, Divaldo Franco procurou levar o “Espiritismo à brasileira” para a França, cuja doutrina foi embebida no caldo cultural do Brasil com elementos de tradições africanas, indígenas, católicas e esotéricas.

¹⁵¹LEWGOY, Bernardo. *A transnacionalização do Espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial*. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 28(1), 2008, p.90.

2 “EM NOME DO EVANGELHO”: FORMAÇÃO DO ESPIRITISMO EM FEIRA DE SANTANA¹⁵²

O presente capítulo pretende analisar a inserção e o estabelecimento do Espiritismo em Feira de Santana - BA, entre as décadas de 1930 e 1960, tendo em vista a hegemonia do Catolicismo no campo religioso feirense. Será analisada a formação dos primeiros centros espíritas na cidade e os agentes religiosos engajados no desenvolvimento do movimento espírita local, bem como a relação que constituíram com outros grupos religiosos, especificamente com os católicos.

Organizados, inicialmente, em núcleos familiares, os espíritas adentram o espaço da cidade com a institucionalização dos centros espíritas, espaço este que, ao lado dos templos protestantes, templos católicos e terreiros de candomblé, constituíram-se como alternativas à disposição no campo religioso feirense. Com a inserção do Espiritismo e do Protestantismo, houve o acirramento das disputas no campo religioso no período em estudo. Esses dois grupos ameaçavam a autoridade da Igreja Católica ao buscarem a adesão de novos fiéis utilizando-se de práticas proselitistas para seus respectivos grupos.

A discussão sobre os primeiros centros espíritas é fundamental para se compreender a formação do movimento espírita em Feira de Santana, bem como as disputas existentes no campo religioso feirense. A organização de um núcleo na forma de centro espírita pode ser entendida como indício do fortalecimento deste e a tentativa de fazer frente aos demais grupos religiosos na cidade, sendo necessário que “(...) homogeneizem seu produto religioso, para que se possa referir sem ambiguidades a uma marca (...)”¹⁵³ – como bem salientou Renato Ortiz ao discutir a unificação da Umbanda no Brasil.

2.1 O campo religioso feirense

A origem da cidade de Feira de Santana foi marcada por uma forte tradição católica, permanecendo atrelada à imagem da capela construída pelo casal de colonizadores portugueses, Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandão, em louvor à Nossa Senhora

¹⁵² Título que faz alusão ao título da mensagem que Chico Xavier afirmou ter recebido pelo seu mentor espiritual, Emmanuel, no I Congresso Nacional Espírita em São Paulo (1948). Ver Reformador. Revista de Espiritismo Cristão. Ano 127. Outubro, 2009, nº 2.167, p.15.

¹⁵³ ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**. São Paulo: Brasiliense, 1991, p.183.

Santana – que é a padroeira da cidade desde o século XVIII, quando esta ainda era uma sesmária do bandeirante e cristão novo João Peixoto Viegas¹⁵⁴.

Até o final da década de 1940, o Catolicismo e a produção agropecuários foram dois elementos sintetizadores da realidade social da cidade durante longo tempo. Setores católicos, política e economia se vinculavam para conservar uma ordem social da qual se poderia usufruir as benesses.

De acordo com o historiador Clóvis Oliveira, o mito de fundação da cidade a partir desta capela é uma versão historiográfica que tem por objetivo “silenciar a participação de outros grupos sociais na estruturação da cidade”, a exemplo da população negra¹⁵⁵. No que tange ao aspecto religioso, tal silenciamento se fez a partir de grupos religiosos que ameaçavam a hegemonia católica na cidade, a exemplo dos espíritas.

O silenciamento sobre diversos grupos religiosos que competiam com a Igreja Católica foi uma das formas com que se procurava resguardar sua posição social no campo religioso feirense. O Catolicismo se colocava como uma religião do espaço público por meio de ritos e de festas religiosas, como a Festa de Santana, que mobilizava toda a cidade¹⁵⁶. Entretanto, deve-se enfatizar que, para além da esfera institucional do Catolicismo, havia diferentes segmentos da população que se apropriavam dessa doutrina cristã, a exemplo da população negra da cidade, bem como das devoções familiares e da presença de pequenos oratórios em algumas casas¹⁵⁷.

Nesse contexto, buscava-se desqualificar socialmente alguns grupos religiosos, a exemplo das religiosidades afro-brasileiras, como o Candomblé, presentes na cidade de Feira de Santana, chamadas pejorativamente de “práticas supersticiosas e animistas”. De acordo com Elizete da Silva, “(...) as concepções religiosas africanas se mantiveram, em parte, como uma forma de resistência cultural e foram ressignificadas como candomblé, macumba, batuque, samba, umbanda, xangô e uma variedade de outras designações regionais (...)”¹⁵⁸. Se há uma multiplicidade de grupos de religião de matrizes africanas, por outro lado, deve-se chamar a atenção para o fato de que há pluralidade dentro de um próprio grupo, conforme

¹⁵⁴ BATISTA, Silvânia Maria. **Conflito e comunhão na festa da padroeira em Feira de Santana (1930-1950)**. Feira de Santana: UEFS, 1997.

¹⁵⁵ OLIVEIRA, Clovis Frederico Ramaiana Moraes. **De Empório à Princesa do Sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)**. Dissertação Mestrado em História. FFCH/UFBA, Salvador, 2000, p.10.

¹⁵⁶ BATISTA, Silvânia Maria. Op. Cit.

¹⁵⁷ TELES, Adriana Silva. **Presença negra na festa de Santana (1930-1950)**. Monografia (Especialização em Teoria e Metodologia da História). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2000.

¹⁵⁸ SILVA, Elizete da. **Protestantismo ecumênico e realidade brasileira**. Feira de Santana: Editora UEFS, 2010, p.157.

afirma Ronaldo Senna ao ressaltar as diferentes linhas de nações dos terreiros em Feira de Santana, como Jeje, Keto e Angola¹⁵⁹.

Os protestantes se estabelecem, sistematicamente, em Feira de Santana por volta da década de 1930, quando se destacou a presença do casal de missionários Isobel C. Gillanders e Roderick Gillanders. Ainda que a presença protestante no interior da Bahia e, especificamente, em Feira de Santana, possa ser percebida desde o ano de 1889 com atividades do missionário presbiteriano Chamberlain, “com serviço de colportagem de livros e Bíblias”, que na época não teve eco na cidade¹⁶⁰, no ano de 1937 foi fundada a primeira denominação protestante Igreja Evangélica Unida de Feira de Santana (que passou a se chamar Igreja Evangélica Fundamentalista em 1966).

Por volta da década de 1930, os espíritas se inserem no campo religioso, acirrando as disputas com o Catolicismo na cidade, que possuía mais concorrentes no “mercado religioso” pelos “bens de salvação”. Por meio da ação de seus agentes religiosos e da tentativa de unificação, os grupos espíritas procuraram se estabelecer na cidade como alternativa religiosa por meio de atividades filantrópicas e a imprensa.

2.2 A inserção do Espiritismo no campo religioso feirense

A década de 1930 marca na história da cidade de Feira de Santana uma reorganização do espaço urbano, na qual uma onda modernizadora procura civilizar a cidade em direção ao progresso. Com a criação dos Currais Modelo, em 1938, o aspecto rural vai gradualmente desaparecendo da região central da cidade, sendo que, entre 1959 e 1962, são transferidos para uma área mais afastada da zona urbana, possibilitando a criação de uma nova identidade feirense, inserida no contexto de progresso e civilidade¹⁶¹. Se anteriormente os interesses dos comerciantes de gado tinham primazia na cidade, nesse período, o segmento dos comerciantes começava a ganhar força e concorria para fazer de Feira de Santana uma cidade que correspondesse aos seus interesses.

¹⁵⁹ SENNA, Ronaldo de Salles. **Feira de encantados: uma panorâmica da presença afro-brasileira em Feira de Santana**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014, p.26.

¹⁶⁰ SANTANA, Jorge Luiz Nery de. **Práticas e representações étnicas nas narrativas religiosas dos Batistas em Feira de Santana (1947-1988)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2010, p.19.

¹⁶¹ OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950-1960)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008, p.43.

As mudanças sociais que se operavam em Feira de Santana estavam vinculadas também à chegada de imigrantes entre os anos de 1930 e 1950 na cidade. De acordo com a historiadora Ana Maria Carvalho Oliveira, “[...] as pessoas de municípios vizinhos e de outros Estados que procuravam Feira de Santana tinham motivações e interesses variados, desde os conflitos agrários (...) até a busca de saídas para os problemas familiares [...]”¹⁶². Todavia, não se pode perder de vista que as benesses sociais do incremento das atividades econômicas em Feira de Santana não combatiam as desigualdades sociais.

Durante a segunda metade do século XIX e a primeira década do século XX, o suposto poder curativo do clima da cidade foi um dos elementos constitutivos de identidade feirense, atraindo pessoas interessadas em curar de enfermidades como a tuberculose. No período de 1855/56, a população baiana, assolada pela epidemia do cólera local, imaginava que “[...] a cidade de localização elevada, onde o ar circulava com facilidade, dissipando os maléficos miasmas, mostrava-se confiável [de ambiente climático], pois fora capaz de resistir melhor que outras ao tão temido flagelo [...]”¹⁶³. Desse modo, em diferentes períodos, Feira de Santana atraiu pessoas por diferentes motivações; porém, não se pode esquecer daqueles que vieram se estabelecer na cidade na condição de migrante ou pelo ambiente climático saudável, a exemplo de Osvaldo Pinheiro Requião – cujas motivações dizem respeito à questão profissional.

De acordo com a historiadora Elizete da Silva, “[...] a Princesa do Sertão atraiu várias ondas migratórias, sujeitos históricos que traziam seus aportes culturais, inclusive suas crenças e representações sobre o sagrado, que interagiam com a população tradicionalmente residente [...]”¹⁶⁴. As mudanças dessa onda modernizadora nos anos 30 e 50 não se deram apenas no plano econômico e político, mas também cultural, quando se observa a inserção e estabelecimento dos grupos espíritas e protestantes. Tal fato colocava novas opções religiosas no mercado dos bens de salvação na cidade.

O período que compreende as décadas de 1930 e 1940 marcou o início do Espiritismo na cidade de Feira de Santana com a fundação dos primeiros centros espíritas na cidade: Centro Espírita Paz dos Sofredores, Centro Espírita Jesus de Nazaré e o União Espírita

¹⁶² OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950-1960)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008, p.63.

¹⁶³ SILVA, Aldo José Moraes. **Natureza sã, civilidade e comércio em Feira de Santana: elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia (1833-1937)**. Dissertação. (Mestrado em História) – UFBA, Salvador, 2000, p.61.

¹⁶⁴ SILVA, Elizete da. *O campo religioso feirense: notícias e reflexões preliminares*. **Sitientibus**. Feira de Santana, n.41, p.27-46, jul./dez. 2009, p.44.

Feirense, posteriormente, Sociedade de Estudos Espírita Feirense – instituições que marcaram o estabelecimento dos grupos espíritas na cidade¹⁶⁵.

De acordo com o historiador José Fernando Araújo, “(...) a composição daqueles que projetaram o Espiritismo na cidade era basicamente de médios e grandes comerciantes, funcionários públicos e profissionais liberais. Pessoas conhecidas dentro do espaço urbano e comercial da cidade (...)”¹⁶⁶. Fato este também apontado pela historiadora Elane Ribeiro dos Santos¹⁶⁷ em seu estudo sobre as representações dos espíritas feitas pelos batistas feirenses. Graças a um segmento da elite comercial de Feira de Santana, o Espiritismo foi introduzido na cidade, formando os principais centros espíritas e, seguindo a tendência nacional, tornou-se “uma religião de brancos, ricos e letrados”¹⁶⁸. Dentre os membros do primeiro centro espírita da cidade, cabe destacar Deraldo de Alcântara, que, de acordo com Elizete da Silva, “(...) era um comerciante, que ganhou fama e respeito na população por seu trabalho de cura às pessoas com loucura e obsessão (...)”¹⁶⁹.

2.3 Os primeiros passos, uma história cheia de perguntas

A década de 1930 é tida comumente como marco do Espiritismo em Feira de Santana, com a fundação do *Centro Espírita Paz dos Sofredores* – CEPS, em 17 de maio de 1936. Essa informação é encontrada em diferentes tipos de fontes históricas, como o *Jornal Interação*¹⁷⁰, o *Dicionário de Feira de Santana*, de autoria do Pe. Oscar Damião¹⁷¹ e a pequena produção acadêmica que se debruçou especificamente sobre aspectos do Espiritismo na cidade¹⁷².

Apesar de essa data marcar o início do movimento espírita feirense organizado por meio de centros espíritas, pode-se afirmar que a penetração da doutrina espírita na cidade já se

¹⁶⁵ SANTOS, Elane Ribeiro dos. **Espíritas e Batistas em Feira de Santana (1940-1980)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, 2010, p.9.

¹⁶⁶ ARAÚJO, José Fernando Souza. “**Os espíritos chegam a Feira**”: formação do Espiritismo em Feira de Santana, 1936 – 1961. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009, p.45.

¹⁶⁷ Idem, p.20.

¹⁶⁸ Ibidem, p.45.

¹⁶⁹ SILVA, Elizete da. **Protestantismo ecumênico e realidade brasileira**. Feira de Santana: Editora UEFS, 2010, p.161.

¹⁷⁰ Uma clareira na mata. **Jornal Interação**. Feira de Santana (BA). 18 de outubro de 1996, p.3.

¹⁷¹ ALMEIDA, Oscar Damião de. *Espiritismo*. In: **Dicionário de Feira de Santana**. Feira de Santana: Santa Rita, 2006, p.97.

¹⁷² ARAÚJO, José Fernando Souza. “**Os espíritas chegam a Feira**”: formação do Espiritismo em Feira de Santana. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em História. UEFS, 2009. SANTOS, Elaine Ribeiro dos. **Espíritas e batistas em Feira de Santana (1940-1980)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em História. UEFS, 2010. MORGADO, Chablik de Oliveira. **O Espiritismo no Jornal Folha do Norte (Feira de Santana, 1940-1962)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em História. UEFS, 2012.

fazia presente muito antes da data assinalada. Ao tratar do Espiritismo na Bahia, a memorialista espírita Lúcia Loureiro assinala dois fatos que possibilitam esta afirmação: (1) a presença do “periódico espírita *Caminho da Luz*, em outubro de 1926, pelo jornalista João Varella”¹⁷³, editado quinzenalmente em Feira de Santana¹⁷⁴; (2) a atuação de adeptos espíritas em momento anterior à fundação do CEPS: “Em Feira de Santana, onde o movimento espírita continua atuante, colaboraram nos trabalhos doutrinários: Dr. Gabriel Gomes Pereira, (...) Coronel Abdon Alves de Abreu, político e homem de grande valor, e João José de Abreu”¹⁷⁵.

No que diz respeito à existência de um periódico espírita editado em Feira de Santana, este é mencionado somente na memória escrita de Lúcia Loureiro. Poucas informações se têm a respeito tanto do jornal quanto do seu editor, João Varella, quando se observa as demais fontes históricas consultadas nesta pesquisa. O nome de João Varella não é assinalado em nenhuma das fontes que procuram fazer das listagens de indivíduos representativos na formação dos primeiros centros espíritas da cidade.

Por outro lado, Loureiro menciona entre os espíritas atuantes no período que antecede a formação dos centros espíritas o nome do Coronel Abdon Alves Abreu (1847-1914), que foi intendente municipal de Feira de Santana, entre janeiro de 1908 e outubro de 1912, e proprietário da tipografia e redator do jornal *O Comercial*¹⁷⁶.

Pouco se sabe sobre a forma como o Espiritismo estava organizado antes da década de 1930. No entanto, é possível que tenha se estabelecido em pequenos núcleos, reunidos em residências, principalmente em torno das figuras de João Varella, Gabriel Gomes Pereira, Abdon Alves de Abreu e João José de Abreu. Um fato que chama a atenção diz respeito às atuações desses agentes não serem mencionadas ou, até mesmo, esquecidas intencionalmente por aqueles que deram seguimento à difusão da doutrina espírita na cidade. Desses dados, restam mais perguntas do que respostas, como: a possibilidade desses agentes religiosos não gozarem de prestígio entre os espíritas, uma vez que a memória escrita por Loureiro não é um documento do período; ou dos dados sobre a atuação desses indivíduos terem sido perdidos ao longo do tempo, uma vez que, apesar de atuarem em Feira de Santana, não residiam na cidade; ou ainda por se tratar, com exceção de Abdon Abreu, de indivíduos que não eram representativos no cenário social da cidade de Feira de Santana.

¹⁷³ LOUREIRO, Lúcia. **Memórias históricas do Espiritismo da Bahia**: repercussão no movimento espírita brasileiro. Salvador: Telma, 1994, p.184.

¹⁷⁴ Idem, p.268.

¹⁷⁵ Ibidem, p.186.

¹⁷⁶ ALMEIDA, Oscar Damião de. *Abdon Alves de Abreu*. In: **Dicionário de Feira de Santana**. Feira de Santana: Santa Rita, 2006, p.174.

Tanto a presença desses indivíduos quanto a existência de um periódico confessional espírita denotam a inserção do Espiritismo antes da década estabelecida como marco deste fato, principalmente quando se compara ou percebe o tempo em que viveu o Coronel Abdon Abreu, meados do século XIX e primeiras décadas do século XX. A continuidade da pesquisa pode trazer novas fontes e respostas para tais questões futuramente, sobretudo no que diz respeito à periodização do Espiritismo na cidade.

2.4 Dos grupos familiares aos centros espíritas

Se há controvérsias a respeito do início do Espiritismo em Feira de Santana, por outro lado, registra-se que a fundação do primeiro centro espírita da cidade se deu na década de 1930, o Centro Espírita Paz dos Sofredores. Com o título “Uma clareira na mata”, o periódico espírita *Jornal Interação*, do dia 18 de outubro de 1998, informa que

Por volta do ano de 1935 (...) um grupo de abnegados reunia-se, mensalmente, na residência do Sr. Anísio Cotó [Anísio Alves da Paixão] e D. Maria [Maria Bárbara], sua esposa, que era médium. O casal hospedava o Sr. José Pataro dos Santos que vinha a Feira de Santana com missão única de desbravamento espiritual. Um dedicado missionário, descendente de italianos, já aposentado, de cabelos brancos, aparência simples e humilde que transmite respeito e admiração.

Quando havia reunião à noite com a presença de convidados, a médium Maria de Anísio incorporava espíritos necessitados e/ou obsessores dos presentes, os quais recebiam orientação espiritual do dirigente José Pataro, como também os espíritos mensageiros e trabalhadores da seara, que receitavam remédios para os mesmos. A leitura de livros da codificação era feita durante as reuniões e recomendava-se a todos o estudo da Doutrina Espírita¹⁷⁷.

De acordo com Marion Aubrée e François Laplantine, o Espiritismo “(...) se dissemina pela multiplicação de pequenos grupos nos quais os indivíduos mantêm relações pessoais”¹⁷⁸. O momento que antecede a formação do Centro Espírita Paz dos Sofredores foi marcado pela difusão do Espiritismo em Feira de Santana a partir da formação de um núcleo familiar como o fundado por Teles de Menezes, ou seja, entre seus membros, além de afinidades quanto à confissão religiosa, havia, no mínimo, laços de amizade – sendo necessário o convite por parte de um dos membros para a adesão de novos componentes.

¹⁷⁷ Uma clareira na mata. **Jornal Interação**. Feira de Santana (BA). 18 de outubro de 1998, p.3. Arquivo Particular Luiza Mascarenhas (Gentilmente cedido pela mesma)

¹⁷⁸ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.206.

Pode-se perceber, por meio do fragmento exposto anteriormente, o fato de que o Espiritismo em Feira de Santana começou com reuniões nos lares de algumas pessoas que vieram a Feira de Santana e se estabeleceram na cidade. No primeiro momento, formou-se um grupo na casa de Anísio Alves da Paixão, chamado de Anísio Cotó e de sua esposa, Maria Bárbara, que desempenhava o papel de principal médium no grupo.

O título do texto do artigo, “Uma clareira na mata”, faz referência ao fato de que, em Feira de Santana, ainda não havia se difundido o Espiritismo, afirmação esta que pode ser colocada entre aspas quando se observa a presença de periódicos espíritas na cidade em um período anterior a fundação do Centro Espírita Paz dos Sofredores. Quanto ao núcleo, que daria origem ao este centro espírita, observa-se que tinha como eixo as sessões mediúnicas e a prática terapêutica, bem como o estudo de aspectos da doutrina espírita – aspectos que, ao lado da “assistência social e espiritual”, constituiriam elementos representativos do Espiritismo brasileiro¹⁷⁹.

Um dos personagens que o jornal também ressalta como responsável pela “introdução” do Espiritismo na cidade de Feira de Santana é o Sr. José Pataro dos Santos (Figura 1), imigrante italiano que era o dirigente das reuniões que ocorreram na casa de Anísio Alves da Paixão.

Figura 1 - José Pataro dos Santos



Fonte: Acervo do autor. Centro Espírita Paz dos Sofredores. Feira de Santana - BA (08/02/14)

¹⁷⁹ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil.** Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.208.

Ao discutir o mercado de trabalho formal do negro no pós-Abolição em Salvador - BA, o historiador Aldrin A. S. Castellucci fala sobre a presença da mão-de-obra imigrante, sendo que, dentre os perfis que apresenta, está o do “(...) sapateiro branco José Pataro dos Santos (1879-1936), italiano, proprietário de uma oficina de sapateiro no Distrito dos Mares e de uma taberna, em sociedade com José Britto, no Largo do Retiro, Distrito de Santo Antônio”¹⁸⁰, sendo um dos operários que, ao montar sua oficina de trabalho, não obteve estabilidade e ascensão social, deixando algumas dívidas ao morrer.

O *Jornal Interação* não traz informação sobre a morte do José Pataro dos Santos, todavia localiza as atividades espíritas desse no ano de 1935, e quando fala da fundação do Paz dos Sofredores não lista o nome dele, o que pode indicar a ausência do primeiro dirigente em face de seu falecimento no ano 1936.

No entanto, outros atores sociais iriam se juntar ao núcleo reunido na residência do casal Anísio Alves da Paixão e Maria Bárbara. A entrada de José Pereira Mascarenhas (Figura 2) foi vista pelo *Jornal Interação* como um elemento de fortalecimento do grupo, que passaria a funcionar em sua residência e, por fim, iria constituir um centro espírita, como se pode observar no fragmento a seguir:

O Sr. José Pereira Mascarenhas aderiu ao grupo, fortalecendo o movimento, com a ideia de fundar um Centro Espírita em Feira de Santana, motivado pelo aumento do número de frequentadores e pela difusão da Doutrina Kardecista. Foi fundado o Centro Espírita Paz dos Sofredores, no dia 17 de maio de 1936, na residência do Sr. José Pereira Mascarenhas, situada na [atual] Av. Desembargador Filinto Bastos. [...] A sede própria foi erguida em terreno doado por José Pereira Mascarenhas, à rua Castro Alves, no 1.298. A construção foi em regime de mutirão, entre 1937 a 1938 (...) ¹⁸¹.

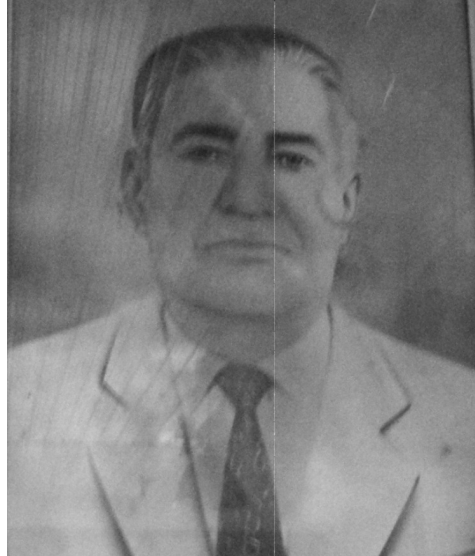
Observa-se que não consta a forma como José Pereira Mascarenhas chegou ao grupo nem como se deu a passagem das reuniões da casa de Anísio Alves da Paixão para a sua, porém pode-se perceber que se tratava de um membro da elite comercial de Feira de Santana, cujos recursos financeiros possibilitaram não somente a reunião do grupo em um imóvel maior, mas também a fundação do Centro Espírita Paz dos Sofredores. De acordo com o historiador José Fernando Araújo, José Pereira Mascarenhas possuía a “(...) padaria mais

¹⁸⁰ CASTELLUCCI, Aldrin A. S. *Classe e cor na formação do Centro Operário da Bahia (1890-1930)*. **Afro-Ásia**. 41 (2010), p.110.

¹⁸¹ Uma clareira na mata. **Jornal Interação**. Feira de Santana (BA). 18 de outubro de 1998, p.3. Arquivo Particular Luiza Mascarenhas (Gentilmente cedido pela mesma)

frequentada do centro urbano feirense, a Padaria da Fé (...) além de possuir imóveis e terrenos na cidade (...)”¹⁸² (Figura 3).

Figura 2 - José Pereira Mascarenhas



Fonte: Acervo do autor. Centro Espírita Paz dos Sofredores. Feira de Santana - BA (08/02/14)

Figura 3 – Anúncio da Padaria da Fé



Fonte: Jornal Folha do Norte. Feira de Santana - BA. Ano LI, n.º 2685. 24 de dezembro de 1960, p.5.

¹⁸² ARAÚJO, José Fernando Souza. “Os espíritos chegam a Feira”: formação do Espiritismo em Feira de Santana, 1936-1961. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009, p.46.

A adesão de José Pereira Mascarenhas ao núcleo foi um dos fatores que aceleraram a inauguração do Centro Espírita Paz dos Sofredores. Ao que parece, era o membro que possuía mais recursos financeiros para o empreendimento. A sessão de inauguração do Centro Espírita, realizada em sua casa, possibilitou a reflexão sobre o papel desempenhado pela cultura escrita como *habitus* do Espiritismo brasileiro. Conforme o Jornal Interação,

(...) Na sessão de formação do Centro, Petu [Petronília da Silva] visualizou uma faixa com um letreiro e foi ditando, quase que desenhando as letras pelas palavras, à custa de muito esforço (pois a mesma era analfabeta) na qual se lia: PAZ DOS SOFREDORES (...) ¹⁸³

O fato narrado de uma médium analfabeta escrever não constitui milagre no Espiritismo, uma vez que esta doutrina não acredita que exista acontecimento que não possa ter uma explicação. A prática de escrever mesmo não tendo, aparentemente, conhecimento necessário para executá-lo se insere no rol de práticas mediúnicas valorizadas no Espiritismo, a exemplo das observações de Aubré e Laplantine:

(...) dos médiuns curadores que não têm nenhum conhecimento médico, à dos médiuns pintores ou músicos que não têm nenhum menor conhecimento de pintura ou de música e ainda à prática dos médiuns analfabetos que ‘psicografam’ obras que lhes são ditadas pelo Espírito de um poeta, de um romancista célebre, ou começar a falar línguas estrangeiras (...) ¹⁸⁴.

O papel desempenhado pela cultura letrada no Espiritismo constitui um *habitus* desse grupo religioso. Ser espírita, em tese, perpassa o estudo das obras de Kardec e as psicografias de Chico Xavier, bem como a participação em grupos de estudos de literatura espírita e mediúnica. De acordo com Bernardo Lewgoy, “(...) socializar-se no Espiritismo (...) [significa] ingressar num universo de debate e reflexão que poderia ser qualificado como dominado por uma tradição religiosa escrita e letrada, permeado por uma ‘oralidade secundária’ (...)” ¹⁸⁵. O fato do nome do centro espírita ter sido recebido de forma mediúnica por uma médium analfabeta demonstra o *status* dado à escrita na produção de Kardec e nos grupos espíritas. Porém, deve-se ressaltar a coincidência do nome do centro espírita com outra

¹⁸³ Uma clareira na mata. **Jornal Interação**. Feira de Santana (BA). 18 de outubro de 1998, p.3. Arquivo Particular Luiza Mascarenhas (Gentilmente cedido pela mesma)

¹⁸⁴ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.231.

¹⁸⁵ LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no Espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade de São Paulo. 353f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2000, p.22.

instituição, fundada por José Pataro dos Santos, chamada Grupo Espírita União dos Sofredores, em 13 de fevereiro de 1922, na capital da Bahia¹⁸⁶.

A presença das mulheres no Espiritismo, de modo geral, quando é ressaltada, ocorre em função das atividades mediúnicas executadas por elas, sendo um exemplo significativo a obra *Mulheres médiuns*, de Carlos Bernardo Loureiro, que destacou médiuns famosas de várias nacionalidades, listando entre as brasileiras: as cariocas Dinorah Azevedo de Simas Enéas e Yvonne do Amaral Pereira; a paraense Ana Prado; as mineiras Otília Diogo e Zilda Gama; a baiana, natural de Alagoinhas, Helena Vieira Costa (Mãe Helena), dentre outras¹⁸⁷. Em Feira de Santana, esta premissa continua válida nos casos de Maria Bárbara, Petronília da Silva e Adalgisa Alcântara, dentre outras. Aubrée e Laplantine ressaltam que uma das exceções foi Anália Franco, cuja presença no Espiritismo se deu em face de suas atividades filantrópicas voltadas para mulheres, crianças e a instrução escolar¹⁸⁸.

A presença feminina como médiuns é um importante contingente para atrair adeptos para o Espiritismo, visto que “(...) no modelo hegemônico de família das sociedades latinas, cabe justamente às mulheres, que demonstram maior afinidade com a esfera religiosa, a responsabilidade de educar as crianças e estimular a espiritualidade nos familiares (...)”¹⁸⁹. Vale ressaltar também que a presença feminina no Espiritismo exerce, por vezes, o monopólio de algumas atividades nos centros espíritas, seja em tais atividades mediúnicas, seja na direção de sessões ou ainda nas atividades de cunho filantrópico, como organização e execução de campanhas de doação de alimentos e roupas.

Em relação aos demais componentes do Centro Espírita Paz dos Sofredores, o *Jornal Interação* afirmou participaram da reunião de fundação:

[...] José Pereira Mascarenhas e Amanda Cerqueira Mascarenhas (sua esposa), Maria Augusta Mascarenhas e esposo Odilon Mascarenhas (Lolô), Anísio Alves da Paixão (Anísio Cotó) e esposa Maria Bárbara (a médium), Seu Deraldo Alcântara, Adalgisa (D. Ziza), Sr. Aniceto Machado, Quintino Almeida, D. Ana (sua esposa), Sr. Manoel Matias, João Oliveira, Hidelbrando Ramos, Jorge Cerqueira, Petronília da Silva (Petu), Amavivia

¹⁸⁶ Boletim Informativo FEEB. Ano VIII, nº. 27. Maio e junho de 1976, p.4.

¹⁸⁷ LOUREIRO, Carlos Bernardo. **Mulheres médiuns**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2008.

¹⁸⁸ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.176.

¹⁸⁹ MACHADO, Maria das Dores Campos. *Religião, família e individualismo*. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; HEILBORN, Maria Luiza; BARROS, Myriam Lins de; PEIXOTO, Clarice (orgs.). **Família e religião**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006, p.98.

Santos, Maria da Anunciação, Lucrécio Oliveira, Hilda Pereira Franco, Manoel da Costa Ferreira e Augusta Corrêa¹⁹⁰.

Notadamente, a presença de muitos casais entre os membros indica uma possível relação de proximidade que pode ser anterior à formação do grupo espírita, tendo como núcleo os membros da família Mascarenhas presentes no trecho em destaque. Além disso, cabe dizer que a presença de casais poderia conferir ao grupo respeitabilidade social na cidade de Feira de Santana, quando se observa as representações tecidas sobre a família (Figura 4).

Figura 4 - Casal Adalgiza (D. Ziza) e Deraldo Alcântara



Fonte: Acervo do autor. Centro Espírita Paz dos Sofredores. Feira de Santana - BA (08/02/14)

Manoel Matias foi um dos espíritas pioneiros na região, era comerciante, anteriormente trabalhou como barbeiro e ficou conhecido em Feira de Santana devido a um logradouro que recebeu seu nome: o “Beco de Manoel Matias”¹⁹¹. Alípio Oliveira, adepto do Espiritismo e membro do Centro Espírita Jesus de Nazaré, em memória escrita nas comemorações do 43º aniversário da instituição, no ano de 1985, afirmou que

Quando ainda participávamos [o casal espírita Aida e Alípio Oliveira] das reuniões em casa do Sr. Maneca Ferreira, fomos informados que realizavam-se reuniões espíritas em uma das casas de aluguel do Sr. Manuel Matias.

¹⁹⁰ Uma clareira na mata. **Jornal Interação**. Feira de Santana (BA). 18 de outubro de 1998, p.3. Arquivo Particular Luiza Mascarenhas (Gentilmente cedido pela mesma)

¹⁹¹ ALMEIDA, Oscar Damião de. *Espiritismo*. In: **Dicionário de Feira de Santana**. Feira de Santana: Santa Rita, 2006, p.237.

Estas casas, se ainda existissem, dariam suas frentes para o Centro de Abastecimento (...)¹⁹²

No período que Alípio Oliveira afirma que tomou conhecimento das reuniões espíritas em uma das casas alugadas de Manuel Matias, no ano de 1952, foi a época em que o Centro Espírita Jesus de Nazaré já se encontrava em funcionamento – desde 1942, ano de sua fundação. É possível perceber no fragmento acima a existência de dois grupos familiares espíritas reunidos, um em torno de Manoel Matias e o outro em torno de Maneca Ferreira. O primeiro daria origem à União Espírita Feirense (atual SEEF-UF) e o segundo, ao Centro Espírita Jesus de Nazaré. Cabe ressaltar ainda que é provável, pelos dados apresentados por Alípio Oliveira, a participação de Manoel Matias tanto do núcleo que se organizava em uma de suas casas de aluguel quanto do Paz dos Sofredores.

Figura 5 - Manoel da Costa Ferreira (Maneca Ferreira)



Fonte: GAMA, Raimundo Gonçalves (coord.). **Memória Fotográfica de Feira de Santana.** Feira de Santana: Fundação Cultural de Feira de Santana, 1994, p.217. (BCJC –

¹⁹² OLIVEIRA, Alípio de Lima. Centro Espírita Jesus de Nazaré. **Pelo quadragésimo terceiro aniversário de Fundação.** 17 de agosto de 1985, p.5. Manuscrito datilografado. Arquivo Particular Centro Espírita Jesus de Nazaré (Gentilmente cedido por Cida Vasconcelos).

Manoel da Costa Ferreira (1887-1969), ou simplesmente Maneca Ferreira (Figura 5), foi outro componente do movimento espírita feirense que pode ser listado no rol de características do Espiritismo brasileiro. Maneca Ferreira foi um dos fundadores do Centro Espírita Jesus de Nazaré e da Micareta de Feira de Santana, sendo mais conhecido na cidade pelo segundo fato do que pelo primeiro. Além disso, trabalhou como Coletor Estadual e foi o orador oficial da Filarmônica Vitória¹⁹³.

A residência de Manoel da Costa Ferreira foi um dos locais onde se organizou um núcleo espírita na década de 1940, conforme relatou Alípio de Lima Oliveira na memória escrita sobre o 43º aniversário de fundação do Centro Espírita Jesus de Nazaré. Conforme Alípio Oliveira:

(...) mais ou menos em mil novecentos e cinquenta e dois, tomamos [o casal espírita Aida e Alípio Oliveira] conhecimento que realizaram-se reuniões espíritas em casa do Sr. Manuel dos Santos, digo, do Sr. Maneca Ferreira. Aproximamo-nos do mesmo e descobrimos um excelente e generoso amigo, o qual gentilmente convidou-nos a participarmos dos trabalhos, colocando à nossa disposição sua fabulosa e expressiva biblioteca. Com minha esposa não descuidei do estudo das “Obras Básicas” como dos demais livros, proporcionando-nos uma consciência exata da sublime dessa doutrina (...) ¹⁹⁴.

A referência às “Obras Básicas” diz respeito as cinco livros publicados por Allan Kardec, base do Espiritismo francês e brasileiro, fato este que corrobora com a afirmação do vínculo existente entre a doutrina espírita e a cultura escrita e possibilita depreender que as reuniões não eram apenas dedicadas aos fenômenos espíritas, como a comunicação com desencarnados através de médiuns, mas também onde se desenvolvia o estudo das obras da Codificação.

É provável que Maneca Ferreira tenha atuado como palestrante espírita, levando-se em conta o papel social que desempenhava no cenário feirense no período, bem como o fato de contar com uma biblioteca que deveria possuir um acervo considerável de obras espíritas. Este último aspecto possibilita pensar numa rede de empréstimos de livros entre os membros dos núcleos espíritas e até mesmo doações desses materiais.

¹⁹³ ALMEIDA, Oscar Damiano de. *Espiritismo*. In: **Dicionário de Feira de Santana**. Feira de Santana: Santa Rita, 2006, p.236-237.

¹⁹⁴ OLIVEIRA, Alípio de Lima. Centro Espírita Jesus de Nazaré. **Pelo quadragésimo terceiro aniversário de Fundação**. 17 de agosto de 1985, p.3. Manuscrito datilografado. Arquivo Particular Centro Espírita Jesus de Nazaré (Gentilmente cedido por Cida Vasconcelos)

Conforme Alípio Oliveira, o principal acontecimento que possibilitou a transição de núcleo familiar para centro espírita se relacionou com os fatos ocorridos com Olegário Bispo de Almeida, como se pode ler abaixo:

(...) Olegário Bispo de Almeida (...) quando residia na Rua Barão de Cotegipe n.º 11 (hoje 1075), nesta cidade, tendo como protagonista seu filho de alguns meses de vida, Dejací (...) na ocasião, uma suposta doença ocasionou muitas preocupações aos familiares, pela mudança súbita de comportamento, evidenciando-se convulsionismo; constituindo-se para os médicos da época de verdadeira incógnita, por fundamentar em um processo de essência psíquica [...]. Como pessoa visada, sem dúvida alguma, era o Sr. Olegário Bispo de Almeida, em razão do seu nobre comportamento, homem simples, mas de um relacionamento padrão para a sociedade, desde as pessoas mais simples até as mais nobres, motivo pelo qual estabeleceu o ditoso encontro com Manoel dos Santos [...]. A Espiritualidade Superior, aproveitando o ensejo, inspiraram Sr. Manoel dos Santos a asseverar que o tratamento do jovem só seria possível através da Doutrina Espírita (...)¹⁹⁵.

Dois aspectos chamam a atenção no fragmento acima: a doença de causa não identificada que acometeu o filho de Olegário Bispo de Almeida – homem cujas qualidades são ressaltadas e, aparentemente, gozava de respeitabilidade social na cidade – e o contato deste com Manoel dos Santos – para ser mais exato, com o médium Manoel Timóteo Azevedo dos Santos (1908-1963), cujo nome consta dentre os fundadores do Centro Espírita Jesus de Nazaré (Figura 6).

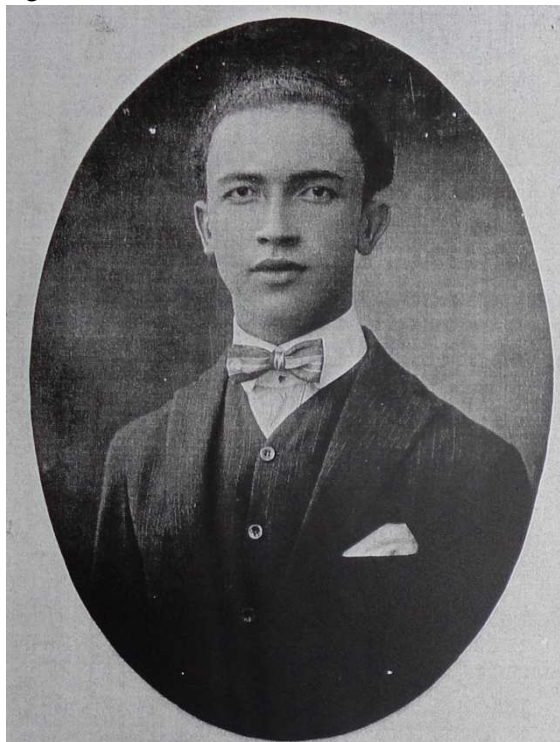
A dimensão terapêutica da doutrina espírita causou a esta inúmeros problemas nos campos do Direito e da Medicina, sobretudo pela prática dos médiuns que receitavam medicamentos homeopáticos e administração de passes, sendo tais práticas enquadradas pelo Código Penal como exercício ilegal da medicina, curandeirismo e charlatanismo até a década de 1940.

Prática religiosa de imposição de mãos, os passes eram aplicados com base na crença de que havia uma troca de fluídos anímicos entre o médium que o aplica e a pessoa que o recebe, sendo a cura resultado desse processo, embasada pelos estudos de Mesmer¹⁹⁶. A prática de imposição de mãos e a crença de que dela emana um poder divino também pode ser encontrada nos grupos protestantes – que a fazem tendo como referência o texto bíblico.

¹⁹⁵ OLIVEIRA, Alípio de Lima. Centro Espírita Jesus de Nazaré. **Pelo quadragésimo terceiro aniversário de Fundação**. 17 de agosto de 1985, p.3. Manuscrito datilografado. Arquivo Particular Centro Espírita Jesus de Nazaré (Gentilmente cedido por Cida Vasconcelos).

¹⁹⁶ DAMAZIO, Sylvia. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

Figura 6 - Manoel Timóteo Azevedo dos Santos



Fonte: Perfil biográfico de Manoel Timóteo Azevedo dos Santos. Manuscrito digitado com foto. Arquivo Centro Espírita Jesus de Nazaré.

De acordo com Marion Aubrée e François Laplantine, “uma das maiores contribuições do Espiritismo brasileiro ao Espiritismo mundial e também à própria sociedade brasileira, é a de ter desenvolvido as implicações propriamente terapêuticas (notadamente médicas e psiquiátricas) da obra kardecista (...)”¹⁹⁷. Foi por meio da dimensão terapêutica que Olegário Almeida se aproximaria do Espiritismo, uma vez que o conhecimento médico demonstrava não responder à causa da enfermidade de seu filho, não podendo prescrever, assim, um tratamento eficaz.

Os problemas de saúde estão entre uma das motivações que leva uma pessoa à conversão para determinado grupo religioso, além daqueles que procuram a religião diante de perigo de vida, morte de pessoas próximas, crises existenciais, dificuldades financeiras e

¹⁹⁷ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.253.

dificuldades amorosas¹⁹⁸. O processo de conversão de Olegário Almeida apresenta similaridades com de outros indivíduos que enxergaram na religião uma forma de superar problemas, como se pode observar a seguir:

(...) Manoel dos Santos, com a cautelosa participação da médium Professora “Bila”, realizaram visitas constantes com a aplicação de passes e evangelização, propiciando esclarecimento à família, os quais se realizaram na própria residência do Sr. Olegário, depois transferida para uma de suas propriedades situadas à Rua Intendente Ruy, Transversal, da Barão de Cotegipe (...). O processo de cura não se fez prolongado, tendo a criança retornada como é natural (...). Suficientemente compreensivo, pensando em termos de gratidão, e também envolvido nos comentários esclarecedores do amigo sobre as verdades evangélicas do Espiritismo, o Sr. Olegário, possuidor da casa já citada, à Rua Intendente Ruy, refletiu sobre a função e significação de um Centro Espírita (...) resolveu doar a dita casa para que nela se realizassem as práticas espíritas (...) O Sr. Manoel dos Santos, inspirado pelo Alto resolveu denominar a instituição de “CENTRO ESPÍRITA JESUS DE NAZARÉ” (...) que teve sua feliz inauguração a Dezessete de Agosto de hum mil novecentos e quarenta e dois, mas nos registros e no timbre do bloco oficial reza vinte e quatro de Agosto de hum mil novecentos e quarenta e dois (...)¹⁹⁹

A atuação dos médiuns Manoel Santos e da professora “Bila”²⁰⁰ procurava aliar ao método terapêutico espírita a doutrinação e a administração de passes, ou seja, o processo da cura não passava apenas pela obediência de determinados ritos religiosos, mas também pela compreensão da causa da enfermidade e o aprendizado que a situação ocasionava para a pessoa que sofria com a doença e, a depender do caso, para seus familiares.

Semelhante ao ocorrido no Centro Espírita Paz dos Sofredores, o Centro Espírita Jesus de Nazaré foi inaugurado graças à doação de um comerciante de posses: no primeiro caso, um terreno; no segundo, uma de suas casas. Com a fundação do Jesus de Nazaré, o Espiritismo se disseminava cada vez mais na cidade de Feira de Santana, como pode ser discutido na memória do Sr. Alípio Oliveira:

Retornamos a Feira de Santana em mil novecentos e quarenta e oito com minha esposa (...) Observava sempre que passava pela Rua Barão de

¹⁹⁸ MACHADO, Maria das Dores Campos. *Religião, família e individualismo*. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; HEILBORN, Maria Luiza; BARROS, Myriam Lins de; PEIXOTO, Clarice (orgs.). **Família e religião**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006, p.96.

¹⁹⁹ OLIVEIRA, Alípio de Lima. Centro Espírita Jesus de Nazaré. **Pelo quadragésimo terceiro aniversário de Fundação**. 17 de agosto de 1985, p.3. Manuscrito datilografado. Arquivo Particular Centro Espírita Jesus de Nazaré (Gentilmente cedido por Cida Vasconcelos)

²⁰⁰ Não foi possível obter maiores informações sobre a médium.

Cotegipe o Centro Espírita Jesus de Nazaré, o qual devido à falta de espaço da casa da Rua Intendente Ruy, havia sido transferido para um prédio na Barão de Cotegipe. Porém, o templo se encontrava sempre fechado, dando-me a impressão que ali não havia atividades (...)²⁰¹

O aumento na quantidade de pessoas que passaram a frequentar as reuniões pode ser considerado como evidência do crescimento no número de adeptos, simpatizantes e/ou curiosos em geral que se dirigiam ao centro espírita – ainda que esse contingente fosse menor em relação aos católicos. Entretanto, nem sempre o motivo da citada instituição estar com as portas fechadas se deu em face da mudança para um endereço em que as pessoas pudessem ser acomodadas de modo confortável para participar das reuniões. De acordo com José Fernando Araújo, havia uma forte oposição da Igreja Católica em relação ao Espiritismo, “(...) isso levou os frequentadores do Jesus de Nazaré a fazerem suas sessões de portas fechadas, em 1942, quando o centro (...) [se localizava] na rua Barão de Cotegipe. Denúncias eram feitas e o ataque com dejetos [humanos] eram constantes (...)”²⁰².

Talvez em face da procura de instalações próprias, por volta do ano de 1955, os membros do Centro Espírita Jesus de Nazaré compraram um terreno situado em uma das transversais da Rua Senhor dos Passos com a Rua Marechal Deodoro para o funcionamento da instituição. No entanto, um vizinho, cujo nome não foi identificado, ao saber do iminente do funcionamento de um centro espírita, propôs a troca do terreno no endereço citado por outro situado na Rua Leonídio Rocha, onde, por fim, o Centro Espírita se estabelece definitivamente. Para a constituição de sede própria, os a instituição espírita teve a contribuição do engenheiro e membro do centro espírita, Enésio Freitas Cerqueira²⁰³

Como se pode observar, tanto o Centro Espírita Paz dos Sofredores quanto o Centro Espírita Jesus de Nazaré passaram por mudanças de acomodações no espaço geográfico em Feira de Santana. Oriundos de grupos familiares, ambos tiveram seus endereços definitivos fora do espaço do centro urbano da cidade, permanecendo na região do centro, majoritariamente, templos católicos, fato este que demarca a hegemonia do Catolicismo no período em estudo.

No que diz respeito aos fundadores do Jesus de Nazaré, foram relacionados os seguintes nomes no registro de fundação:

²⁰¹ OLIVEIRA, Alípio de Lima. Centro Espírita Jesus de Nazaré. **Pelo quadragésimo terceiro aniversário de Fundação**. 17 de agosto de 1985, p.3. Manuscrito datilografado. Arquivo Particular Centro Espírita Jesus de Nazaré (Gentilmente cedido por Cida Vasconcelos)

²⁰² ARAÚJO, José Fernando Souza. “**Os espíritos chegam a Feira**”: formação do Espiritismo em Feira de Santana, 1936 – 1961. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009. p.50.

²⁰³ OLIVEIRA, Alípio de Lima. Op. Cit., p.7.

(...) Manoel de Oliveira Teixeira, casado, negociante; Durval T. Carneiro, casado, oficial da Polícia; Raimundo Simões Aguiar, casado, professor secundário; Aurino Souza Lima, casado, comerciante; Carlita Rosa de Souza, solteira, professora; Manoel de Souza Lima, falecido; João Pedreira Aguiar, casado, comerciante; Olegário Bispo de Almeida, casado, comerciante; Clarice Rosa de Souza, solteira, professora; Teodorico José Alves, casado, comerciante; Albertina L. Reis, casada, doméstica; Eutrópico Brito, casado, funcionário público (...)²⁰⁴

Pelos nomes listados acima, percebe-se que a maioria das pessoas era casada, exercia a profissão de comerciante ou de professor, fato este que denota características que transmitiam respeitabilidade social no período. Havia também pessoas que, possivelmente, eram parentes quando se observa os sobrenomes, o que pode ser explicado por meio das conversões em família ou proselitismo religioso espírita dentro da família.

Com a inauguração de mais um centro espírita, era notório o crescimento do Espiritismo em Feira de Santana. Ainda que, na imprensa, não fosse comum notícias a respeito do movimento espírita da cidade, houve um anúncio durante todo o ano de 1941, que dizia o seguinte:

Sofreis, irmãos?

O Centro Espírita Luz, Caridade e Amor (Fundado há 21 anos, com assistência de médico espírita, a rua Maia Lacerda, 54, Rio), vos enviará grátis as indicações para o vosso tratamento, bastando para isso remeter nome, idade, residência e envelope selado e subscrito para a resposta²⁰⁵.

No período em que o Espiritismo se institucionalizava em Feira de Santana, o principal periódico da cidade publicava o anúncio de espíritas cariocas – que provavelmente possuíam relações fraternas com os espíritas feirenses. Apesar de não ser confessional, o *Folha do Norte* era um jornal que possuía forte vínculo com a Igreja Católica na cidade, figurando em suas páginas sempre anúncios de missas, eventos católicos, como a Festa de Santana, e colunas católicas. É possível que houvesse uma anuência para algumas publicações espíritas locais, ou que grupos espíritas não estivessem organizados ainda para pagar por um espaço do jornal e pessoas influentes fizessem a intermediação. No anúncio, o aspecto terapêutico foi elemento ressaltado no Espiritismo, fato este que não será comum nas

²⁰⁴ Registro de sociedades civis. Manuscrito autenticado em cartório. Arquivo Centro Espírita Jesus de Nazaré. 26 de abril de 1960, p.2.

²⁰⁵ Sofreis, irmãos? **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). 4 de janeiro de 1941, p.2.

publicações seguintes, que seguiram um viés de explorar as doutrinas espíritas nas décadas de 1950 e 1960 através da coluna *A vol d'oiseau*, assinada por Osvaldo Requião.

Em abril de 1957, um fato que mobilizou o principal periódico espírita de projeção nacional, *O Reformador*, foi o festejado selo em comemoração ao primeiro centenário da codificação do Espiritismo (Figura 7).

Figura 7 - Selo do primeiro centenário do Livro dos Espíritos



Fonte: *Reformador*. Abril 1957, p.26(96).

O selo comemorativo foi festejado pelos espíritas como um atestado de reconhecimento do Espiritismo no Brasil e ocupou grande espaço em *O Reformador*²⁰⁶. No entanto, tal fato pode ser compreendido no bojo de um movimento político dos espíritas em âmbito nacional para fazer frente aos ataques que sofriam em diversas localidades do país.

Em Feira de Santana, à medida que o Espiritismo ganhava mais espaço na imprensa feirense, principalmente no jornal *Folha do Norte*, os ataques por parte de setores da Igreja Católica foram se tornando mais frequentes, conforme se observa no artigo abaixo:

(...) É preciso que todos tenham uma idéia de conjunto das principais heresias contidas nesta doutrina diametralmente oposta ao Cristianismo. Eis as suas negações que formam um complexo de heresias.

²⁰⁶ O selo postal da Codificação. *Reformador*. Ano 75, n.º 4. Abril de 1957, p. 27 (97)-32 (102). À margem do selo postal. *Reformador*. Ano 75, n.º5. Maio de 1957, p.17 (125)-18(126). O “selo espírita” pelo mundo. *Reformador*. Ano 75, n.º 8. Agosto de 1957, p.23 (203). Registro filatélico. *Reformador*. Ano 75, n.º11. Novembro de 1957, p.23 (275). Comentários sobre o “Selo Espírita”. *Reformador*. Ano 75, n.º12. Dezembro de 1957, p.19 (295)-22(298).

O Espiritismo nega: 1 – o mistério; 2 – o milagre; 3 – a inspiração divina da Sagrada Escritura; 4 – a autoridade do Magistério Eclesiástico; 5 – a instituição divina da Igreja; 6 – a instituição divina da Igreja; 7 – a suficiência da revelação cristã; 8 – o augusto mistério da Santíssima Trindade; 9 – grande parte dos espíritas nega a existência dum Deus pessoal e distinto do mundo; 10 – a liberdade de Deus Criador; 11 – a criação do nada; 12 – a criação da alma; 13 – a criação do corpo humano, fazendo-nos descer totalmente aos macacos; 14 – a união substancial entre o corpo e a alma; 15 – a espiritualidade da alma; 16 – a unidade do gênero humano; 17 – a existência dos anjos; 18 – a existência do demônio; 19 – a divindade de Cristo; 20 – os milagres de Cristo; 21 – Muitos espíritas negam a humanidade de Cristo; 22 – os privilégios de Maria Santíssima; 23 – a nossa redenção por Cristo; 24 – o pecado original; 25 – a graça divina; 26 – a possibilidade de perdão dos pecados; 27 – o valor da vida contemplativa e ascética; 28 – toda a doutrina cristã do sobrenatural; 29 – o valor dos Sacramentos; 30 – a eficácia do Batismo; 31 – a presença de Cristo na Eucaristia; 32 – o valor da Confissão; 33 – a indissolubilidade do Matrimônio; 34 – a unicidade da vida terrena; 35 – o juízo particular depois da morte; 36 – a existência do Purgatório; 37 – a existência do Céu; 38 – a existência do Inferno; 39 – a ressurreição da carne; 40 – o juízo final.

CONCLUSÃO (...) “os espíritas devem ser tratados como verdadeiros hereges”, e como tais, sujeitos a todas as conseqüências previstas no Direito Canônico²⁰⁷.

Ao representar o Espiritismo como heresia, a Igreja Católica recorreu ao habitual discurso de desqualificação de grupos e suas concepções religiosas. Quando se observa os itens enumerados, no texto citado acima, depreende-se que a heresia espírita, do ponto de vista da Igreja Católica, dava-se em face das interpretações do texto bíblico presente nas obras de Allan Kardec e Jean-Baptiste Roustaing.

Textos católicos vinculados, como o citado anteriormente no jornal *Folha do Norte*, que também publicava comunicações espíritas, relacionam-se com o fato de que o espaço, no periódico, cedido ou comprado pelos grupos religiosos e as polêmicas que suscitavam funcionavam como uma forma de atrair mais leitores.

O artigo citado anteriormente não seria o único vinculado no jornal *Folha do Norte*. Outros seriam vinculados seguindo esta mesma linha de pensamento no mesmo ano, entre os quais afirmava que:

Quem abraça a doutrina espírita, deixa de ser católico, renega a fé, trai os juramentos do Batismo, abandona a Igreja, afasta-se do redil das ovelhas fieis de Cristo, renuncia voluntariamente aos meios de santificação, os sacramentos, que Jesus instituiu para a salvação das almas (...) Os espíritas não podem ser admitidos á recepção dos sacramentos, nem mais participam dos frutos espirituais e graças e orações, missas, sufrágios e preces públicas

²⁰⁷ Razões da Igreja contra o Espiritismo. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). 27 de abril de 1957, p.8.

da Igreja. A lei eclesiástica proíbe aceitá-los como padrinhos de Batismo e de Crisma e, em caso de falecimento, ficam privados da encomendação e da celebração de missa por sua alma. Em hora infeliz separam-se da Igreja de Cristo e renunciaram deliberadamente aos benefícios, que, como Mãe carinhosa, ela oferece e outorga aos seus filhos (da Pastoral Coletiva do Episcopado Riograndense, 1954).

Sobre a Umbanda, peça o interessante livro do Frei Boaventura O. F. M: *Posições Católicas perante a Umbanda*. 88 pp.

Pedidos à EDITORA VOZES LTDA. Caixa Postal 28 – Petrópolis, R.J.

Filiais: Rio e São Paulo ou por intermédio das boas livrarias.²⁰⁸

O texto acima, publicado no jornal *Folha do Norte*, é um fragmento da Pastoral Coletiva do Episcopado Riograndense, de 1954. Nele, a representação do Espiritismo como heresia é bastante evidente e o tom de admoestação utilizado aumenta, afinal, chama a atenção para as penalidades que os católicos que compartilham de ideias da doutrina espírita e, obviamente, os próprios espíritas sofreriam, isto é, “(...) o princípio de autoridade é evocado”²⁰⁹. O fato de a Igreja Católica ir à imprensa ameaçar os católicos que buscavam o Espiritismo foi um sinal que ela estava sendo ameaçada pela doutrina espírita.

No que tange ao fato de o Espiritismo ser desqualificado como religião e colocado como heresia pela Igreja Católica, cabe afirmar que o debate teológico também fazia parte das disputas por fiéis e seguidores. Segundo Portella:

[...] para ver sua autoridade normativa respeitada, a instituição tende a separar ortodoxia de heresia. E heresia é aquilo que não está concorde com o pensamento da instituição. Busca-se, assim, desqualificar e condenar todo ato que não se coadune com o pensamento oficial, visando, assim, sua dissolução (...) As doutrinas religiosas querem ser exclusivistas ao passo que reivindicam o serem verdadeiras (...) Usa-se a noção corrente da contradição, onde duas verdades não podem ocupar o mesmo espaço, e status. A verdade é sempre singular [...] ²¹⁰

O Espiritismo foi representado pela Igreja Católica como heresia, tendo como base sua diferença com os dogmas católicos. É significativo que a prática de desqualificar a doutrina espírita se relaciona ao provável enfraquecimento da autoridade católica sobre os seus fiéis. De acordo com Rubem Alves, “[...] a polaridade entre a ortodoxia e a heresia se revela como a polaridade entre aqueles que triunfaram – os muitos – e aqueles que perderam – os poucos: os

²⁰⁸ Oposição irreductível entre Espiritismo e Cristianismo. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). 10 de agosto de 1957, p.4.

²⁰⁹ PORTELLA, Rodrigo. *Discurso religioso, legitimidade e poder: algumas considerações a partir de Bourdieu, Foucault e Heller*. **Fragments de cultura**. Goiânia. V.16, n.7/8, jul./ago. 2006, p.567.

²¹⁰ Idem, p.570.

que desejam preservar o passado e aqueles que desejam construir algo novo [...]”²¹¹. Nesse contexto, o Jornal *Folha do Norte* foi utilizado para divulgar a posição oficial da Igreja Católica em Feira de Santana, bem como para católicos e espíritas. Trata-se de uma atitude que demarca a posição do Catolicismo na cidade e no próprio jornal em face da presença de outros grupos religiosos em suas páginas.

Nesse período, ano de 1953, Feira de Santana já contava com mais um centro espírita em funcionamento, o União Espírita Feirense, mais tarde denominado Sociedade de Estudos Espíritas Feirense – União Feirense (SEEF-UF). Seguindo o objetivo de divulgação da história do Espiritismo em Feira de Santana, o periódico espírita *Jornal Interação* publicou:

O Centro União Feirense, como era chamado, teve seu início em 1953 nas dependências de um lar (...) Um grupo de abnegados reuniam-se na residência do Sr. Manoel Matias – onde hoje é o Centro de Abastecimento. Da rua de Aurora pra lá, começava uma rua estreita sem saída, uma viela, que ia dá numa chácara e chamavam: “beco do Manoel Matias”. Eram eles: Sr. Avelino Bahia, Sr. João da Mata, Sr. Gildásio Cunha, D. Maria Alexandrina, Sr. Catarino e esposa D. Maria, conhecida como Maria de Catarino. Depois as reuniões passaram a acontecer numa garagem em casa de Sr. Catarino que ficava no atual Parque Getúlio Vargas, no Ponto Central, pertinho de onde é hoje a sede²¹².

De modo semelhante ao ocorrido nos dois centros espíritas mencionados anteriormente, a formação do União Feirense se deu a partir de um núcleo familiar espírita. As reuniões ocorriam na residência de Manoel Matias, personagem contemporâneo à fundação do Centro Espírita Jesus de Nazaré e que, provavelmente, frequentou este centro espírita, além do núcleo que se reunia em sua casa, uma vez que, apesar de pertencerem a um determinado grupo espírita, tenha frequentado outros como visitante ou palestrante.

Um fato que não se deve perder de vista foi a presença de Osvaldo Requião em mais de um centro espírita, constando entre os colaboradores do Centro Espírita Jesus de Nazaré e da Sociedade de Estudos Espíritas Feirense - SEEF, como afirmou Alípio Oliveira ao narrar que “os trabalhos [na SEEF] tomaram impulso impressionante, principalmente quando houve um maior incremento nas reuniões doutrinárias abrilhantadas pelas presenças do Sr. Lima, Dr. Osvaldo Requião, etc. (...)”²¹³.

²¹¹ ALVES, Rubem. **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Ática, 1979, p.276.

²¹² A fundação da Sociedade de Estudos Espíritas Feirense. *Jornal Interação*. Feira de Santana (BA). Ano 1, n.14. Abril/Maio de 1999, p.4. Arquivo Particular Centro Espírita Jesus de Nazaré (Gentilmente cedido por Cida Vasconcelos)

²¹³ OLIVEIRA, Alípio de Lima. Centro Espírita Jesus de Nazaré. **Pelo quadragésimo terceiro aniversário de Fundação**. 17 de agosto de 1985, p.6. Manuscrito datilografado. Arquivo Particular Centro Espírita Jesus de Nazaré

A passagem das reuniões da casa para a garagem do “Sr. Catarino” pode ter sido em face do aumento do número de pessoas que frequentavam as reuniões em processo semelhante ao ocorrido nos outros centros espíritas da cidade. A localização do União Feirense também permanecia fora do centro urbano de Feira de Santana, numa região mais afastada do que os demais, sendo que as mudanças de endereço deste não foram tão frequentes quanto as ocorridas no Jesus de Nazaré. De acordo com o *Jornal Interação*,

A sede foi construída mediante o esforço de todos os participantes. O baluarte deste empreendimento foi o Sr. Gildásio Cunha, sendo também o primeiro presidente da casa. Iniciaram assim novos tipos de trabalhos: o Sr. Avelino Bahia coordenava os trabalhos mediúnicos; o Dr. Osvaldo Requião tomou a responsabilidade do Catecismo Espírita; a livraria Espírita já funcionava sob a coordenação de Leninha Munduruca, era inclusive uma atividade pioneira, pois, naqueles tempos não se falava em livro espírita. A diretoria foi estabelecida e o estatuto foi elaborado. O estatuto constante da codificação foi atuante e bem direcionado, e venceu²¹⁴. (1999, p.4)

A construção da sede própria foi colocada no histórico dos três centros como um marco para o estabelecimento definitivo do grupo em Feira de Santana. O Espiritismo passava do período em que se reunia exclusivamente em reuniões de grupos familiares espírita para a vivência institucionalizada, fato este que, na prática, deve ter fomentado múltiplas experiências dentro da doutrina espírita por seus adeptos. No que tange ao União Feirense, não foi mencionada a doação ou compra de terreno, somente a atuação de Gildásio Cunha na construção da sede. Pouco se sabe sobre o processo de construção desse centro espírita, que, a princípio, parece não ter enfrentado os reveses vividos pelo Jesus de Nazaré.

Um fato que demonstra a abertura e a visibilidade da SEFF, pelo menos nos primeiros anos de funcionamento, foi a instituição de uma biblioteca espírita, que, provavelmente, contava com um sistema de empréstimos de livros aos frequentadores do centro espírita. Tal aspecto reafirma o vínculo existente entre o Espiritismo e a cultura letrada, criando uma oferta de livros espíritas e mediúnicos numa cidade na qual não havia uma livraria destinada para este fim e pouca tradição de empreendimentos livreiros. Contudo, é necessário frisar que o cultivo de biblioteca por instituições espíritas diz respeito a uma prática difundida nesse grupo religioso desde seus primórdios no Brasil.

2.5 Os irmãos menores: grupos e fraternidades espíritas

²¹⁴ A fundação da Sociedade de Estudos Espíritas Feirense. **Jornal Interação**. Feira de Santana (BA). Ano 1, n.14. Abril/Maio de 1999, p.4. Arquivo Particular Centro Espírita Jesus de Nazaré.

Apesar da organização dos centros espíritas em Feira de Santana, esse período não significou o fim dos grupos espíritas familiares – até mesmo pelos próprios membros dos centros espíritas que foram citados anteriormente. Cabe ressaltar que havia outros centros na cidade no período em estudo, a saber: Grupo da Fraternidade Auta de Souza, Grupo de Iniciação Espírita e Grupo Espírita Fraternidade. Os dois primeiros foram vinculados ao Centro Espírita Jesus de Nazaré e poucas informações se tem a respeito desses três grupos, sendo necessárias novas pesquisas.

Conforme Alípio Oliveira, o “(...) Grupo da Fraternidade Auta de Souza (...) sempre esteve ligado ao C.E. Jesus de Nazaré, e (...) foi fundado pelo Dórea [Elísio da Rocha Dórea] em 1959”²¹⁵. O nome do grupo faz referência a Auta de Souza, poetisa potiguar que foi um dos espíritos os médiuns Chico Xavier e Divaldo Franco afirmavam entrar em contato²¹⁶. O fundador desse grupo foi Elísio da Rocha Dórea, natural de Cachoeira - BA, cuja atuação enquanto espírita foi marcada pelos trabalhos filantrópicos, fazendo parte do grupo que fundaria, em Feira de Santana, o abrigo para idosos *Lar do Irmão Velho* - LIV, no final da década de 1950. Além disso, Elísio Dórea era médium sensitivo²¹⁷. Em Feira de Santana, Elísio Dórea foi compositor e membro da Filarmônia 25 de Março e foi funcionário do Banco Brasil – período em que se converteu ao Espiritismo²¹⁸.

O Centro Espírita Jesus de Nazaré contava com outro grupo espírita que realizava reuniões em suas instalações antes do grupo fundado por Elísio Dórea, conforme expresso no capítulo 1, no primeiro artigo do seu Estatuto.

Art.1º - O Grupo Espírita “Jesus de Nazaré”, de Feira de Santana, fundado a 25 de agosto de 1942, contando com a adesão do “Grupo de Iniciação Espírita” de Feira de Santana, fundado a 17 de janeiro de 1947, ambos na cidade de Feira de Santana, Estado da Bahia, aí terá seu domicílio e sede comum (...) ²¹⁹

²¹⁵ OLIVEIRA, Alípio de Lima. Centro Espírita Jesus de Nazaré. **Pelo quadragésimo terceiro aniversário de Fundação**. 17 de agosto de 1985, p.7. Manuscrito datilografado. Arquivo Particular Centro Espírita Jesus de Nazaré

²¹⁶ Auta de Souza (1876-1901), poetisa afrobrasileira, nascida no Rio Grande do Norte, que publicou apenas um livro de poemas chamado “Horto” (1900), prefaciado por Olavo Bilac. Atribui-se a poetisa potiguar, um dos poemas presentes no livro *Parnaso de Além Túmulo*, psicógrafo por Chico Xavier. **Auta de Souza**. Disponível em <http://www.casadoshumildes.com/Biografias/Auta%20de%20Souza.htm>. Acessado em 01/04/15.

²¹⁷ Audiente e vidente, ou seja, via e ouvia os espíritos. Ver KARDEC, Allan. **Livro dos Médiuns**. Tradução Guillon Ribeiro. 81 ed. Brasília: FEB, 2013.

²¹⁸ Sr. Elísio Dórea. **Jornal Interação**. Feira de Santana (BA). Abril/março de 1999, p.3. Arquivo Particular Centro Espírita Jesus de Nazaré.

²¹⁹ Estatuto do Grupo Espírita Jesus de Nazaré. S/d, p.1 (Gentilmente cedido por Cida Vasconcelos)

O Centro Espírita Jesus de Nazaré possuía uma estrutura que possibilitava o funcionamento de mais de um grupo espírita em suas instalações, com reuniões que ocorriam no mesmo dia e horários. No período em estudo, esse centro parece ter se tornado o foco do Espiritismo em geral na cidade, a exemplo das reuniões comemorativas em prol do *Lar do Irmão Velho* e da *Confraternização Espírita Feirense*. O Centro Espírita Jesus de Nazaré foi a instituição que mais recorreu a publicações no *Folha do Norte* em relação aos outros centros espíritas da cidade, fato este que pode indicar que, para além da compra de espaço no citado periódico, essa instituição procurava ter uma visibilidade maior na cidade utilizando-se de relações de sociabilidade entre seus membros e setores da sociedade feirense ligados à imprensa.

Vale mencionar ainda a existência do *Grupo Espírita Fraternidade*, sobre o qual consta a referência no dia 21 de dezembro de 1968 no Jornal *Folha do Norte* do seguinte modo:

“Grupo Espírita Fraternidade”

Em sua sede provisória, na Kalilândia, rua Dr. Sabino Silva n.829, o < Grupo Espírita Fraternidade > comemorou, com sessão solene, a passagem do seu 4º aniversário de fundação.

Presentes ao ato estiveram autoridades e inúmeras outras pessoas²²⁰.

Situado em um bairro afastado do centro urbano da cidade, este centro espírita segue a cartografia dos demais. Além do recorte acima, não foram encontradas outras informações a respeito dele, sendo que outra menção a este grupo se deu no ano de 1973, no *Boletim Informativo da União Social Espírita da Bahia*, ao listar as instituições espíritas da capital e do interior da Bahia, fato este que demonstra um período em que se pode verificar a sua presença²²¹. O *Grupo Espírita Fraternidade* constitui um indício de mudança, um novo momento na história do Espiritismo em Feira de Santana, uma vez que foi o único, no período pesquisado, que teve uma comemoração propalada através da imprensa. No entanto, pode-se também conjecturar que houve uma abertura da imprensa para esse tipo de comunicação.

No período que compreende as décadas de 1940 e 1960, Feira de Santana possuía as seguintes instituições que se dedicavam à divulgação do Espiritismo na cidade: *Centro Espírita Paz dos Sofredores* (1936), *Centro Espírita Jesus de Nazaré* (1942), *Grupo de*

²²⁰ Grupo Espírita Fraternidade. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 60, n.º3114. 21 de dezembro de 1968, p.1.

²²¹ **Boletim Informativo da União Social Espírita da Bahia**. Salvador (BA). Ano 5, n.º9. Janeiro e fevereiro de 1973, p.4

Iniciação Espírita (1947), *Sociedade de Estudos Espíritas Feirense - União Espírita Feirense* (1953), *Grupo Fraternidade Auta de Souza* (1959) e *Grupo Espírita Fraternidade* (1964). Além disso, cabe salientar a presença de grupos espíritas familiares, que se reuniam periodicamente na casa dos componentes, ainda que seus membros pertencessem a alguns dos centros espíritas listados.

2.6 “Por conciliá-los a uma colaboração mais efetiva”: o papel da Confraternização Espírita Feirense

Com a existência de pelo menos seis instituições espíritas em Feira de Santana, era visível o crescimento da doutrina espírita na cidade, fato este que significou o acirramento dos embates entre católicos e espíritas por meio de artigos publicados em jornal, por exemplo. Fazia-se necessária uma organização que, institucionalmente, pudesse coordenar o trabalho das instituições espíritas na cidade. No dia 11 de junho de 1955, foi noticiada no Jornal *Folha do Norte*, a seguinte comunicação:

Em sessão solene do dia 5 do corrente [5 de junho de 1955], foi fundada nesta cidade a Confraternização Espírita Feirense, entidade federativa das organizações espíritas da cidade e do município de Feira de Santana, cujo programa visa o conagraçamento dessas organizações, o estudo do Espiritismo e a propaganda ilimitada de seus ensinamentos doutrinários e a prática da caridade moral e material, ficando assim constituída a sua primeira Diretoria:

Presidente – Dr. Osvaldo Requião; Vice-Presidente – Dr. Ostiniano Bastos; 1º Secretário Gesner Araújo; 2º Secretário Benvindo da Costa Melo; Tesoureiro Alípio Oliveira; Diretor do Serviço de Assistência Social – Elísio da Rocha Dórea.

As reuniões da Confraternização se realizarão as quintas-feiras nas sedes das Sociedades Adesas, mediante rodízio²²².

A criação da *Confraternização Espírita Feirense* incrementou o trabalho de proselitismo religioso e fortaleceu internamente os grupos espíritas. Não foi possível mapear, nos documentos consultados, até quando a Confraternização existiu nem o desenvolvimento de todas as suas atividades, no entanto, cabe afirmar que foi a primeira tentativa de unificar os objetivos do movimento espírita no município de Feira de Santana para “(...) conciliá-los a uma colaboração mais efetiva (...)”²²³.

²²² Confraternização Espírita Feirense. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano. XLV, n.º 2396. 11 de junho 1955, p.1.

²²³ Posse da nova diretoria da Confraternização Espírita Feirense. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVII, n.º 2501. 15 de junho de 1957, p.4

Com exceção de Gesner Araújo, sobre o qual não se pôde auferir maiores informações, todos os demais membros listados na primeira diretoria da *Confraternização Espírita Feirense* pertenciam ao *Centro Espírita Jesus de Nazaré* – aspecto este que se mantém nas diretorias seguintes, apesar de contar com a adesão da *Sociedade de Estudos Espíritas Feirense - União Espírita Feirense* e do *Centro Espírita Paz dos Sofredores*²²⁴.

No bojo desse contexto, percebe-se a liderança ou destaque do *Centro Espírita Jesus de Nazaré* frente aos demais centros na cidade quando se observa o engajamento de seus membros em diversos setores de atuação: divulgação do Espiritismo na imprensa (por meio da coluna assinada por Osvaldo Requião e de notas que o próprio centro divulgava); filantropia (nas campanhas de assistência social e contribuição para a fundação do abrigo de idosos *Lar do Irmão Velho*); disponibilização de uma estrutura onde funcionaram dois outros grupos espíritas; e, por fim, o engajamento na tentativa de aproximar e unificar os trabalhos dos centros espíritas na cidade ou difundir a sua forma de trabalho para os demais.

A fundação de uma instituição com o objetivo de fortalecimento dos grupos espíritas na cidade pode ser vinculada à tentativa de unificação nacional do Espiritismo desde o Pacto Áureo (1949), que propôs “(...) estabelecer a FEB [Federação Espírita Brasileira] como órgão central de um sistema federativo que englobava todos os Estados do país (...)”²²⁵. Além disso, cabe destacar o movimento denominado *Caravana da Fraternidade* (1950), que procurou congregar as organizações espíritas do Norte e Nordeste ao Pacto Áureo²²⁶.

A tentativa de unificar a doutrina espírita em todo País por meio do reconhecimento da autoridade da FEB foi um debate que se deu basicamente nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, ficando de fora os estados do Norte e do Nordeste. Na Bahia, como resultado da atuação da *Caravana da Fraternidade* e do desejo de unificação de alguns espíritas baianos, foi fundada a *União Social Espírita Bahiana* (USEB), que era composta das seguintes instituições espíritas: *União Espírita Bahiana* (UEB), *Instituto Kardecista da Bahia* (IKB), *Confraternização Espírita Bahiana* (CEB) e *Sociedade de Difusão Cultural Espírita da Bahia* (SDCEB)²²⁷.

Essas instituições que disputavam as atenções dos adeptos da doutrina espírita passaram, assim, a ter a liderança da USEB, fortalecendo o Espiritismo dos ataques de outros grupos religiosos, e com o objetivo de tentar criar uma homogeneidade da doutrina espírita nos grupos baianos. Este último aspecto se deve não somente à tentativa de resolver celeumas

²²⁴ II Concentração de Mocidades e Juventudes Espíritas do Estado da Bahia. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVIII, n.º 2487. 2 de março de 1957, p.1.

²²⁵ **Boletim Informativo da Federação Espírita da Bahia**. Ano VI, n.17. Setembro-outubro de 1974, p.1.

²²⁶ MACHADO, Leopoldo. **A Caravana da Fraternidade**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.

²²⁷ LOUREIRO, Lúcia. **Memórias históricas do Espiritismo da Bahia**: repercussão no movimento espírita brasileiro. Salvador: Telma, 1994, p.244.

internas, mas possivelmente fazer frente à Umbanda, que fundiu elementos da cultura indígena e afro-brasileira com práticas kardecistas e que surgiu “ao final dos 30, período de (...) afirmação da identidade nacional (...)”²²⁸.

No intuito de se legitimar interna e externamente em Feira de Santana e seguindo a prédica espírita “fora da caridade não há salvação”, a Confraternização Espírita Feirense se engajou no desenvolvimento de trabalhos filantrópicos, bem como no apoio a eventos de divulgação do Espiritismo na cidade. Osvaldo Requião escreveu, no dia 5 de janeiro de 1957, o seguinte texto a respeito das atividades da Confraternização:

Com a generosa ajuda dos homens de boa vontade de Feira de Santana, pôde a CONFRATERNIZAÇÃO ESPÍRITA FEIRENSE, pelo seu departamento <Núcleo de Assistência Social Padre Ovídio>, concorrer para alguns dos milhares de necessitados dos bairros anônimos da cidade tivessem um Ano Bom menos triste (...) A ARRECADAÇÃO – Mediante listas distribuídas entre os membros das Sociedades Adesas à CONFRATERNIZAÇÃO (...) arrecadou-se a quantia de Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros). Isto demonstra que a população de Feira (...) crê no programa assistencial que a C.E.F. está desenvolvendo (...) a construção do LAR DO IRMÃO VELHO [...] LIBERTAÇÃO DE PRESOS CORRECIONAIS – Como parte do programa de Ano Bom e por iniciativa do NÚCLEO FEIRENSE DA LEGIÃO DA BOA VONTADE, libertaram-se 12 presos correccionais, detidos por faltas sociais de menos gravidade. A seleção foi feita pessoalmente pelo digno titular da Delegacia de Polícia, confrade Manuel de Andrade Teixeira.

Às 9 horas, a Comissão, integrada de elementos militantes na Confraternização Espírita Feirense, no Núcleo Feirense da Legião da Boa Vontade, na Juventude Espírita Feirense, da Igreja Evangélica, tendo esta última à frente seu Pastor, o Rev. Saturnido Perreira, exma esposa e filhos, do Sr. Delegado de Polícia, do Dr. 2º Promotor Público [Osvaldo Requião], se dirigiu à Cadeia Pública [...] Falou aos correccionais libertados o Rev. Saturnino Pereira, que, após ler os Dez Mandamentos, doutrinou durante 30 minutos, de modo empolgante, sobre os malefícios espirituais do crime [...] Em seguida, o orador ofereceu aos libertados e aos demais detidos exemplares do NOVO TESTAMENTO, recomendando-lhes a sã leitura, com o que se manifestaram vivamente satisfeitos, entrado logo alguns deles a manuseá-los, movidos de curiosidade²²⁹.

No meio protestante, os batistas constituíram uma denominação que os colocava numa posição de “(...) mais bíblicos, fiéis às doutrinas neotestamentárias, detentores da pureza

²²⁸ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos:** gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.197.

²²⁹ A Confraternização Espírita Feirense e o Ano Bom dos Necessitados. **Folha do Norte.** Feira de Santana (BA). Ano XLVII, n.º 2478. 5 de janeiro de 1957, p.1

evangélica em detrimento das demais confissões protestantes (...)²³⁰. A partir de tal fato, pode-se compreender o pensamento antiecumenista batista, que resultou na posição conservadora no Protestantismo brasileiro, como a recusa de participar da formação da Aliança Evangélica e a Comissão de Cooperação – tentativa de união entre as denominações protestantes na primeira década do século XX²³¹.

A presença do Reverendo Saturnino Pereira realizando um trabalho filantrópico com Osvaldo Requião chega ser mesmo surpreendente em face da posição dos batistas de forma geral. No entanto, não se pode perder de vista que os batistas eram resistentes a quaisquer atividades ecumênicas. A filantropia foi o principal meio do qual se serviram os espíritas na cidade de Feira de Santana, ainda que não tenha sido o único grupo religioso que a praticou. O empreendimento que lhe conferiu, durante longo tempo, legitimidade dentro e fora do meio espírita foi a fundação do abrigo para idosos *Lar do Irmão Velho*.

Como era um dos adeptos do Espiritismo que assinava uma coluna no jornal *Folha do Norte*, Osvaldo Requião se tornou aquele que trazia informações a respeito do movimento espírita feirense, tanto nas atividades filantrópicas quanto dos eventos espíritas que ocorriam na cidade, em especial a Confraternização Espírita Feirense. No dia 16 de fevereiro de 1957, divulgou:

Patrocinada pelo *Departamento de Juventude da União Social Espírita do Estado da Bahia (USEB)* e pela *Confraternização Espírita Feirense (CEF)*, realizar-se à nesta cidade (...) a II CONCENTRAÇÃO DE MOCIDADES E JUVENTUDES ESPÍRITAS DO ESTADO DA BAHIA, com a finalidade de reunir fraternalmente representantes de tôdas as organizações de Mocidades e Juventudes dêste Estado para a discussão de temas e adoção de medidas e iniciativas que interessem, de um modo geral, ao movimento espírita e, em particular, as atividades infanto-juvenis em suas relações com a Doutrina.

Feira de Santana terá, assim, oportunidade de hospedar várias delegações de Salvador e das demais cidades do interior baiano (...) terá a singularizá-la a comemoração do Centenário da Publicação de <O LIVRO DOS ESPÍRITOS> (...).²³²

A II Concentração de Mocidades e Juventudes Espíritas do Estado da Bahia, que ocorreu em Feira de Santana entre os dias 2 a 5 de março de 1957, tendo a I Concentração

²³⁰ SILVA, Elizete da. **Protestantismo ecumênico e realidade brasileira**. Feira de Santana: Editora UEFS, 2010, p.58.

²³¹ Idem, p.59.

²³² II Concentração de Mocidades e Juventudes Espíritas do Estado da Bahia. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVIII, n.º2484. 16 de fevereiro de 1957, p.1.

ocorrida na cidade de Salvador - BA, entre os dias 4 a 7 de setembro de 1954²³³, contou com a participação dos seguintes preletores espíritas em seu programa de palestras: Alfredo Miguel dos Santos (1902-1985), natural de Jaboatão (PE), fundador do periódico *Bahia Espírita*, em 1937, que publicou os livros *Esboço histórico do Espiritismo*, *As heroínas de Hydesville*, *Tese das vidas múltiplas*, *Apologia da prece*, *Comunicação e Reencarnação*, dentre outros²³⁴; Abel Mendonça (1902-1977), natural de Canhotinho (PE), redator do Jornal *O Imparcial* (BA), tendo passado, posteriormente, pelo *Diário da Bahia*, fundou o jornal espírita *Convicção* (1966)²³⁵; o próprio Osvaldo Requião; o médium Divaldo Franco (que proferiu a palestra de encerramento); Geraldo Guimarães e Aurélio Valendo – sobre os dois últimos não foram encontradas informações sobre sua atuação²³⁶.

Não foi possível dimensionar a relação existente entre Osvaldo Requião e o médium Divaldo Franco. O primeiro atuava, principalmente, em Feira de Santana e o segundo, apesar de ter suas atividades localizadas na capital do estado da Bahia, ministrava palestras em várias cidades brasileiras. Divaldo Franco foi um autor ausente nos textos de Requião, talvez por uma falta de afinidade com a literatura produzida pelo médium, o que, possivelmente, denote diferenças de concepções doutrinárias.

Osvaldo Requião assumiu a diretoria da *Confraternização Espírita Feirense* nos anos de 1955 e 1958, além de desenvolver a atividade de palestrante espírita no estado da Bahia²³⁷ e de Sergipe²³⁸, fatos que demonstram o papel relevante que desempenhou enquanto agente religioso espírita e intelectual orgânico do Espiritismo brasileiro.

2.7 Discretos, mas nem tão sigilosos: espíritas e maçons em Feira de Santana

Conforme Aubrée e Laplantine, ao comparar as relações entre Espiritismo e Maçonaria, “(...) tanto na França quanto no Brasil, a dupla filiação era frequente e a simpatia, recíproca. Aliás, o papel das lojas na difusão do Espiritismo tinha sido sublinhado, em 1886,

²³³ II Concentração de Mocidades e Juventudes Espíritas do Estado da Bahia. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVIII, n.º 2485. 23 de fevereiro de 1957, p.1.

²³⁴ LOUREIRO, Lúcia. **Memórias históricas do Espiritismo da Bahia**: repercussão no movimento espírita brasileiro. Salvador: Telma, 1994, p.365-366.

²³⁵ Idem, p.370-374.

²³⁶ II Concentração de Mocidades e Juventudes Espíritas do Estado da Bahia. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVIII, n.º 2487. 2 de março de 1957, p.1.

²³⁷ 1º Centenário da publicação de "O Livro dos Espíritos". **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVII, n.º 2493. 30 de abril de 1957, p.1.

²³⁸ O "trailler" da minha viagem a Aracaju. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVIII, n.º 2563. 23 de agosto de 1958, p.1.

pelo próprio Bezerra [Bezerra de Menezes] (...)”²³⁹. Discutindo o contexto brasileiro, Ubiratan Machado afirmou que “(...) maçom, espírita e republicano poderia ser a tríplice divisa para identificar o comportamento político-social-religioso de vários notáveis do ocaso imperial, em oposição ao reacionarismo católico (...)”²⁴⁰. Desse modo, os vínculos entre maçonaria e Espiritismo no Brasil existiam desde o século XIX, persistindo no século XX.

De acordo com Lúcia Loureiro, foram os maçons que “abriram caminho” para que o Espiritismo adentrasse o Brasil no século XIX, uma vez que defendiam a liberdade de culto no período²⁴¹ e tinham força social por contar com membros pertencentes a diferentes confissões religiosas. Apesar de haver o diálogo, as relações entre Espiritismo e Maçonaria devem ser investigadas em momento futuro para se perceber particularidades no contexto brasileiro ou francês.

A Maçonaria se organizou em Feira de Santana no ano de 1882, com a fundação da *Loja Caridade e Segredo Feirense*, sendo que, em 19 de dezembro de 1956, nasceu a *Loja Maçônica Luz e Fraternidade* – resultado da fusão das *Lojas Luz e União* (fundada em 1926) e *Fraternidade Paz e Progresso* (fundada em 1951), devido a dificuldades financeiras e pela baixa frequência, sobretudo na segunda. Muitos políticos da cidade, que se tornariam prefeitos e vereadores, pertenceram à Maçonaria, a exemplo de Agostinho Fróes da Mota, Jonathas Teles de Carvalho, João Marinho Falcão, Eduardo Fróes da Mota e Heráclito Dias de Carvalho²⁴². A partir desses dados, pode-se inferir que a maçonaria consta entre as organizações leigas que tiveram forte influência e expressividade em Feira de Santana e em todo o Brasil no aspecto da tolerância e liberdade religiosa.

Ainda que não se possa dimensionar as relações entre a Maçonaria e a difusão do Espiritismo em Feira de Santana, foi possível verificar a presença de alguns espíritas que eram maçons, a exemplo de Hildebrando Ramos, Manoel Mathias de Azevedo, pertencentes ao Centro Espírita Paz dos Sofredores, e João Pereira Aguiar e Benvindo da Costa Melo, do

²³⁹ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.163.

²⁴⁰ MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o Espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis**. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996, p.146.

²⁴¹ LOUREIRO, Lúcia. **Memórias históricas do Espiritismo da Bahia: repercussão no movimento espírita brasileiro**. Salvador: Telma, 1994, p.117.

²⁴² CAIRES, Elizaherte Ramos. **História de fundação da Loja Maçônica Luz e Fraternidade nº 14 Or.º. de Feira de Santana/Ba**. Disponível em <http://www.luzefraternidade.org.br/historia.php>. Acessado em 27/06/13.

Centro Espírita Jesus de Nazaré – todos entre os fundadores da *Loja Maçônica Luz e Fraternidade*²⁴³.

No que tange aos membros listados nas diretorias de 1955 e 1958 da Confraternização Espírita Feirense - CEF, cabe ressaltar os nomes de Benvindo da Costa Melo e João da Mata Chaves, que atuaram, respectivamente, nos cargos de 2º Secretário e Tesoureiro da CEF. Além destes, João Pedreira Aguiar, que foi um dos fundadores do Centro Espírita Jesus de Nazaré, membro da Loja Maçônica Luz e Fraternidade, em Feira de Santana, juntamente com o Reverendo protestante Saturnino José Pereira²⁴⁴.

Com base nos nomes listados, percebe-se que a presença de alguns religiosos espíritas e de outras confissões religiosas que se fizeram presentes nas colunas dos principais jornais da cidade eram membros da Maçonaria. Ainda que não se possa dimensionar o grau de relação entre eles, observa-se que havia uma sociabilidade comum entre estes intelectuais religiosos – que merece ser investigada no momento oportuno.

2.8 Em socorro da “humanidade sofredora”: filantropia e Espiritismo em Feira de Santana

Inaugurado no final da década de 1950, o abrigo para idosos *Lar do Irmão Velho* - LIV se tornou um emblema do movimento espírita na cidade de Feira de Santana. Tal obra trouxe um capital simbólico para a prática da caridade realizada pelos espíritas não somente para o campo religioso, mas que se espalhou para a sociedade feirense em geral, uma vez que a situação de abandono aos idosos se tornou assunto frequente na pauta das discussões da própria Câmara de Vereadores de Feira de Santana:

(...) o Sr. Raimundo Aguiar, disse aproveitar a oportunidade para sugerir aos Srs. Vereadores que fizessem uma visita às obras de construção do “Lar do Irmão Velho” de vez em que essa instituição traria grandes benefícios à velhice desamparada e estava a carecer de apoio do Poder Público (...)²⁴⁵.

²⁴³ CAIRES, Elizaherte Ramos. **História de fundação da Loja Maçônica Luz e Fraternidade nº 14 Or.º de Feira de Santana/Ba**. Disponível em <http://www.luzefraternidade.org.br/historia.php>. Acessado em 27/06/13.

²⁴⁴ Administração da Loja Luz e Fraternidade. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVII, n.º 2509. 10 de agosto de 1957, p.1.

²⁴⁵ Ata da 63ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Feira de Santana, realizada em 27 de novembro de 1959, p.197. (Livro de Atas n.º 6 – 29 de outubro de 1958 à 30 de novembro de 1959. Arquivo da Câmara Municipal de Feira de Santana).

O pronunciamento do vereador Raimundo Aguiar²⁴⁶ é fundamental para compreender o contexto social em que nasceu o *Lar do Irmão Velho*. Na sua fala, a expressão “velhice desamparada” chama a atenção para a situação na qual se encontrava uma parcela de idosos desassistida pela saúde pública. Concomitante à onda modernizadora dos anos 50 em Feira de Santana, do gradual “soterramento” da cidade sertaneja²⁴⁷ e da imigração de pessoas de várias regiões da Bahia e de outros Estados, a questão dos idosos e sua situação social tornou-se um problema de saúde pública.

A trajetória dos idosos em Feira de Santana ainda apresenta uma grande lacuna na produção historiográfica sobre a família e que, no contexto dessa discussão, ainda cabe analisar o perfil desses idosos para se compreender essa situação de desamparo social, cabendo perguntar as origens desses indivíduos, cor, gênero, ocupações trabalhistas, dentre outras questões (que, por ora, ficarão em aberto).

Pautados no preceito religioso da caridade, os espíritas feirenses se dedicaram ao combate da situação social na qual se encontrava uma parcela dos idosos, os “desamparados” econômica e afetivamente, por meio da construção do *Lar do Irmão Velho*. No dia 28 de setembro de 1957, foi publicado o seguinte texto no jornal *Folha do Norte*:

A Comissão responsável pela construção do “Lar do Irmão Velho”, de Feira de Santana, tem a satisfação de comunicar às almas generosas sistenizadas [sic] com esse inadiável movimento que acaba de adquirir por 70 mil cruzeiros, ao Sr. Américo Caribé, o terreno necessário à citada edificação, que tem como finalidade amparar aqueles que, por sua idade avançada, já não podem prover à própria subsistência.

A pedra fundamental de tão meritória obra será lançada dentro em pouco, logo que a Comissão complete o pagamento, pois deu apenas 40 mil cruzeiros, faltando, portanto, 30 mil.

Eis porque apela para os homens e mulheres de boa vontade de Feira para que ajudem a cobrir esses 30 mil cruzeiros restantes.

Qualquer contribuição pode ser enviada ou entregue ao Núcleo Feirense da “Legião da Boa Vontade”, Av. Senhor dos Passos, 1309, as segundas-feiras, das 20 às 21 horas, quando realiza suas reuniões ordinárias, ou depositada no Banco do Brasil, em conta já aberta em nome da instituição.

DEUS, QUE TUDO VÊ, RECOMPENSARÁ A TODOS²⁴⁸.

²⁴⁶ Esteve entre os fundadores do Centro Espírita Jesus de Nazaré.

²⁴⁷ Ver OLIVEIRA, Clovis Frederico Ramaiana Moraes. **De Empório à Princesa do Sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)**. Dissertação Mestrado em História. FFCH/UFBA, Salvador, 2000.

²⁴⁸ Núcleo Feirense da Legião da Boa Vontade. Construção do “Lar do Irmão Velho”, de Feira de Santana. Apêlo. **Folha do Norte**. 28 de setembro de 1957, p.1.

O texto acima traz um elemento fundamental para compreensão do advento do *Lar do Irmão Velho*: a atuação do *Núcleo Feirense da Legião da Boa Vontade*. Essa organização espírita se instalou na cidade com o intuito explicitamente assistencial. Por outro lado, não se pode deixar de lado o fato de que possuiu ligação com agentes espíritas e com a construção do *Lar do Irmão Velho* e serviria para a propagação do Espiritismo em Feira de Santana²⁴⁹.

No quadro organizacional do *Núcleo Feirense da Legião da Boa Vontade*, pode-se elencar os principais nomes divulgadores da doutrina espírita, ainda que não sejam os únicos. No ano de 1957, a *Legião da Boa Vontade* tinha em sua Presidência o bancário e contador do Banco do Brasil, Elísio da Rocha Doréa; o Serviço de Imprensa e Propaganda foi dirigido por Osvaldo Requião, promotor público de justiça e professor secundário; o então cirurgião-dentista e membro da Câmara de Vereadores, Colbert Martins, era o responsável pelo Conselho Fraternal; e o departamento de Assistência Social ficava sob os cuidados do Enésio Freitas Cerqueira²⁵⁰.

As mulheres espíritas também faziam parte do quadro administrativo do *Núcleo Feirense da Legião da Boa Vontade* em diversos setores, como o de Assistência Espiritual, a cargo da professora primária Hilda Portugal; o Primeiro Secretariado, sob a responsabilidade da industrial D. Adalice Lopes; e, como uma das legendárias do Conselho Fraternal, estava a professora primária Joselita Cerqueira Bastos.

A partir da organização da *Legião da Boa Vontade* na cidade, os espíritas feirenses buscaram angariar fundos para a construção de uma instituição de assistência aos idosos, pressionando, inclusive, o Poder Municipal por dentro, uma vez que alguns vereadores eram adeptos das doutrinas espíritas. Assim, por mais de uma vez, foi solicitado que o Poder Público desse a sua contribuição financeira para a construção do *Lar do Irmão Velho*, considerada instituição de fundamental importância para a cidade²⁵¹.

Nas atas da Câmara Municipal foi possível rastrear os seguintes valores, de acordo com o vereador proponente: Antônio Nery - \$7.000,00²⁵², Antônio Araújo - \$1.000,00²⁵³ e

²⁴⁹ Fundação do Núcleo Feirense da Legião da Boa Vontade. **Folha do Norte**. 8 de junho de 1957, p.1.

²⁵⁰ ARAÚJO, José Fernando Souza. “**Os espíritos chegam a Feira**”: formação do Espiritismo em Feira de Santana, 1936 – 1961. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009.

²⁵¹ Resumo das sessões da Câmara Municipal de Feira de Santana. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). 9 de janeiro de 1960, p.3.

²⁵² Ata da 62ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal da Feira de Santana, realizada em 12 de novembro de 1958, p.1. (Livro de Atas n.º6 – 29 de outubro de 1958 à 30 de novembro de 1959. Arquivo da Câmara Municipal de Feira de Santana).

²⁵³ Ata da 57ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Feira de Santana, realizada em 16 de novembro de 1959, p.182. (Livro de Atas n.º6 – 29 de outubro de 1958 à 30 de novembro de 1959. Arquivo da Câmara Municipal de Feira de Santana).

Humberto Mascarenhas - \$1.000,00²⁵⁴. Todavia, não foi somente o *Lar do Irmão Velho* que recebeu ajuda em dinheiro da Câmara Municipal. Também foi possível mapear alguns centros espíritas que receberam ajuda: Antonio Araújo - para o *Centro Espírita Paz dos Sofredores*, \$2.000,00²⁵⁵; Altamir Lopes - para o *União Espírita Feirense*, \$5.000,00²⁵⁶ e Humberto Mascarenhas – para o *Centro Espírita Paz dos Sofredores*, \$3.000,00²⁵⁷.

Cabe ressaltar que houve doação de dinheiro, não somente a doação filantrópica e a de centros espíritas. Foram mapeadas, em maior quantidade, contribuições financeiras a muitos templos católicos nas diversas cidades que compunham o município de Feira de Santana, inclusive para a instalação do Bispado em Feira de Santana e do Orfanato Evangélico na cidade.

(...) a “Ordem do Dia”: = Em discussão final, o Projeto de Lei n.º22/59, procedente do Executivo que concede auxílio para a instalação do Bispado nesta cidade, fez uso da palavra o Sr. Humberto Mascarenhas, que ao dar o seu apêlo à proposição em lide, disse o fazer, sem ferir ao preceito constitucional que separa a Igreja do Estado, bem assim, atendendo à maioria dos seus eleitores que são católicos. Em votação o Projeto, foi aprovado, por unanimidade (...)²⁵⁸

Nesse contexto, o Poder Público contribuiu financeiramente para instalação do *Lar do Irmão Velho*, pois essa entidade trabalharia uma demanda social em que a própria Câmara de Vereadores da cidade até então tinha pouca sensibilidade; sendo que, no caso da instalação do Bispado, tratava-se de uma justificativa eleitoreira.

De acordo com Marcelo Gruman, “(...) as noções de política e religião redefinem-se a partir do deslocamento de fronteiras entre o público e o privado, traduzido na competição entre as diferentes religiões por maior espaço na representação política (...)”²⁵⁹. No contexto em análise, o conflito da separação entre religião e Estado não se dá somente quando se trata

²⁵⁴ Ata da 55ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Feira de Santana, realizada em 12 de novembro de 1959, p.179. (Livro de Atas n.º6 – 29 de outubro de 1958 à 30 de novembro de 1959. Arquivo da Câmara Municipal de Feira de Santana).

²⁵⁵ Ata da 63ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal da Feira de Santana, realizada em 17 de novembro de 1958, p.15. (Livro de Atas n.º6 – 29 de outubro de 1958 à 30 de novembro de 1959. Arquivo da Câmara Municipal de Feira de Santana).

²⁵⁶ Ata da 55ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Feira de Santana, realizada em 12 de novembro de 1959, p.179. (Livro de Atas n.º6 – 29 de outubro de 1958 à 30 de novembro de 1959. Arquivo da Câmara Municipal de Feira de Santana).

²⁵⁷ Ata da 58ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Feira de Santana, realizada em 17 de novembro de 1959, p.184. (Livro de Atas n.º6 – 29 de outubro de 1958 à 30 de novembro de 1959. Arquivo da Câmara Municipal de Feira de Santana).

²⁵⁸ Ata da 38ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Feira de Santana, realizada em 12 de junho de 1959, p.127. (Livro de Atas n.º6 – 29 de outubro de 1958 à 30 de novembro de 1959. Arquivo da Câmara Municipal de Feira de Santana).

²⁵⁹ GRUMAN, Marcelo. *O lugar da cidadania: Estado moderno, pluralismo religioso e representação política*. **Rever - Revista de Estudos da Religião**. Nº 1, 2005, p. 95.

da construção de atividades filantrópicas no período, mas também em outro setores como o Ensino Religioso. No que tange, especificamente, às atividades filantrópicas e aos grupos religiosos, a Igreja Católica vinculou no *Folha do Norte* o seguinte comunicado:

É absolutamente proibido aos católicos auxiliar a construção de sinagogas, mesquitas, igrejas de protestantes ou espíritas, bem como nenhuma obra de assistência social promovida ou dirigida por essas entidades. Nenhuma razão ou pretexto algum poderá justificar semelhante proceder, nem eximir o contribuinte católico de culpa contra a única e verdadeira Religião²⁶⁰.

O texto acima foi publicado no jornal *Folha do Norte*, em 1956. Observa-se que a Igreja Católica reconhece o envolvimento de seus fiéis em atividades filantrópicas com adeptos de outros grupos religiosos – fato este que denota a quebra da autoridade da Igreja Católica em seu discurso. Como salientou o antropólogo Marcelo Camurça, “(...) o Espiritismo despertava na Igreja Católica, até então soberana no campo da dita ação humanitária e de benemerência (...) um receio de concorrência eficiente”²⁶¹.

A prática filantrópica foi realizada em Feira de Santana, sobretudo pela Igreja Católica, principalmente por meio da figura do padre Ovídio de São Boaventura, vigário da cidade entre os anos de 1864 e 1886. As obras sociais deste sacerdote católico continuaram em plena atividade mesmo após a sua morte, destacando-se dentre elas o Montepio dos Artistas Feirenses e o Asilo Nossa Senhora de Lourdes (orfanato destinado a meninas)²⁶².

No que tange aos protestantes, as atividades de cunho filantrópico se deram “(...) por meio de entidades sociais, como creches, orfanatos, centros de recuperação. Este foi um meio do grupo galgar participação e destaque na região feirense, bem como de participar de questões políticas (...)”²⁶³. As instituições, criadas entre as décadas de 1950 a 1980, atuaram frente aos diversos problemas sociais, como se pode observar pelos nomes destas: Orfanato Evangélico da Assembleia de Deus; Associação dos Menores Abandonados; Centro de Recuperação Desafio Jovem²⁶⁴.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu afirma que “(...) a Igreja tende a impedir de maneira mais ou menos rigorosa a entrada no mercado de novas empresas de salvação (...),

²⁶⁰ Auxílios de católicos a obras heréticas e cismáticas. **Folha do Norte**. 1 de setembro de 1956, p.1.

²⁶¹ CAMURÇA, Marcelo. “*Fora da caridade não há religião*”. *Breve história da competição religiosa entre catolicismo e espiritismo kardecista e de suas obras sociais na cidade de Juiz de Fora: 1900-1960*. **Revista Locus**. Juiz de Fora, vol 7, n. 1, 2001, p.139-140.

²⁶² POPPINO, Rollie. **Feira de Santana**. Salvador: Itapuã, 1968, p.284.

²⁶³ SILVA, Igor Trabuco da. “**Tu não participaras**”: A Assembléia de Deus e os dilemas da participação política (1972-1990). Monografia (Especialização em História da Bahia). Feira de Santana, UEFS, 2008, p.56.

²⁶⁴ Idem.

bem como a busca individual de salvação (...)”²⁶⁵. Tal assertiva é confirmada dentro do contexto do campo religioso feirense quando se observa a posição oficial do Catolicismo sobre o auxílio de seus fieis a obras filantrópicas de outros grupos religiosos. Outro aspecto que não se pode perder de vista é que se antes a Igreja Católica tinha a primazia e o monopólio dos bens de salvação, com a diversificação do campo religioso feirense o Catolicismo não via com bons olhos a atuação de outros grupos religiosos que buscavam, mediante prática da filantropia, estabelecer-se na cidade.

Com a prédica “fora da caridade, não há salvação”, os grupos espíritas, por meio da filantropia, desenvolveram a prática de assistencialismo, possibilitando a inserção e estabelecimento do Espiritismo em diferentes contextos, sobretudo quando se pensa a composição social dos seus adeptos.

Na cidade de Feira de Santana, a filantropia foi uma das principais armas que os grupos espíritas utilizaram para se estabelecer no campo religioso feirense, ou seja, o “(...)‘ato de doar’ deve ser simultaneamente visto como ‘ato de ganhar’; o consenso social, como hegemonia de classe, o controle social (muito frequentemente) como controle de classe; e algumas (ainda que nem todas) regras como necessidade (...)”²⁶⁶. No esteio dessa discussão, os espíritas, ao mesmo tempo, atendiam a uma questão importante na doutrina espírita, bem como “ganhavam” espaço na sociedade por meio da prática da filantropia.

Todavia, os sentidos da filantropia merecem atenção, não somente de quem a prática, mas também das pessoas assistidas por essa prática. No caso específico do LIV, uma análise sobre o perfil dos idosos dessa instituição é uma das problemáticas bastante promissoras, principalmente para se pensar a história da família do idoso em Feira de Santana.

Além do *Lar do Irmão Velho*, não se pode esquecer que a filantropia também era realizada nos centros espíritas pelos adeptos do Espiritismo, a exemplo da nota vinculada no rodapé do artigo *Espiritismo e educação*, na coluna de Osvaldo Requião, no dia 8 de abril de 1961, na qual se fazia o seguinte pedido:

O inverno está às portas. Lembre-se de que o pobre também sente frio. Colabore na <CAMPANHA DO COBERTOR>. Mande sua generosa contribuição para o Centro <JESUS DE NAZARÉ> (Rua Barão de Cotegipe, 1083) ou a Elísio Dória (Banco do Brasil), Deus retribuirá.²⁶⁷

²⁶⁵ BOURDIEU, Pierre. *Gênese e estrutura do campo religioso*. In: **A economia de trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p.58.

²⁶⁶ THOMPSON, E. P. *Folclore, antropologia e história social*. In: **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2001, p.252.

²⁶⁷ Espiritismo e educação. A propósito do ensino religioso nas escolas. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 51, n.º 2708. 8 de abril de 1961, p.4.

O apelo chama a atenção para a relevância que foi dada à prática da filantropia no meio espírita feirense, sendo possível identificar os sujeitos e instituições que procuraram, através dessa prática, estabelecer o Espiritismo na cidade. O destaque dado ao Centro Espírita Jesus de Nazaré se deve, sobretudo, pelo fato de os sujeitos que compunham seu quadro de fiéis terem acesso à mídia. Além disso, as relações de sociabilidade que possuíam possibilitavam a projeção de suas atividades por meio da imprensa.

3 SOB OS AUSPÍCIOS DA IMPRENSA: O ESPIRITISMO QUE CABIA NOS (E AOS) JORNAIS EM FEIRA DE SANTANA - BA

Este capítulo tem o objetivo de discutir como o Espiritismo foi abordado nos jornais da cidade de Feira de Santana entre as décadas de 1940 e 1960, analisando especificamente os textos das colunas *À vol d’oiseau* e *Espiritismo*, do Jornal *Folha do Norte*, bem como da coluna *Religiões e Cultos*, do Jornal *Gazeta do Povo*.

Não se pretende tomar “[...] os periódicos como meros receptáculos de informação a serem selecionadas, extraídas e utilizadas ao bel prazer do pesquisador [...]”²⁶⁸, mas discutir as diferentes representações do Espiritismo nas colunas citadas e os motivos que permitiram sobressair determinadas representações da doutrina espírita em detrimentos de outras, bem como os agentes que as engendraram, uma vez que “[...] a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público [...]”²⁶⁹. Os elementos que compuseram a representação do Espiritismo poderão contribuir para a discussão da relação entre imprensa e religião, disputas no campo religioso feirense e atuações de diferentes atores sociais no bojo desse processo.

Pretende-se analisar o papel da imprensa na divulgação da doutrina espírita na sociedade feirense, levando-se em consideração o fato de que as vivências dos espíritas na cidade de Feira de Santana não foram transplantadas integralmente para a imprensa, mas dizem respeito a determinado segmento social dos espíritas da cidade, que tentam engendrar suas representações do Espiritismo. Discutir quem eram os espíritas que se utilizaram da imprensa leiga, os meios que possibilitaram o acesso a ela e os conflitos religiosos que se travaram tendo como principal cenário as colunas dedicadas à temática religiosa são alguns pontos e elementos que se procurou analisar, além da atuação de intelectuais religiosos e as disputas no campo religioso feirense.

De acordo com a historiadora Tania Regina de Luca, no que diz respeito à concepção de jornais e revistas, “[...] [eles são] empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita [...]”²⁷⁰. Sendo assim, procura-se discutir os usos da imprensa nas disputas entre grupos religiosos existentes na cidade de Feira de Santana no período de 1950 a 1960, bem como discutir a abordagem do

²⁶⁸ LUCA, Tania Regina de. *Fontes impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas (org.)**. São Paulo: Contexto, 2005, p.116.

²⁶⁹ Idem, p.139.

²⁷⁰ Ibidem, p.140.

Espiritismo nas colunas assinadas por agentes religiosos espíritas nos jornais *Folha do Norte* e *Gazeta do Povo*.

Pretende-se discutir também as principais referências literárias de Osvaldo Requião com base em sua “biblioteca”. Como não foi possível ter acesso à sua biblioteca propriamente dita, procurou-se fazer o mapeamento dos livros citados e mencionados na coluna *À vol d’oiseau*, publicados no *Jornal Folha do Norte*, na tentativa de compreender a formação do pensamento e atuação de Osvaldo Requião no campo religioso feirense. Tal mapeamento também poderá servir de base para se perceber o lugar da cultura escrita no Espiritismo que se implantou em Feira de Santana.

3.1 Considerações sobre a *Folha do Norte* e a *Gazeta do Povo*

Entre os anos de 1940 e 1965, foram fundados os seguintes jornais em Feira de Santana: *Correio Feirense* (1943), *A Luz* (1951), *Diário da Feira* (1951), *O Combate* (1952), *O Coruja* (1953), *A Gazeta* (1958), *Gazeta do Povo* (1959) e *Situação* (1966)²⁷¹. Conforme Raymundo A. C. Pinto, o jornal *Folha do Norte* e os demais periódicos possuíram laços muito próximos com o cenário político feirense, uma vez que, durante o período de eleições ou às vésperas destas, surgiram os primeiros jornais da cidade, sendo que, tão logo esse momento passasse, alguns periódicos deixavam de existir²⁷². Os jornais que apareceram neste período disputavam o posto alcançado pelo *Folha do Norte* na imprensa feirense conseguiram abala a hegemonia dele somente a partir de 1970, período em que surgiu o jornal *Feira Hoje*²⁷³.

As datas de 17 de setembro de 1909 e 3 de maio de 1959 marcam, respectivamente, a fundação do *Folha do Norte* e do *Gazeta do Povo* na cidade de Feira de Santana. Esses dois impressos foram alguns dos jornais que circularam na cidade, sendo que o primeiro ainda encontra-se em circulação, enquanto o segundo circulou por pouco tempo (1959-1964), como ocorreu com grande parte dos periódicos na cidade. A longevidade da *Folha do Norte* se deu, entre outros fatores, aos laços deste periódico com os políticos locais (em parte os próprios agentes mantenedores desse impresso).

A data de fundação da *Folha do Norte* e da *Gazeta do Povo* situa-se em fases diferentes da História do Brasil e da imprensa brasileira. Enquanto o primeiro nasceu no final

²⁷¹ IMPRENSA em Feira de Santana: periódicos. Disponível em <http://www.feiradesantanna.com.br/imprensa.htm>. Acessado em 9/12/11.

²⁷² PINTO, Raymundo A. C. **Pequena história de Feira de Santana**. Feira de Santana: Sicla, 1971.

²⁷³ OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950-1960)**. Tese (Doutorado em História), Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2008, p.31.

da primeira década do século XX e nos primeiros anos da República, o segundo foi fundado dentro do período denominado “experiência democrática” brasileira²⁷⁴. Pode-se observar a presença de alguns atores sociais presentes nas páginas dos citados impressos em detrimento a outros, como os coronéis da cidade de Feira de Santana, que monopolizavam a cena política do período de fundação da *Folha do Norte* – sendo que este periódico foi fruto das disputas envolvendo esses atores sociais.

No que diz respeito à trajetória da imprensa brasileira, o *Folha do Norte* foi lançada no momento em que a imprensa passava pela “fase de consolidação” em âmbito nacional. Já o *Gazeta do Povo* aparece no bojo da “fase de modernização” da imprensa no cenário brasileiro²⁷⁵. Tais contextos possibilitam compreender o formato em que os dois impressos foram postos em circulação, bem como a linha editorial que foi seguida em cada caso. Enquanto o *Folha do Norte* apresentou características do modelo francês de jornalismo, isto é, privilegiando a opinião em detrimento da informação e aproximações com a linguagem literária, o *Gazeta do Povo* possuiu características próximas ao modelo norte-americano de jornalismo, com uma forma que privilegiava a informação, com textos menos elaborados e mais informativos e colunas dedicadas a esportes – ainda que a pretensão da neutralidade da imprensa possa ser questionada nos dois casos.

Ao observar o texto de apresentação de cada um dos periódicos, ambos presentes no primeiro número, pode-se perceber os objetivos a que se propunham, os atores sociais responsáveis pelo lançamento do jornal e a representação que fazem de si mesmos e da cidade de Feira de Santana:

Surgimos hoje no campo jornalístico em prol do progresso intellectual e material desta grande zona sertaneja, estabelecendo a nossa pequena tenda de trabalho nesta formosa cidade de Feira de Sant’Anna [...] a *Folha do Norte* é para combater em prol de idéias políticas, econômicas e sociaes, advogando as causas do povo que parecerem justas, nos limites da lei, do direito, da constituição do Paiz e da carta magna do Estado. Aqui apresentando a parte essencial da nossa rota a seguir (...) Bater-nos-emos intemeratos pela causa que espozarmos, seja ou não política, com a convicção d’aquelles que trabalham franca e desinteressadamente pelo bem estar de seus concidadães combatendo os erros e desvios dos governantes ou fazendo-lhes a devida justiça, quando os seus actos merecem os applausos públicos²⁷⁶.

²⁷⁴ FERREIRA, Jorge. *1946-1964: a experiência democrática no Brasil*. Tempo. Universidade Federal Fluminense (UFF). Vol. 14, nº.28, jan./jun. 2010. – Niterói: EdUFF, 2010, p.11-18.

²⁷⁵ Ver BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*, vol. 1. 5ª ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

²⁷⁶ Rota a seguir. *Folha de Norte*. Feira de Santana (BA). 17 de setembro de 1909, p.1. Ano 1, n.1, p.1. [CD ROM *Folha do Norte* 100 anos]

O fragmento citado anteriormente foi parte do texto vinculado na primeira edição do jornal *Folha do Norte*, no seu número inaugural, com o título *Rota a seguir*, com o intuito de explicitar os seus objetivos e posicionamento no cenário da imprensa da cidade, bem como da política feirense: “progresso intellectual e material desta grande zona sertaneja”. Ao se afirmar como portador de uma nova etapa da história de uma localidade do sertão baiano, o *Folha do Norte* colocava a cidade de Feira de Santana como sertaneja em um duplo sentido: geográfico e cultural.

O intuito de proteger os códigos legislativos brasileiros e combater governantes que não trabalhavam para o bem do povo e da cidade também foram aspectos mencionados pelo periódico, aspectos compreendidos não somente como retórica, mas como discursos utilizados no jogo político empreendido na cidade e na imprensa.

O jornal *Folha do Norte* nasceu do embate político entre dois coronéis da cidade, o Coronel Tito Rui Baccelar e o Coronel Abdom Abreu. Os dois disputavam o cargo de intendente municipal, sendo que o segundo assumiu o cargo auxiliado por “[...] uma tropa da força pública e vários correligionários armados até os dentes”²⁷⁷ e fechou dois jornais da cidade: *O Propulsor* e *O Progresso* – seus opositores. Em resposta, o Coronel Tito Rui Baccelar, que havia sido intendente e perdeu a disputa, fundou o *Folha do Norte* para fazer frente ao jornal *O Município*, pertencente ao seu adversário político.

Desde a sua fundação, o jornal *Folha do Norte* teve poucas mudanças durante o período de 1940 a 1960. Em linhas gerais, alterações não foram sentidas no que diz respeito aos conteúdos e à forma como as notícias eram colocadas em suas quatro páginas, bem como os atores que publicavam no jornal. Pode-se afirmar que o *Folha do Norte* tentou manter-se como “documento/monumento”, no sentido de que “[...] o documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias [...]”²⁷⁸.

O *Folha do Norte* procurava reafirmar para o grupo que pertencia e para a cidade de Feira de Santana os grupos sociais que o constituíram e o sustentaram, não somente para determinados coronéis e políticos da cidade, mas também para outros atores sociais para os quais cedeu espaço em suas páginas por meio de rede de sociabilidade e aos que estavam

²⁷⁷ OLIVEIRA, Clovis Frederico Ramaiana Moraes. **De Empório à Princesa do Sertão**: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937). Dissertação Mestrado em História. FFCH/UFBA, Salvador, 2000, p.65.

²⁷⁸ LE GOFF, Jacques. *Documento/monumento*. In: **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão...[et. al.]. 4ª. ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996, p.548.

dispostos a pagar por espaço para expor suas ideias – ainda que divergissem da linha editorial seguida.

No período em análise, um periódico que se apresentou com formato editorial diferente do *Folha do Norte* foi o *Gazeta do Povo*, que colocava os seus objetivos nos seguintes termos:

[...] Sem pretensões outras que a de formar na vanguarda dos que se compromissaram [...] em movimentar os nossos problemas, indicando soluções ou resolvendo-os, buscamos diretrizes de trabalho, inspiradas nos que sempre pensaram numa Feira livre, numa cidade cultura, numa coletividade progressista [...] Importa ao nosso escopo que nos miremos nos exemplos legados por antepassados, que não desertaram da luta e que, suando e sofrendo, impulsionaram o progresso da <Princesa Altaneira> que Georgina Erismann cantou [...] Cumpre-nos dizer que traçamos uma linha de conduta que terá sempre, em quaisquer circunstâncias, como elementos de sua garantia e do seu fortalecimento, a Verdade e a Justiça e, dêsse modo, interêsses ou conveniências jamais nos farão atraioá-las. Não poderiam ser diferentes os nossos compromissos, nem os nossos objetivos, se pretendemos a confiança dos munícipes e nos dispomos, incondicionalmente, a partilhar dos movimentos populares, a reclamar construtivamente, a doutrinar com a boa norma, a fomentar meios de engrandecimento, dando, em tudo isso, um atestado capaz de nos recomendar ao apreço dos que militam no rincão abençoado de Padre Ovídio²⁷⁹.

O fragmento acima é parte do texto presente na primeira edição do semanário *Gazeta do Povo*, com o título de *Diretrizes*, cuja finalidade é análoga à edição de estreia do *Jornal Folha do Norte*: apresentar-se e informar quais são os objetivos de sua publicação. O *Gazeta do Povo* se colocava como formadora da “vanguarda” que quer uma cidade livre, o que explicita sua crítica à forma como a cidade vinha sendo conduzida política e administrativamente. A questão da “vanguarda” também pode ser compreendida em face do formato que o jornal era editado, com seções que separavam o conteúdo correspondente aos acontecimentos políticos das informações relativas a artes (especificamente literatura e música clássica europeia), a presença de colunas dedicadas a vários assuntos e a construção da notícia de modo mais direto do que com longas introduções.

Outro ponto presente no texto das *Diretrizes* da *Gazeta do Povo* foi que, ao invés de enfatizar a defesa das leis, ressalta a defesa de valores como “Verdade” e “Justiça” – aspectos mais amplos e disseminados na sociedade em geral. Entende-se que o objetivo não foi criticar as leis em si, mas incidir sob a forma como estas eram conduzidas. A responsabilidade foi

²⁷⁹ Diretrizes. **Gazeta do Povo**. Feira de Santana (BA). 3 de maio de 1959, p.1.

colocada sobre os agentes e não sob as leis propriamente ditas, ao contrário do *Folha do Norte*, cuja crítica recaiu sobre a propriamente dita política e seus rivais políticos.

Em um período em que o *Folha do Norte* exercia um monopólio da imprensa feirense, alcançando uma longevidade sem precedentes na cidade de Feira de Santana, o *Gazeta do Povo* surgiu da disputa entre agentes sociais pertencentes a dois partidos políticos: Arnold Silva (vinculado à União Democrática Nacional - UDN e ao *Folha do Norte*) e Eduardo Fróes da Mota (ligado ao Partido Social Democrático - PSD e ao *Gazeta do Povo*). Através destes periódicos, procurava-se não somente a promoção e a defesa do ideário político de cada um dos grupos que cada jornal representava, mas formas e concepções diferentes de fazer jornalismo.

No período do lançamento do *Gazeta do Povo* (3 de maio de 1959), Arnold Silva era proprietário do *Folha do Norte* juntamente com seus irmãos, Dálvaro e Raul Silva. Além disso, era o prefeito da cidade de Feira de Santana (abril de 1959 a novembro de 1962) – sendo que havia governado a cidade entre janeiro de 1924 e dezembro de 1927. Por sua vez, Eduardo Fróes da Mota também já havia governado a cidade, entre abril de 1944 e novembro de 1945, e pretendia ser o herdeiro político de Agostinho Fróes da Mota, seu pai. Ainda que em outro contexto, pode-se observar novamente o surgimento de um jornal feirense marcado pelo embate político local²⁸⁰. Desse embate político que movimentava a imprensa feirense, bem como a cidade, ocorreu o empastelamento do *Gazeta do Povo*, que encerrou as suas atividades – tendo circulado somente durante os anos de 1959 a 1964²⁸¹.

Um dos pontos marcantes no texto de apresentação do *Gazeta do Povo* é a referência a indivíduos considerados ilustres na história da cidade de Feira de Santana: Georgina Erismann, compositora do hino da cidade de Feira de Santana, e Padre Ovídio de São Boaventura, padre que desempenhou obras filantrópicas representativas na cidade – vale mencionar também a presença do perfil biográfico de Agostinho Fróes da Mota na mesma página em que as *Diretrizes* do jornal foram tratadas. Ao escolher tais figuras na primeira página do jornal, o *Gazeta do Povo* pretendia trazer para si o capital simbólico que pesava

²⁸⁰ Ver CÔRREA, Diego Carvalho. **O futuro do passado:** uma cidade para o progresso e, o progresso para a cidade (1967-1971). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, 2011. CUNHA, Nayara Fernandes de Almeida. **Os coronéis e os outros:** sujeitos, relações de poder e práticas sociais em Feira de Santana (1907-1927). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, 2013. SILVA, Kelman Conceição da. **Quem manda na Feira?** Política, classe e rearranjos de poder em Feira de Santana na Era Vargas (1930-1945). Dissertação (Mestrado em História Regional e Local). Santo Antonio de Jesus, Universidade do Estado da Bahia, 2012.

²⁸¹ LÁZARO, João Pedro Prado Mercês. **Notícias de uma disputa:** acirramento político entre PSD e UDN em Feira de Santana através dos jornais *Gazeta do Povo* e *Folha do Norte* (1959-1964). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). UEFS, Feira de Santana, 2012.

sobre essas “figuras ilustres” no imaginário feirense de determinado segmento social para se legitimar frente à posição e à trajetória do *Folha do Norte* – ainda que isso não significasse a adesão ao periódico dos seus potenciais leitores, mas apenas uma forma de atraí-los.

A relação de oposição entre os jornais se dava no cenário político, sendo que a fundação de cada um dos referidos periódicos, ainda que em contextos diferentes, ocorreu, principalmente, em função da disputa no cenário da política local. Entretanto, não se pode esquecer outros elementos que propiciaram a sobrevivência dos jornais, a exemplo do papel desempenhado pela publicidade e comércio de artigos de papelaria e livros na redação desses semanários, bem como do desenvolvimento técnico das tipografias e a própria gestão do periódico. O jornal *Folha do Norte*, porém, rompeu com a curta existência dos jornais que foram fundados em Feira de Santana, sem grandes modificações na sua linha editorial e no seu formato. Segundo um articulista:

[...] ficamos sabendo que existe nesta encantadora e progressista cidade, um jornal que conta já, meio século de fecundo e ininterrupto labor: - *Folha do Norte*.

Quem, como nós, conhece de perto os tremendos obstáculos e as duras adversidades que surgem na vida de um jornal de circulação restrita ao interior do nosso Estado, pode, conscientemente, avaliar e afirmar que esses cinquenta anos de profícua existência que constituem o valioso patrimônio social, intelectual e moral desse tradicional órgão do jornalismo feirense, conferem aos seus denodados fundadores e aos seus dedicados continuadores, o justo e merecido título de – Beneméritos e Heróicos.

Porque – diga-se a verdade – é muito heroísmo [...] fundar um jornal numa pequena cidadela como dever sido a <Princesa>, nos remotos idos de 1909, quando a instrução, era ainda por demais precária [...] Devemos considerar que, apesar de já estarmos nos aproximando do advento das comunicações interplanetárias, quando o homem porderá vislumbrar uma nêsga do infinito cósmico, ainda pode se afirmar que o brasileiro não lê, sabido como é que, sendo analfabeta a grande maioria, a maioria absoluta da nossa população, a leitura é um *luxo* adstrito, a uma pequena menoria, que não vai além de trinta por cento [...] <*Folha do Norte*>, como todos os demais jornais que circulam nos nossos sertões, iniciando os seus primeiros passos, justamente numa época em que predominava a *coronelacracia*, na amplitude de sua fôrça truculenta, é claro que não tenha podido fugir às contingências dessa fatalidade incoercível, enfrentando dois fatôres desagregadôres: - o analfabetismo e o coronelismo.

Entretanto, os seus intrépidos fundadôres e os seus dedicados continuadores [...] souberam resistir e enfrentar as adversidades da luta áspera [...] ²⁸².

²⁸² MARTINS, Demóstenes. Beneméritos e heróicos. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVIII, n. 2553. 14 de junho de 1958, p.1.

O texto acima, de autoria de Demóstenes Martins, foi vinculado no *Folha do Norte* para celebrar os quase cinquenta anos de duração desse periódico, exaltando a sua capacidade de sobrevivência mesmo tratando-se de um jornal do interior do Estado, “monumento”²⁸³ que ressalta a conquista do jornal frente às adversidades sociais: “coronelismo e analfabetismo”²⁸⁴. No entanto, o autor do texto não faz nenhuma reflexão sobre a própria existência do jornal, vinculada ao “coronelismo” e à relação que no período (1958) mantinha com o poder público municipal. No que tange ao analfabetismo, Demóstenes Martins elenca este aspecto como um entrave ao desenvolvimento da imprensa no Brasil, de modo geral, mas pouco reflete sobre a formação dos articulistas do *Folha do Norte*, no que diz respeito ao grau de instrução escolar, e sobre os problemas sociais que impediam a escolarização da maior parte dos moradores da cidade.

Demóstenes Martins era espírita e publicou dois textos na coluna *Religiões e Cultos*, do Jornal *Gazeta do Povo*. No primeiro, intitulado *Alziro Zarur e a Legião da Boa Vontade*, defendeu a LBV e Zarur dos ataques do clero católico²⁸⁵; o segundo foi o poema *Ser espírita*, do qual vale mencionar os seguintes versos: “Ser espíritas, é crer em Deus Onisciente; / É saber que Satanás é um velho Mito; / Que a morte é, tão somente, um acidente – / Um salto na escala do Infinito!”²⁸⁶.

Os embates entre os dois periódicos não se dava apenas na arena política, mas também no plano da cultura na disputa pelos leitores disponíveis na cidade. Havia, por parte dos agentes da *Gazeta do Povo*, o desejo de uma posição de destaque na imprensa local e, por isso, utilizavam novos elementos na forma de fazer um jornal.

De acordo com estudiosa da imprensa Nadia Regina Almeida Couto, até 1920 havia, na maior parte dos jornais, uma predominância de uma linguagem literária, caracterizada por um refinamento no vocabulário e pelo estilo de escrita, gradativamente substituída pelo colunismo, pela inserção de entrevista em lugar de artigos políticos e pelo aparecimento de temas policiais e de esporte (antes considerados de importância secundária)²⁸⁷. O *lead*,

²⁸³ LE GOFF, Jacques. *Documento/monumento*. In: **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão...[et. al.]. 4ª. ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996, p.535-553.

²⁸⁴ SANTOS, Grazyelle Reis dos. **Literatura e cultura em Feira de Santana**: práticas, usos e tendências em impressos da *Folha do Norte* (1951-1969). Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural). Feira de Santana, UEFS, 2008, p.41.

²⁸⁵ Alziro Zarur e a Legião da Boa Vontade. **Gazeta do Povo**. Feira de Santana (BA). Ano 2, n.58. 5 de junho de 1960, p.3. Caderno 1 [0941]

²⁸⁶ Ser espírita. **Gazeta do Povo**. Feira de Santana (BA). Ano 2, n.º.91. 22 de janeiro de 1961, p.5. Caderno 2. [1117]

²⁸⁷ COUTO, Nadia Regia Almeida. **Educação, imprensa e modernização**: um estudo histórico da formação do jornalista no Brasil. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Criciúma, 2007, p.11.

resumo da notícia no primeiro parágrafo dos artigos e editoriais dos jornais, foi implantado no Brasil a partir da década de 1950, sendo o *Diário Carioca* um dos primeiros a adotar este formato de apresentação jornalístico. De acordo com Grazyelle Reis dos Santos, “[...] na Bahia, o jornal que surge como proposta gráfica e editorial moderna é o *Jornal da Bahia* (Salvador, 1958) [...]”²⁸⁸.

O modelo norte-americano se difundiu, principalmente, com a ascensão dos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial²⁸⁹. No jornal *Folha do Norte*, a inserção do modelo norte-americano era um ensaio, mantendo-se praticamente a mesma estrutura e forma de fazer jornal desde a sua fundação. Já no *Gazeta do Povo* grande parte do que se pretendia com o novo modelo norte-americano de fazer o impresso já estava em cena em grande parte das páginas desse jornal. Se a disputa entre esses dois periódicos era permeada, em grande parte, pela questão política, por outro lado, não se pode esquecer as disputas travadas em relação ao aspecto cultural: na forma de fazer o jornal e no modo como as religiões estiveram presentes em suas páginas, temática desta dissertação.

3.2 A presença espírita na imprensa

Tanto nas páginas do *Gazeta do Povo* quanto nas do *Folha do Norte*, além da política, as religiões não escapavam de suas discussões e não se furtavam em se fazer presentes em suas edições. Apesar desses dois periódicos não serem da imprensa confessional, havia a presença dos grupos religiosos publicando comunicações, anúncios de missas, poemas e, principalmente, colunas destinadas à temática religiosa.

No contexto geral da imprensa em Feira de Santana, pensar na existência de periódicos cujo foco central fosse a divulgação exclusiva de determinada confissão religiosa é aspecto algo problemático. A imprensa oficial da cidade já tinha dificuldade em sobreviver e as condições financeiras e técnicas para jornais religiosos, fora desse eixo da imprensa oficial, eram menores e mais difíceis ainda.

Uma das formas pelas quais os grupos religiosos se fizeram presentes por eles mesmos foi galgar espaço nos jornais da imprensa feirense a partir da constituição de alianças do grupo e/ou de um determinado indivíduo que reunisse o capital simbólico no interior e fora do próprio ramo religioso para tal. Esta trilha foi seguida, principalmente, por grupos religiosos

²⁸⁸ SANTOS, Grazyelle Reis dos. **Literatura e cultura em Feira de Santana**: práticas, usos e tendências em impressos da *Folha do Norte* (1951-1969). Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural). Feira de Santana, UEFS, 2008, p. 46.

²⁸⁹ COUTO, Nadia Regia Almeida. Op. Cit., p.48.

que estavam se inserindo na cidade e não foi uma peculiaridade da cidade de Feira de Santana nem dos grupos espíritas. Outras cidades, a exemplo de Salvador, também possuíam publicações religiosas em impressos laicos, como o jornal *A Tarde*, onde havia a seção *Vida Católica*, e o *Diário da Bahia*.

De acordo com a historiadora Micheline Reinaux Vasconcelos, ao discutir os impressos e a imprensa protestante no Brasil, de 1837 a 1930, as denominações *Presbiteriana* e *Batista* utilizaram a imprensa laica para difundir suas concepções religiosas com a compra de espaços para publicação de colunas em jornais de grande imprensa em meados do século XIX no Brasil, como “[...] no *Jornal do Recife* e no *Diário de Pernambuco*, no *Diário do Estado*, do Ceará, e no *Correio Paulistano* e *Diário de São Paulo*, bem como jornais da Corte, a exemplo do *Correio Mercantil* e do *Jornal do Comércio* [...]”²⁹⁰, possibilitando um alcance maior do que daquele da presença de missionário e pregadores numa localidade específica.

No entanto, deve-se ressaltar que, no início, os próprios grupos protestantes tiveram seus próprios periódicos, como “(...) o *Echo da verdade*, que já circulava na Bahia em 1890; em 1893 veio à luz *A verdade*; em 1896 *A luz*; em 1900, *A nova vida* (...) Com o objetivo de centralizar as publicações, foi fundado o *Jornal Baptista* no Rio de Janeiro (...)”²⁹¹. Dessa maneira, as denominações protestantes procuravam afirmar dentro e fora do campo religioso brasileiro sua orientação doutrinária e contribuir na organização social do grupo.

No tocante ao Espiritismo, percebe-se um processo análogo ao dos grupos protestantes citados anteriormente. Segundo Lúcia Loureiro, antes da fundação d’*O Eco de Além-Túmulo*, na segunda metade do século XIX, “[...] o *Diário da Bahia* foi o primeiro órgão da imprensa brasileira que acolheu, carinhosamente, em suas colunas, artigos de caráter espírita, escritos por Teles de Menezes e por alguns companheiros seus [...]”²⁹². A difusão da doutrina espírita por meio da imprensa se deu primeiro através de espaços em periódicos seculares, por meio de colunas e/ou publicações variadas dedicadas ao tema, em diferentes cidades brasileiras. Em alguns casos, houve até mesmo periódicos confessionais espíritas locais, que subsistiram durante algum tempo a crises de recursos financeiros, bem como a perseguições religiosas resultantes de embates, principalmente com a Igreja Católica. Ao publicar um inventário dos

²⁹⁰ VASCONCELOS, Micheline Reinaux. **As Boas Novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)**. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. São Paulo, 2010, p. 16.

²⁹¹ SILVA, Elizete da. *Os batistas no Brasil*. In: SILVA, Elizete da; SANTOS, Lyndon Araújo dos; ALMEIDA, Vasni de (orgs.). **“Fiel é a palavra”**: leituras históricas dos evangélicos protestantes. Feira de Santana: UEFS Editora, p.293.

²⁹² LOUREIRO, Lúcia. **Memórias históricas do Espiritismo na Bahia**. Repercussão no Movimento espírita brasileiro. Salvador: s p c, 1994, p.83.

periódicos espíritas no Brasil em 1955, que foram fundados entre os anos de 1869 e 1900, o jornal espírita *O Reformador*²⁹³ registrou cerca de 41 publicações estaduais e nacionais vinculadas explicitamente ao Espiritismo, das quais só o próprio *O Reformador* ainda se encontrava em circulação²⁹⁴.

Ao discutir a presença da Ordem Missionária Cisterciense nos “sertões das Jacobinas”, na Bahia, destacando a obra missionária do padre austríaco Alfredo Haasler, a historiadora Gilmara Ferreira de Oliveira Pinheiro afirma que o Espiritismo era vinculado ao jornal *O Lidador*, que circulou entre os anos de 1933 e 1943 na cidade de Jacobina e seu entorno no período. Os textos sobre o Espiritismo em *O Lidador* eram assinados por Paulo Bento de Souza, sendo comuns os embates deste com o padre Alfredo Haasler. A ocorrência de tal fato é fundamental para se compreender os embates travados entre espíritas e católicos no campo religioso e na imprensa de maneira geral, bem como para compreender as estratégias utilizadas pelos grupos religiosos para divulgar suas concepções e o papel que davam à imprensa na prática do proselitismo.

Quando se observa o modo como os jornais feirenses *Folha do Norte* e *Gazeta do Povo* se relacionaram com os grupos religiosos estabelecidos na cidade, verifica-se que, entre as décadas de 1940 e 1960, não foram somente segmentos da Igreja Católica que se fizeram presentes na imprensa secular feirense. Vale chamar a atenção para os espaços que protestantes e espíritas obtiveram no *Folha do Norte* e no *Gazeta do Povo* com a compra do espaço para vincular suas comunicações e/ou laços de amizade na redação ou direção (ou com quem pudesse) “negociar” um espaço para publicação²⁹⁵. No que tange, especificamente, à presença do Espiritismo, nota-se dentre as comunicações existentes voltadas para as religiões que havia duas colunas, em diferentes momentos, dedicadas ao Espiritismo no jornal *Folha do Norte* e na coluna *Religiões e Cultos* do *Gazeta do Povo* na cidade de Feira de Santana.

3.3 À vol d’oiseau e suas linhas de embate político

Com o pseudônimo de Alonso de Miraval, Osvaldo Requião escreveu a coluna *À vol d’oiseau*, que em francês significa “a voo de pássaro” ou “de maneira geral, por alto”. Tal coluna ocupou a primeira página do jornal *Folha do Norte* entre 20 de dezembro de 1952 e 31

²⁹³ O Reformador ainda encontra-se em circulação nacional sendo publicado na forma de revista mensal.

²⁹⁴ A imprensa espírita no Brasil 1869-1900. **O Reformador**. Ano 73, n.4. Abril de 1955, p. 89 (p.21). Disponível em <http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/revistas/1955/WebSearch/page.php?pagina=73>. Acessado em 05/06/2014.

²⁹⁵ MORGADO, Chablik de Oliveira. **O Espiritismo no Jornal Folha do Norte** (Feira de Santana, 1940-1962). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, 2012.

de dezembro de 1962. Para algumas pessoas da cidade de Feira de Santana, esse nome já era conhecido quando a identidade de seu portador foi revelada publicamente no dia 17 de novembro de 1951, no texto *De que lado fica a asa da Chícara?*. Neste, o autor afirmou:

Quando ingressei na rádio feirense há seguramente dois anos atrás, foi com grande simpatia e aprêço que fiz relações com o radialista Alonso de Miraval, que atuava, então, na Rádio Sociedade local. Homem culto, com personalidade marcante, dono de uma voz timbrada e firme, apesar de sua atitude discreta e serena, tinha – o Alonso de Miraval – um par de ouvintes de certa valia [...] Há dias atrás, ao aniversário do Rotary Clube local (...) tive a satisfação de ouvir uma interessante palestra de Alonso de Miraval, sobre o tema que serve de epigrafe as linhas que escrevo [...] A palestra de Alonso de Miraval focalizava, em elegante dramatização, Rui, Carneiro Ribeiro e Camões [...] Estou certo de que os meus leitores estão desejosos de saber quem é, realmente, o radialista Alonso de Miraval [...] Alonso de Miraval oculta a personalidade brilhante do conhecido educador e homem público dr.Oswaldo Requião, afastado do rádio presentemente em vista de suas múltiplas atividades, quer junto á Justiça, quer junto ao ensino local²⁹⁶.

Apesar de ressaltar que Oswaldo Requião trabalhava na Rádio Sociedade de Feira de Santana, pertencente a frades capuchinhos, o comunicado acima não especifica qual tipo de programa de rádio apresentava. O pseudônimo utilizado nesse período seria o mesmo usado nas colunas do Jornal *Folha do Norte*, sendo que alguns eram carregados de humor, como a “[...] ‘Rádio – Locutores & ouvinte’, assinada por João Fazdeconta; ‘Por detrás do microfone’, por João Querendocrer”²⁹⁷. Como já foi afirmado anteriormente, a escolha desse pseudônimo possivelmente se deu mais a razões literárias do que propriamente relacionadas a sua confissão religiosa.

Localizada na primeira página da *Folha do Norte*, no canto superior à esquerda, a coluna *À vol d’oiseau*, durante grande parte do período que esteve presente no jornal, ocupou este espaço demarcado por linhas verticais e horizontais – como outras seções do periódico. Em geral, havia poucas imagens e anúncios na primeira página, fato que pode ser compreendido devido a baixas condições técnicas de produção do jornal, bem como ao papel desempenhado pela publicidade no rendimento do *Folha do Norte*.

Conforme a historiadora Alzira Abreu, “à medida que avançava o desenvolvimento industrial e aumentava o peso da publicidade, a imprensa foi se tornando menos dependente

²⁹⁶ De que lado fica a asa da Chícara? **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLII, n. 2210. 17 de novembro de 1951, p.4.

²⁹⁷ SANTOS, Grazyelle Reis dos. **Literatura e cultura em Feira de Santana**: práticas, usos e tendências em impressos da *Folha do Norte* (1951-1969). Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural). Feira de Santana, UEFS, 2008, p.37.

do poder público [...]”²⁹⁸. No caso do Jornal *Folha do Norte*, esse fato também pode ser observado. Se antes sua sobrevivência se dava graças à maioria dos comunicados do Poder Público Municipal, com a diversificação das atividades financeiras, sua renda passou, aos poucos, a vir da publicidade, que passou a ter uma seção específica.

No que tange ao formato das quatro páginas do *Folha do Norte*, esse obedecia à seguinte configuração:

[...] Primeiramente, o noticiário na capa, onde também ficavam crônicas e artigos; reclames e editais predominavam nas páginas seguintes; por fim, poemas ao lado de notas e avisos diversos de mais alguns anúncios e da continuação de textos que não couberam até o fim da primeira ou da segunda página, onde foram iniciados. As colunas sociais eram publicadas na segunda ou na terceira página, às vezes no fim do jornal. Essa estrutura mostra que os conteúdos mais sérios, por tratarem da atualidade da cidade, do país ou do mundo, deveriam merecer o primeiro olhar do leitor ao se deparar com o jornal numa banca [...]”²⁹⁹.

O espaço onde estavam localizados os textos possuía valor econômico e capital simbólico, isto é, a hierarquia dos tipos de texto que constariam nas páginas do jornal não obedecia apenas à tipologia de publicações (crônicas, poemas, editoriais, cartas, anúncios, comunicações oficiais, entre outras), mas também ao peso da influência da Prefeitura Municipal no jornal. As ligações políticas e econômicas, relações familiares e laços de amizade também se destacavam. Esses fatores poderiam beneficiar ou impedir que uma determinada publicação, a exemplo de anúncios, aparecesse na primeira página do *Folha do Norte*.

Segundo Pierre Bourdieu, em debate com Roger Chartier sobre a prática da leitura, “[...] os textos quaisquer que sejam quando são interrogados não mais somente como textos, transmitem uma informação sobre seu modo de usar [...]”³⁰⁰. A localização da publicação no periódico, “a simbologia do grafismo” e a “a separação em parágrafos” são elementos que dão indícios e informações que o autor quer destacar para o leitor. Apesar de a leitura escapar dos objetivos que pretendeu o autor, o próprio texto traz em si um modelo de leitor que pode servir como se chegar a outras interpretações sobre o texto.

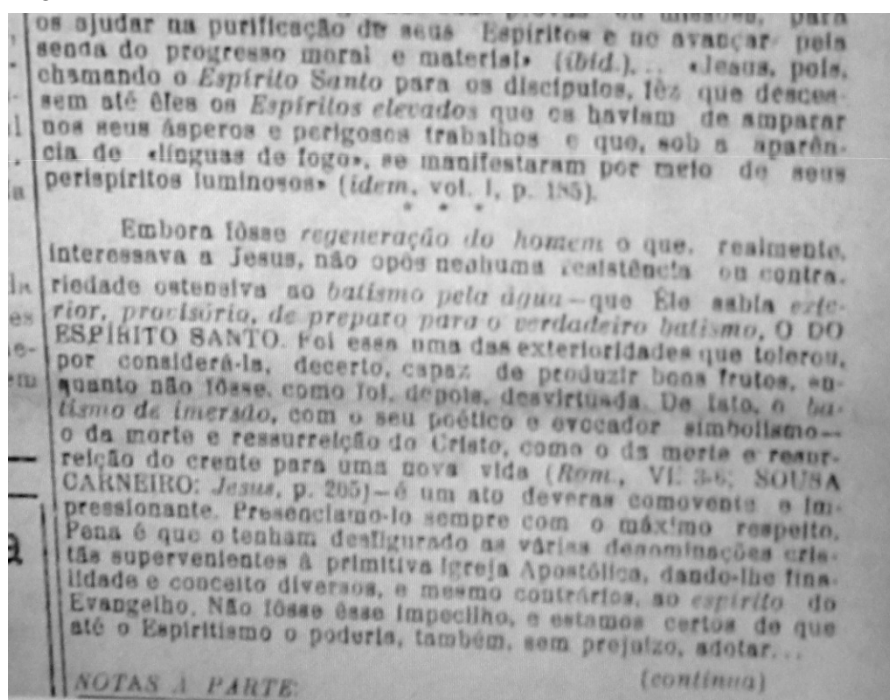
²⁹⁸ ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p.10.

²⁹⁹ SANTOS, Grazyelle Reis dos. Op. Cit., p.53.

³⁰⁰ BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *A leitura: uma prática cultural*. In: CHARTIER, Roger (dir.). **Práticas da leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. 4ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009, p.235.

texto em geral e dos títulos que aparecem. Em algumas ocasiões, no lugar das citações, aparecia uma dedicatória e/ou um comentário breve sobre o que iria se discutir em seguida. Os textos dessa parte eram colocados entre aspas ou entre chevrons³⁰², sendo que esses sinais também apareciam no corpo do texto quando se tratava de expressões em língua estrangeira (especialmente o francês e o latim), bem como citações, expressões coloquiais e jargões da época.

Figura 9 - Coluna À vol d'oiseau (detalhe B)



Fonte: Jornal Folha do Norte, Feira de Santana - BA. Ano 52, n.º 2725. 30 de setembro de 1961, p.1

Entre o título da coluna, autoria, título do texto, numeração da sequência e texto propriamente dito, havia espaço de uma linha delimitando esses tópicos, sendo maior o espaço apenas no caso da citação. No corpo do texto, outro sinal presente são três asteriscos seguidos (* * *) para indicar uma quebra brusca, a fim de inserir comentário ou iniciar um assunto ou comentário que não obedece à lógica de argumentação dos parágrafos anteriores. A conclusão do texto, geralmente, era um cumprimento de agradecimento e/ou aviso de que a sequência continuará no próximo número do jornal (tal informação vem entre parênteses, sendo as palavras grafadas em itálico) (Figura 9).

Por meio desses elementos, Osvaldo Requião procurou dar uma exposição didática aos textos que vinculava em sua coluna, uma vez que havia várias citações e indicações

³⁰² Esses sinais possuem a mesma utilização que as aspas.

bibliográficas, seguidas de seus comentários. Além disso, Requião buscava prender a atenção do leitor com a publicação sequencial do texto e pela forma com que apresentava sua coluna no referido periódico, mantendo fixa a estrutura textual e tipografia.

A diagramação descrita anteriormente estava presente principalmente nos textos que falavam sobre o Espiritismo, fato que corroborava para que esses textos da *À vol d'oiseau* constituíssem um estudo sistematizado sobre a doutrina espírita (para espíritas e não espíritas). A referida coluna possuía um papel pedagógico na divulgação de textos e questões consideradas por Osvaldo Requião relevantes para a sociedade feirense e baiana que tinha acesso ao jornal, isto é, pessoas da elite letrada e/ou leitores curiosos desse segmento. Porém, inicialmente, não foi sobre o Espiritismo que Requião escrevia, mas sobre questões de justiça e polícia de sua alçada como Promotor Público atuante na cidade:

A incompatibilidade entre o Juízo da Vara Crime e a Delegacia de Polícia é cada vez mais funda, e só há um remédio capaz de pôr cõbro à insustentável situação que polariza para Feira de Santana as atenções da Bahia – o afastamento do atual prepõsto da Secretaria de Segurança, uma autoridade que, indiscutivelmente, decaiu da confiança pública e se mantém ainda no cargo por circunstâncias caprichosas de todos sabidas.

Voltando de seu recente vilegiatura na Capital, e antes mesmo de reassumir o exercício, o autor do desacato ao dr. FARIA GÓIS, fez uma demonstração ostensiva de abuso de poder [...] ninguém sabe quando nem onde o deterá, o programa que se traçou, e implantou na cidade um clima de terror, de perseguições, de vexames a cidadãos pacatos, de espancamentos, de custódias humilhantes, como se isto aqui fosse, acaso, alguma aldeia xavante.³⁰³

O texto *Voltando à vaca fria* marcou o início da coluna *À vol d'oiseau* no *Folha do Norte* e não falava sobre o Espiritismo, mas a respeito do episódio de grande repercussão em Feira de Santana: o desacato do delegado de polícia, Osvaldo Bastos Melo, ao juiz da vara criminal, Dr. Jorge de Faria Góes. Trata-se, portanto, de uma questão local: o embate entre parte do Judiciário e a delegacia de polícia da cidade, transformada numa “aldeia xavante”, no sentido de um lugar sem leis e selvagem. O título do texto faz referência à expressão “vaca fria” que quer dizer “voltar a um assunto”. Ou seja, com isso, Requião buscava demonstrar que o assunto estava sendo debatido amplamente na cidade em face de sua denúncia não só em relação ao desacato, mas à proteção do delegado ao jogo do bicho.

Osvaldo Requião colocou o juiz da vara criminal e o delegado de polícia em extremidades: o primeiro como “um funcionário impoluto, um magistrado decente, um

³⁰³ Voltando à Vaca Fria. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). 20 de dezembro de 1952, p.1.

elemento que se impôs pela serenidade, pelo equilíbrio, pela capacidade de servir”³⁰⁴, enquanto o segundo é caracterizado como “mandatário infiel”, “Xerife desmandado” e “cadáver putrefeito”³⁰⁵. Ou seja, Requião se sente diretamente atingido com o desacato de um colega de profissão, pois nenhuma providência foi tomada, ainda que o caso tenha se tornado um escândalo estadual no período, devido à proteção que Requião afirma que Osvaldo Bastos Melo possuía dentre os políticos da cidade.

Quadro 1 - Textos sobre o delegado de polícia Osvaldo Melo.

Data	Texto	Síntese
20 de dezembro de 1952, p.1	<i>Voltando à Vaca Fria</i>	Apesar de ter desacatado o Juiz da Vara Criminal no tribunal, nenhuma providência foi tomada para punir o Delegado ou fazer com que esse se retratasse.
27 de dezembro de 1952, p.1	<i>A nuvem por Juno</i>	Pequeno texto sobre o que é prestígio e autoridade.
3 de janeiro de 1953, p.1	<i>Toca o carro p’ra Lapinha</i>	Requião defendeu-se da acusação de que estava a serviço de outras pessoas para perseguir seus inimigos utilizando-se do cargo de Promotor Público e do espaço no jornal <i>Folha do Norte</i> .
10 de janeiro de 1953, p.1	<i>O leão e o burro caçando</i>	Requião falou que não queria aplausos de pessoas ignorantes em cargos de autoridade e exemplificou – ao transcrever uma fábula de Fedro, na qual um burro zurra de modo estrondoso assustando todos os animais da floresta, menos o leão – que sabia a origem do som.
17 de janeiro de 1953, p.1	<i>Delegacias e Delegados</i>	O texto falava que comumente os Delegados do interior da Bahia eram pessoas corruptas e que foram minimamente alfabetizadas. Apesar de pousar de doutor, tais delegados eram “sujeitos que não fazem um O com um copo”.

Fonte: Coluna *À vol d’oiseau* – Folha do Norte (1952-1953), Feira de Santana – BA.

Como se pode observar no quadro acima, o embate entre os dois setores da sociedade, o judiciário e o de segurança, acabou repercutindo na imprensa local, precisamente no jornal que possuía um prestígio maior que os outros na cidade. O cerne do conflito era a prática do jogo do bicho, que acabou demonstrando outra situação: a corrupção em alguns setores da sociedade feirense e, conseqüentemente, o possível enfraquecimento das autoridades do judiciário na cidade. Os textos, apontados no quadro acima, foram dirigidos especificamente

³⁰⁴ Voltando à Vaca Fria. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). 20 de dezembro de 1952, p.1.

³⁰⁵ Idem.

ao delegado de polícia Osvaldo Melo, ou seja, era um conflito entre autoridades que se tornou público. Em outros textos, Osvaldo Requião continuaria a se dedicar ao combate da prática do jogo do bicho. No dia 1º de dezembro de 1952, foi publicado o seguinte comunicado no *Folha do Norte*:

É um documento impressionante a denúncia pelo 2.º promotor público da comarca, o ilustre sr. Osvaldo Pinheiro Requião, contra a autoridade que empenhada em assegurar o monopólio do jogo do bicho para o banqueiro protegido da situação política dominante no município, chegou ao extremo de desacatar o integro e impoluto Juiz da Vara Crime³⁰⁶.

Não seria a primeira vez que Requião falaria sobre o jogo do bicho. Durante alguns meses, promoveria uma campanha contra essa prática corriqueira em algumas áreas de Feira de Santana – ainda que não se deva creditar apenas a ele o interesse em combater o jogo do bicho. A perseguição à prática do jogo do bicho e às autoridades feirenses que compactuavam com tal costume pode ser entendida não somente em face da atividade de Requião como promotor de justiça, mas da condenação moral do jogo.

Quadro 2 - Textos sobre o jogo do bicho na coluna *À vol d’oiseau*

Data	Texto
12 de setembro de 1953, p.1	O polvo está solto...
14 de novembro de 1953, p.1	Eis o jogo, o grande putrefator
19 de dezembro de 1953, p.1	O jogo – indústria do crime
26 de dezembro de 1953, p.1	Fata Morgana – Miragem de Pântano Britânico
2 de janeiro de 1954, p.1	O clima do jogo do bicho
9 de janeiro de 1954, p.1	O jogo das autoridades
16 de janeiro de 1954, p.1	Um grito dentro da noite
23 de janeiro de 1954, p.1	Desfeito o tabu do “bicho”
30 de janeiro de 1954, p.1	Bancar jogo ilícito não é ocupação lícita
6 de fevereiro de 1954, p.1	O seu dia também chegará
13 de fevereiro de 1954, p.1	Non olet!
24 de abril de 1954, p.1	Abutres sobre o Jorro

Fonte: Coluna *À vol d’oiseau* – *Folha do Norte* (1953-1954), Feira de Santana - BA.

³⁰⁶ Desacato ao Juiz da Vara Crime. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). 1 de novembro de 1952, p.4.

Como se pode observar, pelos dados apresentados acima, o combate ao jogo do bicho ocupou, inicialmente, grande parte da coluna *À vol d’oiseau*. Osvaldo Requião, ao combater essa prática, agiu a partir da posição que ocupava na sociedade feirense da época, no cargo de promotor público, no intuito de fiscalizar práticas que colocariam a sociedade em perigo, bem como práticas corruptas dentro do próprio Estado. O jogo do bicho constituía crime e estava enquadrado como uma contravenção, sendo as décadas de 1950 e 1960 períodos que marcaram o combate a essa atividade no país.

No texto publicado no dia 14 de novembro de 1953, Requião afirmou que

<Permanente como as grandes endemias que devastam a humanidade>, o jogo tomou conta da Feira de Santana. Raro é o dia em que não se abre a porta de um novo alcoice, de novo alçapão, de uma nova arapuca, onde os incautos, seduzidos pelo deus sorridente, vão deixando ficar as míseras econômicas do trabalho, o pão amargo da família, o enxoval das noivas, as jóias das irmãs, as prestações da aposentadoria, os alugueres dos casebres, a decência, a dignidade, o pudor (...)³⁰⁷

A leitura do jogo do bicho como uma das grandes doenças que “devastam a humanidade”, ou seja, pervertem o aspecto humano no indivíduo e colocam em risco a instituição da família e a sociedade, se vincula ao objetivo do cargo público que o Dr. Requião ocupava em Feira de Santana no período. Outro elemento que pode ter corroborado para essa condenação expressa do jogo do bicho é o aspecto religioso, uma vez que, como espírita, poderia fazer a leitura de que o jogo do bicho seria uma prática contrária ao princípio da caridade pregado no Espiritismo. De acordo com a ética espírita, há uma condenação ao apego aos bens, e não necessariamente à riqueza, conforme o próprio Allan Kardec expressou ao afirmar que “[...] o apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade, porque quanto mais se aferra aos bens deste mundo, tanto menos compreende o homem o seu destino [...]”³⁰⁸.

A agenda de assuntos discutidos na coluna *À vol d’oiseau* perpassou por vários temas, sendo a maior parte deles de cunho religioso espírita. O uso da imprensa por Osvaldo Requião se dava não somente numa perspectiva proselitista espírita, mas também com base no seu lugar social enquanto promotor público. Desse modo, não se pode pensar a imprensa somente pelo viés da objetividade e imparcialidade dos textos nem subestimar o seu papel em embates de diferentes naturezas sociais.

³⁰⁷ Eis o jogo, o grande putrefator. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). . Ano XLIV, n.2314. 14 de novembro de 1953, p.1.

³⁰⁸ KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Tradução de Guillon Ribeir. 93 ed. Brasília: FEB 2013, p.398.

Ao mesmo tempo em que escrevia no *Folha do Norte*, Osvaldo Requião era o segundo Promotor de Justiça da cidade de Feira de Santana. Sua presença assinando uma coluna nesse periódico, porém, não era uma exceção, sendo que seu colega de Promotoria, Dr. Fernando Alves, também escreveu uma coluna chamada *Disco voador*, entre 1951 e 1952, na qual comentou em vinte textos “(...) aspetos da vida cotidiana feirense, da sua movimentação, dos seus dramas corriqueiros e da sua paisagem urbana”³⁰⁹.

A presença de bacharéis em Direito escrevendo nas páginas do *Folha do Norte* foi um aspecto marcante na imprensa feirense. Além dos dois promotores de justiça mencionados acima, outros bacharéis, como Helder Alencar, Eurico Alves Boaventura e Hugo Navarro Silva, utilizaram-se de espaço nos jornais para disseminar as suas ideias e as do grupo a que pertenciam. Conforme o historiador Paulo Santos Silva, “a comunidade intelectual baiana concentrava-se em Salvador e era formada primordialmente por médicos e advogados [...]”³¹⁰. Os exemplos dados sobre a presença dos bacharéis na imprensa de Feira de Santana demonstram uma continuidade, guardadas as devidas proporções, da camada social que pretendia “dirigir” a sociedade como um todo no período em estudo.

Grande parte dos bacharéis da cidade de Feira de Santana formou-se na Faculdade Livre de Direito da Bahia, instituição que foi provedora dos quadros que compunham a elite intelectual baiana em Salvador³¹¹. Os bacharéis feirenses vinham de um ambiente intelectual estimulante e que se propunha a dominar a cena baiana em diferentes áreas, sobretudo a política e a cultura em geral, quando se observa a presença de muitos bacharéis como colaboradores do jornal *Folha do Norte*, um órgão da elite econômica e intelectual da cidade de Feira de Santana.

Conforme argumenta Grazyelle Reis dos Santos, que pesquisou a cultura letrada na imprensa feirense entre os anos de 1951 a 1969:

[...] a *Folha do Norte* desfrutava de considerável prestígio social [...] Era um jornal antigo e respeitado, entrosado com a vida da cidade, com a sua dinâmica e, além disso, era instrumento de divulgação de publicidade oficial, motivo mais forte pelo qual sua permanência se fazia importante [...]”³¹².

³⁰⁹ SANTOS, Grazyelle Reis dos. **Literatura e cultura em Feira de Santana: práticas, usos e tendências em impressos da *Folha do Norte* (1951-1969)**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural). Feira de Santana, UEFS, 2008, p.55.

³¹⁰ SILVA, Paulo Santos. **Âncoras da tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1940)**. Salvador: EDUFBA, 2011, p.69.

³¹¹ Idem, p.74.

³¹² SANTOS, Grazyelle Reis dos. Op. Cit., p.40.

Escrever no jornal *Folha do Norte* pode ser traduzido como possuir um capital simbólico para os indivíduos que se utilizavam desse espaço de propagação de suas ideias. Por sua vez, para o jornal, ter determinados colaboradores escrevendo em suas páginas era um componente algo acumulava mais capital simbólico em relação a outros periódicos feirenses do período, o que também favorecia aqueles que ocuparam os espaços do periódico.

O Jornal *Folha do Norte* não circulava somente na cidade e na região de Feira de Santana, mas também em alguns distritos, como Anguera, Santo Estevão e Riachão do Jacuípe. Os atores sociais que circulavam em seus exemplares eram os mesmos que tinham posições de destaque no cenário político, cultural e econômico dessas localidades ou tinham relações bastante próximas com membros da elite feirense.

No grupo dos bacharéis em Feira de Santana, entre as décadas de 1940 e 1960, a presença de Osvaldo Pinheiro Requião foi marcante, quando se pensa que ocupou, durante tempo considerável, um espaço no principal jornal de Feira de Santana e ainda escrevendo muitos textos sobre o Espiritismo em uma cidade onde o Catolicismo tinha uma posição hegemônica, além de tratar-se de alguém que não era feirense. Enquanto promotor público, o líder espírita Requião ocupava um privilegiado espaço na sociedade feirense, possibilitando oportunidades de divulgação dos princípios kardecistas.

É provável que não fosse a principal intenção de Osvaldo Requião fazer crônicas sobre Feira de Santana; afinal, grande parte dos textos da coluna se debruçava sobre aspectos da doutrina espírita, sendo o episódio antes um acontecimento que modificou os seus planos iniciais, tanto que, ao lado da temática religiosa em questão, a maior parte dos textos foi dedicada ao combate da contravenção do jogo do bicho.

3.3.1 “Ide a todo mundo e pregai o Evangelho...” segundo o Espiritismo

O conjunto de textos publicados na coluna assinada por Osvaldo Requião discutiu o Espiritismo, elegendo o formato de séries de textos cujos capítulos eram publicados periodicamente na primeira página do jornal *Folha do Norte*, em um período no qual a cidade de Feira de Santana contava com três centros espíritas. A publicação de texto em séries não era um fato novo na imprensa brasileira, visto que, nos jornais do século XIX, já havia a presença dos chamados *romances de folhetim*. No caso de publicações espíritas, observa-se também a presença de artigos publicados em séries em *O Reformador* – trilha esta seguida por Requião.

Quadro 3 - Séries de textos sobre o Espiritismo na coluna *À vol d'oiseau*

Período	Título	Quantid.
05/06/1954 a 08/01/1955	Sobrevoando o abismo	15
02/07/1955 a 08/10/1955	O julgamento de Sócrates	10
29/09/1956 a 01/12/1956	Qual a melhor religião	5
11/05/1957 a 04/01/1958	O mistério da vida, da morte e do renascimento	26
20/08/1960 a 15/10/1960	Livre arbítrio e determinismo	9
26/11/1960 a 25/02/1961	A reencarnação afirmada na Bíblia	13
25/05/1961 a 24/06/1961	Espiritismo e educação	4
12/08/1961 a 20/01/1962	A restauração do batismo, dom ou inspiração do Espírito Santo	14

Fonte: Coluna *À vol d'oiseau* – *Folha do Norte* (1955-1962), Feira de Santana - BA.

O objetivo dos textos de Requião era discutir aspectos específicos do Espiritismo na forma de lições. Se, por um lado, havia o tom de divulgação da doutrina espírita através de um jornal de referência na cidade de Feira de Santana; por outro, tem-se a difusão de uma determina visão de um intelectual espírita sobre o Espiritismo.

Percebe-se que os temas discutidos por Requião estavam relacionados a questões doutrinárias e sociais do Espiritismo. Fenômenos mediúnicos (a exemplo da obsessão/desobsessão, mediunidade, manifestações físicas, vidência) e fenômenos terapêuticos (como curas) não apareceram como temas discutidos nas crônicas sobre a doutrina espírita. A eleição dessa abordagem do Espiritismo, nos textos da coluna, evidencia tanto uma questão de escolha individual e de aspectos subjetivos quanto pode ser compreendida como a tentativa de se esquivar de pontos controversos da doutrina espírita, especialmente de aspectos que eram criticados tanto por católicos quanto por protestantes e que eram pontos polêmicos com o discurso médico e o discurso jurídico.

Quando escreveu sobre o Espiritismo na coluna *À vol d'oiseau*, Osvaldo Requião privilegiou discussões sobre princípios religiosos, como livre-arbítrio e determinismo, comprovação bíblica do Espiritismo e reencarnação. Pode-se inferir que seus textos ao mesmo tempo em que procuravam informar aos leitores o que é a doutrina espírita, também visavam demonstrar a “proximidade” desta com o Cristianismo – um modo de se contrapor às críticas de segmentos da Igreja Católica e do Protestantismo desfavoráveis ao Espiritismo.

No penúltimo texto da série intitulada *Sobrevoando o abismo*, publicado em 8 de janeiro de 1955, Requião explicitou o objetivo desta série de textos:

O meu <SOBREVOANDO O ABISMO>, pálida tentativa de um estudo sôbre os fundamentos da liberdade religiosa [...] Inúmeras almas ansiosas de

mais luz se me dirigiram entusiasmadas e de muitas tive a felicidade de ouvir que o ensaio lhes trouxera um grande bem e conseguira modificar revelhos pontos de vista sectários. Outros de meus generosos leitores me confessaram das angustiosas dúvidas e pediram-me esclarecimentos do trabalho [...]”³¹³.

Este excerto pertenceu à série de artigos de quinze artigos intitulados “Sobrevoando o abismo”, publicados entre 5 de junho de 1954 e 8 de janeiro de 1955 – que foi a primeira a tratar do Espiritismo na coluna *À vol d’oiseau*³¹⁴. Sendo que, Requião publicou a série de catorze artigos e a retomou em um último texto denominado *A propósito do “Sobrevoando o abismo”*. Possivelmente, a referência que deu título a série de artigos faz alusão ao texto bíblico, onde o abismo foi representado de diferentes formas: em *Gênesis 1:2*, como extensão de águas do mundo em formação; em *Romanos 10:5 a 8*, como morte espiritual; dentre outros.

Como muitos dos textos presentes na coluna, o objetivo de Osvaldo Requião foi expor e discutir alguns preceitos da doutrina espírita. No caso dessa série, especificamente, como foi expresso no fragmento anteriormente citado, diz respeito à sua contribuição aos “fundamentos da liberdade religiosa” contra a imposição e hegemonia católicas.

Nesse período da publicação, a Constituição em vigor no Estado brasileiro era a de 1946, que vigorou por vinte anos e reafirmava os princípios republicanos concernentes à relação entre Estado e religião presentes na Constituição de 1891, de 1934 e de 1937, a saber: “[...] o da separação ou independência do Estado da Igreja e da colaboração do Estado com a prossecução do bem comum [...]”³¹⁵. O Estado brasileiro, em tese, respeitaria a diversidade religiosa do país, concedendo a liberdade religiosa e não somente a liberdade de culto. Ao expor princípios da doutrina espírita na série *Sobrevoando o abismo*, Osvaldo Requião recorria ao Direito para publicar as suas ideias no intuito, possivelmente, de demover preconceitos religiosos sobre o Espiritismo e praticar o proselitismo.

Quadro 4: Síntese dos textos da série *Sobrevoando o Abismo*³¹⁶

Data	Título	Síntese
12 de junho	Sobrevoando o	Cristo não fundou nenhuma religião. Há uma continuidade entre o

³¹³ A propósito do “Sobrevoando o Abismo”. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). 8 de janeiro de 1955, p.1.

³¹⁴ De toda a série de 14 textos intitulada “Sobrevoando o abismo”, não foi possível localizar o primeiro número nos arquivos consultados. Foi possível informar que a série iniciou no dia 5 de junho de 1954 por meio do trabalho: SANTOS, Grazyelle Reis dos. **Literatura e cultura em Feira de Santana**: práticas, usos e tendências em impressos da *Folha do Norte* (1951-1969). Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural). Feira de Santana, UEFS, 2008.

³¹⁵ SCAMPINI, Pe. José. **A liberdade religiosa nas constituições brasileiras**: estudo filosófico-jurídico comparado. Petrópolis: Vozes, 1978, p.212.

³¹⁶ Não foram encontrados todos os textos da série *Sobrevoando o abismo*.

de 1954	abismo II	seu pensamento e o de Moisés.
19 de junho de 1954	Sobrevoando o abismo III	Nega a ideia de queda do homem (Adão). Não há um rompimento entre as proposições de Moisés e de Jesus Cristo. As grandes religiões pregam o mesmo princípio, sendo as mesmas partes da Sabedoria Divina. Critica o fanatismo religioso. Afirma que há vários caminhos para se chegar até Deus.
26 de junho de 1954	Sobrevoando o abismo IV	Critica autores ateus. Reafirma que as religiões são parte da Sabedoria Divina. Defende que o Cristianismo é a síntese das religiões mais antigas, sendo os cultos formas exteriores de expressá-lo de modos diferentes.
3 de julho de 1954	Sobrevoando o abismo V	Exalta a figura do Cristo. Afirma que as religiões antigas falavam de um Salvador que viria da Palestina e que cada época teve uma mensagem religiosa para aplacar os sofrimentos humanos.
10 de julho de 1954	Sobrevoando o abismo VI	O Cristianismo é a síntese das ideias de outras religiões antigas.
17 de julho de 1954	Sobrevoando o abismo VII	O episódio do nascimento de Cristo foi povoado por diferentes lendas, devido à “criatividade” dos povos antigos.
24 de julho de 1954	Sobrevoando o abismo VIII	Debata a parábola da vinha e dos vinhateiros (Mateus 21:33 a 41). Afirma que nela há alusão à vinda do Cristo.
7 de agosto de 1954	Sobrevoando o abismo IX	Todas as religiões são um caminho até Deus. Compara as religiões a galhos de uma árvore: a Verdade. Afirma que o batismo é apenas simbólico e um rito.
14 de agosto de 1954	Sobrevoando o abismo X	A Reforma Protestante foi a “Renascença da religião” e, ainda que não tenha sido o caminho ideal, ajudou a difundir o Evangelho. Apresenta dados censitários sobre as religiões e seus fiéis no mundo e questiona se somente os cristãos serão salvos.
4 de setembro de 1954	Sobrevoando o abismo XI	Reafirma novamente que todas as religiões levam a Deus e que a fé está gravada no coração de cada pessoa e não por pertencer à determinada confissão religiosa.
11 de setembro de 1954	Sobrevoando o abismo XII	Concorda com a posição de Allan Kardec, quando afirma que toda doutrina que separa é falsa e perniciosa. Afirma que a melhor religião é aquela que é encarada pelo fiel de modo verdadeiro. Critica a adesão a determinado grupo religioso apenas por tradição. Valoriza a escolha pessoal para aderir a uma religião.
18 de setembro de 1954	Sobrevoando o abismo XIII	Afirma que nenhuma religião tem o monopólio da Verdade. Ressalta a liberdade de crença e opinião presente nos países desenvolvidos.
25 de setembro de 1954	Sobrevoando o abismo XIV	Reafirma que nenhuma religião tem o monopólio da Verdade e que o fanatismo religioso tem origem na defesa cega desse monopólio.

Fonte: Coluna À vol d’oiseau – *Folha do Norte*, Feira de Santana - BA.

A síntese dos textos da série *Sobrevoando o abismo* apresenta a contestação de leituras de católicos e protestantes sobre o texto bíblico, a exemplo da queda do homem e do batismo. Ao procurar uma posição conciliatória entre as diferentes religiões, Osvaldo Requião procurou colocar a doutrina espírita na mesma posição das demais confissões religiosas existentes, em resposta ao posicionamento exclusivista de católicos e protestantes que procuravam desqualificá-la. A contribuição aos “fundamentos da liberdade religiosa”, de que

Oswaldo Requião chamou a atenção, referiu-se à reavaliação do conceito de religião – embora defendesse que o Espiritismo seria uma versão completa do Cristianismo.

O momento em que Oswaldo Requião publicou os textos da coluna *À vol d’oiseau* foi o de inserção do Espiritismo em Feira de Santana. Ainda que a coluna se debruçasse, na maioria dos seus textos, sobre elementos das doutrinas espíritas, o título escolhido não afirma de imediato o seu caráter. Além disso, observa-se que o eixo das discussões dos textos religiosos da coluna procurou afirmar, estrategicamente, o Espiritismo como uma versão completa do Cristianismo, ainda que haja diferenças entre ambos, e defender as suas doutrinas como um dos possíveis caminhos para salvação.

3.3.2 Um leitor protestante de uma coluna espírita

Entre 5 de junho de 1954 e 25 de setembro de 1954, Oswaldo Requião publicou a série de 14 textos denominada *Sobrevoando o abismo* e retomou com um artigo, no dia 8 de janeiro de 1955, denominado *A propósito do “Sobrevoando o abismo”*. Neste texto, procurou esclarecer qual o objetivo da série de artigos comentando a perspectiva de um dos leitores da coluna *À vol d’oiseau*: o Reverendo João Dias de Araújo, pastor presbiteriano ecumênico, que, na década de 1980, dirigiria a Igreja Presbiteriana de Feira de Santana³¹⁷. No texto, Requião afirmou que

Entre as cartas com que me honraram alguns, abro aqui espaço para a (...) endereça-me ao culto e operoso pastor da Igreja Presbiteriana de Itacira (Lençóis), o ilustre Rev. JOÃO DIAS DE ARAÚJO [...] Peço-lhes ao distinto missivista apenas me permitam frisar que me denomino eu próprio CRISTÃO (Espírita-Cristão, se bem me explico), e não UNIVERSALISTA, conquanto esteja sintonizado com as idéias de ROHDEN e VIVEKANANDA, e meu estudo, embora reconhecendo a providencialidade de tôdas as Religiões – ramos de uma única e essencial Verdade – preconiza, sem interferir e sem entrar em conflito com o *direito* da livre escolha e o *dever* da tolerância, o Cristianismo como <a *síntese, em simplicidade e luz, de todos os sistemas religiosos*>. Meu alvo é o Cristo, sua perfeição, seu Reino. Escolhi, para ir até Êle, o caminho, que me parece conduzir até Êle. Ignorará Êle que o busco? Como quer que seja, sei que Êle não me repilirá de meu caminho: <*Aquêle que vier a mim DE MANEIRA NENHUMA O LANÇAREI FORA*>³¹⁸.

³¹⁷ ALMEIDA, Luciane Silva de. “O comunismo é o ópio do povo”: representações dos batistas sobre o comunismo, o ecumenismo e Governo Militar na Bahia (1963-1975). Dissertação (Mestrado em História). Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2010, p.103

³¹⁸ A propósito do “Sobrevoando o Abismo”. *Folha do Norte*. Feira de Santana (BA). 8 de janeiro de 1955, p.1.

No fragmento acima, Osvaldo Requião ressaltou que o Espiritismo fazia sua própria leitura de alguns elementos, a exemplo do papel de Jesus Cristo. Percebe-se no texto em destaque a relação entre o Cristianismo e o Espiritismo quando Requião afirmou que se denomina “CRISTÃO (Espírita-Cristão, se bem me explico)”. Para o autor do texto, o adepto da doutrina espírita não deixava de ser cristão – afirmação que a Igreja Católica e segmentos do Protestantismo não compartilhavam.

O Espiritismo concebia a si mesmo como Terceira Revelação, conforme as obras de Allan Kardec, sendo uma complementação das orientações morais e religiosas de Moisés e Jesus, não havendo, pois, uma negação do Cristianismo. No que diz respeito à literatura espírita, pode-se observar que essa afirmação foi pautada na obra *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec. Segundo a codificação da doutrina espírita, esta aparentemente seria a chave para compreender a Bíblia e teria a vocação de unificar todos os “cultos” e “crenças” com base nos ensinamentos morais contidos nos cinco Evangelhos – conteúdos estes que, para Kardec, estariam presentes em todas as religiões³¹⁹.

Por outro lado, Sylvia Damazio, ao discutir a questão da apropriação de elementos do Cristianismo pelo Espiritismo, chama a atenção para o fato de que

[...] a doutrina espírita, apesar dos discursos tolerantes e conciliadores de seu codificador, conflitava com alguns princípios fundamentais da doutrina católica, a saber: a eternidade das penas do fogo do inferno – incompatíveis com a ideia de justiça e de misericórdia divinas; a existência de demônios – que seriam, apenas, espíritos ainda imperfeitos, no começo do caminho rumo à perfeição; o início da humanidade com Adão e Eva – em desacordo com a teoria da evolução das espécies, incorporada em *O Livro dos Espíritos*³²⁰.

O Espiritismo procurou se inserir no campo religioso brasileiro e se afirmou enquanto religião por meio do caráter cristão proferido nas obras de Allan Kardec; porém, a leitura do Cristianismo que foi realizada seguia por outras linhas de interpretação do texto bíblico. Tal fato acabou gerando conflitos religiosos, pois a doutrina espírita ia de encontro alguns dogmas do Catolicismo e aspectos doutrinários do Protestantismo. Ao afirmar-se como “cristão-espírita”, Osvaldo Requião buscava apropriar-se do capital simbólico do Cristianismo para se autoafirmar socialmente e no campo religioso feirense, hegemonia era católico.

³¹⁹ KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. Tradução de Guillon Ribeiro. 131ª ed. Brasília: FEB, 2013, p.17-18

³²⁰ DAMAZIO, Sylvia. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.67.

No texto *A propósito do “Sobrevoando o Abismo”*, uma das leituras feitas sobre a série de artigos pelo Reverendo João Dias de Araújo, da Igreja Presbiteriana da cidade de Itacira foi denominar a concepção espírita vinculada nesses textos como “universalista”. Esta denominação diz respeito mais a uma posição filosófica do que propriamente religiosa, ainda que não negasse o aspecto cristão da doutrina espírita defendido na série *Sobrevoando o abismo* e pautado nas obras de Allan Kardec. Em resposta, Requião ressaltou que, ainda que concorde com as proposições de autores como o filósofo, educador e teólogo catarinense Rohden (1893-1981), precursor do Espiritualismo Universalista, e o filósofo indiano e hinduísta Vivekananda (1863-1902), o seu caminho em direção ao Cristo é trilhado na doutrina espírita.

Todavia, no artigo publicado no dia 17 de novembro de 1956, da série intitulada *Qual a melhor religião?*, Requião opinou nos seguintes termos a respeito do Universalismo:

As <religiões>... Só há, só houve, só haverá uma Religião.
Não tem nome. Não suporta monopólios. Não pode ser estrangida numa fórmula [...] É o universalista. Está em todas as <religiões>: esconde-se nos dogmas, desfazer-se nos rituais, aninha-se nas <tradições>...³²¹

Há uma contradição na posição de Requião a respeito do universalismo e da própria confissão religiosa, quando, em 1955, afirmou não ser universalista e, em 1956, aderiu a esta filosofia religiosa. Como salientou o sociólogo francês Pierre Bourdieu, a trajetória de um indivíduo não pode ser compreendida em um percurso linear e sem momentos de dúvidas, hesitações e reavaliações³²².

O posicionamento do Rev. João Dias de Araújo destoa das posições de segmentos do Protestantismo em relação ao Espiritismo, uma vez que não representa esta religião como heresia – discurso recorrente em alguns segmentos da Igreja Católica para desqualificar o Espiritismo³²³. O Rev. João Dias, em seu texto transcrito por Requião, opinou:

(...) meu amigo Alonso, o seu Universalismo dá-me lições preciosas: a tolerância, o respeito às opiniões e crenças alheias, a atitude certa a acatar a verdade, venha donde vier.
A nossa teologia afirma e aceita que os pagãos proferiam muitas verdades, que esperavam a vinda do Messias, que anelavam o conhecimento de Deus,

³²¹ Qual a melhor religião? II. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVII, n.º 2471. 17 de novembro de 1956, p.1.

³²² BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução de Mariza Correa. Campinas, SP: Papirus, 1996.

³²³ SANTOS, Elane Ribeiro dos. **Espíritas e batistas em Feira de Santana (1940-1980)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, 2010.

mas em Jesus nós encontramos tudo aperfeiçoado e completo. Portanto, podemos dar valor a êsse que proferiram verdades antes d'Ele, mas devemos dar lugar à revelação perfeita de Deus, e lutarmos intensamente para atingirmos a sua plenitude³²⁴.

O Rev. João Dias de Araújo era um protestante ecumênico, que não desqualificava as práticas religiosas diferentes das suas, ainda que apresentasse discordância em relação ao Espiritismo, no que se refere às questões de cunho estritamente doutrinário, como o caminho da salvação. Além disso, ressaltou as “lições preciosas” que a doutrina espírita tem a oferecer. O diálogo estabelecido entre o Rev. João Dias de Araújo e Osvaldo Requião diz respeito ao papel filosófico da religião: um dos elementos para a formação ética dos indivíduos.

Ao discutir o Protestantismo ecumênico em Feira de Santana, entre 1950 e 1997, Elizete da Silva traçou o perfil desse líder religioso:

O Reverendo João Dias de Araújo, que missionava em Ponte Nova, depois de Wagner, no interior da Bahia, foi convidado a pastorear a comunidade presbiteriana feirense, vinculada agora a Igreja Presbiteriana Unida. Ministrou na comunidade como pastor efetivo durante uma década, 1984 e 1994 [...] Reverendo João Dias de Araújo ficou conhecido, em Wagner, como ‘o pastor que estudava’: além de pastorear a Igreja Presbiteriana local, também foi diretor e professor do Colégio Presbiteriano em Ponte Nova [...] era um teólogo do grupo dissidente na Bahia e no Brasil. Aquele que pensava os problemas à luz da reflexão teológica [apoiando inclusive movimentos como o das Ligas Camponesas]. Estudou no Seminário Presbiteriano de Princeton, onde fez pós-graduação, sob orientação de Richard Shaull³²⁵.

Pode-se afirmar que o Rev. João Dias de Araújo pode ser um indício do universo de leitores da coluna *À vol d'oiseau*: intelectuais religiosos. De acordo com Jean-François Sirinelli, “as estruturas de sociabilidade variam, naturalmente, com as épocas e os subgrupos intelectuais estudados (...)”³²⁶. Tanto no caso do reverendo como no caso da polêmica do ensino religioso com Frei Joaquim³²⁷, pode-se observar que as páginas do *Folha do Norte* foi um dos espaços em que se deu o debate entre intelectuais religiosos.

Pode-se compreender a posição do Rev. Araújo a respeito dos textos de Requião, provavelmente pelo fato de ambos pertencerem a grupos religiosos que sofriam com a

³²⁴ A propósito do “Sobrevoando o Abismo”. *Folha do Norte*. Feira de Santana (BA). 8 de janeiro de 1955, p.1-2.

³²⁵ SILVA, Elizete da. **Protestantismo ecumênico e realidade brasileira**: evangélicos progressistas em Feira de Santana. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010, p.195-196.

³²⁶ SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Tradução Dora Rocha. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.249.

³²⁷ A polêmica entre o Frei Joaquim e Osvaldo Requião foi discutida no tópico 4.4, do quarto capítulo deste trabalho.

intolerância religiosa, sendo que, no caso do reverendo presbiteriano, este ocupava uma posição peculiar dentro do próprio Protestantismo, o que implicava em críticas desfavoráveis ao seu ecumenismo dentro da confissão religiosa que fazia parte.

Cabe ressaltar que, durante o período da Ditadura Civil-Militar, o Rev. João Dias acabaria sofrendo, juntamente com sua família, perseguições da Igreja Presbiteriana em Recife. O Reverendo e sua esposa, Ithamar Bueno de Araújo, atuavam no Seminário Presbiteriano do Norte, ele como professor de Teologia, ela como bibliotecária. Ambos foram demitidos. Ele ainda foi perseguido pelos órgãos militares, respondendo a processos no período. De acordo com a historiadora Charlene Brito, “[...] diante das perseguições os dissidentes da IPB [Igreja Presbiteriana do Brasil] acabaram se organizando em torno de uma nova instituição religiosa, a Igreja Presbiteriana Unida (IPU), atuante nas questões sociais e aberta à cooperação interdenominacional e ecumênica”³²⁸.

3.3.3 A biblioteca de Osvaldo Requião: a seção de livros religiosos

De acordo com antropólogo brasileiro Bernardo Lewgoy, “[...] o Espiritismo pode ser considerado não apenas uma religião do Livro, mas uma orientação religiosa que sublinha as experiências de leitura e de escrita como um componente fundamental de sua identidade”³²⁹. O Espiritismo era atravessado por “redes de sociabilidade das quais o livro era a base”³³⁰, principalmente quando se observa o papel desenvolvido por espíritas que atuam enquanto palestrante e/ou dirigente de centros espíritas.

Por meio de levantamento bibliográfico realizado nos textos da coluna *À vol d’oiseau* que tiveram como tema central o Espiritismo, foram inventariados as obras e autores mencionados, citados e recomendados por Requião, permitindo, assim, conhecer o arcabouço literário e teórico de seu pensamento, tomando como base a recorrência com que alguns autores estavam presentes nos textos publicados por Requião, ficando de fora livros vinculados às atividades de promotor de justiça e professor de Língua Portuguesa – além dos livros que tratavam do Espiritismo, ainda que esses não tenham sido citados.

³²⁸ BRITO, Charlene José de. **Da assistência à resistência**: ecumenismo presbiteriano, mendicância, migração e luta pela terra na Bahia (1968-1990). Dissertação (Mestrado em História). Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2013, p.35-36.

³²⁹ LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no Espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2000, p.119.

³³⁰ VILLALTA, Luiz Carlos. *Os leitores e os usos dos livros*. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999, p.205.

Além das obras de Allan Kardec, observou-se a presença de autores de autores que foram, muitas vezes, recomendados por Osvaldo Requião, e que se contrapunham às teses espíritas da obra de Allan Kardec, como é o caso de Jean-Baptiste Roustaing (1805-1879) e Osvaldo Polidoro (1910-2000) – considerados revisores do Espiritismo proposto por Kardec, uma vez que suas obras pretendem ir além da doutrina da reencarnação, bem como dissidentes do movimento espírita. Além desses autores, cabe destacar também a citação das obras de Pietro Ubaldi nos textos da coluna *À vol d’oiseau*.

Jean-Baptiste Roustaing, cuja obra *Os Quatro Evangelhos*³³¹ causou algumas polêmicas no Espiritismo brasileiro devido à tese de que Jesus não possuiu um corpo físico, mas fluídico, uma vez que era tido como um espírito elevado e não poderia regredir à encarnação na matéria. Conforme Célia Arribas, a ideia central da obra de Roustaing possuía uma equivalência com preceitos católicos, como a virgindade de Maria e a queda do homem, por conta da narrativa da expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden, ou seja, o castigo divino que tornaria Adão e Eva “criaturas encarnadas”, daí a afirmação da tese do docentismo³³².

De acordo com o historiador Paulo Amorim, no período de 1902 a 1917, não contou a obrigatoriedade do estudo da obra de Roustaing no estatuto da Federação Espírita Brasileira, sendo que “(...) encontramos períodos de apoio explícito às teses de Roustaing e outros momentos onde esse apoio encontra-se velado (...)”³³³. Célia Arribas afirma que a obra de Roustaing teve uma recepção melhor no Brasil do que na França, principalmente nos grupos espíritas voltados para o aspecto religioso da doutrina³³⁴ e que “[...] foram os que, criados em um catolicismo bastante arraigado e não conseguindo ou não querendo dele se afastar totalmente, encontraram nessas teses uma explicação espírita bastante católica (...)”³³⁵.

³³¹ Esta obra foi dividida em 4 volumes.

³³² ARRIBAS, Célia das Graças. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, p.178-179.

³³³ AMORIM, Pedro Paulo. *Muito além da unidade: a cisão no movimento espírita*. In: ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido (org.). **Espiritismo e religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012, p.126.

³³⁴ ARRIBAS, Célia das Graças. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, p.170.

³³⁵ Idem, p.178.

Quadro 5 - Textos de Pietro Ubaldi citado por Requião na coluna *À vol d'oiseau*

Data	Título do livro	Texto em que foi publicado
20 de agosto de 1960	A Grande Síntese	Livre arbítrio e determinismo
13 de junho de 1953	A Grande Síntese	A peregrinação da pequena centelha
3 de setembro de 1960	Problemas do Futuro	Livre arbítrio e determinismo III
10 de setembro de 1960	Nova Civilização do Terceiro Milênio	Livre arbítrio e determinismo IV
17 de dezembro de 1960	Problemas Atuais	A reencarnação afirmada na Bíblia IV
18 de fevereiro de 1961	O Sistema	A reencarnação afirmada na Bíblia XII
27 de maio de 1961	Deus e o Universo	Espiritismo e educação. Tenha a palavra Giovanni Papini
24 de junho de 1961	Mensagem de Perdão	Espiritismo e educação. Armas e métodos obsoletos

Fonte: Folha do Norte. Feira de Santana (1960).

A referência às obras do escritor espírita italiano Pietro Ubaldi (1886-1972) também fez parte dos textos publicados por Osvaldo Requião. Ubaldi foi tido como autor que complementou as proposições de Roustaing, tendo sua obra centrada na questão da “queda espiritual” ou pecado original que acabou trazendo a necessidade de sucessivas encarnações para o retorno ao estágio de ser evoluído³³⁶.

Segundo os escritos ubaldianos, o Espiritismo havia estacionado na doutrina da reencarnação e na prática mediúmica, permanecendo preso às concepções empreendidas nas obras de Allan Kardec. Além disso, Ubaldi ressalta que os espíritas não conseguiram desenvolver a tríplice característica do Espiritismo (religião, ciência e filosofia). Porém, cabe salientar que não é consenso no Espiritismo brasileiro se há uma continuidade ou ruptura em relação ao pensamento empreendido por Ubaldi e Kardec. Já no tocante a Jean-Baptiste Roustaing, afirma-se que Ubaldi é um continuador de sua obra.

A relação intelectual que Osvaldo Requião possuía com Pietro Ubaldi não se dava somente com a citação de obras do pensador espírita italiano na coluna *À vol d'oiseau*, uma vez que participou do “Encontro dos adeptos de Pietro Ubaldi”, em Brasília, no ano de 1966,

³³⁶ Ibidem, p.179.

como comunicador³³⁷ e fez referência a Ubaldi, indicando as obras deste por meio de sua coluna, como *A grande síntese; Deus e o universo*³³⁸, e atuando na divulgação da campanha em prol desse escritor italiano ao Prêmio Nobel de Literatura na década de 1960³³⁹.

Quadro 6 - Textos de Osvaldo Polidoro citado por Requião na coluna *À vol d'oiseau*.

Data	Título do livro	Texto em que foi publicado
5 de agosto de 1961	A Bíblia Espírita	A restauração do batismo, dom ou inspiração do Espírito Santo I
26 de agosto de 1961	A Bíblia Espírita	A restauração do batismo, dom ou inspiração do Espírito Santo II
16 de setembro de 1961	A Bíblia Espírita	A restauração do batismo, dom ou inspiração do Espírito Santo IV
16 de setembro de 1961	O Novo Testamento dos Espíritas	A restauração do batismo, dom ou inspiração do Espírito Santo IV
16 de setembro de 1961	Confissões de um Corruptor	A restauração do batismo, dom ou inspiração do Espírito Santo IV

Fonte: Folha do Norte. Feira de Santana (1961).

No tocante a Osvaldo Polidoro, Requião pautou a série de 19 textos, denominada *A restauração do batismo, dom ou inspiração do Espírito Santo*, publicada entre 5 de agosto de 1961 e 20 de janeiro de 1962, nas seguintes obras desse autor: *A Bíblia Espírita*, *O Novo Testamento dos Espíritas* e *Confissões de um Corruptor* – indicando, inclusive, local de compra dessas obras: “<Procurem na Livraria e Papelaria <O Lápis de Ouro> as momentosas obras de OSVALDO POLIDORO (...)”³⁴⁰.

Osvaldo Polidoro teve formação religiosa entre os espíritas, sendo um dos fundadores da Federação Espírita do Estado de São Paulo, e se colocava como restaurador da obra de Kardec. Fato polêmico no seio espírita brasileiro, principalmente em face de Polidoro, assim como Zarur, se colocar como a reencarnação de Allan Kardec. Por meio do movimento denominado *Divinismo*, Polidoro afirmava que se encontrava deificado e Jesus era um “espírito a caminho da deificação” e, por isso, voltaria a reencarnar no século XXI³⁴¹.

³³⁷ Osvaldo Requião. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 58, n.º 3007. 3 de dezembro de 1966, p.3.

³³⁸ Livre arbítrio e determinismo VIII. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 51, n.2674. 8 de outubro de 1960, p.1.

³³⁹ Pietro Ubaldi - Candidato ao Prêmio Nobel de Literatura. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 51, n.º2714. 15 de julho de 1961, p.4.

³⁴⁰ A restauração do batismo, dom ou inspiração do Espírito Santo V. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 52, n.º 2724. 23 de setembro de 1961, p.1.

³⁴¹ MOVIMENTOS Dissidentes no Espiritismo. Disponível em <http://www.espiritnet.com.br/Opiniao/Ano2003/opiniao09.htm>. Acessado em. 18/08/2014.

A afinidade de Osvaldo Requião com autores que eram considerados dissidentes do Espiritismo e a divulgação desses pode ser um elemento que pode ser adicionado para que seu nome não tenha sido elencado entre os “ilustres espíritas” baianos na memória sobre a doutrina espírita na Bahia, de Lúcia Loureiro. No entanto, Requião não deixaria de se debruçar sobre aquele que seria uma figura emblemática no movimento espírita brasileiro e que se constituiria como uma referência básica nos centros espíritas ao lado de Allan Kardec: Chico Xavier (1910-2002).

Quadro 7 - Textos de Chico Xavier citados por Osvaldo Requião na coluna *À vol d’oiseau*

Data	Nome	Autor	Texto em que foi veiculado
23 de abril de 1955	Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho	Francisco Cândido Xavier/ Humberto de Campos	A Inconfidência Mineira
11 de agosto de 1956	Mensagem psicografada	Chico Xavier	Evangelho e caridade
10 de agosto de 1957	Crônicas de Além-Túmulo	Chico Xavier/Humberto de Campos	O Mistério da Vida, da Morte e do Renascimento XI
7 de janeiro de 1961	Nosso Lar	Chico Xavier/André Luiz	A reencarnação afirmada na Bíblia VII
23 de dezembro de 1961	Mensagem psicografada	Chico Xavier /Carmem Cinira	Prece de Natal
12 de maio de 1962	Mensagem psicografada	Chico Xavier/ Meimei	Mãos pequeninas

Fonte: Folha do Norte (1950-1962).

Com base no quadro acima, observa-se que a referência a Chico Xavier nos textos de Requião foi pequena em relação aos autores já citados anteriormente, com a diferença de que, no presente caso, trata-se de uma literatura mediúnica e não de obras de intelectuais espíritas que se colocavam como cânones e revisores da obra de Allan Kardec.

Nesse período, a obra do médium mineiro Chico Xavier e sua própria figura ainda estava em processo de construção enquanto uma das referências básicas do Espiritismo brasileiro, sobretudo a partir da obra psicográfica *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho* (1938), que propôs “[...] alguns apontamentos à história espiritual do Brasil (...) [demonstrando] a excelência de sua missão no planeta”³⁴², isto é, uma espécie de “destino manifesto” de país a continuar a divulgação do Espiritismo para o mundo. Deve-se ressaltar o

³⁴² XAVIER, Chico. **Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho**. Pelo espírito de Humberto de Campos. 34ª ed. Brasília: FEB, 2013, p.184.

diálogo entre a citada obra psicografada por Chico Xavier, atribuída ao espírito de Humberto de Campos, e o nacionalismo do período do Estado Novo.

A literatura mediúnica de Chico Xavier possibilitou uma identidade brasileira ao Espiritismo no País. Conforme ressaltou Sinuê Neckel Miguel, “a nova conjuntura (...) marcada pela disputa com o Catolicismo no Estado Novo, pôde ser enfrentada com uso de ‘recursos simbólicos, doutrinários e rituais’ dotados ao Espiritismo por Chico Xavier (...)”³⁴³. A literatura do médium mineiro se colocava apenas como uma forma de propagação da doutrina espírita no Brasil e, sobretudo, ferramentas de estabelecimento do Espiritismo no campo religioso brasileiro, sendo “[...] sucessivamente representado como um médium poderoso a serviço de uma escatologia nacional (anos 1930 e 40) e como um santo popular não católico (anos 50 em diante) [...]”³⁴⁴.

O pensamento de Osvaldo Requião era pautado em autores que se colocavam como revisores de Allan Kardec (Roustaing, Ubaldo e Polidoro) e que complementavam a obra da codificação, a exemplo de Chico Xavier, que discutia a existência das colônias espirituais, como *Nosso Lar* – título de uma obra homônima publicada no ano de 1943.

De acordo com Sandra J. Stoll, podem ser observadas, no livro *Nosso Lar*, a presença de um governante, que é “líder carismático”, e a valorização do trabalho³⁴⁵, bem como a reprodução de um modelo de história do Brasil que exalta a colonização portuguesa e a formação do povo brasileiro por três raças³⁴⁶. Tais elementos possuem grande afinidade com a ideologia do Estado Novo e demonstram a tentativa de o Espiritismo no Brasil se colocar também como uma “religião nacional”, competindo diretamente com o Catolicismo no período.

Não foram somente obras espíritas que compuseram o repertório literário religioso e filosófico de Osvaldo Requião, mas também referências esotéricas vinculadas à Teosofia, como se pode observar no quadro abaixo:

³⁴³ MIGUEL, Sinuê Neckel. *O Espiritismo frente à Igreja Católica em disputa por espaço na Era Vargas*. *Revista Esboços*. Florianópolis, v.17, n.24, 2010, p.207.

³⁴⁴ LEWGOY, Bernardo. *A transnacionalização do Espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 28(1): 2008, p.90

³⁴⁵ SILVA, Fábio Luiz. *A utopia espírita: a cidade espiritual Nosso Lar*. In: ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido (org.). *Espiritismo e religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012, p.5-32.

³⁴⁶ STOLL. Op. cit., p.110.

Quadro 8 - Livros de esotéricos citados por Requião na coluna *À vol d'oiseau*.

Data	Nome	Autor	Texto em que foi veiculado
19 de junho de 1954	O Grande Arcano	Elifas Levi	Sobrevoando o abismo III
19 de junho de 1954	A Vida Depois da Morte	Annie Besant	Sobrevoando o abismo III
26 de junho de 1954	Estatuto da Religião	Vivekananda	Sobrevoando o abismo IV
7 de agosto de 1954	Estatuto da Religião	Vivekananda	Sobrevoando o abismo IX
7 de setembro de 1954	A Sabedoria Antiga	Annie Besant	Sobrevoando o abismo XI
11 de setembro de 1954	A Importância de Viver	Lin Yutang	Sobrevoando o abismo XII
15 de junho de 1957	Auxiliares Invisíveis	Charles Leadbeater	O Mistério da Vida, da Morte e do Renascimento V
15 de junho de 1957	Magia do Sertão	Rosábis Camaysar	O Mistério da Vida, da Morte e do Renascimento V
30 de novembro de 1957	Auxiliares Invisíveis	Charles Leadbeater	O Mistério da Vida, da Morte e do Renascimento XXII
21 de dezembro de 1957	Compêndio de Teosofia	Charles Leadbeater	O Mistério da Vida, da Morte e do Renascimento XXV
21 de dezembro de 1957	A Reencarnação	Papus	O Mistério da Vida, da Morte e do Renascimento XXV
3 de dezembro de 1960	Noções Elementares de Kabala	F. N. Lorenz	A reencarnação afirmada na Bíblia II
14 de janeiro de 1961	A Reencarnação	Annie Besant	A reencarnação afirmada na Bíblia VIII
21 de janeiro de 1961	A Reencarnação	Papus	A reencarnação afirmada na Bíblia IX
25 de fevereiro de 1961	A Reencarnação	Annie Besant	A reencarnação afirmada na Bíblia XIII

Fonte: Jornal Folha do Norte (1950-1962).

A relação entre Espiritismo e Teosofia, doutrinas que foram fundadas no século XIX, é pouco estudada, sendo privilegiadas as análises que debatem as afinidades e divergências entre Espiritismo e Catolicismo ou Espiritismo e religiões afro-brasileiras. De acordo com a historiadora Débora Classen de Paula,

[...] tanto espíritas quanto teósofos, compartilhavam da idéia de reencarnações sucessivas, ambas eram cientificistas e acreditavam que o progresso nas ciências físicas e biológicas confirmaria suas crenças. O que diferenciava os espíritas dos teósofos era que os primeiros procuravam estabelecer uma comunicação com os mortos – mediunidade –, enquanto os

teósofos, em geral, mostraram certa desconfiança com relação a esta experiência de comunicação com o além³⁴⁷.

Dentre os autores teosóficos que Osvaldo Requião faz referência cabe citar Alfred Percy Sinnett (1840-1921) e Annie Besant (1847-1933), ambos colaboradores da fundadora da Teosofia, Helena Blavatsky e do livro *A doutrina secreta* – doutrina esta que, assim como o Espiritismo, buscou sua inspiração em religiões orientais, como o Budismo e o Hinduísmo.

As referências a obras esotéricas, e especialmente teosóficas, demonstram que o repertório de Osvaldo Requião era composto por livros que defendiam a escolha religiosa por meio de uma trajetória que, em certa medida, se afastava da esfera institucional espírita. O diálogo com as crenças teosóficas pode ser entendido como uma tentativa de dialogar com elementos religiosos que não remetessem ao universo religioso afro-brasileiro, e sim ao universo europeu ou oriental.

Cabe destacar que, juntamente com a literatura espírita, com a literatura mediúnica e com as obras esotéricas, o pensamento de Osvaldo Requião também congregou os chamados *estudos metapsíquicos*, que se tornariam, posteriormente, *parapsicologia*.

Quadro 9 - Autores metapsíquicos citados por Osvaldo Requião na coluna *À vol d'oiseau*

Nome	Autor	Texto em que foi veiculado	Data
Animismo ou Espiritismo?	Ernesto Bozzano	O Mistério da Vida, da Morte e do Renascimento V	15 de junho de 1957
Prática de Desdobramento	Charles Lancline	O Mistério da Vida, da Morte e do Renascimento V	15 de junho de 1957
O Desconhecido e os Problemas Psíquicos	Camilo Flamarion	O Mistério da Vida, da Morte e do Renascimento VIII	6 de julho de 1957
A Crise Depois da Morte	Ernesto Bozzano	O Mistério da Vida, da Morte e do Renascimento XI	10 de agosto de 1957
Tratado de Metapsíquica	Richet	O Mistério da Vida, da Morte e do Renascimento XVIII	5 de setembro de 1957
O Sexto Sentido	Richet	O Mistério da Vida, da Morte e do Renascimento XVIII	5 de setembro de 1957
A Grande Esperança	Richet	O Mistério da Vida, da Morte e do Renascimento XVIII	5 de setembro de 1957
Em Socorro	Richet	O Mistério da Vida, da Morte e do Renascimento XVIII	5 de setembro de 1957
Miracles and Modern Spiritualism	Alfred Wallace	O Mistério da Vida, da Morte e do Renascimento XIX	12 de outubro de 1957

Fonte: Jornal Folha do Norte (1950-1962)

³⁴⁷ PAULA, Débora Clasen de. Teosofia e espiritismo nas cartas da Baronesa de Três Serros (1899-1918) **Anais XVII Simpósio Nacional de História – ANPUH**. Rio Grande do Norte, junho de 2013, p.7. Disponível em http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371333540_ARQUIVO_textoparaANPUH2013.pdf

No pensamento religioso de Osvaldo Requião, pode-se identificar os aspectos que caracterizavam a doutrina espírita, de acordo com Kardec: filosofia, religião e ciência. No que tange ao primeiro, tem-se as obras de Kardec, Roustaing, Ubaldi e Polidoro; no que tange ao aspecto religioso, este diz respeito às obras teosóficas e à literatura mediúnica de Chico Xavier. Já o aspecto científico no pensamento de Osvaldo Requião era pautado nas obras de Charles Richet (1850-1935), fundador da metapsíquica; Alfred Russel Wallace (1823-1913); Camille Flammarion (1842-1925), astrônomo e um dos sucessores de Kardec na França; Charles Lancelin (1852 - 1941), que procurava comprovar a imortalidade da alma e a reencarnação; e o professor italiano de filosofia da ciência da Universidade de Turim, Ernesto Bozzano (1862-1943), que estudou o fenômeno da telepatia.

O arranjo de obras espíritas e não espíritas possibilitou a divulgação destas, por meio dos textos escritos, para um público leitor feirense, não frequentador dos centros espíritas, esclarecendo o que se propunha o Espiritismo e como as suas doutrinas poderiam ser respaldadas por uma ampla literatura esotérica e, pretensamente, nos estudos metapsíquicos – estudos estes que poderiam “[...] conferir aos fenômenos observados uma legitimidade científica (...)”³⁴⁸.

Segundo Bernardo Lewgoy, “a leitura de livros espíritas desempenha diversas funções: do proselitismo à iniciação, da constituição de identidades sociais à produção de diferenças, dentro e fora do movimento espírita (...)”³⁴⁹. Deste modo, o universo espírita vincula-se fortemente ao universo da cultura letrada, na qual o texto impresso tem um papel fundamental, permeando a prática religiosa não como uma autoridade inquestionável, mas em processo de constante avaliação interna e externa ao interior do grupo espírita.

A bibliografia mobilizada por Requião, tanto em manuscritos quanto nos textos que publicou em sua coluna no jornal *Folha do Norte*, demonstrou o *habitus* espírita, ou seja, o apreço à cultura letrada e a erudição pelo professor e promotor público. Conforme Aubrée e Laplantine,

[...] essa valorização do livro por uma religião que coloca a leitura no centro de todas as suas preocupações tem hoje no Brasil outra conotação. É sinal de ascensão social. Saber ler e poder estudar é a marca da pertença às classes

³⁴⁸ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009, p.340.

³⁴⁹ LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no Espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade de São Paulo. 353f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2000, p.23-24.

médias e superiores. É também uma resposta concreta às acusações de obscurantismo proferidas (...) contra o espiritismo [...]³⁵⁰

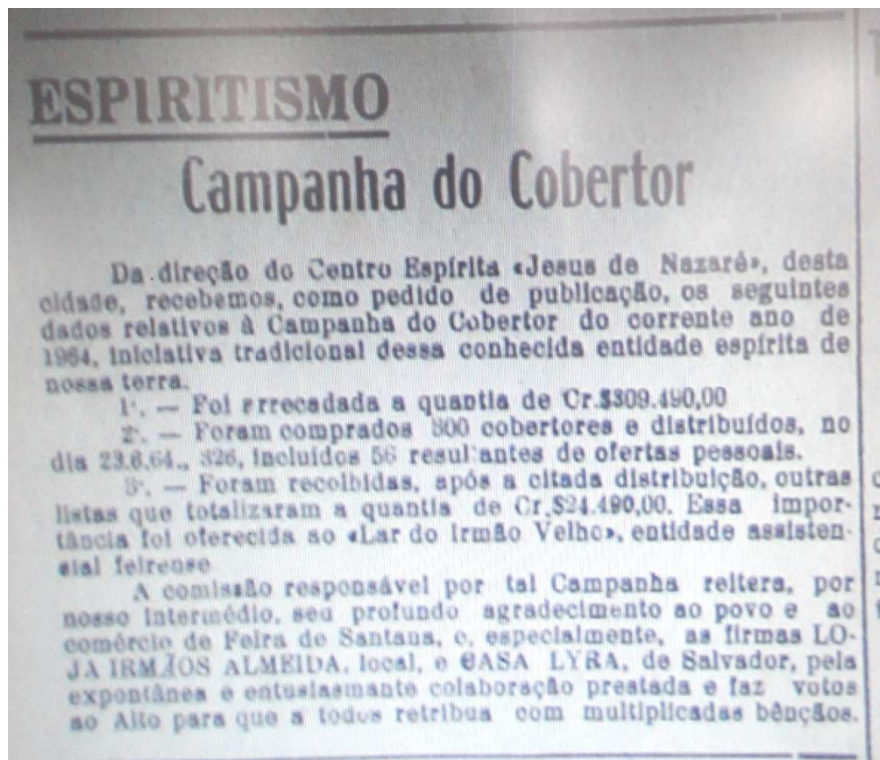
As obras listadas nos quadros fizeram parte do arsenal mobilizado nas lutas entre católicos e espíritas no campo religioso feirense e brasileiro. Ao fazer referência à produção de seus próprios intelectuais, literatura mediúnica e obras teosóficas, adeptos do Espiritismo, como Requião, procuravam se afirmar perante outros grupos religiosos. Deve-se levar em consideração que a divulgação de algumas obras pode ter sido empreendida também para o consumo interno dos próprios espíritas – fossem eles de Feira de Santana ou das localidades em que o jornal alcançava.

3.4 Apenas *Espiritismo*

O primeiro texto da coluna denominada *Espiritismo* (Figura 10) foi publicado em 3 de agosto de 1963, no jornal *Folha do Norte*, prosseguindo sua publicação pela década de 1970³⁵¹. O título da coluna foi colocado no alinhado à esquerda, em caixa alta, negrito e sublinhado, vindo logo abaixo o título do texto da coluna. Na edição inaugural, o texto figurava na quinta página e possuía o seguinte título: “O médium José Arigó atendeu em 10 anos mais de um milhão e quinhentas pessoas”. Essa coluna apareceu quando os textos da coluna *À vol d’oiseau* se findaram sem maiores explicações do autor responsável por sua publicação.

³⁵⁰ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. Op. Cit., p.237-238.

³⁵¹ Em face do recorte temporal dessa pesquisa, bem como para não se perder o fio da discussão que se pretende fazer nesse trabalho encerrou-se a análise da coluna “Espiritismo” no dia 29 de junho de 1976, no qual foi publicado o texto “Entretanto nem todos os espíritos encarnam na Terra”, na quinta página da *Folha do Norte*. Desse modo, não se pode afirmar que esse seja o último texto.

Figura 10 - Coluna *Espiritismo*

Fonte: Jornal Folha do Norte. Feira de Santana - BA. Ano 55, nº.2882. 18 de junho de 1964, p.4

Geralmente a coluna *Espiritismo* figurava no lado esquerdo ou direito da página em que era publicada. Apesar de explicitar o seu caráter religioso (como outras colunas, inclusive de católicos), essa coluna não tinha uma página fixa para sua publicação como *À vol d'oiseau* (no *Folha do Norte*) e *Religiões e Cultos* (no *Gazeta do Povo*). A depender da quantidade de páginas do jornal, poderia vir na segunda ou na sexta página – com base nos exemplares analisados, não foram encontrados, entre os anos de 1970 e 1975, textos da coluna *Espiritismo* na primeira página.

No que diz respeito à autoria da coluna *Espiritismo*, a hipótese cabível sobre essa questão é que coube ao Centro Espírita Jesus de Nazaré de escrever a coluna, ainda que por intermédio de uma pessoa que não gostaria de se identificar, por temer represálias em face de sua confissão religiosa ou para não atrair as atenções para si e não para a coluna.

Algumas características da coluna *Espiritismo* são semelhantes ao estilo das publicações presentes em *À vol d'oiseau*, como a publicação de excerto de textos espíritas. A maior parte das publicações eram oriundas da *Revista Internacional do Espiritismo*³⁵² (sete

³⁵² Publicação fundada, em 1925, por Caibar Schutel.

fragmentos), vindo em seguida as da *Revista Fatos e Fotos* (quatro fragmentos), um texto d’*O Reformador* e outro atribuído ao espírito Ramatis. Acrescenta-se a essas informações o fato de que alguns textos possuíam a indicação de sua continuação no próximo número, além de referências diretas ao leitor.

O perfil do estilo da publicação em *Espiritismo* é semelhante ao presente na coluna *À vol d’oiseau*. Todavia, não se pode perder de vista elementos que demarcam a abordagem sobre o Espiritismo, como a presença da Parapsicologia no texto publicado no dia 25 de janeiro de 1964, conforme o excerto:

É fato que a Parapsicologia não investiga apenas o fenômeno mediúnico, tal como acontece no Espiritismo que, no campo da prática doutrinária, se limita a essa fenomenologia. Ela invade outros setores paranormais, tais como a Telepatia, Hipnose e outros mais fenômenos dessa natureza extra-sensorial. E dada esta amplitude, dão o julgar dos nossos opositores de que a nova cátedra estaria investigando e explicando o fenômeno mediúnico, através dessas outras fenomenologias, quando isso não é verdade. Conclui-se que êsses opositores da tese espírita apenas conhecem a Parapsicologia pela rotulagem, mas nada sabem do seu conteúdo.

(Transcrito da <Revista Internacional do Espiritismo>, outubro de 1968)

Nota – Os deputados Campos Vergai e Xavier d’Araújo apresentaram, no Congresso Nacional, o Projeto n. 4598/58, instituindo a cadeira de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina do País, de cujo programa constam estudos de Animismo, Mediunismo, Sobrevivência e Reencarnação, Materialização, Terapêutica Paranormal, etc.³⁵³

A Parapsicologia foi mensurada devido ao seu suposto caráter científico em comprovar a existência do “mundo dos espíritos”, da “alma” e da “comunicação com os espíritos de pessoas mortas” sob diferentes meios (psicografia, psicofonia, mensagens por meio de aparelhos de TV, rádio etc.). O território que o Espiritismo buscava se firmar na cidade de Feira de Santana, quando se observa a publicação do fragmento citado acima, diz respeito à suposta concepção de ciência que a Parapsicologia possuía sobre compreensão/comprovação do “mundo dos espíritos”.

A relação entre ciência e religião ainda seria evocada na coluna *Espiritismo*, como se pode observar no texto publicado em 17 de agosto de 1963:

<Conhecido e praticado na antiguidade, com outras denominações, por egípcios, gregos e indianos, o espiritismo é um mistério que desafia o homem [...] Que é a morte? Para onde vamos? Afinal, os vivos podem ou não comunicar-se com os mortos? Ou a morte é o fim de tudo, a sumária

³⁵³ Parapsicologia confirma o Espiritismo. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 55, nº. 2857. 25 de janeiro de 1964, p.4.

volta ao pó? Os espíritas – conversam com os espíritos, vêem os mortos, escrevem pelos mortos. Para muitos isso é ciência; para alguns, mistificação consciente ou inconsciente, para os adeptos, religião. Você sabia que os espíritas kardecistas querem o divórcio e o socialismo? Que a umbanda tem milhões de adeptos e nada tem a ver com a macumba? Silvio Lago, parapsicólogo, depõe: <Em 30 anos de observação e experiências, pude comprovar muitas vezes a existências desses fenômenos, e que o julgamos deve ser feito por pessoas que não só conheçam o assunto teoricamente, mas disponha de meios de fiscalização adequados, inclusive eletrônicos, espectroscopia de massa, etc. Entre nós, urge profundamente desvinculados de qualquer compromissos filosóficos-religiosos>³⁵⁴

O excerto acima foi extraído da revista *Fatos e Fotos*, impresso que circulou nacionalmente entre as décadas de 1960 e 190, vinculada à extinta televisão Manchete. Essa revista era uma publicação destinada, principalmente, a divulgar a programação da Manchete e as fofocas de celebridades. Além disso, o periódico também publicava acontecimentos internacionais e nacionais, como a chegada do homem à Lua, o assassinato do presidente estadunidense John F. Kennedy e a morte de Juscelino Kubitschek, ex-presidente do Brasil.

As comunicações de grupos religiosos não constituem um dos objetivos desta pesquisa; porém, ressaltar que a compilação de textos da referida revista evoca o princípio de autoridade de uma publicação de âmbito nacional, como aparente reconhecimento da relevância do Espiritismo no Brasil. No excerto abaixo, o testemunho do médico, parapsicólogo e ufólogo Silvio Pereira Lago (1909-1998) segue no mesmo trilha, visto que se trata de um acadêmico reconhecido no estado do Rio de Janeiro³⁵⁵.

No dia 4 de abril de 1964, a coluna *Espiritismo* publicaria o seguinte texto a respeito da nova tradução do texto bíblico:

Todo mundo cristão e judaico conhece o relato bíblico que nos descreve a consulta feita por Saul ao Espírito de Samuel.

As descrições desta <sessão> sempre se referiram a uma pitonisa, a uma advinha, a uma feiticeira, e isto em tôdas as traduções da Bíblia.

Os espíritas, porém, uma vez que Kardec criou o termo <médium>, sempre asseveramos que a mulher do Endor era nada mais, nada menos, uma simples médium, ou seja, intermediária entre os espíritos desencarnados e os encarnados.

Agora, nós os espíritas já não estamos sós. A Sociedade Bíblica do Brasil, na nova edição de 1960 da Bíblia traduzida por João Ferreira de Almeida, substituiu, atualizando, as palavras pitonisa, feiticeira e advinha pela palavra médium, não só do título do capítulo 28 de I Samuel, ma também nos versículos 7, 8 e 9 dêsse mesmo capítulo. Como vemos, a terminologia espírita foi aproveitada para clarear a velha linguagem bíblica. Se outros

³⁵⁴ O mundo dos espíritos. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 54, nº. 2834. 17 de agosto de 1963, p.5.

³⁵⁵ SILVIO Lago. Disponível em <http://biografiaufologos.blogspot.com.br/2006/04/slvio-lago-in-memorian-slvio-pereira.html>. Acessado em 03/07/2015.

aproveitamentos forem feitos, a Bíblia deixará de ser um livro cheio de obscuridades para o mundo atual e tornar-se-à compreensível para quem quer que a leia.

Parabéns, pois, à Sociedade Bíblica do Brasil!³⁵⁶

A apropriação de elementos do Cristianismo foi um aspecto que não foi eliminado da representação da doutrina de Kardec vinculada na coluna *Espiritismo*, uma das discussões de que mais se ocupou a coluna *À vol d'oiseau*. Um ponto em comum nessa discussão é o fato da comprovação da mediunidade na Bíblia, sendo que, no excerto acima, congratulou-se a tradução de João Ferreira de Almeida do texto bíblico, principalmente no que diz respeito à substituição de termos como “pitonisa, feiticeira e advinha” por “médium” – tradução presente no Brasil desde o século XVIII pelos protestantes. Conforme o próprio Allan Kardec,

A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de ressurreição. Só os Saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera poderia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo de ressurreição o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama reencarnação. Com efeito, a ressurreição dá idéia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos.

A reencarnação é a volta da alma ou do Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum como antigo. A palavra ressurreição podia assim explicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fôra visto criança e seus pais eram conhecidos de João, pois, podia ser Elias reencarnado porém, não ressuscitado.

(De Allan Kardec – do livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*)³⁵⁷.

Outro aspecto discutido foi a suposta existência do fenômeno da reencarnação na tradição judaica, citando a obra *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, e episódios relatados no texto bíblico, como uma forma de comprovação desse fenômeno. Desse modo, a coluna *Espiritismo* procurou evidenciar o fato de que a doutrina espírita é um

³⁵⁶ A palavra "médium" na Bíblia. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 55, nº. 2867. 4 de abril de 1964, p.2.

³⁵⁷ Ressurreição e reencarnação. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 54, nº. 2853. 28 de dezembro de 1963, p.2.

conhecimento que foi gradativamente acumulando e corrigindo equívocos com a adoção de novos termos a partir do conhecimento desenvolvido pelas sociedades em cada período da história.

A abordagem da coluna *Espiritismo* apresentava pontos que se diferenciavam da *À vol d'oiseau*, de Osvaldo Requião, quando se observa a preponderância da discussão dos fenômenos em relação ao componente filosófico da doutrina espírita. Além disso, aspectos polêmicos da apropriação do Cristianismo nas obras de Allan Kardec não deixaram de ser abordados na coluna *Espiritismo*, a exemplo da concepção do Cristo como espírito evoluído e não necessariamente o filho de Deus da concepção cristã³⁵⁸.

A mudança que se processava no movimento espírita brasileiro pode também ter contribuído para que a coluna *Espiritismo* abordasse não só excertos de publicações discutindo as doutrinas espíritas, mas também em divulgar as últimas notícias ligadas ao Espiritismo no Brasil³⁵⁹, na cidade de Feira de Santana³⁶⁰ e a sua receptividade em algumas partes do mundo³⁶¹.

A presença do princípio da mediunidade de cura e da vidência foram temas tratados na coluna *Espiritismo*, temas esses que, no contexto no qual circulou a coluna de Osvaldo Requião, foi completamente silenciado. Dentre as razões de tal silêncio, pode-se conjecturar a escolha do próprio Requião dentro de sua formação familiar, religiosa e profissional que lançava um olhar de questionamento sobre tais práticas e, conseqüentemente, sobre os médiuns que a propagavam.

Até a década de 1940, figuravam no Código Penal Brasileiro, como crimes o Espiritismo, o curandeirismo e o charlatanismo, práticas que levaram médiuns receitistas, médiuns curativos e videntes (espíritas ou não) a sofrer perseguição policial³⁶² – fato esse que pode ajudar a compreender a posição de Osvaldo Requião nesse contexto em que o Espiritismo acabara de ser descriminalizado e que ainda estavam em processo de construção as referências nacionais do movimento espírita brasileiro, pautada na obras psicografadas por Chico Xavier.

³⁵⁸ Espiritismo. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 54, nº. 2840. 28 de setembro de 1963, p.3

³⁵⁹ O médium José Arigó atendeu em 10 anos mais de um milhão e quinhentas pessoas. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 54, nº.2832. 3 de agosto de 1963, p.5. Livros novos sobre as "materializações de Uberaba". **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 55, nº. 2889. 5 de setembro de 1964, p.3

³⁶⁰ Aliança Regional Espírita. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 66, nº.3567. 7 de julho de 1976, p.3.

³⁶¹ Livro Espírita atravessa a Cortina de Ferro. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 55, nº. 2883. 25 de julho de 1964, p.6. Movimento espírita nas Filipinas. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). 8 de agosto de 1964, p.3.

³⁶² GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

Em relação ao novo contexto pelo qual passava o Espiritismo, ainda que a questão da perseguição e da intolerância religiosas não tivessem se extinguido por decreto, verificava-se a presença do médium José Arigó e suas cirurgias espirituais, bem como a prática da mediunidade de cura sem reservas em países como a Inglaterra³⁶³, Filipinas³⁶⁴ e Índia³⁶⁵. Ainda que o termo Espiritismo tenha saído do Código Penal, tal fato não significava que a mediunidade de cura não pudesse ser enquadrada como curandeirismo, em face dessa prática ser compreendida pelo discurso médico como exercício ilegal da medicina.

A carreira, por assim dizer, de médium curativo de José Pedro de Freitas, o Zé Arigó, é comumente colocada a partir do ano de 1942, quando este afirmou que, ao receber o espírito do Dr. Fritz, médico alemão que lutou na II Guerra Mundial, realizava cirurgias espirituais, prática que fez com que Arigó se tornasse conhecido dentro e fora do Brasil. Em 1958, o médium acabou sendo condenado por exercício ilegal da medicina, sendo “anistiado” posteriormente³⁶⁶. A figura de Arigó foi emblemática para o movimento espírita nesse período, sendo que um dos pontos em que se debruçou a coluna *Espiritismo* foi a primeira cura creditada a este médium³⁶⁷.

A chamada mediunidade de “clarividência” é um dos pontos peculiares que aparecem relacionadas à doutrina de Kardec, uma vez que a prática da vidência é vulgarmente relacionada ao esoterismo. Na coluna *Espiritismo*, foram apresentados alguns textos que tratam desta prática – que também despertou a suspeita sobre muitos espíritas, acusados de usar de má-fé para enganar as pessoas em troca de dinheiro.

O texto publicado em 11 de julho de 1964 é um excerto da *Revista Internacional do Espiritismo*, que trata da previsão das mortes de Kennedy e Roosevelt pela “clarividente” Jeane Dixon, que ficou conhecida como a “vidente do Capitólio”. No texto, ressalta-se que: “é curioso notar nenhum outro membro de sua família ou seus ancestrais foram médiuns. Ela recusa qualquer pagamento e encara seus dons como uma coisa muito séria”³⁶⁸.

Quando se observa as publicações a respeito do movimento espírita na cidade de Feira de Santana, percebe-se a projeção que o Centro Espírita Jesus de Nazaré possuía em relação

³⁶³ Médiuns de cura na Inglaterra. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 55, nº.2873. 16 de maio de 1964, p.5.

³⁶⁴ Movimento espírita nas Filipinas. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). 8 de agosto de 1964, p.3.

³⁶⁵ Filme na Índia sobre reencarnação. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 55, nº. 2887. 26 de agosto de 1964, p.4

³⁶⁶ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik... [et al.]. Maceió: EDUFAL, 2009, p.192-195.

³⁶⁷ O médium José Arigó atendeu em 10 anos mais de um milhão e quinhentas pessoas. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 54, nº.2832. 3 de agosto de 1963, p.5

³⁶⁸ Clarividente prevê a morte de Kennedy em 1956. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 55, nº.2881. 11 de julho de 1964, p.3.

aos demais, no período que ia de 1940 até a década de 1960. Na coluna *Espiritismo*, este Centro publicou informes sobre a mudança de diretoria³⁶⁹, campanha de arrecadação de alimentos e cobertores³⁷⁰, prestação de contas do abrigo para idosos Lar do Irmão Velho³⁷¹ – a instituição que, ao que parece, gerenciava. Desse modo, observa-se que o Centro Espírita Jesus de Nazaré obteve, por meio da atuação de seus membros, uma visibilidade maior que os demais centros espíritas da cidade nos jornais *Folha do Norte* e *Gazeta do Povo*.

A coluna *Espiritismo* foi, provavelmente, um espaço de publicação do Centro Espírita Jesus de Nazaré ou uma abertura a que essa instituição tinha fácil acesso, dado os laços de solidariedade com pessoas da própria *Folha do Norte* e/ou com o(a) responsável pela publicação. Além disso, tal fato demonstra o capital simbólico deste centro espírita, uma vez que pôde oferecer o seu nome como proteção para quem publicava os textos na coluna *Espiritismo* – valendo ressaltar que o próprio Osvaldo Requião fazia parte da direção desse centro espírita, no cargo de “orientador doutrinário”³⁷².

3.5 A propósito de *Religiões e Cultos*

O jornal *Gazeta do Povo* apresentava alguns aspectos que o distinguiam do *Folha do Norte*: a indicação de reportagens na capa, a presença de textos sobre os distritos de Feira de Santana por meio da coluna *A voz dos distritos*³⁷³, notícias locais em detrimento do noticiário internacional e a presença de uma página especificamente voltada para a literatura, a coluna *Arte e literatura*, que compreendia uma página inteira do jornal, na maior parte das vezes dedicada à poesia e à música clássica europeia. Além disso, o jornal possuía uma coluna de crônicas dedicadas a crianças e/ou às suas mães, tendo também as colunas *Rádio*³⁷⁴ e *Notícias esportivas*.

Dentre as semelhanças entre o *Gazeta do Povo* e o *Folha do Norte*, pode-se mencionar que a maior parte das páginas do primeiro jornal foi dedicada à política no município de Feira

³⁶⁹ Espiritismo. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 55, nº. 2892. 19 de setembro de 1964, p.2.

³⁷⁰ Natal dos pobres do Centro Espírita "Jesus de Nazaré". **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 55, nº.2869. 18 de abril de 1964, p.2. Campanha do cobertor. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 55, nº.2882. 18 de junho de 1964, p.4. Campanha do Natal dos Pobres. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 56, nº.2911. 30 de janeiro de 1965, p.3.

³⁷¹ Prestação de contas do "Lar do Irmão Velho" (63). **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 55, nº.2868. 11 de abril de 1964, p.2.

³⁷² Espiritismo. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 55, nº. 2892. 19 de setembro de 1964, p.2.

³⁷³ Jaguará, Pacatú, Anguera, Bonfim de Feira, Santo Estevão, Tiquarucú, Maria Quitéria, Ipuacú. Além disso, havia notícias sobre outras cidades do interior da Bahia, como Itaberaba – que foi fixa no periódico; bem como notícias sobre Riachão do Jacuípe, Cachoeira e Ilhéus.

³⁷⁴ Da edição do dia 29 de novembro de 1959 em diante, o jornal *Gazeta do Povo* apresentará dois cadernos: o primeiro voltado para política e economia e o segundo, para a cultura letrada.

de Santana, tendo como palco a disputa entre os políticos e os partidos Partido Social Democrático - PSD e União Democrática Nacional – UDN; respectivamente, partidos que tinham relação com esses periódicos.

Figura 11 - Coluna *Religiões e Cultos*



Fonte: Jornal *Gazeta do Povo*. Feira de Santana (BA). Ano 1, n. 4. 17 de maio de 1959, p.1.

Assinada por vários autores, a coluna *Religiões e Cultos* (Figura 11) esteve presente, geralmente, na segunda página do jornal *Gazeta do Povo*, que circulou na cidade de Feira de

Santana entre os anos de 1959 e 1964³⁷⁵. O nome da coluna era grafado em letras maiúsculas e negrito, dentro de um quadrado vazado na base – tipografia que aparece em outras colunas do *Gazeta do Povo*, como a *Semana Legislativa*. A coluna possuía pequenos textos que eram separados, na maior parte dos casos, por três asteriscos, sendo dividido, em algumas vezes, por seções intituladas: *Evangelismo*, *Na Seara do Mestre* e *Catolicismo*. Com isso, o leitor poderia se orientar para ler o texto do grupo religioso que desejasse, uma vez que a coluna abarcava os seguintes grupos religiosos: católicos, protestantes (batistas) e espíritas, com textos escritos pelos próprios agentes religiosos de cada grupo.

Um dos primeiros aspectos que chamaram a atenção na coluna foi o nome que recebeu, procurando ressaltar as diferenças entre “religião” e “cultos”. Ao analisar a relação entre as constituições brasileiras e a religião, o teólogo e padre José Scampini afirma que a Constituição de 1934 preconiza a liberdade religiosa, sendo que as de 1891 e 1937 preconizavam apenas a liberdade de culto. Conforme o autor, “sob o aspecto liberal, o dispositivo constitucional de 46 [1946] insinua um desdobramento da liberdade religiosa em três espécies de liberdade: a de consciência, de crença e de culto”³⁷⁶. Desse modo, o contexto em que a coluna *Religiões e Cultos* foi publicada diz respeito ao reconhecimento constitucional da diversidade religiosa do país, onde o Direito permitiu que diferentes grupos religiosos pudessem exteriorizar publicamente suas identidades – ainda que dentro dos limites legais.

Todavia, deve-se chamar a atenção para a hierarquização colocada entre os termos “religiões” e “cultos”, em que o primeiro se referia comumente ao Cristianismo, especificamente os grupos católicos e protestantes; e o segundo, aos demais grupos religiosos, principalmente o Espiritismo e as religiões afro-brasileiras, como o Candomblé. No entanto, deve-se ressaltar também que os grupos candomblecistas pouco aparecem na imprensa feirense, de forma geral, em face de não praticar proselitismo religioso e ter seus preceitos religiosos pautados na tradição oral.

A coluna *Religiões e Cultos*, de início, rompeu a presença de somente um grupo religioso; todavia, os grupos que estiveram presentes em suas páginas foram aqueles que dialogavam com o Cristianismo, permanecendo fora de seu círculo as religiões de matrizes africanas. De acordo com a historiadora cubana Ileana de las Mercedes Hodge Limonta,

³⁷⁵ Foram analisados os exemplares editados entre 1959 e 1962, uma vez que a coleção completa não se encontra disponível. Não foi possível ter acesso a todos os exemplares da *Gazeta do Povo* nos arquivos consultados, mas, aparentemente, a coluna constou desde a primeira edição do impresso.

³⁷⁶ SCAMPINI, Pe. José. **A liberdade religiosa nas constituições brasileiras**: estudo filosófico-jurídico comparado. Petrópolis: Vozes, 1978, p.214.

[...] o século XIX e as primeiras décadas do século XX foram marcados pelas ideias de progresso, modernidade e avanço, nas quais as pessoas de pele negra e seus descendentes não estavam incluídos, porque se originavam com eles todo o atraso que a condição de escravos, libertos, alforriados e finalmente livres lhes adjudicavam [...]³⁷⁷

O preconceito racial presente na sociedade brasileira também foi sentido pelas religiões de matrizes africanas, fato que corroborou para que religiões como Candomblé e Umbanda fossem classificadas, pejorativamente, como seita e sofressem perseguição policial.

No que diz respeito, especificamente, ao Candomblé, cabe chamar a atenção para a coluna denominada *Caderno Aberto*, que publicou uma das poucas séries que abordou o Candomblé, encontradas no decorrer desta pesquisa no jornal *Gazeta do Povo*. Assinada por Francisco Barreto e publicada entre 19 de julho e 13 de setembro do mesmo ano, a série intitulada *Folclore* foi composta por seis textos, nos quais se abordou: o conceito de folclore³⁷⁸; folguedos³⁷⁹; samba de roda e capoeira³⁸⁰; bumba-meu-boi, afoxé e cucumbis ou caboclinhos³⁸¹; festas de candomblé e orixás³⁸².

Os dois últimos textos da coluna, publicados nos dias 6 de setembro e 13 de setembro de 1959, dedicaram-se exclusivamente ao Candomblé, abordando a formação histórica desta religião – destacando a contribuição de povos africanos sudaneses e bantos –, as ritualísticas de uma festa de Candomblé e os principais orixás. Cabe ressaltar que a publicação de Francisco Barreto³⁸³, no *Gazeta do Povo*, apesar de colocar o Candomblé como folclore, fato este que acaba relegando este grupo religioso à cultura popular em detrimento da cultura erudita, apresentou um dos poucos casos do período em que a presença de uma religião de matriz africana não foi colocada de modo desrespeitoso.

No tocando ao Espiritismo, cabe citar como exemplo de textos espíritas publicados na coluna *Religiões e cultos* a seguinte publicação:

Coração puro

Emmanuel

³⁷⁷ LIMONA, Ileana de las Mercedes Hodge. **Cultura de resistência de uma identidade cultural: a Santería cubana e o Candomblé brasileiro (1950-2000)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal da Bahia, 2009, p.133-134.

³⁷⁸ Caderno aberto. **Gazeta do Povo**. Feira de Santana (BA). Ano I, n.12. 19 de julho de 1959, p.5.

³⁷⁹ Caderno aberto. **Gazeta do Povo**. Feira de Santana (BA). Ano I, n.14. 2 de agosto de 1959, p.5.

³⁸⁰ Caderno aberto. **Gazeta do Povo**. Feira de Santana (BA). Ano I, n.15. 9 de agosto de 1959, p.5.

³⁸¹ Caderno aberto. **Gazeta do Povo**. Feira de Santana (BA). Ano I, n.17. 23 de agosto de 1959, p.5.

³⁸² Caderno aberto. **Gazeta do Povo**. Feira de Santana (BA). Ano I, n.19. 6 de setembro de 1959, p.4. (Caderno 2). Caderno aberto. **Gazeta do Povo**. Feira de Santana (BA). Ano I, n.20. 13 de setembro de 1959, p.3.

³⁸³ Não foi possível encontrar informação a respeito de Francisco Barreto nas fontes consultadas.

“Não se turbe o vosso coração...”

Jesus.

JOÃO, 14:1

Guardar contigo o coração nobre e puro

Não afirmou o Senhor – <não se vos obscureça o ambiente> ou <não se vos ensombre o roteiro> porque criatura alguma na experiência terrestre poderá marchar constantemente a céu sem nuvens.

Cada berço é início de viagem laboriosa para a alma necessitada de experiência.

Ninguém se forrará aos obstáculos.³⁸⁴

No texto acima, presente na seção *Na Seara do Mestre*, da coluna *Religiões e Cultos*, pode-se observar a alusão à Bíblia em uma mensagem espírita voltada ao diálogo com a autoajuda. A intenção não é dar lições sobre o que é o Espiritismo, mas oferecer mensagens com uma linguagem simples, em textos com poucas citações e referências, ou seja, despojados de rebuscamento literário. Seguindo esta tipologia de texto, cabe chamar a atenção para os textos atribuídos ao mentor espiritual de Chico Xavier, Emmanuel.

Quadro 10 - Textos atribuídos a Emmanuel na coluna *Religiões e Cultos*.

Data	Texto	Síntese	Observação
10 de maio de 1959, p.2.	Insistamos no bem	Exortação a prática do bem	Caderno único
24 de maio de 1959, p.2.	Coração puro	Preserva-se puro diante dos obstáculos da vida	Caderno único
7 de junho de 1959, p.2.	O problema	A raiz dos desajustes humanos e das calamidades sociais é o homem	Caderno único
14 de junho de 1959, p.2.	Diante dos pioneiros	Pedido para que não se esqueça as obras daqueles que vieram anteriormente e deram a sua contribuição ao mundo de diferentes modos	Caderno único
21 de junho de 1959, p.2.	Página à mocidade	Exortação para que a juventude se volte para vida dentro de valores éticos e para compreensão do sofrimento do outro	Caderno único Seção: Na Seara do Mestre
12 de julho de 1959, p.2.	Lázaro e o rico	Os graus de evolução moral são fruto das atitudes de cada pessoa na trajetória de sua vida espiritual	Caderno único Seção: Na Seara do Mestre
20 de	Oração e	Dificuldade das pessoas ao	Caderno único

³⁸⁴ Na seara do mestre. **Gazeta do Povo**. Feira de Santana (BA). Ano 1, n.6. 7 de junho de 1959, p.2.

setembro de 1959, p.2.	dificuldade	desencarnar	Autoria: Emanuel/Chico Xavier (Reunião pública da noite de 12-4-57, Pedro Leopoldo)
18 de outubro de 1959, p.2.	Reparemos nossas mãos	Exortação para que as pessoas se mirem nas mãos que praticam o bem	Caderno único Autoria: Emanuel/Chico Xavier (Mensagem recebida por Chico Xavier – sem data)
8 de novembro de 1959, p.3.	Jesus por nós	Jesus Cristo como exemplo de conduta	Caderno único Autoria: Emanuel/Chico Xavier (Mensagem recebida na sede do Centro Espírita Caminheiros do Bem, Araxá. Noite de 19 de julho de 1956.
29 de novembro de 1959, p.6.	Na terra da paz	Conclamação para que todos se empenhem na manutenção da paz	Caderno 2. Seção: Esfolhando o Evangelho
25 de dezembro de 1959, p.7.	Antipatia	Visão espírita sobre a antipatia	Caderno 1.
14 de fevereiro de 1960, p.6.	Dá e receberás	Caridade	Caderno 2.
14 de fevereiro de 1960, p.6.	Unicamente de ti	O dever de auxiliar o próximo	Caderno 2.
28 de fevereiro de 1960, p.3.	Perante o mundo	Crítica a concepção de se afastar do mundo devido aos vícios encontrados nele	Caderno 1.
6 de março de 1960, p.6.	Bens da vida	A vida e tudo o que há nela como um bem dado por Deus	Caderno 2.
13 de março de 1960, p.3.	Perante a dor	Dor como remédio e benção	Caderno 1.
12 de junho de 1960, p.3.	Alavanca da vida	O amor como gerador de virtudes e vícios	Caderno 1 Emanuel/Chico Xavier (Reunião pública da noite de 13-1-58, em Pedro Leopoldo)
19 de junho de 1960, p.3.	Conflito	Exortação para que se fuja de todo tipo de conflito	Caderno 1

5 de fevereiro de 1961, p.2.	Pena de morte	Morte como um processo que deve ser de modo natural	Caderno 1
------------------------------	---------------	---	-----------

Fonte: Jornal *Gazeta do Povo* (1959-1960). Feira de Santana - BA

De modo geral, pode-se agrupá-los, basicamente, em duas categorias: I) conduta e valores; e II) princípios doutrinários espíritas. A primeira categoria diz respeito à exortação de uma vida pautada na busca do aperfeiçoamento moral. Nesta categoria, são listados os seguintes textos: *Insistamos no bem*; *Coração puro*; *O problema*; *Diante dos pioneiros*; *Página à mocidade*; *Jesus por nós*; *Na terra da paz*; *Perante o mundo*; *Bens da vida*; *Alavanca da vida*; e *Conflito*. A segunda categoria, por sua vez, procurou discutir os principais princípios religiosos do Espiritismo, como evolução, caridade, reencarnação e lei de causa e efeito. Nela, são listados os seguintes textos: *Lázaro e o rico*; *Oração e dificuldade*; *Dá e receberás*; *Unicamente de ti*; *Antipatia*; *Perante a dor*; e *Pena de morte*.

Em relação às colunas espíritas do jornal *Folha do Norte*, a *Religiões e Culto*, do jornal *Gazeta do Povo*, apresentou textos de fácil leitura, uma vez que possuíam linguagem menos rebuscada, com parágrafos curtos e sem recorrer demasiadamente a citações de obras espíritas ou não. Tal característica se deu, possivelmente, pelo fato de que a coluna *Religiões e Culto* publicava textos de outros grupos religiosos, havendo a necessidade de cada texto ocupar um espaço menor na coluna.

Os textos listados no quadro acima foram atribuídos ao guia espiritual de Chico Xavier, Emmanuel, sendo que a referência ao médium mineiro foi explicitada em poucos textos da coluna *Religiões e Cultos*, a saber: *Oração e dificuldade*; *Reparemos nossas mãos*; *Jesus por nós*; e *Alavanca da vida*. A preferência por citar textos de Emmanuel com as características descritas anteriormente se deve não somente ao pouco espaço que a coluna ocupava no periódico, mas também por estes textos serem da literatura mediúnica de “consolo”, empreendida por Chico Xavier e Waldo Vieira em um momento posterior ao que publicavam obras espíritas dedicadas à propagação do aspecto científico da doutrina espírita – fase dos médiuns mineiros que foi criticada por setores do movimento espírita brasileiro.

Ainda que, neste capítulo, não se tenha seguido uma ordem cronológica das colunas espíritas presentes nos dois principais jornais de Feira de Santana, deve-se ressaltar que a abordagem empreendida sobre cada uma delas diz respeito à representação do Espiritismo que seus agentes puderam vincular nos periódicos. Cabe afirmar que, por meio das colunas espíritas, não somente o Espiritismo era divulgado para além do espaço dos centros espíritas,

mas também os pensadores e as obras confessionais espíritas e de outros grupos religiosos eram divulgados com o intuito de referenciar suas afirmação, bem como utilizar-se do capital simbólico da cultura letrada que tais referências lhe auferiam.

4 OLHARES SOBRE A VIDA E A MORTE: TRAJETÓRIA DE OSVALDO REQUIÃO NO MEIO ESPÍRITA FEIRENSE

O presente capítulo tem o objetivo de analisar a trajetória de Osvaldo Pinheiro Requião enquanto intelectual espírita em Feira de Santana - BA, entre as décadas de 1940 e 1960 – período em que residiu na sua cidade. Não é o intuito fazer um exame biográfico “do berço ao túmulo”, mas fazer recortes temáticos da trajetória de Requião enquanto agente religioso espírita, como: conversão, formação religiosa e família, conflito religioso e representações biográficas na ocasião de sua morte.

Procura-se refletir sobre a família e religião, no intuito de discutir como se dava a relação entre seus membros, no contexto em que os pais possuíam confissões religiosas diferentes, o proselitismo religioso dentro da família, conflitos dentro desta em relação à religião e a agregação familiar, ainda que com diferenças religiosas.

A conversão representou a adesão à doutrina espírita, marcando a trajetória familiar e a própria trajetória biográfica de Osvaldo Requião, enquanto agente religioso e intelectual. Deve-se chamar a atenção para o fato de que a análise da conversão ao Espiritismo constitui um tema novo tanto nas pesquisas historiográficas e antropológicas quanto se observa que a maior parte delas tem como foco de sua discussão a conversão de católicos ou adeptos do Candomblé ao Protestantismo.

A relação de Requião com outros grupos religiosos também constitui objetivo de discussão, uma vez que essa constituiu de ensejo para tratar dos conflitos existentes no campo religioso feirense nos quais se envolveu diretamente. Desse modo, pretende-se analisar as representações que Requião formulou a respeito de católicos, protestantes e espíritas e em que perspectiva dialogou com estes grupos religiosos.

Outro objetivo que será discutido neste capítulo será as memórias escritas sobre Osvaldo Pinheiro Requião na ocasião da sua morte, contexto em que “a memória é particularmente valorizada”³⁸⁵. Pretende-se analisar o pronunciamento do radialista Joel Magno na Rádio Sociedade de Feira de Santana, anunciando a morte de Requião, bem como os artigos escritos por Helder Alencar e Eusínio Lavigne, no Jornal *Folha do Norte*, que traçaram o perfil biográfico de Requião. Nestes documentos, procura-se discutir o que Peter Burke denominou de “história social da lembrança”, cujas questões se dirigem a três eixos

³⁸⁵ LE GOFF, Jacques. *Documento/monumento*. In: **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão...[et. al.]. 4ª. ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996,p.535

principais: os modos de transmissão de memórias públicas, a mudança desses modos e os usos do esquecimento³⁸⁶.

De acordo com Peter Burke, a transmissão da memória social se faz por diferentes meios, como a tradição oral, imagens, rituais de “comemoração” e espaço, bem como relatos escritos – meio este que se pretende privilegiar nesta análise, que também procurará discutir o esquema que Requião foi lembrado, nas fontes já citadas, as funções sociais destas memórias e a “organização social do esquecer” em torno do personagem central da análise em questão³⁸⁷.

Também será utilizada como fonte histórica a literatura memorialista sobre Feira de Santana, especificamente a obra *O homem e a paisagem urbana*, de Eurico Alves Boaventura, intelectual que pensou a identidade feirense como uma cidade sertaneja e católica. A análise dessa obra será o ensejo para discutir o pluralismo do campo religioso feirense entre as décadas de 1940 e 1960.

Outro tema que não poderia deixar de ser analisado na discussão sobre as memórias sobre Requião diz respeito aos “lugares de memória”³⁸⁸, uma vez que, por meio da análise deste tema, é possível discutir não somente o indivíduo – Osvaldo Requião –, mas também o lugar social que ele possui na memória do Espiritismo em Feira de Santana, bem como sua relação com a própria cidade.

4.1 Família, “o coração delator”³⁸⁹

A edição do *Jornal Interação* que foi editada no bimestre março/abril de 2000 trazia na terceira página do seu exemplar um breve perfil biográfico de Osvaldo Pinheiro Requião, sendo que aparecem, por meio desse periódico, os principais dados sobre sua origem familiar. Conforme o citado periódico espírita,

Percorrendo os livros de Registro do Cartório da cidade de Alagoinhas (BA), Livro N.20, página 27, encontramos o Registro de Nascimento de Osvaldo Pinheiro Requião. Data: 19 de setembro de 1908. Seus pais: Aristides Pinheiro Requião e Dona Maria Pureza Requião.
Seu pai procurou desde cedo ministrar-lhe os ensinamentos bíblicos sob a ótica da Igreja Batista e a sua mãe, adepta ao espiritismo, aplicava-lhe os

³⁸⁶ BURKE, Peter. *História como memória social*. In: **Variedade de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.73.

³⁸⁷ Idem, p.74-86.

³⁸⁸ NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História, PUC-SP, nº 10, dez.,1993, p.7-28

³⁸⁹ Alusão ao título do conto “O coração delator”, do escritor norte-americano Edgar Allan Poe.

mesmos ensinamentos sob a ótica kardecista. Esse foi o lar em que o menino Osvaldo foi criado. Um lar onde o pensamento alheio era respeitado: onde a tolerância religiosa andava lado a lado. Dizia ele: “Não importa qual seja a religião, contanto que a fé faça do religioso um bom cristão”³⁹⁰

O *Jornal Interação* foi um impresso confessional espírita³⁹¹, confeccionado por Socorro Conserva (que adotou, posteriormente, o nome Helena Conserva)³⁹², distribuído gratuitamente nos centros espíritas de Feira de Santana entre os anos de 1999 e 2002 – não foi possível localizar com exatidão o período em que o referido jornal circulou na cidade, sendo sua circulação presumida com base nos poucos exemplares aos quais tivemos acesso.

No fragmento de texto citado acima, nota-se a preocupação em comprovar a exatidão das informações que serão prestadas subsequentemente, no que diz respeito à data de nascimento de Osvaldo Requião e ao nome dos seus pais. Osvaldo Pinheiro Requião era filho de Aristides Pinheiro Requião e Maria Pureza Requião, tendo dois irmãos: Josué³⁹³ e Celesina³⁹⁴. A diferença de filiação de grupos religiosos do pai e da mãe de Requião (protestante e espírita, respectivamente) é evocada como dado para registrar a atmosfera religiosa em que ele cresceu, bem como o ambiente de aparente “tolerância” em que foi criado. A questão do proselitismo é assinalada pelo referido periódico quando afirmou que os genitores de Requião procuravam ensinar os preceitos religiosos que cada um seguia.

A diferença de religião de cada um dos pais de Requião deve ter gerado discordâncias no seio da família. Porém, deve-se ressaltar que os laços afetivos e o fato de pertencerem a grupos religiosos minoritários numa sociedade hegemonicamente católica podem ser um dos fatores que se sobrepuseram a divergências doutrinárias.

Não se sabe informar se Aristides Requião e Maria Pureza Requião pertenciam, simultaneamente, a mesma religião e um dos dois se converteu a uma confissão religiosa diferente de seu cônjuge ou se sempre foram adeptos de religiões diferentes. Ao colocar

³⁹⁰ Osvaldo Requião. **Jornal Interação**. Feira de Santana (BA). Março/abril, 2000, p.3.

³⁹¹ Houve também paralelamente ao *Jornal Interação*, o *Jornal Espírita de Feira* – o qual não encontramos exemplares nos arquivos consultados. Supõe-se que ambos foram criados por iniciativa de particulares, adeptos do Espiritismo, e tiveram curta ou curtíssima duração.

³⁹² A autora do *Jornal Interação* também lançou um livro chamado *Marchas Recíprocas (Preconceito X Religião)*, que cuja finalidade é explicar o que é o Espiritismo para combater o preconceito que sobre esta religião. Ver CONSERVA, Socorro. **Marchas Recíprocas (Preconceito X Religião)**. Feira de Santana: Nordeste Gráfica e Editora Ltda, 1997.

³⁹³ Após a morte de Osvaldo Requião, o seu irmão Josué Pinheiro Requião ira assumir o seu lugar como professor no Instituto de Educação Gastão Guimarães, então Escola Normal.

³⁹⁴ REQUIÃO, Osvaldo. Agradecimentos. Tese de Concurso. **Nomes próprios personativos e a ortografia em vigor**. Feira de Santana, 1959. Acervo da Biblioteca Central Julieta Carteadó – UEFS. (tese apresentada para concorrer à vaga de professor de português na Escola Normal de Feira de Santana, atual Instituto de Educação Gastão Guimarães).

Aristides Requião como um defensor da fé cristã independente de qual religião professasse, o *Jornal Interação* tentou conciliar a diferença doutrinária religiosa dentro da família.

O romance *Setembro na Feira*, de Juarez Bahia, ainda que escrito em 1986, oferece elementos para pensar a situação vivida por Osvaldo Requião no convívio com pais que professavam diferentes religiões. O livro narra a história de Florêncio, um filho de imigrantes da cidade de Cachoeira – BA, que veio com seus pais para cidade de Feira de Santana - BA em busca de trabalho e estudo – trajetória de vida análoga a do autor do romance³⁹⁵. Enquanto Osvaldo Requião tinha o pai protestante (batista) e a mãe espírita, Florêncio tinha o pai espírita e a mãe católica – guardadas as devidas particularidades, tem-se uma situação semelhante de conflito em face da diferença de confissão religiosa.

[...] Florêncio não seria nunca um médium como ele, mestre Dos Anjos, gostaria que fosse, para receber por necessidade de receber, para no futuro tomar o seu lugar como presidente de mesa, para dar continuidade ao trabalho de kardecista a esse tipo quase incomum de caridade – uma caridade que se lhe afigurava desinteressada e apesar disso militante – a que se entregara desde muito jovem, como espírita, e a que jamais renunciara por mais ingratas que tivessem sido as circunstâncias ou por mais incompreendidas, em determinadas ocasiões, que tivessem sido algumas atitudes suas.³⁹⁶

No fragmento do romance, Juarez Bahia fez referência ao “espiritismo militante”, que demarca como “[...] espiritismo sem hora de comer ou de dormir, sem eira nem beira [...]”³⁹⁷. Juarez Bahia fala de uma vivência do Espiritismo na qual o fiel se doa inteiro ao grupo religioso a que se vinculou. A designação de militância traz em si o caráter de trajetória pessoal no engajamento na defesa de uma causa: a doutrina espírita. O que não significa afirmar que a militância espírita seja o único percurso que se possa fazer dentro do Espiritismo. No texto de Bahia, a questão da militância foi uma representação tecida a respeito do Espiritismo – caracterizando-o, religiosamente, como doação ao próximo, ou seja, como caridade (no sentido de caridade espiritual e não só material). Desse modo, de característica da doutrina espírita, a caridade passou a designar o próprio Espiritismo.

A escolha do filho a um determinado grupo religioso foi mencionado no romance de Juarez Bahia da seguinte maneira:

³⁹⁵ OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. “**Canções da cidade amanhecendo**”: memórias urbanas, silêncios e esquecimentos em Feira de Santana, 1920-1960. Tese (Doutorado em História. UNB. Brasília. 2011, p.23.

³⁹⁶ BAHIA, Juarez. **Setembro na Feira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p.23.

³⁹⁷ Idem, p.25.

– Enfim – dialogava com sua razão Dos Anjos, mais conformado, mais contemplativo do que meditativo –, há de ser um bem o Flô de fora do espiritismo militante, deste meu espiritismo sem hora de comer ou de dormir, sem eira nem beira. O bem talvez esteja na paz de Santinha. Ela jamais me perdoaria o ter feito Florêncio um presidente de mesa.

Santinha, católica, apostólica, romana não vê com bons olhos o envolvimento filosófico de Flô pelo seu marido. Educada na obediência, mas não submissa – apesar da divergência religiosa, amante de Dos Anjos – ela quer para Flô um outro destino [...] Mal te digo, espiritismo, arte do demônio, pensa Santinha. Quero que todos os espíritos, bons ou maus, de luz ou de treva, vão para o inferno. E que tu, Dos Anjos, não envolvas o mais velho, Florêncio, da pequena prole, nesse miserável enredo do domínio do espaço sobre nós terrenos, transformando em tentações do desconhecido uma aspiração legítima de vida cristã como a dos seus filhos, além do Flô, a Marialice e o Álvaro, de dez e oito anos [...] Santinha tem consciência de que um conflito terrível opõe sua crença de católica à crença de espírita de Dos Anjos. E percebe que no meio de tudo encontram-se os filhos [...]³⁹⁸

O fragmento acima exemplifica nuances de um conflito na vida de um casal em que cada um tem uma religião diferente do outro, uma católica fervorosa e um militante espírita, mas que encontram o ponto de equilíbrio na prática do exorcismo e, principalmente, nos laços afetivos entre o casal e seus filhos.

A intolerância religiosa de segmentos da Igreja Católica ao Espiritismo, bem como a outros grupos religiosos já é um tema pontuado em diversos trabalhos historiográficos. No entanto, não se pode esquecer que postura semelhante por parte de segmentos do Protestantismo, ainda que imbuída de outros valores, também foi feita sobre o Espiritismo³⁹⁹. No caso de Osvaldo Requião, não se trata de uma religião instituída socialmente e outra que procurava se estabelecer, mas dois grupos religiosos (batistas e espíritas) que competiam no campo religioso brasileiro entre si e com o Catolicismo.

A pluralidade de confissão religiosa em uma mesma família pode demonstrar a ruptura por parte de alguns fiéis com a coerção do grupo religioso a que pertencem, ainda que não tenham se desvinculado de seus pressupostos. A representação da “família honrada” pode se sobrepor, sem contradizer, os “imperativos éticos” dos seus grupos religiosos a que cada cônjuge pertencia. Não foram encontrados documentos que discutam a prática do proselitismo dos pais de Requião, como se dava no momento em que um iria para o templo protestante e o outro ia para o centro espírita, se ia juntos ou separados, levavam os filhos ou não, se os amigos de cada um dos grupos religiosos frequentavam a casa, se havia reuniões religiosas na

³⁹⁸ BAHIA, Juarez. **Setembro na Feira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p.25-26.

³⁹⁹ Ver SANTOS, Elane Ribeiro dos. **Espíritas e batistas em Feira de Santana (1940-1980)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Universidade Estadual de Feira de Santana, 2010.

casa do Sr. Aristides e D. Maria Pureza. O fragmento do romance de Juarez Bahia, destacado anteriormente, ainda que não diga respeito ao contexto em que viveu o casal, leva a pensar sobre essas questões, mesmo que, no que tange à família de Osvaldo Requião, não se tenham documentos para discuti-las.

Ao analisar a representação da “família feliz” no grupo das Testemunhas de Jeová, a historiadora Camila Noêmia R. S. Bastos chamou a atenção para o fato de que “as Testemunhas de Jeová, por se constituírem um grupo de caráter fundamentalista têm, no seu discurso, uma atenção especial voltada para a família (...)”⁴⁰⁰. Pautados na sua interpretação do texto bíblico e publicações confessionais – como ocorre em alguns grupos protestantes –, as Testemunhas de Jeová defendem um modelo ideal de família, no qual prepondera a autoridade masculina e a prática de estudos em família estimulando a frequência e participação dos filhos nas reuniões doutrinárias⁴⁰¹. Na família de Osvaldo Requião, a diferença de confissão religiosa entre o pai e mãe pode ter originado alguns desacordos e negociações não somente pelo fator religioso, mas pelas relações de gênero embebidas nesse aspecto.

De acordo com a historiadora Lizandra Santana da Silva, ao analisar a conversão de candomblecistas ao Protestantismo, “(...) os familiares com opções religiosas distintas não se encontravam com a mesma frequência de quando faziam parte da mesma religião, apesar do laço de sangue ter permanecido (...) os laços da família de santo foram rompidos (...)”⁴⁰². Isso se deve, segundo Lizandra Silva, em razão do Protestantismo ser uma confissão religiosa exclusivista, ao contrário do Candomblé e do Catolicismo, que possuem flexibilidade (em diferentes nuances) para a dupla pertença religiosa. No caso específico da Igreja Universal do Reino de Deus, se, por um lado, ressignifica algumas práticas candomblecistas, por outro, permanece no rol de grupos protestantes que “demonizam” os cultos afro-brasileiros⁴⁰³.

Tanto Camila Bantos quanto Lizandra Silva afirmam que há um afastamento de alguns membros da família biológica em face de terem aderido a um grupo religioso diferente, a exemplo de aniversários (que não são comemorados pelas Testemunhas de Jeová) e festas religiosas do calendário dos terreiros de Candomblé. Os laços afetivos, segundo as autoras,

⁴⁰⁰ BASTOS, Camila Noemia Renner Santos. “**O segredo de uma família feliz**”: representações sobre a família entre as Testemunhas de Jeová em Santo Estevão/BA (1970-2001). Dissertação (Mestrado em História). Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2014, p.82.

⁴⁰¹ Idem, p.105.

⁴⁰² SILVA, Lizandra Santana da. **Do axé à aleluia**: transformações do campo religioso cachoeirano (1980-2007). Dissertação (Mestrado em História). Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2014, p.114.

⁴⁰³ SILVA, Lizandra Santana da. **Do axé à aleluia**: transformações do campo religioso cachoeirano (1980-2007). Dissertação (Mestrado em História). Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2014, p.118.

não são totalmente rompidos, de modo que, em festividades como Dia das mães e Natal, seja possível que os membros da família se reúnam para celebrar estas datas.

Em outra parte do texto sobre Osvaldo Requião, presente no *Jornal Interação*, novos dados sobre a biografia são acrescentados, como se pode observar a seguir:

Em 8 de fevereiro de 1934, foi nomeado para exercer o cargo de promotor interino na cidade de Xique-xique. Nessa cidade ele iria mudar o rumo de sua vida, devido a dois acontecimentos. O primeiro deles foi de sua mãe, D. Maria da Pureza que ao arrumar as malas do filho que em breve viajaria para Xique-xique, pôs sem que ele soubesse, dentro da mala, um pequeno livro intitulado: “O Livro dos Espíritos” [...] Osvaldo começou a lê-lo e observar os seus conhecimentos e assim encontrara o caminho. O segundo acontecimento foi o casamento com a senhorita Ariane de Assunção Lustosa (...) ⁴⁰⁴

O texto acima ressalta dois fatos importantes na trajetória biográfica de Osvaldo Requião: sua conversão ao Espiritismo e o seu casamento. Na conversão, foi destacado o papel da mãe ao colocar na sua mala de viagem *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. No entanto, isso não significa que a adesão à doutrina espírita tenha sido um caminho sem conflitos e simples devido à influência de sua mãe, como se pode observar em um comentário público que Requião fez sobre sua adesão à doutrina espírita em um dos textos da coluna *À vol d’oiseau*: “Qual a melhor religião? [...] Certamente a que mais diretamente conduz a Deus. Ao meu irmão cabe examiná-las e decidir por si mesmo (...) Porque a convicção é coisa íntima, pessoal, e não se transfere a outrem [...]” ⁴⁰⁵. Nesse comentário, publicado no *Jornal Folha do Norte* em 11 de setembro de 1954, no início do seu texto, Osvaldo Requião lançou uma indagação que procurar refutar a tese de que a Igreja Católica seria, supostamente, a única opção verdadeira de religião, uma vez que as demais seriam como heresia ou seita. Na sua resposta, Requião evoca o princípio protestante do sacerdócio universal como meio pelo qual as pessoas devem fazer sua escolha quanto à confissão religiosa que pretendem aderir.

Pode-se inferir que a crítica de Requião se dirige, de maneira geral, ao Cristianismo e, especificamente, ao Catolicismo, salientando a adoção desta confissão religiosa apenas pela via da tradição familiar. Certamente, para um indivíduo que viveu em uma família cujos pais possuíam religiões diferentes, tal postura não era difícil de assumir, uma vez que levava em

⁴⁰⁴ Osvaldo Requião. **Jornal Interação**. Feira de Santana (BA). Março/abril, 2000, p.3.

⁴⁰⁵ Sobrevoando o abismo. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLIV, n.2357.11 de setembro de 1954, p.1. (Grifos nossos)

conta somente a escolha do indivíduo – ainda que não ignorasse a tensão que se estabelece entre o indivíduo e as relações que o mesmo mantém em determinado contexto social.

4.1.1 Na leitura, o élan: conversão à doutrina espírita

A conversão ainda é um tema pouco estudado no que diz respeito ao Espiritismo. Discuti-la possibilita trazer para o cerne da análise da “trajetória” a questão da escolha, especialmente quando se trata de um religioso cuja biografia não será tomada como hagiografia. Como salientou Benito Schmidt, “[...] a cada momento da vida, todo o indivíduo tem diante de si um futuro incerto e indeterminado, diante do qual faz escolhas no âmbito de um campo de possibilidades, esse, sim, historicamente determinado (...)”⁴⁰⁶.

Nas páginas do jornal *Folha do Norte*, Osvaldo Requião, além de se debruçar sobre alguns pontos da doutrina espírita, escreveu sobre si mesmo, de modo que se tornou possível conhecer diferentes aspectos da sua vida, e escreveu também sobre a cidade de Feira de Santana. Na ocasião em que se comemorava o primeiro centenário de *O Livro dos Espíritos*, Requião fez um dos poucos relatos retrospectivos em sua coluna no aludido periódico, no qual destaca um marco na sua trajetória, sua conversão ao Espiritismo, como se pode ler a seguir:

Aí pelos idos de 1934, eu era materialista impenitente e desdenhava de tudo quanto dizia respeito a Deus ou à Religião. Acabara de assimilar o venenoso e aliciante conteúdo de *A Loucura de Jesus*, de BINET SANGLÉ, e minha infantil admiração pelo Cristo desapareceu ao toque mágico (...) Aos que, no seu entusiasmo, ousavam tentar convencer-me de que fôra o unigênito de Deus e descera à terra para uma tarefa de Redenção, arrastava-o com uma dialética estupefaciente e lhes opunha, ferino e rude, os meus ponderoso argumentos bebidos no inefável BINET. Qual enviado, qual Messias, qual Unigênito, qual Redenção, qual nada! O Cristo fôra apenas um louco (...) como dizia o SANCLÉ (...) De religiões, conhecia o Protestantismo, em cujo seio eu nascera e onde bebera as luzes primeiras do Evangelho, e o Catolicismo. Nenhum desses tinha feito qualquer mossa em meu espírito [...] Seria, entretanto, por intermédio de minha santa mãe que a Verdade me haveria de chegar, um dia. Por ocasião de uma de minhas viagens ao S. Francisco, pôs-me dentro da mala um exemplar de <O LIVRO DOS ESPÍRITOS>, pois, de há muito, a preocupava o meu ateísmo. A bordo, entediado da monótona travessia, procurei amenizá-la lendo o que quer que fôsse. Tendo à mão o tal livro, folheei-o aqui e ali, a ver do que tratava. Um instante, detive-me no capítulo sobre a Reencarnação, doutrina que, pela primeira vez, se me deparava com letra de fôrma (Capítulo IV, 2ª Parte). Esse foi o rastilho para uma leitura total da obra. Ao terminá-la, eu era outro

⁴⁰⁶ SCHMIDT, Benito Bisso. *História e biografia*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p.199.

homem, sobretudo um homem envergonhado perante minha própria consciência, pois minhas pobres convicções de segunda mão nunca tinha, realmente, tido consciência: o que eu orgulhosamente chamava de meu materialismo era apenas à minha supina e comovedora ignorância. E eis por que me tenho aplicado, desde então, a ir ao encontro de outros tantos cegos como eu fui e que por aí perambulam, sem ter quem lhes estenda a mão ou lhes indique o rumo perfeito da existência [...]⁴⁰⁷

No ano de 1934, Requião tinha um ano de formado em Direito, pela Faculdade Livre de Direito (Salvador - BA), passando a exercer, neste ano, o cargo de promotor público na cidade de Xique-Xique - BA⁴⁰⁸. É nesse período que se registra sua militância espírita. Requião foi um intelectual engajado na propagação do Espiritismo nas diversas cidades em que residiu, entre as quais apoiou a fundação do Centro Espírita Agostiniano, em Xique-Xique, e fundou o Núcleo de Estudos Espiritualistas Ernesto Bozzano, em Castro Alves⁴⁰⁹.

De acordo com Bernardo Lewgoy, “(...) a narrativa da conversão [espírita] não contém expulsão de demônios, mas (...) convencimento reflexivo e ressemantização do passado via compreensão de relações cármicas (...)”⁴¹⁰. No caso da conversão de Osvaldo Requião ao Espiritismo, destaca-se a presença da situação de mudança de cidade e a leitura da primeira obra da codificação de Kardec, *O Livro dos Espíritos*, especificamente o capítulo denominado *Da pluralidade da existência*, no qual se discute o tema da reencarnação – ponto basilar da doutrina espírita.

Conforme o historiador Zózimo Trabuco, “narrativas e auto-representações são práticas sociais importantes na construção da identidade, assim como a construção da identidade é uma importante prática social (...)”⁴¹¹. O relato apresentado por Requião estrutura-se no esquema narrativo do ateu para o militante espírita. Ao analisar a conversão protestante, Zózimo Trabuco observou que os relatos, ao mesmo tempo em que atestam a transformação interior e social, representam uma prática proselitista, por meio do testemunho de uma transformação exemplar – principalmente quando se observa, em jornais de

⁴⁰⁷ 1º Centenário da Publicação de "O Livro dos Espíritos". **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVIII, n. 2493. 20 de abril de 1957, p.1.

⁴⁰⁸ Osvaldo Requião. **Jornal Interação**. Feira de Santana (BA). Março/abril, 2000, p.3.

⁴⁰⁹ Osvaldo Requião. **Jornal Interação**. Feira de Santana (BA). Março/Abril 2000, p.3.

⁴¹⁰ LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no Espiritismo kardecista**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2000, p.31.

⁴¹¹ TRABUCO, Zózimo Antônio Passos. **O Instituto Bíblico Batista do Nordeste e a construção da identidade Batista em Feira O Instituto Bíblico Batista do Nordeste de Santana (1960-1990)**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, Salvador, 2009, p.19

denominações protestantes, o exemplo de conversões de sujeitos que se destacaram no grupo religioso:

[...] do primeiro pastor batista, o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque no século XIX [modelo típico de conversão de sacerdotes ou religiosos católicos] e de um ex-criminoso conhecido como Cabeleira na década de 1960 [modelo típico de regeneração social de pessoas perigosas ou consideradas irrecuperáveis para o convívio social] (...)⁴¹²

Segundo Rubem Alves, a conversão torna-se um marco na biografia do indivíduo ao distinguir “[...] de forma muito precisa duas fases incomensuráveis de sua experiência: o homem velho, que não sabia e não via, e o homem novo, que sabe e vê [...]”⁴¹³. Vale chamar a atenção para o fato de que a conversão pode se dar de forma repentina ou gradual, mobilizando elementos afetivos, cognitivos e conativos⁴¹⁴.

No caso de Requião, ele não somente conhecia a doutrina espírita devido ao ambiente familiar, mas outros credos religiosos, como o Protestantismo e o Catolicismo, fato este que deve ter gerado momentos de angústia e dúvida em sua vida, pois ainda havia outras opções de adesão de confissões religiosas no campo de possibilidades que estava em aberto.

O relato de Requião apresenta uma estrutura semelhante a outros na biografia de alguns espíritas de projeção nacional, como José Petitinga⁴¹⁵, Deolindo Amorim⁴¹⁶ e Augusto Elias⁴¹⁷ – indivíduos que passaram do ateísmo à militância no movimento espírita brasileiro após a leitura de alguma obra de Allan Kardec ou outro autor espírita. Dessa maneira, a experiência de Requião dialoga com a de outros sujeitos, demonstrando tanto um esquema de relato de conversão quanto uma experiência coletiva no Espiritismo, a partir da leitura e reflexão dos textos fundamentais da doutrina espírita.

Um dos pontos destacados por Requião foi o seu ateísmo, que pode ser entendido como uma fuga ao proselitismo dos pais – o que deve ter causado alguns conflitos familiares em face dessa escolha. Conforme Sérgio da Mata, o ateísmo é uma excepcionalidade histórica nas várias sociedades conhecidas, sendo presente em pequenos círculos – como os

⁴¹² Idem, p.146.

⁴¹³ ALVES, Rubem. **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Ática, 1979, p.59.

⁴¹⁴ VALLE, Edênio. *Conversão: da noção teórica ao instrumento de pesquisa*. **Revista de Estudos da Religião – REVER**, nº. 2/2002/ p.63-66.

⁴¹⁵ LOUREIRO, Lúcia. **Memórias históricas do Espiritismo da Bahia**: repercussão no movimento espírita brasileiro. Salvador: Telma, 1994, p.326.

⁴¹⁶ Idem, p.344.

⁴¹⁷ ARRIBAS, Célia das Graças. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, p.84.

intelectuais⁴¹⁸. Ao colocar esse dado, Requião procurou “[...] reivindicar para si a autoridade de quem conhecia o “outro lado” e, portanto, estava apto a advertir os irmãos no caminho da verdade [...]”⁴¹⁹. Assim, a transição de ateu para espírita marcou de forma significativa a trajetória de Requião, ainda que essas duas opções comportem a dúvida em gradientes diferentes no que tange à religião de maneira geral.

O relato destacou uma reavaliação de suas leituras, na qual a obra de Binet Sanglé ocupava uma posição de destaque no arcabouço intelectual de Osvaldo Requião no período. Entre os anos de 1908 e 1915, este autor francês havia publicado quatro volumes, nos quais vinculou a loucura ao Cristianismo.

Anteriormente, Osvaldo Requião já havia se posicionado a respeito da produção da literatura atea, como pode ser notado a seguir:

Os que não podem ler as Escrituras *com olhos de ver*, mas sob o império da letra – como EMILIO BOSSI, BINET SANGLÉ, J. BRANDES e outros *cegos de espírito*, que escreveram obras quais *Jesus Cristo Nunca Existiu, A Loucura de Jesus, Jesus Cristo é um Mito* – êsses acusam, insciamente, o Cristianismo de plágio, ou cópia, ou adaptação de pervelhas doutrinas orientais, e apresentam o Cristo como uma lenda, um louco dromomaníaco ou um iniciado essênio...apesar de sua advertência: <Examinai as ESCRITURAS...porque são elas que testificam de mim>. (JOÃO, V: 39)...⁴²⁰

O fragmento acima fez parte do texto publicado no dia 26 de junho de 1954. Nele, aparecem três autores que podem ser classificados como sendo de uma literatura atea: o italiano Emilio Bossi (1870-1920), o francês Binet Sanglé (1868-1941) e J. Brandes⁴²¹ - autores que são duplamente desaconselháveis por Requião, dado o conteúdo de suas obras e o modo de leitura exclusivamente pelo “império da letra”. O fato de não terem sido encontradas informações substanciais sobre estes autores pode ser compreendido como a tentativa de apagamento de suas ideias, bem como a tentativa de pouca popularidade desses autores na sociedade em geral, naquele período.

Quando se observa os títulos dos livros, infere-se que questionam, principalmente, a figura de Jesus, duvidando da sua existência (por meio do livro *Jesus nunca existiu*, de Bossi)

⁴¹⁸ MATA, Sérgio da. **História e religião**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p.97-98.

⁴¹⁹ TRABUCO, Zózimo Antônio Passos. **O Instituto Bíblico Batista do Nordeste e a construção da identidade Batista em Feira O Instituto Bíblico Batista do Nordeste de Santana (1960-1990)**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, Salvador, 2009, p.162.

⁴²⁰ Sobrevoando o abismo IV. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLIV, n.2346. 26 de junho de 1954, p.1.

⁴²¹ Não foram localizadas informações sobre este autor, bem como sobre sua produção literária.

ou como sendo alguém portador de patologia psíquica (*A Loucura de Jesus*, de Sanglé) ou como sendo um mito (*Jesus Cristo é um Mito*, de Brandes). Pode-se observar pelos títulos destes livros a presença de concepções positivistas e evolucionistas sobre a questão da religião, questionando, sobretudo, o Cristianismo. Desse modo, estes autores compartilham a concepção de que a religião cristã deveri ser superada, obviamente pela razão e pelo cientificismo.

De acordo com Márcia Abreu, “(...) nem sempre a leitura foi vista de forma tão positiva (...) ao longo da história diversos movimentos para afastaram as pessoas da leitura, vista como grande perigo (...)”⁴²². Com base na experiência de leitor, Osvaldo Requião revê posições a respeito dos autores citados anteriormente. A sua crítica às afirmações contidas na literatura ateia enseja sua posição em não recomendar livros que seguem esta abordagem, evocando para tanto o fato de ter abandonado o ateísmo.

4.1.2 Em defesa da família

Casado com Ariene Lustosa, na década de 1930, Osvaldo Requião acabaria formando uma família numerosa, tendo sete filhos, Valdirene, Zuleide, Arivaldo, Amariene, Zoroastro e Aristides⁴²³, sendo que teve dois filhos chamados Arivaldo. O primeiro veio a falecer e o mesmo nome foi utilizado em outro filho.

A questão da sobrevivência da família foi um tema que preocupou Osvaldo Requião nos anos de 1950 e 1960, quando morou na cidade de Feira de Santana, principalmente quando se observa os textos que publicou nas páginas do Jornal *Folha do Norte* condenando o jogo do bicho. No dia 12 de setembro de 1953 e no dia 16 de janeiro de 1954, Osvaldo Requião reproduziu, nas páginas da coluna que assinava no referido jornal, a carta de duas mulheres informando os malefícios do jogo em suas respectivas famílias.

Leitor amigo: lembre-se você daquela carta que publiquei faz uns dois meses, neste jornal e nesta coluna, daquele terrível e lancinante grito dentro da noite, partido do recesso de um lar arruinado pelo nefasto jôgo que, sob a proteção da Política e da Política, se estabeleceu em Feira? Lembra-se, decerto Apêlo dramático de uma pobre mãe de família, sintetizando o angustiado apelo de centenas de outras mães e esposas que, no silêncio de sua miséria, travam uma luta desigual contra dois moleques insaciáveis – a

⁴²² ABREU, Márcia. *Prefácio: Percursos da leitura*. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999, p.10.

⁴²³ REQUIÃO, Osvaldo. Agradecimentos. **Nomes próprios personativos e a ortografia em vigor**. Tese de Concurso. Feira de Santana, 1959. Acervo da Biblioteca Central Julieta Carteadó – UEFS. (tese apresentada para concorrer à vaga de professor de português no Instituto de Educação Gastão Guimarães).

carestia cada vez impiedosa da vida e a ganância dos batoleiros, cuja opulência assenta num asfalto quotidiano ao quarto de litro de leite e à côdea de pão-dormido da infância subnutrida dos subúrbios e ao remédio caro e à sopa magra dos doentes e dos velhos – essa abastança amaldiçoada construída com <sangue, suor e lágrimas>.

Aqui vai hoje outro grito dentro dessa longa noite que nos envolve, grito de socorro e súplica de outra mãe, de outra espôsa assaltada pelo fantasma da penúria.

Quem a socorrerá no deserto de consciências que é o atual fáceis político do Brasil, onde os monstros da batota, de parceria com as autoridades vendidas, saqueiam o povo e, ao seu clamor, respondem com a frase histórica de Maria Antonieta?!...⁴²⁴

O fragmento acima foi o preâmbulo da crônica do dia, contendo o comentário de Osvaldo Requião que comprovaria o caráter “nefasto” do jogo. Os textos que condenaram explicitamente essa prática são, na verdade, reproduções das páginas do livro *Colêanea*, de Dácio Arruda de Campos, da Liga Contra o Jogo. Requião sempre recorreu à citada obra para condenar o jogo do bicho, além da legislação penal e de suas observações pessoais quanto à exploração dessa atividade na cidade de Feira de Santana. Uma característica dos textos de sua coluna é sempre fazer referência a alguma obra, citando uma parte dela ou reproduzindo um capítulo ou página. No comentário de Requião, observa-se que ele pertencia a uma classe abastada e as famílias a que se referia eram pessoas pertencentes aos estratos populares. A crítica que faz ao jogo não deixa de ter um fundo moral e religioso, fruto de sua própria formação; além disso, falava como Promotor Público e como “chefe de família”, a qual tinha de sustentar economicamente.

No artigo do dia 2 de outubro de 1954, Requião continuou a discutir sobre a situação econômica das famílias e fez relação com a corrupção política, como se pode observar no fragmento a seguir:

A vida anda pela hora da morte...

Sou pai de família, como você, e provo no couro a impiedade de uma existência, cada vez mais, cheia de dificuldades. E confesso-lhe: sou dos que ganham relativamente bem. Calculo, por isso, a sua tragédia, a sua indormida luta pelo amargurado pão de cada dia, com os magros cruzeiros de sua renda semanal, produto de um trabalho insano. Em casa, a turma anda precisada de tudo, come mal, veste mal, priva-se de tudo quanto torna a vida menos dura, não tem diversões, nem pode alimentar, sequer, a esperança de pensar que tal estado de coisas mude e dias melhores se sucedam [...] Você, possuído da mais santa das revoltas, reclama e se irrita contra o preço exorbitante das utilidades, das coisas indispensáveis à vida comum, do pano, da carne, do calçado, do livro da escola, do cigarro (...) revolta-se e grita

⁴²⁴ Um grito dentro da noite. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). 16 de janeiro de 1954. Ano XLIV, n.2323, p.1.

apenas, na sua extraordinária e inoperante capacidade de resignação e de conformidade [...] Você vê prosperarem os maus, os aproveitadores da miséria popular, os infieis depositários dos mandatos públicos (...) os que enriquecem, de uma noite para o dia, à custa de inconfessáveis expedientes e, ainda por cima, certos de nossa comovedora incapacidade de denunciá-los à execração pública, de desmascarar-lhes o cinismo, de apontá-los ao repúdio dos homens decentes, perderam até o resto de vergonha e pudor que ainda pensávamos que possuísssem (...)⁴²⁵

A questão do homem como “chefe de família”, presente no excerto citado anteriormente, não deve ser generalizada para a sociedade feirense como um todo, pois havia mulheres que trabalhavam como professoras, por exemplo, bem como as mulheres das classes populares que trabalham em diferentes ocupações para gerenciar suas famílias⁴²⁶. O destaque para o fator que torna a vida das famílias mais difícil financeiramente, além dos salários baixos, é o aumento generalizado de vários itens, como alimentos e vestuários, somando à questão econômica a corrupção na política brasileira em geral. Osvaldo Requião fala do lugar social que ocupava na sociedade feirense, promotor público e pai de família, assumindo determinados valores sociais da classe a que pertence, mas com uma visão crítica dos problemas e da miséria das camadas populares no que tange à situação econômica das famílias.

No entanto, Requião não apenas escreveu em sua coluna a respeito da situações da famílias em face da corrupção advinda da prática do jogo do bicho, mas também é possível encontrar em seus textos a concepção que defendia sobre família, como se pode observar no trecho abaixo:

<O verdadeiro amor é a revelação brilhante da imortalidade da alma; seu ideal para o homem é a pureza sem mancha, e para a mulher a generosidade sem desânimo. O sonho eterno do amor é a mão imaculada, e o dogma recentemente definido pela Igreja, tirado do Cântico dos Cânticos (*), não teve outro revelador senão o amor.

<A impureza é a promiscuidade dos desejos; o homem que deseja todas as mulheres, a mulher que amada os desejo de todos os homens – não conhecem o amor e são indignos de conhecê-lo. O coquetismo é a depravação da vaidade feminina; seu próprio nome é tirado de alguma coisa bestial e lembra os modos provocantes das galinhas quando querem chamar a atenção do galo (**). É permitido à mulher ser bela; todavia, só deve deseja agradar a quem ama ou quem virá a amar, um dia [...] <O casamento é o amor legítimo. Um casamento de conveniência significa um casamento

⁴²⁵ O sagrado direito do voto. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). 2 de outubro de 1954. Ano XLIV, n.2360, p.1.

⁴²⁶ Ver SANTA BARBARA, Reginildes Rodrigues. **O caminho da autonomia na conquista da dignidade: sociabilidades e conflitos entre lavadeiras em Feira de Santana – Bahia (1929-1964)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

filho da ilusão. Um homem e uma mulher combinam em constituir família sob a proteção da lei; se nenhum deles ainda amou, pode-se esperar que o amor venha com a intimidade, mas o amor nem sempre obedece às conveniências sociais, e aquele que se casa sem amor desposa, muitas vezes, uma probabilidade de adultério [...] Fora das leis da Natureza e da sociedade, nada há de legítimo nas paixões, e é preciso condená-las ao nada desde o nascimento, esmagando-as sob este axioma: O que não deve existir, não existe. Coisa alguma desculpará o incesto ou o adultério (...)

(*) Livro bíblico, de autoria de Salomão. Levi escrevia em 1868.

(**) Coquetismo: derivado de *coquete* ou *coqueta* (fr. *coquette*, de *coq.* galo) – mulher que, pelo prazer de ser admirada, procura desperta o interesse amoroso dos homens⁴²⁷

Seguindo o modelo de publicação que marcaria sua coluna, Requião trouxe o excerto do livro esotérico *O Grande Arcano*, do ocultista francês Eliphas Levi (1810-1875) no dia 18 de junho de 1960. Anteriormente, já havia publicado outro excerto desse mesmo livro no dia 4 de junho de 1960, sendo que o primeiro excerto fez parte do texto intitulado *O Amor*, e o segundo, *O Casamento*. O tema da moral familiar, especificamente a moral da mulher, esteve presente nos discursos de Osvaldo Requião, na época com quase 52 anos, lançando um olhar recriminador a respeito da mudança de costumes que se processava na sociedade feirense. Não defendeu o casamento arranjado, proclamou romanticamente o amor e defendeu o modelo de família baseado numa concepção cristã, heterossexual, monogâmica e paternalista, da qual comungavam católicos, protestantes e espíritas – apesar de discordâncias na questão do casamento civil, por exemplo. O humor e a ironia que colocava ao comparar as jovens “coquetes” com “galinhas” e a definição do que é “coquetismo”, no rodapé do excerto publicado, possuíam a função de censura por meio do riso.

No início dos textos, Requião demarca os objetivos dos seus artigos publicados no *Folha do Norte* da seguinte maneira:

Numa quadra de terríveis embates para o espírito, quando a Religião perde tanto em sua capacidade inspiradora na direção das consciências, em que os jovens erram desnorteados ante os vagalhões da existência, e as jovens, entregues a si mesmas, julgam poder encontrar essa perdida inspiração na sensualíssima e desvirtuadora literatura (...) creio ir ao encontro das nobres aspirações que, apesar de tudo, ainda subsistem puras em suas almas ansiosas de luz, oferecendo-lhes à meditação o precioso conteúdo da página a seguir [...]⁴²⁸

De <Grande Arcano>, última obra do psiquista francês ELIPHAS LEVI, extraído a página a seguir, e falo o mesmo superior objetivo que inspirou a intitulada <O AMOR>.

⁴²⁷ O casamento. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). 18 de junho de 1960. Ano L, n.2658, p.1.

⁴²⁸ O amor. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). 4 de junho de 1960. Ano L, n.2656, p.1.

Que os moços e moças de Feira possam nela encontrar algo de proveitoso, eis o nosso augúrio⁴²⁹

Os excertos são preâmbulos dos artigos em debate, divulgados por Osvaldo Requião. Neles, podem ser observados o endereçamento da publicação, especificamente “moços e moças de Feira”. Desse modo, o cenário que se desenha nas duas crônicas do articulista é o de mudança de costumes e demonstra, por um lado, valores de classe conversadora, e, por outro, um conflito de gerações, tendo como principal mote o comportamento feminino das moças de elite.

Ao discutir sobre as mulheres de elite e o contexto da cidade de Feira de Santana entre os anos de 1900 e 1945, Cristiana Barbosa de O. Ramos afirmou que

[...] a imprensa feirense é responsável por uma ostensiva publicação de textos sobre a mulher [...] defensores de um comportamento modelar [...] [pautado] pela educação doméstica e religiosa, de forma a modelá-las segundo regras da moral e dos bons costumes [...]⁴³⁰

Desse modo, as afirmações de Osvaldo Requião fizeram parte de um discurso elitista feirense que ainda se fazia presente na imprensa de Feira de Santana na década de 1960. Como salientou Carla Bassanezi, “porta-vozes do mundo adulto, as revistas também demonstraram preocupação com certas transformações no comportamento juvenil e as manifestações de rebeldia de alguns jovens [...]⁴³¹.”

Nesse caso, observa-se esse mesmo ponto de vista propagado também por meio dos jornais, quando houve uma censura às “moças de família” das classes altas, que estavam assumindo um comportamento “coquete”. Nas classes populares, houve também uma postura análoga, ao censurar o “melindre” de algumas jovens – chamadas de “melindrosas”⁴³².

Vale ressaltar que, apesar de serem publicados no início da década de 1960, esses textos demonstram a resistência pela qual passaram as mudanças de comportamentos sociais femininos, como salientou a historiadora Andrea Rodrigues: “[...] ideais como o da honra feminina garantida pelo controle da sexualidade da mulher persistiram por toda a década de

⁴²⁹ O casamento. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). 18 de junho de 1960. Ano L, n.2658, p.1

⁴³⁰ RAMOS, Cristiana Barbosa de Oliveira. **Timoneiras do bem na construção da cidade princesa: mulheres de elite, cidade e cultura (1900-1945)**. Dissertação (Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional). Santo Antônio de Jesus. Universidade do Estado da Bahia, 2007, p.40.

⁴³¹ BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos anos dourados*. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 1997, p.622.

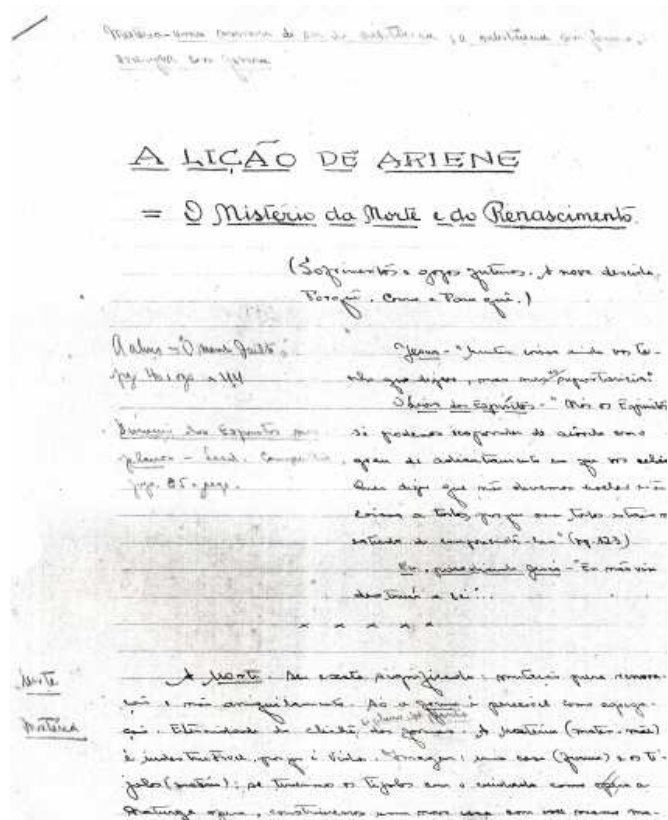
⁴³² SANTA BARBARA, Reginildes Rodrigues. **O caminho da autonomia na conquista da dignidade: sociabilidades e conflitos entre lavadeiras em Feira de Santana – Bahia (1929-1964)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

1960, apesar dos avanços do movimento da contracultura e do movimento feminista nesta década [...]”⁴³³. Desse modo, a fala de Osvaldo Requião não deve ser vista apenas como um posicionamento individual, mas de segmentos da elite da sociedade brasileira e feirense que defendiam dada postura das mulheres.

4.1.3 Cônjuges entre o Espiritismo

O Espiritismo se fez presente na vida conjugal do casal Osvaldo Requião e Ariene Lustosa por meio de lições que o marido ministrava à esposa sobre a doutrina espírita, no manuscrito intitulado *A lição de Ariene* (Figura 12) – fato esse que pode ser vinculado ao modelo de família que ambos se apropriaram e viveram, no qual o marido, “chefe do lar”, seria responsável pela orientação religiosa da família (papel atribuído a mulheres, de forma geral).

Figura 12 - Página 1 do manuscrito *A lição de Ariene*



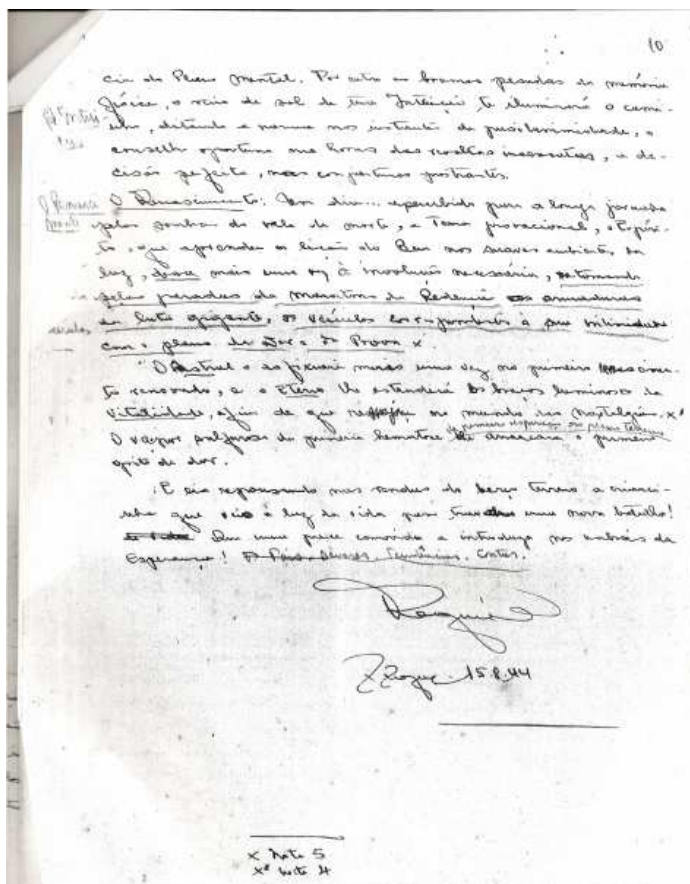
Fonte: Arquivo pessoal de Noêmia Requião

⁴³³ RODRIGUES, Andrea da Rocha. **Honra e sexualidade juvenil na cidade de Salvador, 1940-1970**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007, p.15.

O manuscrito, na verdade, é um rascunho datado de 15 de agosto de 1944, com a indicação de que foi escrito em Xique-Xique - BA, quando Osvaldo Requião era Promotor Público nessa cidade, sendo transferido para cidade de Castro Alves - BA no ano de 1945, onde foi nomeado delegado escolar⁴³⁴.

O manuscrito contém suas páginas numeradas de 1 a 10 por Requião – com base na comparação da data (próximo à assinatura dele) com os números no canto superior direito. A caligrafia é pequena e retilínea, seguindo a pauta da página sem que deixe as palavras “flutuando”, mantendo-se regular em quase todas as páginas. As letras se mantêm ligadas umas às outras na grafia das palavras, possuem simetria, não há inclinação nelas, tendo espaço médio entre cada palavra. O padrão de escrita de Osvaldo Requião se mantém constante durante o texto, a mudança ocorrem em situações específicas: numeração das páginas, identificação do lugar e data e, principalmente, na sua assinatura (Figura 13).

Figura 13 - Última página do manuscrito *A lição de Ariene*



Fonte: Arquivo pessoal de Noêmia Requião

⁴³⁴ Osvaldo Requião. *Jornal Interação*. Feira de Santana (BA). Março/abril, 2000, p.3.

O texto do documento apresenta algumas marcas de revisão, que indicam: supressão de algumas partes; trechos que merecem ser destacados, quando se observa as palavras e frases sublinhadas; e palavras sobrescritas de borrões. Um dos pontos que também chamam a atenção no documento são as marcas que indicam aparente exposição oral do texto e/ou tópicos que facilitariam o entendimento da argumentação, que foram colocados no lado esquerdo da página.

Quadro 11 - Marcação lateral do texto *A lição de Ariene*

Página	Marcação
01	morte, matéria
02	a animação, o físico, o etéreo
03	o astral, inferno/materializações, projeções, o etéreo
04	o astral, o mental, céu, meu ponto de vista
05	os veículos do espírito, Espiritismo, advertência, o mecanismo da morte
06	Papus e a reencarnação, ressurreições e reencarnações, materialismo, progressiva morte
07	lado direito: o regresso, sono/fim, morte. lado esquerdo: o que se passa no momento da morte?/físico, o duplo etéreo
08	o astral, o inferno
09	o mental, o céu/amigo no paraíso é um céu, reencarnação
10	a intuição, o renascimento

Fonte: Arquivo Pessoal de Noêmia Requião

As marcas citadas acima, ou melhor, os “protocolos de leitura”⁴³⁵, a exemplo de título, subtítulos, paginação e disposição dos parágrafos, são ferramentas para tentar assegurar uma dada recepção do texto. É provável que algumas partes – ou mesmo todo o texto – sejam para ser lidas em voz alta, situações estas que podem ter modificado a leitura que se pretendia fazer.

De acordo com Roger Chartier, “[...] a leitura em voz alta é uma das práticas que reforçam outro setor da vida privada: o da intimidade da família. Marido e mulher lêem entre si [...]”⁴³⁶. Não se pode afirmar que essa era uma prática comum ao casal Ariene e Osvaldo Requião. Apesar disso, pode-se afirmar que temas vinculados à doutrina espírita não escapassem à intimidade do lar de Osvaldo Requião e Ariene Lustosa, podendo ser compreendido um exercício de debate sobre uma temática espírita na esfera privada, que

⁴³⁵ BOURDIER, Pierre; CHARTIER, Roger. *A leitura: uma prática cultural*. In: CHARTIER, Roger (dir.). **Práticas da leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. 4ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

⁴³⁶ CHARTIER, Roger. *As práticas da escrita*. In: CHARTIER, Roger. **História da vida privada, vol. 3**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.153.

acabou gerando uma palestra ou artigo a ser publicado. Entre 11 de maio de 1957 e 4 de janeiro de 1958, Requião publicou uma série de 27 textos intitulada *O Mistério da Vida, da Morte e do Renascimento* – subtítulo que foi colocado no manuscrito *A lição de Ariene*.

Outra prática vinculada à leitura na intimidade do lar, que se relaciona diretamente ao Espiritismo, é o exercício e estudo denominados *Evangelho no lar*, que diz respeito à leitura do livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, ou outra obra espírita deste autor, no espaço doméstico, onde se abre o livro aleatoriamente, lê-se em voz alta a passagem, comentando-a em seguida. Essa prática pode ser encontrada tanto entre espíritas quanto entre protestantes, com objetivos similares: doutrinação religiosa da família. De modo geral, o estudo da doutrina possui um papel relevante no Espiritismo, nas reuniões do estudo propriamente dito, e na maior parte das atividades espíritas desempenhou o papel de esclarecer e, conseqüentemente, transformar o indivíduo⁴³⁷.

Conforme Bernardo Lewgoy, houve diferenças entre o modelo de Espiritismo seguido por Allan Kardec e o de Chico Xavier. Enquanto Chico Xavier enfatizava, por meio de sua literatura mediúnica, o condicionamento do estudo ao culto e a piedade em práticas como o culto do *Evangelho no Lar*, principalmente a partir de apropriações de elementos do Catolicismo. Allan Kardec, por sua vez, preconiza “o estudo e a razão”, sendo o centro espírita como a unidade das atividades dentro do Espiritismo⁴³⁸. Ao fracionar o centro das atividades espíritas entre lar e centro espírita, o “Espiritismo à brasileira”⁴³⁹ apropria-se da relevância social e cultural dada à família na sociedade brasileira.

4.1.4 Pais, filhos e o Ensino Religioso

Ao tentar compreender as formas como o ensino religioso foi praticado ao longo da História do Brasil, João Décio Passos afirmou que podem ser identificados três modelos: o catequético, o teleológico e o das Ciências da Religião. O modelo catequético de ensino religioso se pautava numa visão da doutrina religiosa de apenas um grupo, presente no contexto da aliança entre Igreja Católica e Estado, ou seja, no período do Padroado Régio, cuja responsabilidade era de cada uma das confissões religiosas que utilizavam a doutrinação como método. Porém, esse modelo se espalhou para além das fronteiras dos grupos religiosos,

⁴³⁷ LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no Espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade de São Paulo. 353f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2000, p. 44.

⁴³⁸ Idem, p. 177.

⁴³⁹ STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora Orion, 2003.

sendo levado a escolas confessionais e públicas, tendo vigorado durante muito tempo ao longo da história do país⁴⁴⁰.

O modelo teológico de ensino religioso empreende uma perspectiva plurirreligiosa, procurando romper com a catequese, tendo como do pressuposto o fato de que a religiosidade faz parte dos valores do ser humano. O modelo das Ciências da Religião, por sua vez, busca romper com os outros dois modelos, apreendendo a religião como fenômeno antropológico e sociocultural, fugindo da perspectiva proselitista⁴⁴¹. João Décio Passos afirmou que o ensino religioso não limita a tais modelos; no entanto, esses são as principais tendências encontradas ao longo da História do Brasil, sendo o catequético presente, principalmente, no Período Colonial brasileiro, mas podendo ser encontrado em outros períodos da história do país.

A preocupação de Osvaldo Requião com a orientação religiosa não se dava apenas na relação conjugal, mas também com os próprios filhos – como se repetisse, guardadas as devidas proporções, o posicionamento de sua mãe quando ele era um rapaz. No dia 10 de junho de 1961, Requião escreveu no *Folha do Norte* particularmente sobre a educação escolar dos seus filhos, no que diz respeito à religião:

Grande número de pais é indiferente ao problema da educação religiosa de seus filhos. Sem exagero, poderíamos dizer: a maioria. E por mil motivos, entre eles o da sua própria formação religiosa, em que não foram chamados a opinar. Quando adquiriram ente de razão, surpreenderam-se com um rótulo e se habituaram a ostentá-lo como coisa absolutamente natural (...) Aquêles que não vivem a sua, quer recebida tradicionalmente, quer livremente buscada, não podem estar animados do entusiasmo e do senso do dever a transmitir a seus filhos, como coisa útil e boa, como algo necessário. Muitos, porém, estão cientes de suas responsabilidades e procuram encará-las com a máxima seriedade (...) Um protestante ou um espírita, por exemplo, sabe, via de regra, como agir, quando está em jôgo a formação moral e mental de seus filhos [...] Como bem sabe [...] a Constituição Federal estabelece que <O ensino religioso constitui disciplina dos horários das escolas, é de matrícula facultativa e será ministrado de acôrdo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por êle, se fôr capaz, ou por seu representante legal ou responsável (art. 168, nº V).

Como tenho dois filhos, menores e incapazes, matriculados nas Escolas... quero valer-me das aludidas prerrogativas constitucionais, seguindo recomendações delas constantes, e declarar-lhe para os devidos efeitos, que sou espírita e que me tenho sempre reservado a iniciativa de orientar religiosamente meus filhos de acôrdo com as convicções que elegi para norma de minha conduta perfeccional na presente existência, razão por que lhe comunico, nesta oportunidade, que êles não devem ser inscritos como

⁴⁴⁰ PASSOS, João Décio. *Ensino religioso: mediações e finalidades pedagógicas*. In SENA, Luzia (org.). **Ensino religioso e formação docente**. São Paulo: Paulinas, 2006, p.28-29.

⁴⁴¹ Idem, p.30-33.

frequentadores de aulas de religião diferente da que sigo, ou compelidos a tomar parte em quaisquer atos ou cerimônias da mesma estirpe.⁴⁴²

O fragmento acima faz parte da série de seis textos, cujo título era *Espiritismo e Educação*, tendo o primeiro sido publicado em 8 de abril de 1961 e os seguintes no período de 20 de maio de 1961 a 1 de julho de 1961. No texto em destaque, Requião manifesta de maneira pública, no jornal *Folha do Norte*, o desejo de que seus filhos sejam liberados das aulas de Ensino Religioso, uma vez que estas são facultativas, de acordo com a Constituição vigente na época.

Ao analisar a atuação do deputado Guaraci Silveira – representante das igrejas protestantes na Assembleia Nacional Constitucional – sobre o debate do Ensino Religioso, nos anos de 1933 e 1934, Vasni de Almeida afirmou que os embates se davam em face “a laicidade do ensino e a consolidação do Estado republicano, compreendido como autônomo em relação à religião”, tendo positivistas, socialistas, maçons e grande parcela dos liberais de um lado, e os religiosos e intelectuais católicos do outro⁴⁴³.

Ao discutir o Ensino Religioso nas Constituições brasileiras, João Décio Passos afirma que “[...] sua inclusão nas diversas Constituições, a partir da década de 1930, ficou ligado intimamente com a confessionalidade. O caráter facultativo mantinha (...) o direito à formação religiosa e a laicidade dos currículos escolares [...]”⁴⁴⁴. O Ensino Religioso nas décadas de 1930 e 1940 foi colocado como facultativo nas escolas oficiais. Procurava-se manter o caráter laico do Estado brasileiro, uma vez que este não possuía uma religião oficial e reconhecia a pluralidade religiosa existente no país; todavia, a incumbência de ministrar as aulas de religião acabava sendo de agentes religiosos católicos, que transformavam a disciplina em aulas de catecismo.

No período em que Requião escreveu a série *Espiritismo e Educação*, vigorava a Constituição de 1946, que permaneceu por 20 anos e foi promulgada após a deposição de Getúlio Vargas⁴⁴⁵. Nessa legislação, a matrícula na disciplina de Ensino Religioso era facultativa nas instituições escolares públicas para não ferir o princípio da laicidade constitucional. A crítica de Requião não se dirigia apenas às escolas que ministravam o

⁴⁴² Espiritismo e educação. Meus filhos e o ensino religioso. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 51, n. 2709. 10 de junho de 1961, p.4.

⁴⁴³ ALMEIDA, Vasni. *Ensino Religioso ou Educação Moral e Cívica? A participação de Guaraci Silveira na Assembléia Nacional Constituinte de 1933/1934*. **Revista de Educação do Cogeime**. A n o 11 - n0 21 - dezembro / 2002, p.27.

⁴⁴⁴ PASSOS, João Décio. *Ensino religioso: mediações e finalidades pedagógicas*. In SENA, Luzia. **Ensino religioso e formação docente**. São Paulo: Paulinas, 2006, p.29.

⁴⁴⁵ SCAMPINI, Pe. José. **A liberdade religiosa nas constituições brasileiras**. Petrópolis: Vozes, 1978, p.211.

Ensino Religioso de forma obrigatória e proselitista, mas também aos pais que não refletiam sobre a “escolha” da própria confissão religiosa, especialmente se estes fossem católicos, ao contrário de protestantes e espíritas. Desse modo, a crítica de Requião incide sobre o Ensino Religioso nas instituições escolares e a educação religiosa no ambiente doméstico.

A questão não se findaria nesse episódio, resultando, assim, na mencionada série de textos assinados por Osvaldo Requião, que deu início a uma polêmica em torno do Ensino Religioso nas escolas públicas com um religioso católico da cidade, Frei Joaquim. No texto publicado no dia 24 de junho de 1961, a polêmica se agravou nos seguintes termos:

– *Quem não fizer a 1ª. Comunhão até o dia 16... vai para o Inferno!*

Êste foi um dos eloqüentes pormenores da aula de ensino religioso ministrado, há poucos dias, por um zeloso missionário às crianças de uma das nossas escolas públicas [...] Com efeito, que esperar ainda de uma organização que prossegue valendo-se, numa era de trepidante liberdade da mente, das armas do terror e da intimidação, em suas campanhas de proselitismo exclusivista e particularizante? Que esperar ainda dos que usam de uma linguagem superada, de uma didática cediça [...] Mais uma vez, convenço-me de estar absolutamente certo em não querer que tal tipo de ensino religioso seja ministrada a meus filhos; seria crime [...] ⁴⁴⁶

Tendo como contexto mencionado a questão do Ensino Religioso, o mote da crítica de Requião se dirigiu à Igreja Católica, instituição religiosa que, segundo o fragmento acima, recorria a “uma didática cediça”: o medo de ir ao inferno. De acordo com Georges Duby, o medo sobre o que existiria após a morte esteve presente no imaginário medieval, principalmente quando se pensava nos castigos que poderiam existir no Inferno ⁴⁴⁷.

Em uma de suas obras, denominada *O céu e o inferno*, de Allan Kardec, inferno, céu, purgatório, anjos e demônios não existiam, uma vez que “(...) no pensamento de Jesus o fogo eterno (...) [era uma] simples figura (...) o tempo e o progresso se incumbiriam de explicar o sentido alegórico, mesmo porque, segundo sua predição, o *Espírito da Verdade* viria esclarecer aos homens todas as coisas” ⁴⁴⁸. Allan Kardec colocava o Espiritismo como uma versão completa do Cristianismo e condenava algumas proposições do segmento católico, como a da crença na existência do inferno.

Depreende-se do fragmento em destaque que Requião, concordando com a doutrina espírita, via a Igreja Católica como uma instituição religiosa que não pertencia ao momento de pluralismo religioso vivenciado no Brasil – pelo menos na esfera jurídica. Desse modo, a

⁴⁴⁶ Espiritismo e educação. Armas e métodos obsoletos. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 51, n. 2710. 24 de junho de 1961, p.4.

⁴⁴⁷ DUBY, George. **Ano 1000, ano 2000**: na pista de nossos medos. São Paulo: Ed. UNESP, 1998

⁴⁴⁸ KARDEC, Allan. **O céu e o inferno**. Tradução de Manuel Quintão. Brasília: FEB, p.66.

Igreja Católica seria, na ótica de Requião, uma instituição imbuída de um pensamento arcaico por recorrer a métodos e concepções dogmáticas, como a existência da condenação eterna. Nesse período, o reconhecimento constitucional do pluralismo religioso tinha como desdobramentos da liberdade religiosa: a liberdade de culto, a liberdade de crença e a liberdade de consciência.⁴⁴⁹

A discussão possui uma dimensão mais ampla do que a questão do Ensino Religioso, uma vez que se vincula às disputas no campo religioso feirense entre católicos e espíritas, onde os grupos espíritas já estavam estabelecidos no período da publicação dos textos e tinha alcançado legitimidade social, principalmente devido às atividades filantrópicas – área que, assim como o ensino religioso, a Igreja Católica tinha hegemonia.

Em resposta à série *Espiritismo e educação*, de Osvaldo Requião, foi publicada a série de textos *Um mundo melhor através do Catecismo*, no jornal *Folha do Norte*, entre 8 e 22 de julho de 1961, pelo Frei Joaquim O. F. M., religioso italiano. No primeiro texto da série, o sacerdote católico afirmava que

Por mais de uma vêz, têm sido publicados neste jornal, artigos condenando o ensino religioso nas escolas. Li o primeiro artigo, li o segundo e deixei passar, julgando que o autor desses mesquinhos artigos, intitulados <Espiritismo e Educação>, estivesse em transe, e por conseguinte não soubesse e que estivesse escrevendo. Quando percebi porém, que êle está em permanente estado de transe, julguei conveniente ensinar-lhe quais são os direitos dos católicos no que diz respeito ao ensino religioso, assim agindo, não somente ensino o catecismo, mas também o prático e cumpro uma das obras da misericórdia espirituais: <ensinar aos ignorantes> [...] A Constituição Brasileira, Art.168, N. V., estabelece que nas escolas, onde a maioria dos alunos são filhos de pais católicos, os católicos têm direito de ministrar o ensino religioso, e que os país de outra crença, se não quiserem que os próprios filhos participem das aulas de catecismo, estão complemente livre.

Suposto que numa escola a maioria dos alunos fossem discípulos ou filhos de Allan Kardec, (que Deus não permita, que Deus nos livre desta peste do espiritismo), os espíritas poderiam ministrar-lhes aulas de espiritismo, falando-lhes... o que?... da relação de suas aparições noturnas, o encontro com os maus espíritos [...] peço um pouco mais de honestidade e lógica nos seus artigos: honestidade, no sentido de não falsear a história, para apoiar e sustentar asneiras [...] a religião católica é algo mais que as outras religiões, do que o espiritismo. A Religião Católica é a religião revelada, divina, a única verdadeira. Este ódio, esta raiva, vem de longe... Não se quer a verdade... A verdade condena... Os maus espíritos não gostam de luz... Amam as trevas, como morcegos [...]⁴⁵⁰

⁴⁴⁹ SCAMPINI, Pe. José. **A liberdade religiosa nas constituições brasileiras**. Petrópolis: Vozes, 1978.

⁴⁵⁰ Um Mundo Melhor Através do Catecismo. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 52 n.2713. 8 de julho de 1961, p.5.

Pode-se perceber a desqualificação do Espiritismo como religião, além da depreciação do seu conteúdo filosófico e moral por parte do religioso católico, colocando, assim, a doutrina espírita fora da atmosfera religiosa e relegando-a ao território do “misticismo”, onde prevaleciam interesses por “aparições noturnas e encontro com maus espíritos”. Esse discurso do religioso católico em relação ao Espiritismo se vincula à hierarquização do que seria religião e do que seria magia, ou melhor, religião *versus* seita.

Outro ponto que merece destaque, no fragmento citado anteriormente, é a associação feita entre espíritas e loucos, quando o religioso fala do suposto “permanente transe” que Requião estaria ao escrever seus artigos. De acordo com Giumbelli, esse foi um discurso tanto médico quanto jurídico a respeito do Espiritismo do final do século XIX até as primeiras décadas do século XX⁴⁵¹, discursos estes retomados pelo Frei Joaquim no início da década de 1960 em Feira de Santana.

A polêmica pública entre Frei Joaquim e Osvaldo Requião, através das páginas do jornal *Folha do Norte*, conjugou não somente o discurso religioso para que o primeiro desqualificasse a religião do segundo, e este colocasse o Catolicismo como uma religião de concepções atrasadas, mas também o discurso jurídico ao colocar a interpretação da Constituição vigente no país. Se, para Requião, o Frei ia de encontro ao princípio da laicidade do Estado devido ao proselitismo na disciplina Ensino Religioso, Frei Joaquim, por sua vez, afirmava que o articulista espírita feria o princípio da liberdade de culto.

Não era a primeira vez que católicos associavam espíritas a morcegos. Nos primórdios do Espiritismo no Brasil, foram publicadas caricaturas de Luiz Olímpio Teles de Menezes com asas de morcego na revista *Bahia Ilustrada*, com o objetivo de ridicularizar e demonizar tanto o próprio Teles de Menezes quanto a doutrina espírita⁴⁵². A figura do morcego na polêmica com Requião e Frei Joaquim segue a mesma linha do episódio ocorrido na *Bahia Ilustrada*, visto que, como salientou o historiador Carlos Roberto Nogueira, “a apresentação do elemento demoníaco sob uma forma animal ou mesclando formas humanas e animais contribuíam para salientar a sua natureza bestial, de acordo com a orientação canônica (...)”⁴⁵³.

A resposta do Frei Joaquim a Osvaldo Requião continha também outros elementos para análise, como se pode observar a seguir:

⁴⁵¹ GIUMBELLI, Emerson. *Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais*. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 1997, v.40, n°2.

⁴⁵² MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o Espiritismo**. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996, p.94.

⁴⁵³ NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão**. Bauru, SP: EDUSC, 2000, p.66.

[...] A Religião Católica não tem medo do espiritismo; foi sempre combatida e sempre saiu vitoriosa. Nascem e desaparecem as outras religiões, mas a Religião Católica, única entre tôdas as religiões, desafiando todos os perigos, continua (...) no mundo a sua marcha triunfante. Passarão também os insignificantes perseguidores de hoje: Os Zarús, os Alonsos de Miraval, para as suas novas conquistas [...] Rogo, portanto ao Snr. Alonso, não atacar mais a religião católica, porque saberemos defendê-la: seja por escrito, seja pela Rádio, como pelas pregações dominicais. No Brasil há liberdade de culto. Saiba pois respeitar a religião dos outros. Fique o espiritismo para os amantes das trevas [...] Portanto uma conclusão se impõe: Se o grande mal é a ignorância religiosa, o grande remédio tem que ser a instrução religiosa. Se há grande deficiência de conhecimentos da religião, reforçam-me-ei para ministrá-lo e difundi-lo com todos os meios. Iniciando a minha campanha por meio dêste jornal.

Faço, assim, dêste jornal, antes de tudo, um apêlo urgente a todos os pais, para enviem seus filhos as aulas de catecismo. Na cidade de Feira há seis (6) Centro de Catecismo, por mim fundados: <Olhos d'Água>, <Nosso Senhor do Bomfim> , <Queimadinha>, <Currais>, <Escola de Menores>, <Estação Nova>.

Faço um apêlo também a tôdas as professôras para que ensinem o catecismo aos próprios alunos.

Lembrem-se sempre que nenhum ensino é tão necessário e urgente como o catecismo aos próprios alunos.

Lembrem-se sempre que nenhum ensino é tão necessário e urgente como o catecismo⁴⁵⁴

A antiguidade do Catolicismo foi um dos elementos utilizados para desqualificar o Espiritismo pelo Frei Joaquim. Para o sacerdote católico, a doutrina espírita não contribuiria para a formação moral dos estudantes, devido à banalidade dos temas aos quais se dedica e por não ter a mesma antiguidade do Catolicismo.

Além de citar o próprio Requião, por meio do seu pseudônimo, Alonso de Miraval, Frei Joaquim fez referência também a Alziro Zarur (1914-1974) e alertou os fiéis católicos sobre o caráter pernicioso de Zarur e da Legião da Boa Vontade – posição já explicitada por sacerdotes da Igreja Católica nas páginas do jornal *Folha do Norte*⁴⁵⁵.

Alziro Zarur foi um radialista, nascido no Rio de Janeiro, que fundou a Legião da Boa Vontade - LBV, cujo núcleo instalado em Feira de Santana atuou na fundação do *Lar do Irmão Velho*. Zarur acreditava ser a reencarnação de Allan Kardec, fato que foi alvo de muitas polêmicas no meio espírita, sendo considerado um dissidente espírita. Sendo a LBV conhecida por suas obras filantrópicas, como movimento religioso dissidente do Espiritismo, proclama a existência da seguintes revelações: a de Moisés, a de Cristo, a de Kardec e a de

⁴⁵⁴ Um Mundo Melhor Através do Catecismo. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 52 n.2713. 8 de julho de 1961, p.5.

⁴⁵⁵ Zarur e Satanás. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVII, n.º2469. 3 de novembro de 1956, p.4. Que diz, Sr Zarur? **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVIII, n.º2513. 7 de setembro de 1957, p.6.

Roustaing, além da chamada “religião de Deus”, que supostamente teria sido revelada a Zarur⁴⁵⁶.

No entanto, a vinculação de Requião a Zarur não era gratuita, uma vez que esse havia publicado textos a respeito da LBV, no período de instalação do núcleo desta instituição em Feira de Santana. No dia 14 de julho de 1956, publicou *As finalidades da Legião da Boa Vontade*, no qual enumerou os setores de atuação da aludida instituição⁴⁵⁷ e que retomou no texto *Vanguardeiros feirenses da Legião da Boa Vontade*, nos seguintes termos:

[...] uma das finalidades mais objetivas da LBV é <prestar às criaturas necessitadas, primeiro – assistência espiritual, e, depois – assistência material, sem preconceitos de crenças religiosas, raças, classes ou cor>. Quando se estabelecer entre nós o *Núcleo Feirense da Legião da Boa Vontade*, encontrará seus primeiros cooperadores nos quadros do <SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL PADRE OVÍDIO>, departamento da Confraternização Espírita Feirense, cujas atividades transcenderam as nossas melhores expectativas, pelo trabalho realizado a partir de sua inauguração (5.6.1955), o que evidencia não sermos, de todo, bisonhos, no setor em análise (...)⁴⁵⁸

Pode-se perceber que, como instituição filantrópica, a LBV se colocava aberta a outros credos religiosos e diferenças sociais. O vínculo com o movimento espírita brasileiro e grupos espíritas em Feira de Santana possibilitou que a filantropia fosse a principal estratégia utilizada pelos espíritas para se legitimar na cidade. No fragmento abaixo, foram elencados, por Requião, os setores nos quais a LBV atuava conjuntamente com os espíritas em Feira de Santana:

Pela MANJEDOURA (Sociedade de senhoras, que confeccionam enxovais para parturientes pobres) [...] Pela CAMPANHA DO QUILO (Campanha de aquisição gêneros alimentícios) [...] Pela CAMPANHA DA ROUPA USADA – distribuíram-se depois de convenientemente lavadas, roupas usadas resultantes de doativos, nos bairros do Calumbi, Baraúnas, Queimadinha, Taque do Urubu, e Corredor de Maria Vitória. Pela ASSISTÊNCIA AOS RECLUSOS – fizeram-se, regularmente, durante o ano findo, e continuam-se no atual, visita de estímulo aos encarcerados da cidade [...] Pela ASSISTÊNCIA MÉDICA – fizeram-se, no ano passado, 15 visitas médicas domiciliares a famílias pobres [...] Pelo ALBERGUE NOTURNO MUNICIPAL – foram encaminhados para agasalho 3 famílias desamparadas e 8 pessoas do sexo masculino [...] Pela ASSISTÊNCIA À

⁴⁵⁶ MOVIMENTOS Dissidentes no Espiritismo. Disponível em <http://www.espiritnet.com.br/Opinioao/Ano2003/opinioao09.htm>. Acessado em. 18/08/2014.

⁴⁵⁷ As finalidades da Legião da Boa Vontade. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVI, n.º2453. 14 de julho de 1956, p.1.

⁴⁵⁸ Vanguardeiros feirenses da Legião da Boa Vontade. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVI, n.º2456. 4 de agosto de 1956, p.1.

CRIANÇA – a <Mocidade Espírita Feirense> mantém 101 crianças, fornecendo-lhes, semanalmente, gêneros alimentícios [...] Pela CAMPANHA DO NATAL DOS POBRES (...) ⁴⁵⁹

A publicidade dessas atividades se constituiu como meio de afirmação social tanto da LBV quanto do próprio Espiritismo na cidade, uma vez que possibilitava mobilizar a opinião pública, por meio da imprensa, favorável aos grupos espíritas e ao próprio Requião. Deve-se ressaltar que as relações entre a Federação Espírita Brasileira - FEB e a LBV não eram harmoniosas como se davam com esta e a Confraternização Espírita Feirense. Por meio d' *O Reformador*, a Federação chamou a atenção para o fato de que “[...] nunca teve e não tem qualquer ligação, doutrinária ou não, com a sociedade denominada Legião da Boa Vontade, conforme já declaramos em ‘O Reformador’ de Dezembro de 1956” ⁴⁶⁰.

Possivelmente, as divergências doutrinárias não foram o principal ponto de discórdia entre a FEB e a LBV, instituição esta que pautava suas concepções doutrinárias nas obras de Jean-Baptiste Roustaing. De acordo com o antropólogo Pedro Stoeckli Pires, “[...] apesar do embate entre kardecistas e rustanistas ter dificultado a criação de uma organização única nacional, as duas facções (...) [não] representarem uma fenda no movimento espírita” ⁴⁶¹. A competição no terreno da filantropia e os significados que esta prática possuía nas duas concepções doutrinárias pode ser um aspecto que possibilite compreender o posicionamento da FEB em relação à LBV na ocasião do informe n' *O Reformador*.

Se, em âmbito nacional, FEB e LBV rivalizavam no terreno doutrinário e no filantrópico, em Feira de Santana, a união de uma organização unificadora da doutrina espírita em âmbito local, como foi a Confraternização Espírita Feirense, parece não ter tido tantas polêmicas entre as décadas de 1940 e 1960, quando se observa estas atuando conjuntamente na construção do Lar do Irmão Velho e em outras atividades filantrópicas na cidade.

No episódio do embate entre Frei Joaquim e Osvaldo Requião, o primeiro acabou por conclamar que o ensino do catecismo nas escolas públicas prosseguisse, assim como nos núcleos que fundou em algumas localidades de Feira de Santana. Entretanto, a polêmica entre os dois religiosos acabou se tornando uma guerra de acusações que procuravam expor aspectos e condutas, de espíritas e de católicos, entrando em contradição ao auferido princípio

⁴⁵⁹ Vanguardieiros feirenses da Legião da Boa Vontade. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVI, n.º2456. 4 de agosto de 1956, p.1.

⁴⁶⁰ LBV. **Reformador**. Ano 76, n.º1. Fevereiro de 1958, p.7(27).

⁴⁶¹ PIRES, Pedro Stoeckli. **Nascer, morrer e renascer**: o Espiritismo à luz das Ciências Sociais. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008, p.19.

de liberdade religiosa e da própria religião, como se pode notar no trecho abaixo, publicado no *Folha do Norte*:

Fico sabendo, meu caro Frei V. C. F., e calculo como o senhor me trataria, se SUA intenção fôsse mesmo atacar-me. EU poria logo minhas barbas de molho, pois li aquela tremenda reportagem, publicada em o número de 27.5.61 de *Fotos & Fatos*, em que padres são vistos, em Caxias, fazendo propaganda de <Um Mundo Melhor Através do Catecismo> com uma <peixeira> e um <pau-de-fumo>, e acompanhei a maratona daquele Frei Emílio, que, alteando o belicoso estandarte do <Trucidai-vos uns ao outros>, saiu pelo Brasil inteiro advogando a inclusão da *pena de morte* em nosso Código Penal. Só não sei quem era que êle pretendia matar. Felizmente, o bom-senso nacional o reduziu ao silêncio, porque o tempo da Inquisição já não pode ser reeditado...⁴⁶²

O fragmento acima fez parte do texto intitulado *Pausa para meditação*, pois interrompeu a publicação da série de textos *A restauração do batismo, dom ou inspiração do Espírito Santo*. Nesse, Osvaldo Requião desqualifica sacerdotes católicos, recorrendo a uma reportagem da revista *Fotos e Fatos*, na qual trazia sacerdotes católicos agindo como justiceiro em nome da religião, o que se vincula ao discurso espírita de ressaltar a violação do princípio constitucional da liberdade de crença, consciência e de culto. Requião chamou a atenção para o fato de, supostamente, os católicos serem a favor a adoção da pena de morte no Brasil. Não seria a primeira vez que o tema da pena de morte aparecia em seus textos. No dia 22 de outubro de 1960, retoma a questão nos seguintes termos: “[...] repugna em nossos dias (...) um indivíduo que se diz <representante do Cristo> possa dedicar-se a (...) tarefa de percorrer o Brasil inteiro, advogando a inclusão (...) da pena de morte em nosso Código Penal [...]”⁴⁶³. E conclui defendendo a substituição do “[...] DIREITO DE PUNIR pelo DEVER DE REABILITAR [...]”⁴⁶⁴.

Nas duas ocasiões, Requião vinculou o Catolicismo, de maneira geral, às perseguições e mortes durante a Inquisição com a finalidade de ressaltar os “equivocos” cometidos pela Igreja Católica. Lúcia Loureiro, em *Memórias Históricas do Espiritismo na Bahia*, também fez referência à Inquisição no Brasil e enfatizou que “(...) temia-se a Igreja Romana na mesma proporção em que se temia o Estado. Ambos se encontravam no mesmo nível de autoridade e poderiam castigar, com igual rigor (...)”⁴⁶⁵. Desse modo, observa-se a utilização de um argumento de ordem histórica para desqualificar atitudes da Igreja Católica.

⁴⁶² Pausa para meditação. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 52, n. 2721. 2 de setembro de 1961, p.5

⁴⁶³ Não matarás. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 51, n.º2676. 22 de outubro de 1960, p.1.

⁴⁶⁴ Idem, p.5.

⁴⁶⁵ LOUREIRO, Lúcia. **Memórias históricas do Espiritismo na Bahia**. Salvador: TELMA, s p c, 1994, p.11.

A polêmica entre os dois religiosos, nas páginas do *Folha do Norte*, não ficou em questões estritamente religiosas, descambando, em alguns momentos, para ofensas pessoais de ambos os lados, como se pode observar no texto publicado pelo Frei Joaquim:

[...] Mas que decepção quando agora deparo com sua resposta! Tanto esforço para gerar um fruto tão minguado! (...) De um doutor, de um escritor (...) esperava algo mais [...] Sua filha, segundo apurei de fontes fidedignas e autorizadas, fôra avisada de que estava complementemente livre de assistir ou não a aula de catecismo, atendendo ao seu pedido por escrito. O sr. porém, fingindo-se de vítima, caluniou-me pelo jornal, como se quisesse constringer sua filha à assistir à aula de catecismo, aproveitando a ocasião para atacar o ensino religioso [...] A respeito do nobre título que me conferiu, pode guardá-lo para si que não preciso de pseudônimo quando escrevo, por que, longe de imitar os jagunços que só atiram por detrás da árvore, costumo sair à praça de frente erguida [...] A respeito do português, da pontuação, da colocação das vírgulas em que nota haver divergência entre nós, são cousas tão pequeninas que não me rebaixo a discussão, apenas declaro que como estrangeiro, com tão poucos anos no Brasil, falhas dessa natureza, tão acidentais quanto involuntárias, não constituem desonra para mim, porém queria desafiar o sr. a aprender tanto italiano em tão pouco tempo, quanto eu tenho aprendido de português.⁴⁶⁶

A querela pública entre Requião e Frei Joaquim provavelmente causou muito repercussão na cidade, principalmente, pelo fato de que alguns textos não somente foram publicados no *Folha do Norte*, mas também foram vinculados na emissora de rádio pertencente aos frades capuchinhos, a *Rádio Cultura de Feira de Santana*, a exemplo do texto do dia 8 de abril de 1961⁴⁶⁷.

O conflito entre os dois prosseguiu ainda nas edições seguintes do jornal *Folha do Norte*, até que em “uma nota à parte” do texto da edição de 16 de setembro de 1961, no rodapé da coluna, Requião procurou pôr fim ao conflito:

NOTAS À PARTE

Com o nosso <Pausa para Meditação> (...) dou um ponto de misericórdia definitivo no palhaçal <affaire> pelo povo intitulado de <Briga dos Capuchinhos versus Alonso de Miraval>. Está, que farte, provado que já não pode render mais nada. Além disso, só as hienas gostam de aproveitar-se das sobras do repasto dos leões [...]⁴⁶⁸

⁴⁶⁶ Um mundo melhor através do catecismo. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 52 n.2718. 12 de agosto de 1961, p.1.

⁴⁶⁷ Espiritismo e educação. A propósito do ensino religioso nas escolas. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 51, n. 2708. 8 de abril de 1961, p.4.

⁴⁶⁸ A restauração do batismo, dom ou inspiração do Espírito Santo. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 52, n. 2723. 16 de setembro de 1961, p.1.

Por meio do excerto acima, observa-se que o conflito entre Osvaldo Requião e Frei Joaquim havia ganhado contornos não desejados, sendo motivo de comentários no mínimo jocosos nas rodas de conversa da cidade. Através do embate entre os dois religiosos se nota que as disputas existentes no campo religioso feirense e que as armas mobilizadas por seus agentes tiveram como cenário as páginas do *Folha do Norte* – um periódico que não era confessional, mas que deve ter auferido sua porcentagem de lucro em meio à querela que teve início com a questão do Ensino Religioso.

4.2 Delimitando as fronteiras para conquistar espaços

As críticas de Requião em relação à Igreja Católica não se restringiram à polêmica com Frei Joaquim sobre o Ensino Religioso. Grande parte das perseguições por parte de católicos, bem como de protestantes ao Espiritismo se davam em face da intolerância religiosa desses por associarem a doutrina espírita às religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda. Como afirmou Célia Arribas, “(...) os intelectuais do Espiritismo esforçavam-se por demarcar justamente as *diferenças*, afastando qualquer mal entendido que pudesse confundir Espiritismo e Umbanda, o mesmo fazendo os intelectuais da Umbanda (...)”⁴⁶⁹.

O engajamento de vários intelectuais espíritas em publicar livros, periódicos espíritas e diferentes tipos de publicações na imprensa leiga pode ser entendido como uma forma de traçar fronteiras do que seria o Espiritismo tanto para o movimento espírita brasileiro quanto para a sociedade em geral – não deixando de estabelecer conflitos com outros grupos religiosos.

Na série de textos intitulada *O Mistério da Vida, da Morte e do Renascimento*, publicada entre 11 de maio de 1957 e 4 de janeiro de 1958 – totalizando 27 textos –, no texto publicado em 18 de maio de 1957, Osvaldo Requião se posicionou nos seguintes termos a respeito do Catolicismo:

E é precisamente por querer ajudar-vos a levantar a ponta desse véu, que o Espiritismo é tão acicamente combatido. Mas não há barreiras do preconceito ou do sectarismo que o impeçam de alcançar os seus divinos objetivos. É uma onda que já não pode ser detida (...) uma doutrina que se impõe pelos fatos e pela lógica não pode ser destruída por meio de conversa fiada... Além do mais os fregueses da fé tradicionalista estão diminuindo assustadoramente (e os nossos adversários não fazem segredo disto). O homem hodierno (...)

⁴⁶⁹ ARRIBAS, Célia das Graças. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, p.119.

não pretende abdicar da razão em proveito de verdades de encomendadas ou apriorísticas.⁴⁷⁰

No texto, Requião chamava a atenção para o fato de que no Catolicismo não há uma escolha pessoal para professar a fé, e sim um processo de tradição, sem que o indivíduo delibere sobre a escolha da sua opção religiosa, como supostamente se dava no Espiritismo ou no Protestantismo. Requião faz também referência ao fenômeno da queda do número de fiéis da Igreja Católica, no período em que Frei Boaventura Kloppenburg aludia em suas obras. A perda de fiéis se devia, principalmente, às conversões a outras confissões religiosas que possuíam forte cunho proselitista, como o Protestantismo e o Espiritismo – ainda que de diferentes formas.

Ao discutir o quantitativo de fiéis nos censos de 1940, 1950 e 1960, o sociólogo Cândido Procópio Ferreira de Camargo afirmou que apresentam “[...] a tendência geral para um declínio moderado, mas constante, de adeptos da Igreja Católica. Os protestantes (...) pentecostais, o gradiente Espiritismo-Umbanda e os que se declaram ‘sem religião’ são os beneficiários desse processo de transição religiosa”⁴⁷¹. Observa-se o processo de perda do monopólio da Igreja Católica sobre seus fiéis, grupo que, majoritariamente, se convertia ao Espiritismo ou ao Protestantismo.

No entanto, o Espiritismo e as religiões de matrizes africanas eram comumente confundidos pela imprensa e pelo discurso médico, sobretudo quando se discutia práticas terapêuticas e transes mediúnicos. No artigo publicado no dia 12 de outubro de 1957, Requião opinou a respeito da fronteira entre os dois grupos religiosos, que nem sempre foram colocadas de maneira nítida:

Depois disso [opiniões favoráveis de sábios e homens ilustres a respeito do Espiritismo], ainda aparecem os malaventurados ou desaventurados Freis Boaventuras a blaterar contra a verdade espírita, que, deliberadamente, confundem com as grosserias manifestações religiosas do africanismo, às quais os católicos aderiram de corpo e alma, enriquecendo, dia a dia, a fauna dos terreiros e macumbas, onde o azeite de dendê e a cachaça disputam o melhor lugar no seu estranho e bárbaro ritual⁴⁷²

⁴⁷⁰ O Mistério da Vida, da Morte e do Renascimento II. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVIII, n. 2497. 18 de maio de 1957, p.1.

⁴⁷¹ CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Católicos, protestantes, espíritas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973, p.24

⁴⁷² O Mistério da Vida, da Morte e do Renascimento XIX. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVIII, n. 2518. 12 de outubro de 1957, p.1.

A expressão “manifestações religiosas do africanismo” remete, principalmente, à Umbanda, que disputava com o Espiritismo no campo religioso brasileiro, bem como ao Candomblé. O que se ressalta, no fragmento acima, é a vinculação das religiões de matrizes africanas ao exótico, folclórico e ambiente de decadência moral.

Na obra *Africanismo e Espiritismo* (1946), do baiano Deolindo Amorim, residente no Rio de Janeiro, que veio fazer uma conferência em Feira de Santana no ano de 1963⁴⁷³, procurou-se discutir as principais diferenças entre os dois grupos religiosos aludidos no título da obra. No prefácio da obra, o pesquisador espírita Lippmann Tesch de Olivér afirmou que

[...] quando falamos em Espiritismo (...) nos referimos à codificação (...) de Allan Kardec (...) e não a esse conglomerado de pajelança e de rituais espalhafatosos, onde preponderam o fetichismo dos selvagens e as aberrações do mediunismo abastardado; em suma – ao carnaval de Umbanda [...]⁴⁷⁴

As afirmações utilizadas por Olivér possuíam sintonia fina com as ideias expressas no fragmento do texto de Osvaldo Requião citado anteriormente. Os dois autores procuram distanciar-se das religiões de matriz africana – o primeiro, do Candomblé, e o segundo, da Umbanda – ou seja, daquilo que denominaram, pejorativamente, de “africanismos”. Esse discurso pode ser entendido como uma prática social presente em segmentos do Espiritismo brasileiro, que, imbuídos de concepções etnocêntricas, vinculavam as religiões afro-brasileiras ao atraso, discurso que também esteve presente nas Ciências Sociais, na Medicina e no Direito.

De acordo com Deolindo Amorim, ainda que Africanismo e Espiritismo possuíssem práticas mediúnicas, especialmente as comunicações com os espíritos dos mortos, duas diferenças básicas entre ambos: locais de origem histórica (um se desenvolveu na Bahia por meio da presença africana escravizada e o outro surgiu no contexto intelectual francês) e ritualística (a presença de rituais, amuletos e fetiches em um e a ausência destes no outro). Elementos estes que estão presentes no discurso de Requião, o que demonstra uma continuidade da posição desses dois intelectuais espíritas, em âmbito nacional e local.

Deolindo Amorim ainda afirmou que “[...] formou-se no país uma cultura de fusão, disto resultando o sincretismo religioso: um pouco de catolicismo, um pouco de africanismo e um pouco de Espiritismo deturpado pelo misticismo popular”⁴⁷⁵, ressaltando que “(...) as

⁴⁷³ Visitas. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 54, n.º 2830. 20 de julho de 1963, p.1.

⁴⁷⁴ AMORIM, Deolindo. **Africanismo e Espiritismo**. PENSE – Pensamento Social Espírita, 2011, p.5.

⁴⁷⁵ AMORIM, Deolindo. **Africanismo e Espiritismo**. PENSE – Pensamento Social Espírita, 2011, p.22.

religiões africanas inclinaram-se para o catolicismo e não para o Espiritismo (...)”⁴⁷⁶. Requião também compactuava com essa posição a respeito do sincretismo religioso no Brasil entre Catolicismo e Candomblé, como se pôde observar no fragmento citado anteriormente.

Conforme Célia Arribas, houve, durante vários momentos da História do Brasil, o posicionamento da Igreja Católica de igualar o Espiritismo e as religiões afro-brasileiras para que, assim, pudesse combatê-los como se fossem um mesmo credo religioso. Por outro lado, os espíritas ressaltavam as relações entre os católicos e os candomblecistas, especificamente o “sincretismo religioso” – visto pelos espíritas como momento em que a Igreja Católica se perdeu da mensagem evangélica⁴⁷⁷.

O discurso do sincretismo religioso, fruto dos cientistas sociais e juristas da época, ainda gera muitas polêmicas no meio acadêmico e foi mobilizado como armas no embate entre espíritas e católicos, como se pode perceber tanto no texto de Deolindo Amorim quanto no de Osvaldo Requião. O que estava em jogo nesse embate era a suposta pureza de um determinado credo religioso, em que se acreditava que a mistura com outras confissões religiosas era tida como um ingrediente negativo, principalmente se estas fossem de matriz africana.

No fragmento do texto de Requião, foi atribuída a responsabilidade de confundir “africanismo” com a doutrina espírita aos “malaventurados ou desaventurados Freis Boaventuras”. Na edição d’*O Reformador* do mês de janeiro de 1957, foi publicada uma nota denominada “Boaventurices”, na qual se lê o seguinte:

Em “O Globo” de 22 de Novembro, página 15, frei Boaventura franciscano (O.F.M.) diz que hipnotizou um rapaz e que este produziu versos no estilo de Olavo Bilac. Não nos disse, porém o nome do paciente, nem nos deu a conhecer os versos.

Em 18 do mesmo mês de Novembro, um outro frei Boaventura (R.E.B.) escreveu no jornal “Lar Católico”, publicado em Juiz de Fora, que à porta do seu convento, sugestionou um rapaz de que ele era Olavo Bilac, e que, ali mesmo, o rapaz escreveu oito versos, a Bilac.

Já conhecíamos o Boaventura O.F.M., o Boaventura O.P. e, agora, mais este R.E.B.

Qual dos três será o autor da pilhéria?

Que gente!...⁴⁷⁸

⁴⁷⁶ Idem, p.38.

⁴⁷⁷ ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, Espiritismo é religião?** Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, p.117-118.

⁴⁷⁸ Boaventurices. **Reformador**. Ano 75, nº1. Janeiro de 1957, p.24 (28).

O comunicado apresentado em tom irônico foi realizado pela FEB através d’*O Reformador*, órgão oficial de propagação do Espiritismo pela instituição, e lançou dúvidas sobre a existência dos três freis Boaventuras, que tentam desqualificar o Espiritismo colocando-o como uma fraude que pode ser facilmente desmascarada e cuja suposta prática da mediunidade pode ser obtida repetidas vezes por meio da hipnose.

Contudo, vale lembrar que um dos freis Boaventura mais conhecido no período foi Frei Boaventura Kloppenburg. Entre as décadas de 1950 e 1960, Kloppenburg publicou diversas obras condenando o Espiritismo como heresia, a exemplo de *Por que a Igreja condenou o Espiritismo* (1953), *Material para instruções sobre a heresia espírita* (1953), *Cruzada de defesa da fé católica no I Centenário do Espiritismo* (1957) e *O Reencarnacionismo no Brasil* (1961). De acordo com Arthur Cesar Isaia,

[...] Seja através dos livros e artigos que escrevia, seja através das conferências realizadas em todo o Brasil, que reuniam multidões ávidas de descobrirem os segredos do Espiritismo e da Umbanda. O Frei será a peça-chave do órgão que coordenava a luta católica em favor da preservação da ortodoxia: o Secretariado Nacional em Defesa da Fé, fundada em 1939 na Arquidiocese do Rio de Janeiro e absorvida na estrutura interna da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, fundada em 1951. Kloppenburg aprofunda o diálogo entre o discurso católico e as ciências, sendo freqüente em suas obras, não apenas recorrência ao saber médico-psiquiátrico, como também ao jurídico e ao sociológico [...]⁴⁷⁹

Na tentativa de barrar o avanço das doutrinas espíritas, a Igreja Católica mobilizou diversos setores da sociedade que tinham opinião desfavorável ao Espiritismo, sendo as obras produzidas pelo Frei Boaventura Kloppenburg uma referência no combate à chamada heresia espírita no período, cujas obras deixaram de ser publicadas após o Concílio Vaticano II (1962-1965)⁴⁸⁰. De acordo com Danilo Rangell Pereira, o Vaticano II significou “[...] o ápice do esforço da Igreja Católica Romana no século passado para se adaptar a novas exigências que surgiam (...) [bem como] ao diálogo com os problemas do mundo moderno [...]”⁴⁸¹. Desse modo, a nova orientação da Igreja Católica, voltada para problemas sociais, em tese não

⁴⁷⁹ ISAIA, Artur César. Hierarquia católica e religiões mediúnicas no Brasil da primeira metade do século XX. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: EDUFSC, n.30, p.239-252, outubro de 2001, p.248-249.

⁴⁸⁰ KLOPPENBURG, Frei Boaventura. *O Espiritismo*: orientação para os católicos. 8ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p.7

⁴⁸¹ PEREIRA, Danilo Rangell Pinheiro. *Concepções da história na Teologia da Libertação e conflitos de representação na Igreja Católica (1971-1989)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, 2013, p.59.

absorvia mais a proposta de Kloppenburg, voltada para o combate dos “inimigos” da Igreja Católica.

4.3 O réquiem e as lembranças

Ao discutir as atitudes perante a morte, Phillipe Ariés chamou a atenção para o fato de que existem continuidades de certas atitudes em relação à morte ao longo de diferentes períodos históricos. Conforme Ariés,

(...) Num mundo submetido à mudança, a atitude tradicional diante da morte aparece como um dique de inércia e continuidade [...] É por essa razão que, ao chamarmos essa morte familiar de morte domada, não queremos dizer com isso que antes ela tenha sido selvagem e, em seguida, domesticada. Queremos dizer, pelo contrário, que ela se tornou hoje selvagem, enquanto anteriormente não o era. A morte mais antiga era domada⁴⁸²

A “morte domada”, ou a domesticação da morte, típica da mentalidade medieval, significava afirmar que a morte sempre dava sinais de sua chegada, ainda que “(...) mesmo quando era acidental em consequência do ferimento [...] ela dava tempo para ser percebida (...)”⁴⁸³. Na morte domesticada, havia um sentimento de resignação perante esse fato. Além da “simplicidade familiar” do morrer, “sempre se morria em público”⁴⁸⁴. Porém, aos poucos, a morte selvagem, ou seja, aquela que chega sem avisar, foi se tornando hegemônica na mentalidade de homens e mulheres durante o período da Idade Moderna.

No que diz respeito ao modo como as diferentes religiões encararam a morte, o Catolicismo, por exemplo, encarava-a como um momento de separação da vida, quando as pessoas aguardariam o julgamento final para irem para o céu, o inferno ou o purgatório, dependendo dos atos que praticaram em vida. Na concepção do Protestantismo, as principais diferenças em relação às concepções de morte dizem respeito à ausência do purgatório, a ênfase maior na condenação ao inferno e a ressurreição somente com o retorno de Jesus à Terra. Deve-se enfatizar que esta concepção não resume a pluralidade de concepções da morte do universo protestante, entretanto, de maneira geral, pode-se afirmar que “a centralidade da morte na doutrina cristã não produziu uma religião mórbida ou necrológica (...) mas de uma

⁴⁸² ARIÉS, Philippe. *A morte domada*. In: **O homem diante da morte**. 2ªEd. Rio de Janeiro: F. Alves, 1989, p.31. (Vol.1)

⁴⁸³ Idem, p.7.

⁴⁸⁴ Ibidem, p.21.

religiosidade que era capaz de transformar pela fé a morte em ressurreição, em vida eterna (...)⁴⁸⁵.

No Candomblé, não há uma linha que marca a vida e a morte, visto que não é uma religião salvacionista, como o Cristianismo; morrer é viver sobre outra forma, permanecendo ao lado dos entes queridos, outros espíritos, orixás e guias.

O Espiritismo, por sua vez, acredita na ideia de que o espírito passa por vários estágios de evolução, por meio de encarnações sucessivas. De acordo com Allan Kardec, “(...) a vida do Espírito é que é eterna; a do corpo é transitória e passageira. Quando o corpo morre, a alma retoma a vida eterna”⁴⁸⁶. Na doutrina espírita, a morte não seria o fim da vida, mas, antes, o “desencarne” do espírito, para que possa seguir adiante no caminho do aperfeiçoamento por meio da reencarnação – noção central na doutrina espírita. Conforme Marion Aubrée e François Laplantine,

A reencarnação, isto é, a pluralidade das existências na terra ou em outros planetas, é a pedra angular do Espiritismo francês (...) Uma só existência é insuficiente para se atingir a perfeição e nós reencarnamos o número de vezes que for necessário. Cada um de nós já teve ou terá ainda várias encarnações. Muitas são as etapas sucessivas ao curso das quais a alma se liberta de suas fraquezas. Somos responsáveis pelos nossos atos. O que somos hoje é o fruto do que fomos (...) Todos nós partimos de um mesmo estado inicial, o da ignorância, porém não atingimos todos ao mesmo tempo, o estado final de puro Espírito – quando não teremos mais necessidade de reencarnarmos. Isso depende de nossas escolhas, passadas ou presentes, do nosso trabalho e da nossa vontade de estudar (...)⁴⁸⁷

Nesse caso, a doutrina espírita dá sua visão da vida e da morte não como uma relação de oposição, mas continuidade e etapismo. Durante o período de encarnação, o espírito não regride de estágio; ele estabiliza ou avança, sendo que reencarna apenas na forma humana e não na forma de animal – como é presente no Hinduísmo. A reencarnação durante o processo de aperfeiçoamento teria um papel fundamental; porém, tão logo fosse galgado o patamar máximo, ela não seria mais necessária.

No dia 1º de outubro de 1966, o jornal *Folha do Norte* publicou um pequeno texto de treze linhas, dando uma notícia da qual todos já tinham conhecimento na cidade de Feira de Santana:

⁴⁸⁵ SILVA, Elizete da. **Cidadãos de outra pátria**: anglicanos e batistas na Bahia. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, 1998, p.355.

⁴⁸⁶ KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003, p.149.

⁴⁸⁷ AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Maceió: EDUFAL, 2009, p.87.

Foi a cidade dolorosamente abalada, às primeiras horas do dia de ontem, com a notícia do passamento do benquisto, honrado e culto Promotor Público, dr. Osvaldo Requião, vítima, em Salvador, de um colapso. O extinto, que era estimado por todos, nesta cidade, fôra recentemente promovido para a Comarca de Salvador, após exercer com dignidade e competência, por muitos anos, as funções de Promotor, nesta Comarca. As aulas foram suspensas em todos os colégios da cidade, pois o dr. Osvaldo Requião também exerceu aqui, com eficiência, o magistério secundário. Transladado o corpo para esta cidade, foi sepultado no Cemitério Piedade⁴⁸⁸

O texto acima noticiava, de modo breve, a morte de Osvaldo Pinheiro Requião (Figura 14). A nota transmite e ressalta o sentimento de pesar que se abateu sobre parte da cidade. Ao discutir ritos de passagem, o antropólogo francês Arnold van Gennep afirmou que, durante o luto, há um período de suspensão momentânea da vida social para familiares e, a depender da posição social do morto, para “uma sociedade inteira”⁴⁸⁹. No caso do falecimento de Osvaldo Requião, registra-se a quebra na rotina dos colégios da cidade, ressaltando a interrupção das aulas devido ao falecimento de um professor.

Figura 14 - Osvaldo Pinheiro Requião



Fonte: Arquivo Pessoal de Noêmia Requião

⁴⁸⁸ Dr. Osvaldo Requião. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 57, n. 2998. 1º de outubro de 1966, p.1.

⁴⁸⁹ GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem**. Tradução de Mariano Ferreira. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p.129.

Em 30 de setembro de 1966, J. Magno (nome artístico de Joel Magno) fez um necrológio aos ouvintes na Rádio Sociedade de Feira de Santana, uma pausa na atmosfera geral do programa de calouros “Atrações J. Magno”:

Morreu, hoje, às primeiras horas, o Ilustre Professor, OSVALDO REQUIÃO [...] tinha sempre consigo, para alguém que o procurasse, uma palavra amiga, sensata e confortadora. No Colégio, agia mais como amigo, do que Mestre. Suas lições eram compreendidas facilmente e os alunos as recebiam c/ o máximo prazer. Justiça, acima de tudo, êle fazia [...] Embora na Promotoria, não nasceu para acusar ninguém. Exercia a sua profissão dentro da Lei, da Justiça e do respeito ao ser humano. Quando deixava a Tribuna, era abraçado por todos, até mesmo por aqueles que, ali, não tiveram a sorte de tê-lo em sua defesa [...] Um chefe de família exemplar, dedicado e sem máculas [...] Neste instante cruciante, todos choram, espôsa, filhos, amigos e alunos. E os seus Netinhos, também. Saudade, Dor, Lágrimas e Desolação é o que resta em uma casa que perde a sua cumeeira, o seu sustentáculo inesquecível [...] Saíste de nosso meio material, mas continuas espiritualmente vivo no coração de todos nós. Vai um homem – Fica um nome⁴⁹⁰

No fragmento acima, J. Magno – um ex-colega de profissão no magistério e também um ex-aluno, radialista da Rádio Sociedade de Feira de Santana – constrói um relato biográfico laudatório sobre Osvaldo Requião, não poupando elogios para destacar as qualidades profissionais, bem como a figura de “chefe de família exemplar”. Ao tratar da relação entre história oral e memória, o historiador Antonio Torres Montenegro afirmou que “[...] para muitos entrevistados, a vida se resume a sua história de vida e trabalho. O mundo é praticamente reduzido a esses dois universos [...] elementos fundantes de sua narrativa”⁴⁹¹. Desse modo, compreende-se o fato de ressaltar a questão profissional no relato de Joel Magno.

No entanto, a morte de Requião não teria apenas um único relato no *Folha do Norte*. Três anos após a morte, Requião seria novamente lembrado. Em 27 de setembro de 1969, dessa vez Helder Loyola Guimarães de Alencar, advogado e jornalista feirense, publicou o seguinte texto sobre seu ex-professor:

⁴⁹⁰ Vai um homem – fica um nome. Escreveu J. Magno – Lida no Atrações J. Magno em 30.09.66 – **Rádio Sociedade de Feira de Santana**. Manuscrito datilografado. Arquivo Pessoal de Noêmia Requião. (Gentilmente cedido por Suzi Barboni)

⁴⁹¹ MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 5ª. ed. São Paulo: Contexto, 2003, p.22.

Menino ainda, ao ingressar no curso colegial, aprendemos a admirar um grande homem, a refletir e a considerar uma das maiores personalidades que a Feira de Santana já conheceu [...] Os moços de Feira de Santana muito devem a Oswaldo Requião. Ele professor e amigo, mestre e conselheiro [...] Na justiça, também, teve atuação destacada e segura. Ser justo foi uma das características da sua vida, de uma vida, toda ela voltada para o bem comum. Poeta, ensaísta, jornalista, conferencista, professor, homem de letras, promotor público, Oswaldo Requião possuía uma versátil inteligência, que o tornava grande em tôdas as atividades que exerceu [...] Com o pseudônimo de Alonso de Miraval escreveu neste jornal [...] a respeito de um assunto que foi uma das maiores paixões de sua vida: a religião espírita [...] Agora, no terceiro aniversário da sua morte, prestamos esta homenagem a Oswaldo Requião [...] Vidas como a de Oswaldo Requião não se apagam com a morte. O seu nome permanece lembrado com admiração na mente de todos os que tiveram o privilégio de conhecê-lo⁴⁹²

O relato privilegia a figura pública enfatizando as diversas ocupações que Oswaldo Requião exerceu na cidade de Feira de Santana: “poeta, ensaísta, jornalista, conferencista, professor, homem de letras, promotor público” – pontos em comum como o relato de Joel Magno. Dentre as atividades que ocupou grande parte da sua vida, em Feira de Santana – fato enfatizado no texto de Helder Alencar.

A referência explícita ao Espiritismo foi um ponto marcante no artigo de Helder Alencar, em contraponto ao que foi colocado por Joel Magno. A menção à doutrina espírita se deve aos veículos que mediavam os discursos tanto de Alencar quanto de Magno: enquanto o primeiro utilizou como veículo um periódico secular, o *Folha do Norte*, que, ainda com uma presença ostensiva do grupo católico, possuía uma abertura maior que a rádio católica local no período, o segundo utilizou uma rádio católica.

A rádio Sociedade de Feira de Santana foi fundada em 1948, sendo dirigida por frades capuchinhos, sendo voltada (ainda hoje) para o público religioso católico⁴⁹³. Os embates entre católicos e espíritas existiram desde a codificação da doutrina por Kardec e se fizeram presentes também na cidade de Feira de Santana, alguns envolvendo o próprio Oswaldo Requião nas páginas do jornal *Folha do Norte*. Tal fato é de fundamental importância para se analisar os discursos dos sujeitos ao lembrar Requião.

Somando-se aos relatos já expostos, o do intelectual e espírita Eusínio Gaston Lavigne (1883-1973)⁴⁹⁴ foi uma das memórias escritas publicadas no jornal *Folha do Norte*, no dia 3 de dezembro de 1966, na qual fez o seguinte relato:

⁴⁹² ALENCAR, Hélder. Oswaldo Requião. **Folha do Norte**. 27 de setembro de 1969, p.1. Biblioteca Municipal de Feira de Santana.

⁴⁹³ ALMEIDA, Oscar Damião. **Dicionário de Feira de Santana**. Feira de Santana: Santa Rita, 2006, p.135.

⁴⁹⁴ LOUREIRO, Lúcia. **Memórias históricas do Espiritismo na Bahia**. Repercussão no Movimento espírita brasileiro. Salvador: s p c, 1994, p.347-349.

Falecera, prematuramente, com 53 anos, em 30 de setembro de 1966, no Pronto Socorro, desta cidade, vítima de fulminante edema pulmonar⁴⁹⁵, o dr. Oswaldo Requião, <benquisto, honrado e culto Promotor Público>, na linguagem da <Fôlha do Norte>, de Feira de Santana [...] A notícia do jornal é muito simples e não dá idéia exata da personalidade do grande promotor [...] Para se avaliar o prestígio de sua figura no meio social, foi só ver o seu enterro, ao qual compareceram as figuras mais representativas da cidade e enorme massa popular [...] O dr. Oswaldo Requião conhecia filosofia espiritualista, a fundo. Há poucos meses, no princípio deste ano de 1966, fêz parte do <Encontro> dos adeptos de Pietro Ubaldi, em Brasília [...] Conhecia a obra desse filósofo italiano, hoje radicado no Brasil, Santos, São Paulo, como poucos a conhecem.

Por isso mesmo, por saber de seu cultivo das letras espiritualistas, máxima do Espiritismo, foi que lhe solicitamos um prefácio para o nosso pequeno livro sobre a vida de Tio Juca⁴⁹⁶ [...] Não sendo um pregador espalhafatoso e bombástico, mas discreto, cheio de eloquência, pela clareza com que expendia os temas, era ouvido com muito interesse pelos assistentes [...] Vernaculista. Civismo. Patriota. Humanista. Educador. Mestre querido. Escrevia ao correr da pena, com uma originalidade: era canhoto [...] Rendemos à sua augusta memória esta pálida homenagem, infelizmente partida de quem não está na altura de descrever-lhe os reais méritos, que serão, certamente, reconhecidos na pátria da espiritualidade⁴⁹⁷

O relato de Lavigne foi o mais extenso dos que até o momento foram apresentados. Divido em quatro partes, tem como pontos em comum com os outros o fato de ressaltar, na segunda parte da memória, a figura do profissional na promotoria e no magistério, de quem foi amigo. O depoimento escrito de Eusínio Lavigne, ainda que também laudatório, foi um dos mais ricos em detalhes, trazendo até mesmo curiosidades acerca de Oswaldo Requião, como o fato de ele ser canhoto.

Eusínio Lavigne foi ex-prefeito de Ilhéus – BA na década de 1930. Membro do Partido Comunista Brasileiro, sofreu processo de cassação do seu mandato por difundir o Comunismo no Brasil. Como intelectual espírita, Lavigne buscou aliar o Espiritismo com o marxismo, publicando algumas obras em que debate esta questão: *O fenômeno tio Juca; Os espíritas e as questões sociais; O Instituto Kardecista da Bahia e sua significação; O marxismo perante a paz e a perfectibilidade do espírito pelo socialismo*; e o folheto *Espiritismo, doutrina social*. Além dessas obras sobre o Espiritismo, escreveu sobre variados temas, como atestam os livros *Cultura e regionalismo cacauero, Lagoa do Itagépe, Castro Alves, Perene inspiração, Meus 87 anos e outros assuntos*, dentre outras obras.

⁴⁹⁵ Oswaldo Requião era fumante, apesar de possuir asma.

⁴⁹⁶ Trata-se do livro “O fenômeno Tio Juca”, de Eusínio Lavigne, prefaciado por Oswaldo Requião, no qual traz casos espíritas protagonizados por José Soares Goveia (1898-1965), conhecido como Tio Juca. Fonte: Biblioteca Central Julieta Carteador/UEFS – Feira de Santana (BA).

⁴⁹⁷ Oswaldo Requião. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 58, n. 3007. 3 de dezembro de 1966, p.3.

Devido ao lugar social de que fala, intelectual e militante do movimento espírita baiano, Eusínio Lavigne ressaltou a presença do Espiritismo em seu relato sobre Requião, destacando a atuação religiosa deste como palestrante e escritor, como também a principal referência literária espírita do confrade: Pietro Ubaldi.

As escolhas para lembrar a figura de Osvaldo Requião, pelas memórias escritas de Joel Magno, Helder Alencar e Eusínio Lavigne, não foram aleatórias. As representações se estabelecem, mas elas são apropriadas de diferentes modos, como para contribuir para a identidade coletiva por meio de uma das lideranças locais do Espiritismo em Feira de Santana, fortalecendo o grupo interna e externamente – sem perder de vista que a memória é um objeto de disputa e as representações podem concorrer entre si. As três memórias escritas trazem um rito social diante da morte de uma figura pública. Segundo Vovelle “[...] a história da morte é de fato a história de toda uma série de artimanhas, de mascaramentos [...] mas também criações do imaginário coletivo em relação a uma passagem obrigatória em toda existência humana”⁴⁹⁸.

4.3.1 Lugares de memórias: uma porta entreaberta

As memórias escritas apresentam pontos que convergem e divergem, refletindo as escolhas dos indivíduos que as escreveram, o espaço, a ocasião e o lugar social de onde falavam. Depreende-se que a morte de Osvaldo Requião não foi circunscrita ao contexto da própria família, anônima ou silenciada no ambiente doméstico, mas registrada na memória da cidade marcada pelos diferentes relatos em momentos distintos, além de sua figura presente em alguns “lugares de memória”, como o Centro Espírita Jesus de Nazaré (Figura 15) e o Centro Espírita Paz dos Sofredores.

⁴⁹⁸ VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.59.

Figura 15 - Visão da entrada do Centro Espírita Jesus de Nazaré



Fonte: Acervo do autor. Centro Espírita Jesus de Nazaré. Feira de Santana - BA (08/02/14)

Figura 16 - Vitrine de livros da Livraria Osvaldo Requião



Fonte: Acervo do autor. Centro Espírita Jesus de Nazaré. Feira de Santana - BA (08/02/14)

As fotografias acima foram tiradas no *foyer* do Centro Espírita Jesus de Nazaré, em Feira de Santana. Nelas, pode-se ver a existência de uma livraria denominada Osvaldo Requião (Figura 16). Além do nome da livraria, há uma fotografia do próprio Requião, reafirmando, assim, o local como “lugar de memória” de um espírita que constituiu umas das lideranças do Espiritismo na cidade de Feira de Santana.

De acordo com o historiador francês Pierre Nora, “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais [...]”⁴⁹⁹. Sendo assim, tanto as memórias escritas quanto a criação de uma pequena livraria com o nome e a fotografia de Osvaldo Requião em um centro espírita são ações que, ao mesmo tempo, afirmam a memória de grupo sobre um indivíduo representativo, fixando-a de diferentes modos, e reprimem o processo de esquecimento de determinada lembrança.

De acordo com Michel Pollak, ao discutir a relação entre memória e identidade,

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.⁵⁰⁰

Em uma cidade com fortes tradições católicas, onde havia vários elementos identitários do Catolicismo em âmbito local e nacional, recorrer aos “lugares de memórias” permitia aos espíritas feirenses o sentimento “de continuidade e de coerência” que figuras como Osvaldo Requião tinham a lhes oferecer. A escolha sobre ele não foi aleatória, mas uma decisão que, possivelmente, foi tomada com base na representação da figura pública de Professor, Promotor Público e “chefe de família” – das quais as memórias escritas ressaltaram –, além de sua atuação na divulgação do Espiritismo na própria cidade e os embates que travou em sua trajetória como intelectual espírita.

⁴⁹⁹ NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Tradução Yara Aun Khoury. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História**, PUC-SP, nº 10, dez., 1993, p.13.

⁵⁰⁰ POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Tradução de Monique Augras. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.204.

Figura 17 - Interior do Centro Espírita Paz dos Sofredores. Feira de Santana - BA



Fonte: Acervo do autor. Centro Espírita Paz dos Sofredores. Feira de Santana – BA (16/02/14)

A mesma fotografia de Osvaldo Requião foi encontrada no *Centro Espírita Paz dos Sofredores* (Feira de Santana - BA). Como se pode ver ao fundo, há outros quadros de alguns dirigentes dessa instituição⁵⁰¹ e personalidades do Espiritismo, a exemplo de Allan Kardec, Chico Xavier e Bezerra de Menezes (Figura 17).

A utilização dos quadros se faz com o objetivo de homenagem, de cultivar uma memória e ressaltar uma identidade fraternal entre os primeiros centros espíritas da cidade onde Requião atuou. Observa-se que os retratos são de pessoas trajadas de modo sóbrio e a sua própria imagem denota esse tom. Os homens, em geral, estão vestidos com ternos e as mulheres, com vestidos de cores neutras. Pode-se auferir que os quadros foram utilizados tanto para afirmar uma memória quanto demonstrar uma forma de conduta moral - pelo modo como as pessoas se permitiram fotografar.

Conforme Pierre Nora, os lugares de memória “são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos [...] Os três aspectos coexistem sempre [...]”⁵⁰². Tanto no *Centro Espírita Jesus de Nazaré* quanto no *Centro Espírita Paz dos Sofredores* pode-se observar essas três dimensões

⁵⁰¹ As fotografias da galeria foram utilizadas no segundo capítulo deste trabalho.

⁵⁰² NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Tradução Yara Aun Khoury. Projeto História. *Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História*, PUC-SP, nº 10, dez., 1993, p.21.

articuladas, ainda que o movimento de reafirmação seja constante e as apropriações pelos adeptos possam ser diferentes, afinal, tal qual como a memória, os lugares de memórias não constituem unidades monolíticas, mas buscam em comum construir identidades.

Outros locais que podem se constituir como lugares da memória são o Centro Cívico (década de 1970), na antiga Escola Normal da cidade, atual Instituto de Educação Gastão Guimarães, em Feira de Santana, e a Biblioteca Espírita Osvaldo Requião, do Núcleo Espírita Lafaiete, de Bom Jesus da Lapa - BA, inaugurada em 30 de junho de 1974⁵⁰³. Estes fatos corroboram para a afirmação de que o papel desempenhado por Requião não ficou circunscrito ao Espiritismo e ao meio espírita feirense; estendeu-se, pois, para alguns lugares do estado da Bahia.

4.3.2 Pelos caminhos da cidade princesa

Se, por um lado, procurou-se difundir, por meio dos locais de memórias e das memórias escritas a figura do promotor público e professor Osvaldo Requião, tendo como principais agentes espíritas que atuaram em Feira de Santana, por outro, percebe-se o silenciamento em torno deste personagem na literatura memorialística de Feira de Santana, cujo exemplo significativo são memórias escritas por Eurico Alves Boaventura (1909-1974).

Requião e Boaventura se formaram em Direito, pela então Faculdade Livre de Direito da Bahia, no ano de 1933, na cidade de Salvador⁵⁰⁴. A trajetória dos dois bacharéis foi marcada pela passagem em várias cidades do interior da Bahia, em face da questão do trabalho, sendo Feira de Santana a cidade que marcaria a trajetória de cada um deles de diferentes formas.

Após a conclusão do curso de Direito, Requião prestou concurso para o cargo de promotor público e, em 8 de fevereiro de 1934, foi nomeado para exercer o cargo de promotor interino na cidade de Xique-Xique. Em 1945, foi transferido para a cidade de Castro Alves e, no ano de 1949, foi indicado para promotor interino de Feira de Santana⁵⁰⁵. Por fim, terminou de cumprir a etapa do estágio probatório do concurso no ano de 1950, quando foi efetivado na

⁵⁰³ **Boletim Informativo da Federação Espírita do Estado da Bahia**. N.º15, ano V, maio-junho de 1974, p.2.

⁵⁰⁴ MODESTO, George Fragoso. **Bacharéis, mestres e doutores em Direito**. 2ª ed. Salvador: Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, 1996, p.177.

⁵⁰⁵ Osvaldo Pinheiro Requião. **Jornal Interação**. Feira de Santana (BA). Março/Abril 2000, p.3.

2ª Promotoria Pública da Comarca de Feira de Santana⁵⁰⁶, sendo transferido para Salvador em meados da década de 1960.

A trajetória estudantil de Eurico Alves Boaventura e Osvaldo Pinheiro Requião foi marcada pela passagem dos estudos na capital do estado da Bahia. Enquanto o primeiro iniciou o curso colegial no Ginásio Ipiranga e concluiu no Colégio Carneiro Ribeiro⁵⁰⁷, o segundo, aos 14 anos de idade (1923) estava matriculado no Ginásio N. S. da Vitória. Ao concluir o curso de Direito, Boaventura transferiu-se para Capivari (atual Macajuba), passando por Tucano, Riachão do Jacuípe, Poções, Canavieiras, Alagoinhas, Vitória da Conquista e, finalmente, Salvador⁵⁰⁸.

A ligação de Boaventura com Feira de Santana reflete na dimensão afetiva e biográfica. A de Requião diz respeito, principalmente, à atividade profissional como promotor público e professor de Língua Portuguesa – no Colégio Santanópolis e na Escola Normal de Feira de Santana⁵⁰⁹. Enquanto Requião pode ser compreendido sob a égide de “forasteiro”, que buscava se estabelecer em uma cidade hegemonicamente católica e desenvolveria com ela uma relação ambígua, Boaventura, por sua vez, era um feirense e desempenharia um papel relevante na produção intelectual sobre a cidade e sua relação seria idealista e patriótica, como um “filho da terra”.

De acordo com Valter Soares, Eurico Alves Boaventura “(...) reivindica [para a cidade de Feira de Santana] a condição de portal de entrada para o território sertanejo da Bahia, quicá do Brasil, se se considerar certa maneira de forjar a história nacional (...)”⁵¹⁰. Desse modo, foi dada a cidade uma atenção especial no que se refere ao debate em torno da representação do que se configura como sertão em oposição ao litoral – duas regiões brasileiras que, de acordo com Soares, transcendem a dimensão estritamente geográfica nos escritos de Boaventura.

Na produção intelectual de Eurico Alves Boaventura, a chegada de pessoas a Feira de Santana, oriundas dos diferentes lugares, não passou despercebida, como se poder perceber no fragmento da crônica intitulada *A velha e a nova cidade*:

⁵⁰⁶ Efetivado o promotor. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XL, num. 2145. 19 de agosto de 1950, p.1.

⁵⁰⁷ Osvaldo Pinheiro Requião. **Jornal Interação**. Feira de Santana (BA). Março/Abril 2000, p.3.

⁵⁰⁸ TORRES, Antonio. *Eurico em Alagoinhas: uma temporada entre luz e sombra*. In: SILVA, Aldo José Morais (org.) **História, poesia, sertão**: diálogos com Eurico Alves Boaventura. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010, p.186.

⁵⁰⁹ Aprovado em concurso. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLI, num. 2173. 3 de março de 1951, p.1. Nomeados e empossados. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLI, num. 2175. 17 de março de 1951, p.1.

⁵¹⁰ SOARES, Valter Guimarães. **Cartografia da saudade**: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja. Salvador: EDUFABA; Feira de Santana: Editora UEFS, 2009, p.20.

Até a quarta década do século metamorfoseava-se a velha cidade provinciana, em lenta sugestão de Capital minúscula. Em 1940, daí para frente, todavia, operou-se repentina transformação aqui na vida urbana [...] o comércio sacudiu a cidade. Onda e mais ondas de nortistas, de nordestinos [...] por aqui batiam. Outra já era a linguagem ouvida pelos cantos de rua, no meio das praças, no campo-de-gado, até mesmo na então heráldica e orgulhosa Avenida Senhor dos Passos [...] E aqui e ali burburinho de sombras saltando de paus-de-arara de auto-ônibus de longe, de muito longe. A maioria dos que pulavam dos carros se enquista na cidade, se ajeita no comércio. Acomoda-se depois, na sociedade, em tudo. Vira até doutor [...] E aquela gente, até então desconhecida feirenseizou-se. Viraram muitos dos chegantes bons comerciantes de vulto. Casaram-se muitos aqui. Têm esposas da terra outros tantos. E as esposas da terra filhas dos nortistas [...] ⁵¹¹

O saudosismo permeia a escrita de Boaventura como se pode perceber no trecho em destaque, no qual se registra somente o processo de incremento da economia na região, o processo de transformação da feição da cidade, onde se destaca a chegada dos “nortistas”, que passariam pelo processo de “feirensização”, e a emergência de novos grupos sociais na cidade.

Oswaldo Requião foi, certamente, uma dessas pessoas que chegou a Feira de Santana na década de 1940, ainda que que não fosse na condição migrante, pois tinha como principal credencial para adentrar a elite feirense a sua posição de promotor público e, posteriormente, de professor das duas principais escolas da cidade. Sua relação com a cidade foi marcada por ambiguidades, como demonstra o trecho do artigo publicado no *Folha do Norte* no dia 7 de fevereiro de 1953:

Provinciana ainda em muita coisa (perdoe-me os feirenses a coima), Feira vem assistindo de braços cruzados a êsse quotidianamente triste espetáculo que é, sem dúvida, o de sua infância e juventude desajustadas enveredando forte pela estrada escura do crime, sem que nada tenha promovido para valer-lhes...

Que se penitencie agora cerrando fileiras com as bandeiras A ESCOLA REGIONAL DE MENORES, cujo abençoado esforço de redenção não pode deixar de ter encontrado eco e ressonância na cristã alma coletiva dos 30.000 habitantes do rincão mais generoso da Bahia. ⁵¹²

Não é o objetivo analisar a situação dos menores de idade em Feira de Santana, mas salientar a cidade que Requião tinha contato em suas atividades como promotor público,

⁵¹¹ BOAVENTURA, Eurico Alves. **A paisagem urbana e o homem**: memórias de Feira de Santana. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006, p.84.

⁵¹² A Escola Regional de Menores. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLIII, n.2274. 07 de fevereiro de 1953, p.1.

rotariano e articulista na imprensa. Vincula-se a problemas sociais, como o citado anteriormente, à corrupção de autoridades e a problemas de infraestrutura da cidade, como os ocorridos por conta das constantes quedas de energia elétrica⁵¹³.

No fragmento destacado anteriormente, os termos “provinciana” e “rincão mais generoso da Bahia” expressam a relação ambígua que Requião desenvolveu com a cidade. Apesar do primeiro termo já ter sido utilizado por Boaventura, no texto de Requião possui uma conotação pejorativa, a ponto do próprio desculpar-se por utilizá-la, percepção que vem do lugar social que fala. Porém, Feira de Santana também foi representada de modo positivo quando se observa a utilização da qualificação de “rincão mais generoso da Bahia”. Somados os dois termos, marca-se a relação ambígua de Requião com a cidade.

Como promotor público, Requião se colocava em vários momentos no papel de crítico das autoridades públicas da cidade, fato este que, em alguns momentos, fazia com que angariasse muitos inimigos (a exemplo das denúncias em torno da cumplicidade de autoridades políticas e policiais com o jogo do bicho) e, em outros, mobilizasse a opinião pública a respeito de uma causa social, como a criação da Escola Regional de Menores, estabelecimento dedicado ao combate da “delinquência juvenil” – ainda que não o fizesse sozinho, em ambos os casos.

Nas páginas do jornal *Folha do Norte*, foram localizados vários artigos a respeito da instituição citada anteriormente, nos quais pode-se observar o engajamento de Osvaldo Requião como promotor público e como rotariano, no intuito de criar uma instituição de recuperação de menores delinquentes⁵¹⁴, assim como o engajamento do próprio Rotary Club de Feira de Santana⁵¹⁵, entre os anos de 1953 e 1960 – ano este de inauguração do então Instituto de Educação de Menores⁵¹⁶.

Desse modo, Requião ressaltou aspectos problemáticos da cidade, que se relacionavam direta ou indiretamente com os imigrantes em busca de emprego. Boaventura, por sua vez,

⁵¹³ D Carta a D. Energia Elétrica. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLIII, n.2288. 16 de maio de 1953, p.1. D. Energia Elétrica – essa velhota insuportável. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLIII, n.2290. 30 de maio de 1953, p.1. D. Anemia Elétrica “Speaks”. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLIII, n.2291. 6 de junho de 1953, p.1.

⁵¹⁴ Associação de Proteção á Infância. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLII, num. 2254. 20 de setembro de 1952, p.1. Atividades rotárias. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLIII, num. 2256. 4 de outubro de 1952, p.1. A Escola Regional de Menores. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLIII, n.2274. 07 de fevereiro de 1953, p.1. A Escola de Menores. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLIII, n.2302. 22 de agosto de 1953, p.1. Escola de Menores. Edital. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLIII, n.2540. 15 de março de 1958, p.1.

⁵¹⁵ A propósito da Semana da Criança. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVI, n. 2416. 29 de outubro de 1955, p.1. O Rotary e a prevenção da delinquência juvenil. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVI, n.2417. 05 de novembro de 1955, p.1. O Rotary e a prevenção da delinquência juvenil. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVI, n.2419. 19 de novembro de 1955, p.1.

⁵¹⁶ Mosaico. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano 51, n. 2662. 16 de julho de 1960, p.6.

permaneceu com a imagem idílica da cidade de sua infância se “modernizando” cada vez mais. Como a historiadora Ana Maria Carvalho dos S. Oliveira assinalou:

(...) as pessoas de municípios vizinhos e de outros estados que procuravam Feira de Santana, tinham motivações e interesses variados, desde os conflitos agrários, a fuga dos problemas decorrentes da estiagem prolongada no semi-árido, até a busca de saídas para os problemas familiares (...)⁵¹⁷

Entre os anos de 1940 a 1960, Feira de Santana se constituiu como polo atrativo para diferentes pessoas de cidades circunvizinhas e de outros estados, devido à imagem de pujança comercial. Apesar das “representações” que Requião e Boaventura teceram sobre a cidade, elas foram endereçados explicitamente de um para o outro. São leituras presentes na produção intelectual que ambos desenvolveram no período em análise. Chama-se a atenção para o fato de que Requião e Boaventura já se conheciam, uma vez que frequentaram os mesmos espaços na cidade: a Escola Normal, o Rotary Club, o *Folha do Norte* – todos em Feira de Santana – e foram colegas na Faculdade Livre de Direito, em Salvador.

No que diz respeito ao Rotary Club de Feira de Santana, ao que parece, apenas Requião era membro do Rotary. No entanto, Boaventura possuía credenciais intelectuais perante os membros da instituição, como na ocasião em que foi chamado para ministrar uma palestra, como se pode perceber no fragmento abaixo, publicado no *Folha do Norte*, em 9 de abril de 1955:

O Rotary Clube de Feira de Santana solidário com o júbilo da grande família rotária universal, realizará, na próxima terça-feira, um jantar comemorativo, para o qual foi organizado um programa especial. Falarão nessa oportunidade vários oradores, entre os quais o Dr. Eurico Alves, convidado para pronunciar a palestra do dia, além dos rotarianos Dr. Osvaldo Requião, Dr. Dival Pitombo, Dr. Áureo Filho e outros que exaltarão o transcurso da grande efeméride. Após o jantar será exibido, para os presentes, o filme cinematográfico A GRANDE AVENTURA, no qual está documentada a história de Rotary desde as suas origens até os nossos dias. Os Rotarianos estão convidando as autoridades locais e pessoas das suas relações para o ágape⁵¹⁸

O Rotary Club de Feira de Santana foi fundado em 2 de abril de 1941, constituindo-se “(...) como uma organização de líderes de negócio, empresários e profissionais, que buscou se

⁵¹⁷ OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950-1960)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008, p.63.

⁵¹⁸ Cinquentenário de uma grande instituição. **Folha do Norte**. Feira de Santana. 9 de abril de 1955. Ano XLV, n.2387, p.1.

integrar à comunidade ‘com o único objetivo de servir desinteressadamente’ (...)”⁵¹⁹. Fato este que corrobora para a afirmação de que o Rotary era uma instituição dedicada à filantropia, sem objetivo de proselitismo religioso, que congregava pessoas consideradas de prestígio social na cidade.

Conforme a socióloga Maria das Graças Setton, de modo semelhante ao Lions Club e à Maçonaria, o Rotary Club se constituiu como um espaço de distinção social, bem como espaço onde o indivíduo poderia acumular capital simbólico e capital social para si⁵²⁰. Ao adentrar nestas instituições, o indivíduo poderia formar uma rede de sociabilidade com pessoas que tivessem alguma influência em diversos setores da sociedade, sendo necessário que ocupasse uma posição de destaque na profissão que exercia.

O ingresso nesta instituição se fazia mediante convite de algum rotariano; e, durante a frequência do convidado, a instituição encaminhava uma proposta de admissão na instituição. O pedido era aceito mediante os resultados da investigação da vida do candidato (no que diz respeito à sua conduta moral e profissional) e da consulta aos membros da instituição sobre a aceitação do novo elemento no grupo⁵²¹.

Oswaldo Requião foi apresentado no Rotary Club de Feira de Santana por Armando Oliveira, em 14 de agosto de 1951⁵²², sendo admitido na instituição em 1952⁵²³, fato que corrobora para a confirmação dos processos mencionados anteriormente. Com a sua entrada no Rotary, adentrava mais um espaço da elite feirense, somando-se ao Jornal *Folha do Norte*, ao próprio Fórum de Feira de Santana e à Escola Normal.

Os espaços foram conquistados por um “forasteiro” mediante capital social e capital simbólico que possuía e que passava a acumular cada vez mais, tornando-o uma figura representativa no cenário da elite feirense, fato este que lhe possibilitava difundir a doutrina espírita na cidade em primeira página no principal jornal através das relações de sociabilidade que constituía neste e em outros espaços

Dentre os rotarianos que assistiram à palestra ministrada por Eurico Alves Boaventura no Rotary, foram descritos Áureo de Oliveira Filho (1902-1976) e Dival da Silva Pitombo (1915-1989). Nascido em Feira de Santana, o primeiro foi formado em Odontologia, pela

⁵¹⁹ SILVA, Kelman Conceição da. **Quem manda na Feira?** Política, classe e rearranjos de poder em Feira de Santana na Era Vargas (1930-1945). Dissertação (Mestrado em História Regional e Local). Santo Antonio de Jesus, Universidade do Estado da Bahia, 2012, p.127.

⁵²⁰ SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Rotary Club:** habitus, estilo de vida e sociabilidade. São Paulo: Annablume, 2004, p.91.

⁵²¹ SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Rotary Club:** habitus, estilo de vida e sociabilidade. São Paulo: Annablume, 2004, p.118.

⁵²² Semanal Rotary. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLI, num.2197. 18 de agosto de 1951, p.1.

⁵²³ Semanal Rotary. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLII, num.2244. 12 de julho de 1952, p.1.

Faculdade de Odontologia da UFBA, vereador e deputado estadual em diferentes legislaturas e fundou o Colégio Santanópolis⁵²⁴, único estabelecimento de ensino secundário da região de Feira de Santana em 1942, tido, na época, como um sintoma de progresso urbano da cidade⁵²⁵.

Também formado em Odontologia, Dival Pitombo se destacou na cidade de Feira de Santana por ter sido o diretor da Escola Normal durante muitos anos, sendo uma das figuras cuja residência era famosa pelos eventos que atraíam a elite feirense no período⁵²⁶. Os laços de amizade existentes entre Áureo Filho, Dival Pitombo e Osvaldo Requião, em face das relações que travaram nas instituições escolares citadas, certamente foram relevantes para o ingresso de Requião no Rotary, bem como o espaço que conseguiu no *Folha do Norte*.

Deve-se chamar a atenção para o fato de que, em algumas de suas séries de artigos na coluna *À vol d'oiseau*, Osvaldo Requião fazia dedicatória dos textos que publicava tanto Áureo Filho quando a Dival Pitombo⁵²⁷, bem como a outros membros da elite feirense, como Arnold Silva, José Luís Navarro e Arlindo Pitombo⁵²⁸. A dedicatória e as relações com estes indivíduos de projeção social na cidade, alguns dos quais se relacionam diretamente com a imprensa feirense, permitiu a Requião se inserir em diversos espaços sociais, ainda que professasse o Espiritismo, ostensivamente, como sua religião, diferentemente de seus colegas do Rotary ou do Colégio Santanópolis.

No que diz respeito aos indivíduos aos quais foram dedicados os artigos, cabe identificá-los e situá-los na realidade social da cidade: Arnold Silva (1894-1965) era proprietário, juntamente com seus dois irmãos, Dálvaro e Raul Ferreira, do jornal *Folha do Norte*⁵²⁹, além de ter governado Feira de Santana entre 31 de janeiro de 1959 e outubro de 1962⁵³⁰; José Luís Navarro Silva foi professor da Escola Normal e Ginásio Estadual de Feira de Santana, além de trabalhar na redação do *Folha do Norte*⁵³¹; e, por fim, Arlindo Pitombo, que também era professor no Colégio Estadual⁵³².

⁵²⁴ ALMEIDA, Oscar Damião. **Dicionário de Feira de Santana**. Feira de Santana: Santa Rita, 2006, p.187.

⁵²⁵ OLIVEIRA, Sandra Nívea Soares de. **Um modelo de estabelecimento de ensino: o Colégio Santanópolis na cidade de Feira de Santana (1934-1959)**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014, p.20.

⁵²⁶ ALMEIDA, Oscar Damião. **Dicionário de Feira de Santana**. Feira de Santana: Santa Rita, 2006, p.195.

⁵²⁷ A Missão do Infante de Sagres. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). 21 de julho de 1960. Ano 51, n.2663, p.1.

⁵²⁸ Livre arbítrio e determinismo III. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). 3 de setembro de 1960. Ano 51, n.2669, p.1.

⁵²⁹ ALMEIDA, Oscar Damião. **Dicionário de Feira de Santana**. Feira de Santana: Santa Rita, 2006, p.185.

⁵³⁰ Idem, p.165.

⁵³¹ Prof. José Navarro Silva. **Folha do Norte**. Feira de Santana (BA). Ano XLVIII, n.2537. 22 de fevereiro de 1958, p.1.

⁵³² ALMEIDA, Oscar Damião. Op. Cit., p.185

Não se pode afirmar que tais indivíduos comungavam da mesma confissão religiosa de Requião. Todavia, depreende-se que havia uma tentativa de legitimação da coluna *À vol d'oiseau*, cerne do proselitismo e militância religiosa de Requião, ao dedicar algumas séries de textos aos indivíduos mencionados anteriormente. Ao lado dos indivíduos a quem dedicou seus textos, bem como daqueles que estavam no *Folha do Norte*, na Escola Normal e no Rotary, Requião participava de uma elite letrada em Feira de Santana, sendo tais espaços ambiente onde se poderia construir sua rede de sociabilidade. Ao que parece, a Escola Normal e o Colégio Santanópolis foram dois dos espaços que lhe possibilitaram entrar em contato com a elite local e adentrar espaços para prestígio e reconhecimento social.

Ao discutir a prática do mecenato, analisando a biblioteca dos reis, Roger Chartier observou que “(...) aceitando ou recusando a dedicatória, o soberano se encontra em posição de dar legitimidade ou, ao contrário, de desqualificar uma obra (...)”⁵³³. Além disso, o historiador francês afirmou também que “(...) em troca do livro dedicado, oferecido e aceito, obrigava aquele que recebe a dedicatória a dar proteção, emprego ou retribuição (...)”⁵³⁴. No caso das dedicatórias de Osvaldo Requião, pode-se concluir que teriam a função de respaldar sua fala, demonstrando as relações que possuía na cidade – perante as comunicações católicas, no *Folha do Norte*, que colocavam o Espiritismo como heresia –, bem como acumular capital social e simbólico para si próprio no meio espírita feirense.

O silêncio existente entre Osvaldo Requião e Eurico Alves Boaventura chega a ser surpreendente, uma vez que ambos pareciam se ignorar mutuamente. No entanto, pelos dados apresentados, observa-se que, Boaventura poderia falar de Feira de Santana como alguém de dentro da cidade e tendo ao seu lado a “herança familiar” social, Requião procurou formas de rede de amizade e sociabilidade em espaços da elite feirense que garantissem a um “forasteiro” visibilidade nos diferentes papéis que desempenhou na cidade: professor, promotor, articulista, rotariano e militante espírita.

4.3.3 Sob o prisma da religião

A religião também seria outro ponto de divergência na percepção de Boaventura e Requião e, conseqüentemente, da produção intelectual de ambos a respeito da cidade,

⁵³³ CHARTIER, Roger. **Formas e sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Tradução Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003, p.69.

⁵³⁴ Idem, p.77-78.

percepção esta pautada no lugar social de que cada um fala: o primeiro como um feirense católico e o segundo como um “forasteiro” espírita que “se tornou” feirense.

De acordo com Elizete da Silva, “o olhar euriquiano, forjado a partir da hegemonia do catolicismo, omitiu outras expressões religiosas que existiam no campo religioso feirense (...)”⁵³⁵. De acordo com Silva, a presença de grupos candomblecistas, protestantes e espíritas foram silenciados nos escritos de Eurico Alves Boaventura, não fazendo parte, portanto, de sua cartografia sobre a cidade. Tal fato demonstra o caráter seletivo da memória, bem como sua utilização como afirmação de uma identidade que, no caso de Boaventura, vinculava-se ao Catolicismo. Cabe ainda afirmar que, pelo fato de a literatura memorialista da cidade, de maneira geral, ter sido escrita por católicos, os outros grupos religiosos, quando não são omitidos, são colocados de modo a desqualificá-lo ou minimizar a sua atuação na formação cultural da cidade.

Como um dos difusores do Espiritismo em Feira de Santana, Requião empreendeu como principal meio a divulgação através de coluna e comunicações no *Jornal Folha do Norte*, palestras nos centros espíritas da cidade e apoio às campanhas filantrópicas desenvolvidas por seus confrades espíritas entre as décadas de 1940 e 1960. Estas atividades foram omitidas nos escritos de Boaventura, não somente no que diz respeito à atuação de Requião, mas também dos próprios grupos espíritas na cidade, como a criação do abrigo para idosos *Lar do Irmão Velho* e as atividades filantrópicas que também foram desenvolvidas por grupos protestantes, como o “Orfanato Evangélico da Assembléia de Deus (OEAD), a Associação dos Menores Abandonados (AMA) e (...) o Centro de Recuperação Desafio Jovem (CRDJ), entidades criadas ao longo das décadas de 1950 a 1980”⁵³⁶

Como salientou Elizete da Silva, ao discutir a obra poética de Eurico Alves Boaventura,

O lugar sociocultural do poeta Boaventura era o de um fidalgo católico, nacionalista, sertanista (...) Para o poeta feirense, o catolicismo era uma espécie de religião cívica, forjadora da nacionalidade e da civilidade brasileira. As outras manifestações religiosas existentes no cenário religioso local eram silenciadas, ou por considerá-las estrangeiras ou dignas de pouco crédito para constar na sua elegia à terra natal⁵³⁷

⁵³⁵ SILVA, Elizete da. *O campo religioso feirense: um olhar poético*. In: SILVA, Aldo José Morais (org). **História, poesia, sertão**: explorando a obra de Eurico Alves. Feira de Santana: UEFS, 2010, p.129.

⁵³⁶ SILVA, Igor José Trabuço da. “**Meu reino não é deste mundo**”: a Assembléia de Deus e a política em Feira de Santana (1972-1990). Dissertação (Mestrado em História). Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2009, p.94.

⁵³⁷ SILVA, Elizete da. *O campo religioso feirense: um olhar poético*. In: SILVA, Aldo José Morais (org). **História, poesia, sertão**: explorando a obra de Eurico Alves. Feira de Santana: UEFS, 2010, p.136.

Provavelmente, ser um “forasteiro” e propagador do Espiritismo na cidade de Feira de Santana são aspectos que marcaram o silêncio em torno de sua figura e atuação na cidade, no que se refere à literatura memorialística feirense, sendo lembrado no meio espírita local apenas nos primeiros centros espíritas que se organizaram na cidade. Os relatos biográficos de Helder Alencar e Eusino Lavigne, vinculados no *Folha do Norte*, são exemplos que destoam da posição geral sobre Requião em Feira de Santana.

No que tange à principal, senão a única, obra memorialista sobre o Espiritismo na Bahia, escrita por Lúcia Loureiro, a ausência de Osvaldo Requião no rol dos espíritas baianos perfilados também chama a atenção. No último capítulo de *Memórias históricas do Espiritismo na Bahia*, Loureiro faz um mapeamento com breve biografia daqueles espíritas baianos que se vincularam ao movimento espírita nacional e local tendo alguma projeção; porém, ressalta-se a atividade dos espíritas que atuaram na capital do estado da Bahia e conseguiram se projetar nacionalmente no movimento espírita.

Lideranças de cidades do interior do Estado, a exemplo de Osvaldo Requião, não configuraram nesse mapeamento realizado por Loureiro, fato este que pode ser compreendido quando se observam as disputas existentes não somente dentro do próprio movimento espírita, mas também pela predileção por órgãos representativos do Espiritismo na Bahia, como as instituições espíritas localizadas em Salvador.

A produção intelectual espírita de Requião, até então localizada, restringiu-se à publicação de artigos em jornal, com exceção do prefácio do livro *O fenômeno Tio Juca*, de Eusínio Lavigne. Outro aspecto diz respeito ao fato de que Requião se destacou pelas polêmicas que se envolveu e ficaram dimensionadas a uma cidade, não mobilizando opiniões no movimento espírita baiano como um todo, ainda que dialogasse com as discussões do período; e, por fim, pelo fato dele não ter exercido atividade de cunho mediúnico, como psicografia, curas, dentre outras práticas espíritas mais populares e divulgadas e que foram espetacularizadas pela imprensa da época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inserido no contexto de difusão de ideias, como o evolucionismo cultural, positivismo e darwinismo, o Espiritismo teve sua inserção pavimentada pelo mesmerismo e a homeopatia. Inicialmente, difundiu-se através da perspectiva terapêutica, em que a aplicação de passes e prescrição de receitas mediúnicas teve papel relevante. Posteriormente, produziu contornos específicos quando se observa a produção da literatura mediúnica de Chico Xavier.

O estabelecimento da doutrina espírita no país não deixou de gerar conflitos com a Igreja Católica, uma vez que o campo religioso brasileiro era hegemonicamente católico, bem como a medicina, um saber que procurava se consolidar no período. Nesse primeiro momento, o Espiritismo era representado pelo discurso religioso católico como heresia e pelo discurso médico e jurídico como crime de charlatanismo e curandeirismo, de modo que alguns médiuns foram perseguidos pela polícia.

Observa-se que a atuação de sujeitos representativos, como Teles de Menezes e Bezerra de Menezes, no século XIX, e Chico Xavier, Luiz Gasparetto e Divaldo Franco, no século XX, foi um dos fatores que possibilitaram a inserção e estabelecimento da doutrina espírita no Brasil, uma vez que alcançou visibilidade para a doutrina dentro e fora do campo religioso brasileiro. Desse modo, tais intelectuais espíritas, ao mesmo tempo em que davam um contorno específico ao Espiritismo, tendo como matriz as obras de Kardec, possibilitavam incursões no campo religioso, mesmo diante de ataques de outros grupos, que procuravam desqualificá-lo, como fizeram os católicos e os protestantes.

No intuito de fortalecer o grupo, publicações como *O Reformador*, instituições como a Federação Espírita Brasileira e movimentos como o Pacto Áureo e a Caravana da Fraternidade foram sendo implementados na tentativa de homogeneizar a doutrina espírita no país. Além das disputas existentes entre católicos, espíritas e protestantes, havia no campo espírita os chamados espíritas científicos e os pejorativamente denominados de místicos. Enquanto os primeiros defendiam o Espiritismo como uma ciência, como preconizou Allan Kardec, o outro grupo proclamava o aspecto religioso, os fenômenos. No entanto, cabe salientar que os místicos se subdividiam entre os kardecistas e os roustainguistas, formando, assim, dissidências no Espiritismo brasileiro.

Em Feira de Santana, os grupos espíritas começaram com reuniões domésticas e com o crescimento do número de adeptos, cuja maioria era formada por comerciantes e letrados. Formaram-se os primeiros centros espíritas fora dos limites do centro da cidade no período: Centro Espírita Paz dos Sofredores (1937), Centro Espírita Jesus de Nazaré (1942) e

Sociedade de Estudos Espíritas Feirense (1953). Desse modo, os templos católicos se impuseram na principal área da cidade como um emblema da hegemonia da Igreja Católica no campo religioso feirense.

As atividades filantrópicas e a utilização da imprensa foram os principais meios utilizados pelos espíritas para se inserir e se estabelecer na cidade. Dentre as atividades filantrópicas, cabe destacar a criação de um abrigo para idosos e campanhas de doação de agasalhos realizadas pelos centros espíritas, com base na prédica kardequiana de que “fora da caridade não há salvação”.

No que tange aos usos da imprensa pelos espíritas em Feira de Santana, cabe enfatizar que os espíritas foram um dos grupos religiosos que mais se fizeram presentes nos periódicos da cidade por intermédio da publicação de comunicações das atividades dos centros e instituições espíritas da cidade, comunicados de mudança de diretoria e, principalmente, colunas dedicadas a discutir as doutrinas espíritas. Em um dos principais jornais da cidade, o *Folha do Norte*, duas colunas se fizeram presentes: *À vol d’oiseau*, assinada por Alonso de Miraval, pseudônimo do promotor público e professor de Língua Portuguesa Osvaldo Requião, que esteve presente no citado periódico entre os anos de 1952 e 1962 e publicou várias séries de textos a discutir as doutrinas espíritas, polemizando com católicos e protestantes; e a coluna denominada *Espiritismo*, presente no jornal *Folha do Norte* a partir do ano de 1963 até a década de 1970, onde foram publicados sobre as atividades do Centro Espírita Jesus de Nazaré, bem como notícias sobre a expansão da doutrina espírita em países como as Filipinas e textos que procuravam respaldar a doutrina espírita cientificamente por meio da Parapsicologia. Apesar da identificação com o grupo religioso, a coluna *Espiritismo* não possuía a identificação de quem a assinava, sendo possível afirmar somente que se vincula ao Centro Espírita Jesus de Nazaré.

No jornal *Gazeta do Povo*, concorrente do *Folha do Norte*, a coluna *Religiões e Cultos*, presente entre os anos de 1959 a 1960, trazia diferentes grupos religiosos em suas páginas, como católicos, espíritas e protestantes. Desse modo, a coluna em questão publicava texto de grupos religiosos cristãos, demarcando que religião era o Cristianismo, sendo as demais classificadas como cultos.

Na presente dissertação, foi discutida a trajetória de Osvaldo Pinheiro Requião durante as décadas de 1940 a 1960, na cidade de Feira de Santana, período de estabelecimento do Espiritismo no campo religioso feirense. Através da documentação utilizada, foi possível discutir não somente o engajamento de Requião no movimento espírita feirense, mas também

a formação dos principais centros espírita da cidade, os agentes espíritas locais e as atividades filantrópicas desenvolvidas por estes.

A análise sobre a trajetória de Osvaldo Requião possibilitou verificar o engajamento desse espírita em uma área de atuação específica, a imprensa. Além disso, a presente análise possibilitou discutir como um “forasteiro” acumulou capital simbólico e se inseriu em diversos espaços da elite feirense católica e letrada.

O engajamento de Requião como militante espírita no movimento espírita feirense se deu por meio de sua atuação na imprensa local, especificamente, na coluna *À vol d’oiseau*, entre 1953 e 1962, no Jornal *Folha do Norte*, periódico no qual foi um dos colaboradores mais prolíficos. Nesta coluna, Requião publicou cerca de oito séries de textos, nas quais debateu sobre a reencarnação, a relação entre o bíblico e o Espiritismo, o Ensino Religioso na ótica espírita e o conceito de religião.

A publicação de tais textos não deixou de gerar conflitos religiosos, a exemplo do travado com o frade capuchinho Frei Joaquim, que desqualificou o Espiritismo e o rotulou como heresia – discurso este presente em diversos textos publicados no *Folha do Norte*. A polêmica se deu em face do ensino apologético católico defendido pelo sacerdote católico na escola onde a filha de Requião estudava. Por intermédio desta polêmica, foi possível discutir as disputas existentes no campo religioso feirense, bem como no campo religioso brasileiro, e a influência do Catolicismo no ensino público.

Mais amistoso foi o diálogo entre Requião e o Reverendo João Dias de Araújo sobre as relações entre o Espiritismo e o texto bíblico, especificamente o caráter cristão da doutrina espírita. Através desse diálogo, percebeu-se que as relações entre grupos religiosos não se limitam à repulsa, apesar de discordâncias doutrinárias – no entanto, a posição de Rev. João Dias não era dominante nos grupos protestantes brasileiros, que desqualificavam o Espiritismo.

Nos textos da coluna *À vol d’oiseau*, foi possível discutir as principais referências literárias do pensamento de Requião, como os livros de Allan Kardec, bem como o de seus revisores (Jean-Baptiste Roustaing, Pietro Ubaldi e Osvaldo Polidoro), autores esotéricos e livro de Parapsicologia. Estas referências possibilitam entender as ideias que estavam difundidas em alguns segmentos do Espiritismo em Feira de Santana representados por Osvaldo Requião.

Destacam-se também, na trajetória de Requião, seu engajamento em atividades como: palestrante espírita, presidência da *Confraternização Espírita Feirense* – instituição que

procurou unificar os grupos espíritas feirenses – e atividades filantrópicas na imprensa e no Centro Espírita Jesus de Nazaré – uma das instituições espíritas da qual foi membro.

De maneira geral, a perspectiva discutida sobre a figura de Requião enquanto intelectual e espírita remete, em termos, à trajetória de Allan Kardec, cujo trabalho foi sistematizar as mensagens recebidas por diversos médiuns em um *corpus* coerente – Kardec se destacou como intelectual e não como médium no contexto francês.

A análise da trajetória de Requião possibilitou conhecer as lideranças locais do Espiritismo em Feira de Santana, entre as quais ele pode ser incluído. Quando se discute a história do Espiritismo no Brasil, vincula-se esta religião a figuras como os médiuns Bezerra de Menezes, Chico Xavier, Zé Arigó e Divaldo Franco, além de lideranças fora dos grandes centros urbanos brasileiros.

No entanto, apesar do engajamento de Requião e sua representatividade no estabelecimento do Espiritismo em Feira de Santana, havia um desconhecimento sobre sua atuação seja como espírita ou figura pública na cidade – com exceção dos dois primeiros centros, o Centro Espírita Paz dos Sofredores e o Centro Espírita Jesus de Nazaré. Dentre os elementos que podem auxiliar a compreensão desse esquecimento, pode ser citado o fato de Requião empreender uma concepção não hegemônica da doutrina espírita, como Roustaing, Ubaldi e Polidoro, concepções estas que perderam cada vez mais espaço, sobretudo a partir da consolidação da figura de Chico Xavier no cenário espírita brasileiro.

Ainda que tivesse se inserido em diversos espaços da elite local de Feira de Santana e acumulasse capital simbólico, Requião permanecia como “forasteiro” perante esta elite. Sendo assim, sua atuação enquanto liderança espírita foi silenciada no movimento espírita feirense e na literatura memorialista da cidade, de modo que os “lugares de memória” nos dois primeiros centros espíritas da cidade permanecem como ato de resistência contra o soterramento de sua memória.

Dentre as dificuldades que ocorreram no decorrer desta pesquisa, cabe citar o fato de que parte da documentação referente à dinâmica interna dos centros e instituições espíritas, como atas de reunião e boletins internos, não puderam ser acessadas por terem estragado ou não mais existirem. Desse modo, a análise sobre os grupos e instituições espíritas feirenses recaiu sobre as relações destas com a sociedade feirense em geral, principalmente com a imprensa.

No que tange à biografia de Osvaldo Requião, as informações discutidas nesta pesquisa foram aquelas publicizadas por ele em alguns textos da coluna *À vol d’oiseau*. No entanto, dados como a sua atuação como palestrante no estado da Bahia e em Sergipe – no

que diz respeito à abordagem do Espiritismo – foi uma das questões que não puderam ser discutidas em face da superficialidade dos dados.

A inserção e o estabelecimento do Espiritismo em Feira de Santana não podem ser atribuídos a Requião, mas a uma plêiade de indivíduos que se engajaram em diversas áreas de atuação da doutrina espírita, como a filantropia. No entanto, por meio da análise de sua trajetória, foi possível perceber parte do processo de formação do movimento espírita local e semelhanças como o Espiritismo brasileiro, bem como as singularidades.

O objetivo deste trabalho não foi determinar uma visão monolítica sobre Osvaldo Requião, uma vez que é possível formular outras perguntas sobre sua trajetória pautando-se no mesmo conjunto de fontes analisado.

FONTES

Fontes periódicas

Jornal Folha do Norte – Museu Casa do Sertão/UEFS

Jornal Gazeta do Povo – LABELU/UEFS

Jornal Interação – Arquivo Centro Espírita Jesus de Nazaré

O Reformador. Disponível em

<http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/index.php/reformador/ano/1957>

Fontes literárias

Setembro na Feira, de Juarez Bahia – Biblioteca Central Julieta Carteadó/UEFS

Fontes iconográficas

Fotografias de Osvaldo Requião (não datada) – Arquivo Pessoal de Noêmia Requião (Gentilmente cedido por Suzi Barboni)

Entrada do Centro Espírita Jesus de Nazaré – Acervo do autor

Interior do Centro Espírita Paz dos Sofredores – Acervo do Autor

Memórias

ALMEIDA, Oscar Damião. **Dicionário de Feira de Santana**. Feira de Santana: Santa Rita, 2006. – Biblioteca Central Julieta Carteadó/UEFS

LOUREIRO, Lúcia. **Memórias históricas do Espiritismo na Bahia: repercussão no Movimento Espírita Brasileiro**: Salvador, s p c, 1994.

PINTO, Raymundo A. C. **Pequena história de Feira de Santana**. Feira de Santana: Sicla, 1971. – Biblioteca Central Julieta Carteadó/UEFS

Dicionários personativos

ALMEIDA, Oscar Damião. **Dicionário de Feira de Santana**. Feira de Santana: Santa Rita, 2006, p.185.

MODESTO, George Frago. **Bacharéis, mestres e doutores em Direito**. 2ª ed. Salvador: Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, 1996, p.177.

Documentos manuscritos

Arquivo de Noêmia Requião (Gentilmente cedido por Suzi Barboni)

Prece escrita por Osvaldo Requião. Chique-chique, 18 de julho de 1936.

Correspondência de Osvaldo Requião a Ariene Lustosa. Bonfim, 27 de janeiro de 1937.

A Lição de Ariene. O mistério da Morte e do Renascimento. 15 de agosto de 1944.

Poemas. Setembro de 1936.

Obras espíritas

AMORIM, Deolindo. **Africanismo e Espiritismo**. PENSE – Pensamento Social Espírita, 2011.

CONSERVA, Socorro. **Marchas Recíprocas (Preconceito X Religião)**. Feira de Santana: Nordeste Gráfica e Editora Ltda, 1997.

KARDEC, Allan. **Livro dos Médiuns**. Tradução Guillon Ribeiro. 81 ed. Brasília: FEB, 2013.

- KARDEC, Allan. **O céu e o inferno**. Tradução de Manuel Quintão. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. (Edição Histórica) Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003.
- LOUREIRO, Carlos Bernardo. **Mulheres médiuns**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2008.
- XAVIER, Chico. **Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho**. Pelo espírito de Humberto de Campos. 34ª ed. Brasília: FEB, 2013.

Outras fontes

- MAGNO, Joel. Necrológio. Vai um homem – fica um nome. Escreveu J. Magno – Lida no Programa de rádio Atrações J. Magno em 30.09.66 – **Rádio Sociedade de Feira de Santana**. Manuscrito datilografado. Arquivo Pessoal de Noêmia Requião. (Gentilmente cedido por Suzi Barboni)
- REQUIÃO, Osvaldo. **Os nomes próprios personativos e a ortografia em vigor**. Tese de concurso para ingresso no quadro docente da Escola Normal (atual Instituto de Educação Gastão Guimarães). Feira de Santana (1959) – Biblioteca Central Julieta Carteadó/UEFS

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ABREU, Márcia. *Prefácio: Percursos da leitura*. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.
- ALMEIDA, Luciane Silva de. **“O comunismo é o ópio do povo”**: representações dos batistas sobre o comunismo, o ecumenismo e Governo Militar na Bahia (1963-1975). Dissertação (Mestrado em História). Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2010.
- ALMEIDA, Vasni. *Ensino Religioso ou Educação Moral e Cívica? A participação de Guaraci Silveira na Assembléia Nacional Constituinte de 1933/1934*. **Revista de Educação do Cogeme**. A n o 11 - n0 21 - dezembro / 2002.
- ALVES, Rubem. **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Ática, 1979.
- AMORIM, Pedro Paulo. *Muito além da unidade: a cisão no movimento espírita*. In: ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido (org.). **Espiritismo e religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.
- ARAIA, Eduardo. **Espiritismo: doutrina de fé e ciência**. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- ARAÚJO, José Fernando Souza. **“Os espíritas chegam a Feira”**: formação do Espiritismo em Feira de Santana. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em História. UEFS, 2009.
- ARIÉS, Philippe. **O homem diante da morte**. 2ªEd. Rio de Janeiro: F. Alves, 1989, p.31. (Vol.1)
- ARRIBAS, Célia das Graças. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Tradutores Maria Luiza Guarnieri Atik et al. Maceió: EDUFAL, 2009.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**, vol. 1. 5ª ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos anos dourados*. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- BASTOS, Camila Noemia Rener Santos. **“O segredo de uma família feliz”**: representações sobre a família entre as Testemunhas de Jeová em Santo Estevão/BA (1970-2001). Dissertação (Mestrado em História). Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2014.

BATISTA, Silvânia Maria. **Conflitos e comunhão na festa da padroeira em Feira de Santana**. Monografia (Especialização em Teoria e Metodologia da História) – UEFS, Feira de Santana, 1997.

BORGES, Vavy Pacheco. *Fontes biográficas. Grandezas e misérias da biografia*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto: 2005.

BOURDIEU, Pierre, CHARTIER, Roger. *A leitura, uma prática cultural*. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. 4ª ed. Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

_____. *A gênese dos conceitos de habitus e de campo*. In: **O poder simbólico**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. *A ilusão biográfica*. In: **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução de Mariza Correa. Campinas, SP: Papirus, 1996.

_____. *Gênese e estrutura do campo religioso*. In: **A economia de trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRAGA, Célia M. Leal. **O Kardecismo em Salvador**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1975.

BRITO, Charlene José de. **Da assistência à resistência: ecumenismo presbiteriano, mendicância, migração e luta pela terra na Bahia (1968-1990)**. Dissertação (Mestrado em História). Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2013.

BURKE, Peter. *História como memória social*. In: **Variedade de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAIRES, Elizaherte Ramos. História de fundação da Loja Maçônica Luz e Fraternidade nº 14 Or. de Feira de Santana/Ba. Disponível em <http://www.luzefraternidade.org.br/historia.php>. Acessado em 27/06/13.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Católicos, protestantes, espíritas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

CAMURÇA, Marcelo. “*Fora da caridade não há religião*”. *Breve história da competição religiosa entre catolicismo e espiritismo kardecista e de suas obras sociais na cidade de Juiz de Fora: 1900-1960*. **Revista Locus**. Juiz de Fora, vol 7, n. 1, 2001.

CASTELLUCCI, Aldrin A. S. *Classe e cor na formação do Centro Operário da Bahia (1890-1930)*. **Afro-Ásia**. 41 (2010).

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. *As práticas da escrita*. In: CHARTIER, Roger. **História da vida privada, vol. 3**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.153.

_____. **Formas e sentido.** Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Tradução Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

CÔRREA, Diego Carvalho. **O futuro do passado:** uma cidade para o progresso e, o progresso para a cidade (1967-1971). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, 2011.

COUTO, Edilece Souza. *Considerações sobre a produção historiográfica das religiões e religiosidades na Bahia.* In: DIAS, André Luis Mattedi, COELHO NETO, Eurelino Teixeira, LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros (orgs.). **História, cultura e poder.** Feira de Santana: UEFS Editora; Salvador: EDUFBA, 2010.

COUTO, Mia, **Cada homem é uma raça.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

COUTO, Nadia Regia Almeida. **Educação, imprensa e modernização:** um estudo histórico da formação do jornalista no Brasil. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Criciúma, 2007.

CUNHA, Maria Teresa. *Diários Pessoais. Territórios abertos para a História.* In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, Nayara Fernandes de Almeida. **Os coronéis e os outros:** sujeitos, relações de poder e práticas sociais em Feira de Santana (1907-1927). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, 2013.

DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo:** advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DE BOTTON, Allain. **Nos mínimos detalhes.** Tradução de Marta Schmidt. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DUBY, George. **Ano 1000, ano 2000:** na pista de nossos medos. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

ECO, Umberto. **O segundo diário mínimo.** Tradução de Sergio Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

FERNANDES, Magali Oliveira. **Vozes do céu:** os primeiros momentos do impresso kardecista no Brasil. São Paulo: Annablume, 2010.

FERREIRA, Jorge. *1946-1964: a experiência democrática no Brasil.* **Tempo.** Universidade Federal Fluminense (UFF). Vol. 14, nº.28, jan./jun. 2010. – Niterói: EdUFF, 2010.

GANDON, Tania Risério d'Almeida. *Entre memória e história: tempos múltiplos de um discurso a muitas vozes.* **Projeto História.** São Paulo, 22, jun. 2001, p.139-155.

GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem**. Tradução de Mariano Ferreira. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GIUMBELLI, Emerson. *Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais*. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 1997, v.40, nº2.

_____. *O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos*. **Horizontes antropológicos**. Vol.9 nº.19 Porto Alegre, julho 2003.

_____. **O cuidado dos mortos**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 2. Tradução Carlos Nelson Coutinho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

GRUMAN, Marcelo. *O lugar da cidadania: Estado moderno, pluralismo religioso e representação política*. **Rever - Revista de Estudos da Religião**. Nº 1, 2005.

IMPRESA em Feira de Santana: periódicos. Disponível em <http://www.feiradesantanna.com.br/imprensa.htm>. Acessado em 9/12/11.

ISAIA, Artur Cesar. *A República e a teologia histórica do Espiritismo*. In: ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido (orgs). **Espiritismo e religiões afro-brasileiras**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

_____. *Hierarquia católica e religiões mediúnicas no Brasil da primeira metade do século XX*. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: EDUFSC, n.30, p.239-252, outubro de 2001.

JESUS, Leonardo Ferreira de. **“Ventos venenosos”**: o Catolicismo diante da inserção do Protestantismo e do Espiritismo na Bahia durante o arcebispado de Dom Manoel Joaquim da Silveira (1862-1874). Texto de Exame de Qualificação. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia 2014.

LÁZARO, João Pedro Prado Mercês. **Notícias de uma disputa**: acirramento político entre PSD e UDN em Feira de Santana através dos jornais Gazeta do Povo e Folha do Norte (1959-1964). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). UEFS, Feira de Santana, 2012.

LE GOFF, Jacques. *Documento/monumento*. In: **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão...[et. al.]. 4ª. ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996.

LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LEWGOY, Bernardo. *A transnacionalização do Espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial*. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 28(1), 2008.

_____. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no Espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade de São Paulo. 353f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2000.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Fotografia. Usos sociais e historiográficos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2012, p.29-60.

LIMONA, Ileana de las Mercedes Hodge. **Cultura de resistência de uma identidade cultural: a Santería cubana e o Candomblé brasileiro (1950-2000)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal da Bahia, 2009.

LOPES, Webber. *Divaldo Franco*. **História Viva**. Duetto. Especial grandes temas, n.º53.

LUCA, Tania Regina de. *Fontes impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas** (org.). São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Leituras, projetos e (re)vistas do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Religião, família e individualismo*. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; HEILBORN, Maria Luiza; BARROS, Myriam Lins de; PEIXOTO, Clarice (orgs.). **Família e religião**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006, p.89-112.

MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o Espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis**. Niterói: Publicações Lachântre, 1996.

MATA, Sérgio da. **História e religião**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MIGUEL, Sinuê Neckel. *O Espiritismo frente à Igreja Católica em disputa por espaço na Era Vargas*. **Revista Esboços**. Florianópolis, v.17, n.24, 2010.

MODESTO, George Fragoso. **Bacharéis, mestres e doutores em Direito**. 2ª ed. Salvador: Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, 1996.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, Tânia Penido. *Comunicação escrita sobre uma pesquisa oral*. **Revista FAEEBA**, Salvador, n.º. 3, jan./dez. 1994, p.108-121.

MORAIS, Ana Angélica Vergne de et al. **Aloísio Resende: poemas com ensaios críticos e dossiê**. Feira de Santana: UEFS, 2000.

MORGADO, Chablik de Oliveira. **O Espiritismo no Jornal Folha do Norte (Feira de Santana, 1940-1962)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em História. UEFS, 2012.

MOVIMENTOS Dissidentes no Espiritismo. Disponível em <http://www.espiritnet.com.br/Opinio/Ano2003/opinio09.htm>. Acessado em. 18/08/2014.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. **Projeto História**. Tradução Yara Aun Khoury. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História, PUC-SP, nº 10, dez.,1993.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950-1960)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. **“Canções da cidade amanhecendo”**: memórias urbanas, silêncios e esquecimentos em Feira de Santana, 1920-1960. Tese (Doutorado em História). UNB. Brasília. 2011.

_____. **De Empório à Princesa do Sertão**: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937). Dissertação Mestrado em História. FFCH/UFBA, Salvador, 2000.

OLIVEIRA, Sandra Nívea Soares de. **Um modelo de estabelecimento de ensino**: o Colégio Santanópolis na cidade de Feira de Santana (1934-1959). Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PASSOS, João Décio. *Ensino religioso: mediações e finalidades pedagógicas*. In SENA, Luzia (org.). **Ensino religioso e formação docente**. São Paulo: Paulinas, 2006.

PAULA, Débora Clasen de. Teosofia e espiritismo nas cartas da Baronesa de Três Serros (1899-1918) **Anais XVII Simpósio Nacional de História – ANPUH**. Rio Grande do Norte, junho de 2013, p.7. Disponível em http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371333540_ARQUIVO_textoparaANPUH2013.pdf

PEREIRA, Danillo Rangell Pinheiro. **Concepções da história na Teologia da Libertação e conflitos de representação na Igreja Católica (1971-1989)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Os ecos do sul: Porto Alegre e o seu duplo (1890-1924)*. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre**. 2ª Ed. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.

PINHEIRO, Gilmara Ferreira de Oliveira. **Os “monges de branco” e os sertões das Jacobinas**: Catolicismo e Restauração nas ações missionárias de Pe. Alfredo Haasler (1938-1965). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, 2012.

PINTO, Raymundo A. C. **Pequena história de Feira de Santana**. Feira de Santana: Sicla, 1971.

PIRES, Pedro Stoeckli. **Nascer, morrer e renascer**: o Espiritismo à luz das Ciências Sociais. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Tradução de Monique Augras. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992.

POPPINO, Rollie. **Feira de Santana**. Salvador: Itapuã, 1968.

PORTELLA, Rodrigo. *Discurso religioso, legitimidade e poder: algumas considerações a partir de Bourdieu, Foucault e Heller*. **Fragmentos de cultura**. Goiânia. V.16, n.7/8, jul./ago. 2006.

PORTELLI, Hugues. **Gramsci e a questão religiosa**. Tradução Luiz João Galo. São Paulo: Paulinas, 1984.

RAMOS, Cristiana Barbosa de Oliveira. **Timoneiras do bem na construção da cidade princesa: mulheres de elite, cidade e cultura (1900-1945)**. Dissertação (Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional). Santo Antônio de Jesus. Universidade do Estado da Bahia, 2007.

RODRIGUES, Andrea da Rocha. **Honra e sexualidade juvenil na cidade de Salvador, 1940-1970**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

SANTA BARBARA, Reginildes Rodrigues. **O caminho da autonomia na conquista da dignidade: sociabilidades e conflitos entre lavadeiras em Feira de Santana – Bahia (1929-1964)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

SANTANA, Jorge Luiz Nery de. **Práticas e representações étnicas nas narrativas religiosas dos Batistas em Feira de Santana (1947-1988)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2010.

SANTOS, Elaine Ribeiro dos. **Espíritas e batistas em Feira de Santana (1940-1980)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em História. UEFS, 2010.

SANTOS, Grazyelle Reis dos. **Literatura e cultura em Feira de Santana: práticas, usos e tendências em impressos da Folha do Norte (1951-1969)**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural). Feira de Santana, UEFS, 2008.

SCAMPINI, Pe. José. **A liberdade religiosa nas constituições brasileiras: estudo filosófico-jurídico comparado**. Petrópolis: Vozes, 1978.

SCHMIDT, Benito Bisso. *História e biografia*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SENNA, Ronaldo de Salles. **Feira de encantados: uma panorâmica da presença afro-brasileira em Feira de Santana**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Rotary Club: habitus, estilo de vida e sociabilidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Aldo José Morais. **Natureza sã, civilidade e comércio em Feira de Santana:** elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia (1833-1937). Dissertação. (Mestrado em História) – UFBA, Salvador, 2000.

SILVA, Elizete da. **Cidadãos de outra pátria:** anglicanos e batistas na Bahia. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, 1998.

_____. *Protestantismo: visões do progresso e do trabalho no Brasil.* **Humanas.** Ano 1, jan./jun. 2002,

_____. *O campo religioso feirense: notícias e reflexões preliminares.* **Sitientibus.** Feira de Santana, n.41, p.27-46, jul./dez. 2009.

_____. *O campo religioso feirense: um olhar poético.* In: SILVA, Aldo José Morais (org). **História, poesia, sertão:** explorando a obra de Eurico Alves. Feira de Santana: UEFS, 2010.

_____. **Protestantismo ecumênico e realidade brasileira.** Feira de Santana: Editora UEFS, 2010.

_____. *Os batistas no Brasil.* In: SILVA, Elizete da; SANTOS, Lyndon Araújo dos; ALMEIDA, Vasni de (orgs.). **“Fiel é a palavra”:** leituras históricas dos evangélicos protestantes. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

SILVA, Fábio Luiz. *A utopia espírita: a cidade espiritual Nosso Lar.* In: ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido (org.). **Espiritismo e religiões afro-brasileiras:** história e ciências sociais. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

SILVA, Igor José Trabuco da. **“Meu reino não é deste mundo”:** a Assembléia de Deus e a política em Feira de Santana (1972-1990). Dissertação (Mestrado em História). Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2009.

_____. **“Tu não participaras”:** A Assembléia de Deus e os dilemas da participação política (1972-1990). Monografia (Especialização em História da Bahia). Feira de Santana, UEFS, 2008.

SILVA, Kelman Conceição da. **Quem manda na Feira?** Política, classe e rearranjos de poder em Feira de Santana na Era Vargas (1930-1945). Dissertação (Mestrado em História Regional e Local). Santo Antonio de Jesus, Universidade do Estado da Bahia, 2012.

SILVA, Lizandra Santana da. **Do axé à aleluia:** transformações do campo religioso cachoeirano (1980-2007). Dissertação (Mestrado em História). Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2014.

SILVA, Paulo Santos. **Âncoras da tradição:** luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1940). Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA, Raquel Marta da. **Chico Xavier**: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais - Uberaba, 1959/2001. Dissertação (Mestrando em História). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2002.

SILVIO Lago. Disponível em <http://biografiaufologos.blogspot.com.br/2006/04/slvio-lago-in-memorian-slvio-pereira.html>. Acessado em 03/07/2015.

SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Tradução Dora Rocha. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SOARES, Valter Guimarães. **Cartografia da saudade**: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja. Salvador: EDUFABA; Feira de Santana: Editora UEFS, 2009.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora Orion, p.194.

TELES, Adriana Silva. **Presença negra na festa de Santana (1930-1950)**. Monografia (Especialização em Teoria e Metodologia da História). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2000.

THOMPSON, E. P. *Folclore, antropologia e história social*. In: **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2001.

TORRES, Antonio. *Eurico em Alagoinhas: uma temporada entre luz e sombra*. In: SILVA, Aldo José Morais (org.) **História, poesia, sertão**: diálogos com Eurico Alves Boaventura. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010.

TRABUCO, Zózimo Antônio Passos. **O Instituto Bíblico Batista do Nordeste e a construção da identidade Batista em Feira O Instituto Bíblico Batista do Nordeste de Santana (1960-1990)**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, Salvador, 2009.

VALLE, Edênio. *Conversão: da noção teórica ao instrumento de pesquisa*. **Revista de Estudos da Religião – REVER**, nº. 2/2002/ p.63-66.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux. **As Boas Novas pela palavra impressa**: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930). Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. São Paulo, 2010.

VILLALTA, Luiz Carlos. *Os leitores e os usos dos livros*. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.